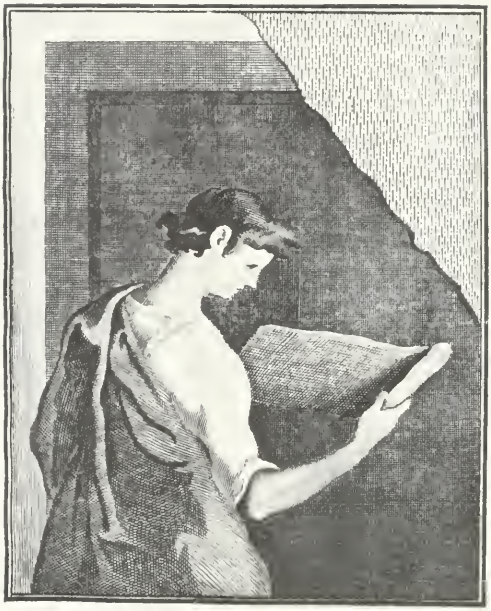


THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

N.º 1 — Janeiro de 1884

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 62
1884

Summario d'este numero

I. Introducção.

II. Razão d'ordem para o futuro boletim; por *Avelino da Silva Guimarães.*

III. Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães? por *Alberto Sampaio.*

IV. Os nossos socios honorarios — I. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento; por *José Sampaio.*

V. Chronica; por *A. Germano.*

REVISTA

DE GUIMARÃES

VOLUME I — ANNO DE 1884

REVISTA

DE GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO POPULAR NO CONCELHO
DE GUIMARÃES

Volume I — Anno de 1884

PORTO
TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70

1884

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

INTRODUCÇÃO

Não será de certo estranhavel que os fundadores e primeiros administradores da Sociedade, que publíca esta Revista, desejem deixar ao fim do segundo anno de gerencia, n'uma publicação facilmente colleccionavel, não só o memento de trabalhos auspiciosamente encetados e proseguidos com felicidade, mas tambem o desenho ambicioso de suas vastas esperanças.

Poderá succeder que o seu pensamento seja já agora julgado incorrecto ou excessivo. Tenhamos porém a fé de que, passados os tempos, mão curiosa volverá as paginas d'esta Revista, recordando com sympathia os nossos nomes esquecidos. Não porque outros não pudessem fazer melhor e muito mais; não porque resultados tão significativos sejam devidos a nós ou a nossos nomes; mas porque tivemos o sentimento da hora propria, a virtude da justiça, e tivemos a resolução.

Tudo o que ha, realisado pela Sociedade Martins-Sarmento, fêl-o o povo, a sociedade vimaranense, este retalho da patria tão mal conhecido. E, ainda a agourar mal de empresa que principia fructificando em tanta abundancia, o facto é que a sua

obra é já tão valiosa que ficará sempre, pelo menos, como um exemplo a seguir-se.

Esta plena satisfação de se haver procurado o bem e de o ter em parte alcançado, e a immodestia de o dizer em publico com tanta franqueza, poderão ser perdoadas a quem, tendo tido um pensamento feliz, o viram acolhido com tanta bizarria que já mal lhes parece o seu?

Um esboço retrospectivo dos trabalhos mais importantes da Sociedade, desde a sua fundação até hoje, introducção necessaria á intelligencia dos boletins; e estes, que sahirão successivamente em todos os numeros, onde se dê estreita conta dos actos da direcção e do estado dos estabelecimentos da Sociedade, satisfarão o nosso desejo, que não será talvez alcunhado de pueril, sendo ao mesmo tempo o cumprimento d'um dever imprescindivel.

*

O art. 23.º do nosso regulamento determina o seguinte:

« Haverá na secretaria os seguintes livros:

. . . . . .

5.º O livro dos socios honorarios;

. . . . . .

§. 3.º No livro dos socios honorarios serão inscriptas as indicações biographicas mais importantes de cada socio e, mais especialmente, os serviços que os tornaram merecedores da distincção conferida, assim como todos os que praticarem em beneficio da Sociedade ou seus fins. Fica este trabalho a cargo da direcção ».

A direcção julga obtemperar mais completamente ao preceito do citado artigo, transcrevendo na Revista essas notas biographicas do livro da secretaria, d'onde a lição ou exemplo que n'ellas se contém não irradiaria tão intensamente como é mister para beneficio da instrucção geral do concelho. Nem o pagamento d'esta divida de gratidão o julgamos ainda assim em relação com os serviços pres-

tados por tão luminosos espiritos. Fazendo sómente o que podemos, resta-nos a triste convicção da insufficiencia das nossas forças, mas alenta-nos a certeza de que o povo vimaranense consummará dignamente a imperfeita homenagem da nossa estima agradecida.

Tomada esta resolução, não deviamos demorarnos em pôl-a em pratica. Assim, principiaremos desde já, e, como é de justiça, por aquelle que de nós confiou o seu nome respeitado.

*

As restantes paginas d'esta Revista reservamol-as a assumptos não menos importantes; porque, pondo-as á disposição dos bons espiritos da nossa terra, para quem fazemos desde já um appello confiado; dos amigos da nossa causa, que de fóra venham em nosso auxilio; esperamos concorrer poderosamente para uma melhor orientação da nossa opinião publica e, por esta, para o augmento de prosperidade, que a nossa terra merece e anceia.

Dizendo-se a Sociedade Martins-Sarmento — promotora da instrucção popular no concelho de Guimarães — pareceria á primeira vista ficar logo claramente exposto e determinado o programma d'esta Revista. E comtudo não é assim.

Partindo d'aquelle principio, os nossos leitores poderiam, sem mais exame, affirmar que tinhamos errado o nosso proposito. Claro está que uma Revista, nas condições materiaes e economicas d'esta, não poderia nunca vir a ser um instrumento muito poderoso de influencia moral directa nas classes populares. Para esse fim temos já o instituto escolar e os cursos nocturnos, as conferencias publicas e a bibliotheca popular. E, se a este objecto quizessemos dedicar agora um periodico, fariamos antes um jornal de pequeno tomo, barato ou gratuito, que se insinuaria de per si na algibeira do operario, podendo á nossa vontade espalhar as boas idéas e as idéas praticas, tão uteis á pequena industria. Ha de

tão especial? estará completamente esgotado pelos colleccionadores o nosso *folklore* local, não haverá mais nada a dizer sobre as tradições populares do velho burgo?

Este rapido apontoado de idéas está longe de ser um programma d'estudos, que peccaria por demasiado incompleto, querendo ser unicamente a determinação d'uma tendencia. Nem se entenda que não desejemos, nem agradeçamos as generalisações, tão indispensaveis ao estudo, ou os artigos de vulgarisação, quando principalmente elles sejam adequados ás condições do nosso povo. Pelo contrario. Ha muito prejuizo a extirpar, muita verdade a sementar. Do mesmo modo, as producções puramente litterarias as acolheremos com o prazer com que se acolhem as flôres perfumadas e as joias finas.

Na vida social d'um povo todas as cousas se ligam umas a outras por fórma indissoluvel. A sorte da instrucção popular do municipio está intimamente ligada á da sua administração e da sua politica. Por isso estes importantes factores da prosperidade ou decadencia publica merecerão todo o nosso desvelo. Escusado será dizer-se que de politica, no sentido restricto da palavra, não curamos n'este lugar. Na chronica dos factos principaes, succedidos em Guimarães de numero a numero, cingir-nos-hemos sempre a este preceito.

Aqui terá cabida igualmente a defeza dos interesses legitimos do professorado. De envolta com os problemas de methodologia, applicada aos nossos fins especiaes, e com o estudo das condições actuaes do ensino publico municipal, ser-nos-ha sempre grato prestar o nosso braço, fraco mas leal, a uma classe tão digna d'apoio e geralmente tão carecida d'elle.

Para conhecer um povo é necessario estudal-o nas manifestações da sua vida material e moral e no seu meio physico. Só assim obteremos o conhecimento exacto de todas as circumstancias, que podem modificar n'um ou n'outro sentido a nossa fórma de operar como sociedade d'instrucção. Certamente este trabalho levará tempo a fazer. Por isso nós, fundando hoje esta Revista, não contamos que

ella morra ámanhã. Por isso tambem, reconhecendo as poucas forças de que dispomos, só nos compromettemos por agora a uma publicação trimensal. No entretanto, continuaremos seguindo o caminho encetado, desenvolvendo o pensamento inicial da nossa agremiação, acudindo ás primeiras urgencias na medida da nossa capacidade.

*

Teremos justificado o titulo que adoptamos? É realmente uma *revista* de Guimarães que nós fazemos, é pela sua prosperidade que nos dedicamos, são as suas condições de vitalidade que vamos estudar e documentar, é Guimarães que procuramos fazer conhecida e estimada pelo resto do paiz.

1.º de Janeiro de 1884.

A Direcção da Sociedade Martins-Sarmento.

A meio caminho, nós os seus companheiros de viagem, interessados em provocar-lhe a lição de conselhos sempre salutares, fizemos cahir a conversação em assumptos sociaes.

Por successão de idéas, de que me não recordo, veio a fallar-se na conveniencia de publicar-se uma Revista.

Pouco depois foi votada em sessão de direcção a fundação da Revista, e por ultimo authorisada pela assembléa geral.

Outros successos, diversos trabalhos em que a direcção se empenhou, obrigaram a adiar a realisação d'esta tentativa jornalistica.

Domingos Leite Castro, que tinha largo quinhão na responsabilidade d'esta empresa, renova a iniciativa da proposta; concedem-se-lhe todos os poderes para que antes da terminação do exercicio corrente venha a lume pelo menos o primeiro numero da Revista.

Não o acanhou a dictadura; pelo contrario exerce-a com a energia e desembaraço d'um dictador de rija tempera. Não interroga sobre o que a cada um appeteça escrever; é elle quem impõe a lei; n'esta divisão dictatorial d'encargos coube-me organisar uma resenha retrospectiva dos factos por que se tem manifestado a existencia da Sociedade Martins-Sarmento, como razão d'ordem para o boletim, que ha de constituir uma secção obrigatoria d'esta Revista.

Desempenhar-me-hei do encargo? Fallarei da Sociedade, da sua origem, dos elementos com que se organisou, das revelações da sua vitalidade, das phases por que tem passado, sem que ao leitor pareça monotono repetir o que é já conhecido? Poderei conseguil-o, se ha dezesete annos só leio com cuidado os meus codigos?

Não foi consultada a minha competencia: é pela responsabilidade do meu collega e amigo Leite Castro que hei de escrever a resenha retrospectiva.

Seja assim.

Procurarei recordar-me d'alguns factos mais intimos, que nem constam das actas, nem dos relatorios impressos, e assim é possivel que o interesse d'alguma novidade attenue os defeitos litterarios d'este trabalho.

*

Como se originou o plano d'esta Sociedade?

Remotamente, d'um facto bem simples.

No anno de 1880 teve lugar em Lisboa o congresso anthropologico. Grande numero dos congressistas estrangeiros fez uma excursão ao Minho, e veio visitar a estação archeologica da Citania.

Tomou-os uma dupla surpreza: a da importancia d'aquella estação para este ramo hoje tão estudado da sciencia historica; a de encontrarem, n'uma freguezia rural do Minho, um espirito cultissimo, e profundo investigador dos mais arduos problemas archeologicos. O venerando Henri Martin, ha pouco fallecido, a quem a idade não enfraquecera a vivacidade do espirito francez, nem a scintillação significativa dos olhos penetrantes, revelou com a franqueza d'um homem que tem a consciencia do seu renome, em phrase enthusiastica, a sua admiração pelos achados archeologicos n'uma montanha do concelho de Guimarães, a sua surpreza de vêr que esses achados eram intelligente e pacientemente explorados por um vimaranense illustre e modesto, que recebia os congressistas como cavalheiro perfeitissimo, que se lhes apresentava como sabio profundo.

Passado pouco tempo, estava o author d'este humilimo, mas veridico escripto, na sala de leitura da Assembléa Vimaranense, com os nossos compatriotas rev.do conego José Bento Agra, dr. Avelino Germano da Costa Freitas e Manoel de Freitas Aguiar, quando um de nós chamou a attenção dos outros para o telegramma, que lera n'um jornal, em que se noticiava que Francisco Sarmento fôra agraciado com a Legião d'Honra pelos seus trabalhos archeologicos.

Avelino Germano manifestou logo um movimento d'enthusiasmo, lembrando uma mensagem de parabens: fez-se, assignamol-a, e logo se enviou ao nosso respeitavel amigo.

Um de nós revelou o sentimento de que em Guimarães, onde ninguem desconhecia Francisco Sarmento, onde todos o estimavam, não houvesse uma manifestação mais extensa. Esta idéa obteve a immediata approvação dos quatro amigos de Sarmento, e d'outros a quem n'essa mesma noite se communicou.

Em que devia consistir a manifestação?

Levantou-se a difficuldade: jantar, um retrato, fundo para um premio, uma medalha?

Eram discordantes as opiniões: ninguem resolveu.

Passaram-se semanas, alguns mezes.

Durante este tempo, os iniciadores d'esta Sociedade, pensavam, discutiam, sempre que se encontravam.

Por fim houve um, Avelino Germano, ou Leite Castro, que aventou o pensamento d'uma sociedade litteraria. A idéa foi rejeitada *in limine,* porque nenhum dos iniciadores sequer pensára em attribuir-se o diploma de litterato.

Succedeu porém como succede sempre que se enuncia uma idéa nobre na opportunidade de ser fecunda: o pensamento foi objecto da reflexão de todos, e todos vieram ao accordo d'uma formula, pela qual ficaria fundada uma sociedade patriotica, simplesmente patriotica na intenção dos fundadores, litteraria nos beneficios que d'ella podessem advir pela instrucção á futura geração vimaranense.

Pensou-se em que como nos Estados-Unidos, como na Inglaterra, como na França, como na Allemanha, como n'outras terras do paiz, se tinham fundado instituições d'instrucção devidas unicamente ao duplo sentimento de patriotismo e philantropia dos fundadores.

O generoso e illustre (pois é illustre quem adquire renome por acções de levantada nobreza) negociante de cerveja, o americano Mathieu Vassar, fundando em 1861 um grandioso collegio para educação superior de meninas, na cidade de Poughkæpsie, dotando-o convenientemente, fazendo construir á sua custa um edificio segundo o plano das Tulherias, e consumindo mais de quatrocentos contos, foi por ventura movido por pedantismo litterario?

Não foi por escutar a intima voz do seu sentimento vivamente patriotico, que o millionario francez Mr. Martin fundou em Lyão a escóla profissional — escóla Martinière — frequentada por mais de 600 alumnos?

É á vaidade pueril, ou pelo contrario á philantropia, ao patriotismo dos nossos compatricios *brazileiros,* a quem a ausencia da patria mais aviva o nobre sentimento, que devemos a fundação e dotação d'escólas primarias, que se encontram já com frequencia n'esta provincia do Minho nó centro dos povoados, ou penduradas nas vertentes das montanhas, ou procurando o abrigo e visinhança das egrejas nas freguezias ruraes?

Apontados os exemplos, removido o receio de falsa ostentação academica, escolhida a formula, ou mais propriamente, a qualificação da Sociedade, ficava resolvida uma das difficuldades.

A d'opportunidade? Era uma homenagem a Sarmento, e tanto bastava.

Mas esta homenagem sobresahia, adquiria maior relevo,

creando-se uma sociedade que correspondesse a uma necessidade real de Guimarães.

A necessidade d'instituições d'instrucção impunha-se a todo o cidadão por pouco que reflectisse n'estes assumptos.

Esta cidade, de mais de 10:000 almas, simultaneamente nobiliarchica e operaria, carecia absolutamente d'instituições d'instrucção correspondentes á densidade da sua população, á actividade intellectual dos seus habitantes, ao seu regimen economico.

Nem possuia instituições d'ensino classico, nem instituições complementares d'ensino popular.

Algumas escólas d'instrucção primaria elementar collocadas em maus edificios, parte d'ellas regidas por maus professores; algumas centenas de volumes, dados á camara municipal dos duplicados da bibliotheca de Braga, servindo de repasto ás aranhas n'uma saleta do extincto convento de S. Domingos; uma aula de latim supprimida, e o professor, que fôra optimo, jubilado; uma aula de francez, geometria, e escripturação commercial, por prover ha largos annos: eis o que havia para peculio d'instrucção publica.

De certo que Guimarães guardava as reliquias d'antiga nobreza; de certo que buscava retemperar o animo heroico na contemplação do seu castello arruinado; de certo que alimentava o seu orgulho no estudo retrospectivo das passadas grandezas, na investigação historica da antiga universidade da Costa, na memoria das avultadas bibliothecas dos conventos extinctos, que Braga nos herdou...; mas de tudo isto não podiam formar-se elementos que melhorassem a sua instrucção publica.

Para instrucção profissional nem sequer havia uma aula de desenho, «o alphabeto do gôsto», como diz um escriptor competentissimo, o snr. Joaquim de Vasconcellos.

E todavia o concelho de Guimarães é centro industrial importante.

As industrias vimaranenses, geralmente domesticas, crearam verdadeiro renome, não só por serem numerosas e multiformes, mas porque a sua existencia é antiquissima. É licito conjecturar que este concelho herdou da dominação romana alguma aptidão industrial; e não ha motivo para excluil-o da affirmação que, quanto a tecidos de linho, Coelho da Rocha faz de toda a provincia do Minho desde o começo da monarchia.

Basta, porém, para justo orgulho nosso, recorrer á authoridade do eminente escriptor o snr. Camillo Castello Branco,

que demonstra, em artigo publicado no jornal portuense — *Dez de Março* — (n.º 212 de 19 de junho de 1880) a florescencia da industria vimaranense desde o tempo de D. Diniz, no seculo XIV.

Quanto ao seu numero, quanto ao seu desenvolvimento, podemos tambem fallar com orgulho, embora a sua importancia sob estes aspectos não seja ainda devidamente conhecida nas regiões officiaes, pela carencia d'um relatorio minucioso e completo. No ultimo inquerito official das industrias nacionaes a noticia das vimaranenses occupa poucas linhas. O relatorio mais desenvolvido, não obstante confeccionado com precipitação pela urgencia d'um empenho, deve-se ao dr. Alberto Sampaio, e foi publicado na inauguração dos primeiros trabalhos da primeira companhia do Bougado.

Para os iniciadores da SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO pouco importou a deficiencia dos relatorios.

Vimaranenses, sabiam o que foram, e o que ainda valem as industrias da sua terra. Sabiam que os productos da industria vimaranense abasteciam, ainda em periodo não afastado, não só os diversos mercados nacionaes do continente, como das nossas possessões da Africa, da Asia, como dos mercados da America, principalmente do Brazil; e que este commercio d'exportação attingiu a maior prosperidade até que a industria europêa e americana, concorrendo com as vantagens que são conhecidas, principalmente devidas ao estabelecimento das grandes fabricas, causou o seu natural enfraquecimento.

Ainda hoje, apesar do enfraquecimento da industria nacional, a vimaranense mantem-se com alguma vantagem, e a aptidão innata dos artistas prova-se com evidencia pela consideração de que apesar da carencia absoluta d'instrucção produzem as suas manufacturas com relativa perfeição, singular segurança, preço modico. Em alguns ramos a modicidade do preço é a consequencia da modicidade dos salarios. É certo que ha classe d'industria, em que a modicidade do salario attinge o sacrificio. O garfeiro mantem a extracção do seu producto á custa do suado trabalho desde a madrugada a alta hora da noite, para produzir cinco a seis duzias, recebendo de lucro 35 a 40 reis por duzia!

Em compensação, porém, da depressão d'algumas, da extincção d'outras, como a de chapelaria de Sande, criam-se novos ramos d'industria, disseminados em domicilio como os tecidos d'algodão, ou affectando a fórma da grande industria como as novas fabricas de fundição, e moagem a vapor.

Póde pois affirmar-se que o concelho de Guimarães tem primazia, entre terras de provincia, na sua actividade industrial.

A opportunidade da creacção d'uma sociedade promotora d'instrucção popular era portanto evidente.

Afigurou-se-nos indiscutivel que um dos maiores serviços que, como cidadãos, poderiamos prestar a Guimarães, seria chamar a attenção publica para os problemas d'instrucção popular; seria promover por meios legaes a creação d'instituições, não por simples producto d'uma concepção subjectiva, mas afeiçoadas aos elementos economicos do concelho. Foi desde então para nós intuitivo que conseguindo para a Sociedade o nome de Francisco Sarmento, não prestariamos uma homenagem vulgar e ephemera, mas a que mais lisongearia a sua alma sempre disposta a applaudir quanto seja digno, e quanto seja util aos interesses reaes da sua terra.

*

Os cinco iniciadores, resolvida a empresa, começaram desde então a esboçar um plano de campanha, e um projecto d'estatutos, com a maxima actividade.

Reuniam-se ora na casa d'um, ora na d'outro, guardando segredo do fim que tão amiudadamente os congregava.

Houve rebate na policia eleitoral, sempre com olhos d'Argus n'esta cidade de provincia.

Fomos suspeitos de conspiradores, de clubistas!

Não era esta a ultima, nem a peor das suspeitas.

O projecto concluiu-se em poucas sessões.

Havia porém que vencer outra difficuldade, muito grave, antes que a empresa se annunciasse aos amigos de Sarmento, e ao publico vimaranense: a conquista do seu nome.

A origem das nossas lucubrações fôra o desejo d'uma demonstracção collectiva e publica em honra d'um homem, que respeitavamos como sabio, e estimavamos como amigos dedicados; mas previmos uma lucta para a conquista d'este nome illustre para brazão da Sociedade.

Prevenindo as respostas ás objecções que calculamos, formulando argumentos para subjugar a prevista reacção com que a provada modestia de Francisco Sarmento havia de responder ao nosso empenho, com o acanhamento de quem tem

a convicção de que vai violentar a alma d'um homem dignissimo, mas com a resolução de quem se dispõe a uma conquista, passamos, como nosso Rubicon, o portal do palacete de Francisco Sarmento.

Houve a lucta prevista, mas contra a nossa previsão não pudemos conseguir que o pedido, que os nossos argumentos valessem para que n'esta primeira entrevista ficasse consummada a conquista.

Vencida, passados dias, a sua maior reluctancia, porque eram patricios e amigos quem lhe pedia o nome, e parte d'estes, resto d'um antigo grupo, tambem de cinco, bachareis de que s. exc.ª fizera parte e fôra o chefe n'uma campanha bem grave, porque a sua recusa seria causa talvez da perda, pelo menos do largo adiamento da realisação d'uma instituição, que vinha preencher uma vasta lacuna nas instituições de Guimarães, e collocal-a na avançada do novo movimento nacional, houve ainda que eliminar do projecto de estatutos merecidas affirmações de consideração.

Emfim, conseguimos!

Feita a conquista do nome, como lemma da bandeira levantada para incitamento de quantos se interessem pela prosperidade da sua patria, completamos o plano confeccionando um relatorio, e convidando para uma reunião quantos nos lembrou, que desejariam ser installadores d'esta Sociedade, movidos pelas mesmas considerações e sentimentos que animaram e propelliram os iniciadores.

*

Rompeu-se o segredo.

Convidaram-se os installadores.

Escreveu-se ao snr. barão de Pombeiro, que estava ausente, e que sempre tinha manifestado o desejo de tomar parte em qualquer homenagem a Sarmento.

Com as disposições expansivas do seu caracter sempre nobre, muito intelligente para conhecer que todas as instituições estão sujeitas ás modificações que lhes imprimem as evoluções sociaes, e que ainda hoje são necessarias as classes directoras se sabem inspirar-se das idéas do seu seculo, não só compareceu no dia fixado, mas fez-se preceder d'uma carta aos iniciadores, onde em cada linha se revelava uma phrase

d'animação e applauso ao projecto que satisfazia a dupla aspiração de se ser util, eminentemente util a Guimarães, dando azas á expansão do sentimento individual dos amigos de Sarmento, de quem era, como é ainda hoje, um dos mais intimos.

A reunião teve lugar no dia 20 de novembro de 1881, n'uma sala da Assembléa Vimaranense, obtida prévia authorisação da direcção.

Dos quarenta cidadãos que compareceram n'essa primeira assembléa geral não houve um só que negasse a sua approvação á generalidade do projecto, que lhes foi submettido.

Barão de Pombeiro applaudiu mais uma vez, com a vehemencia d'um sincero enthusiasmo, que contagiou todos os animos, o projecto da creação da Sociedade, e julgou satisfatorias as explicações que foram dadas a calculadas omissões dos estatutos.

Rodrigo Teixeira de Menezes (outro caracter nobilissimo, o primeiro dos 40 consocios a quem a morte colheu prematuramente, afundando na alma dos seus amigos saudade inextinguivel, e privando a primeira direcção da Sociedade do conselho assiduo, da discussão vivissima, como privou as corporações publicas de Guimarães da sua prestantissima cooperação) deu tambem largas, com o seu discurso animado, á expansão de cordial applauso.

Todos se levantaram satisfeitos com a formula escolhida para o preito de sympthia e de honra a Francisco Sarmento; alguns, porém, receavam que a Sociedade, como instituição social, traduzisse apenas um arrojo benemerito, e decahisse em breve espaço pela carencia d'elementos de duração, e conjecturada fadiga dos associados.

Leite Castro, com os seus naturaes arrojos, muitas vezes uteis, nas diversas phases d'esta Sociedade quasi sempre coroados d'optimo exito, tinha affirmado temerariamente que a Sociedade, em quanto vivessem os cinco iniciadores, havia de subsistir. No relatorio, com que fizeramos preceder o projecto d'estatutos, não fôramos tão longe: não acreditaramos, como os romanos na eternidade do Capitolio, na perpetuidade da nossa Sociedade. Affirmamos apenas que a Sociedade, tendo por fim satisfazer uma necessidade real de Guimarães, ha de subsistir em quanto não forem satisfeitos os fins a que se propoz.

Felizmente os factos vieram dar razão ás nossas affirmações collectivas, e, o que é mais, á affirmação temeraria de Leite Castro!

Os estatutos enviados á approvação superior foram devolvidos com o alvará d'approvação do mui digno governador civil do districto, dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, datado de 7 de janeiro de 1882.

O illustrado magistrado consignou no seu alvará ligeiras modificações ás disposições dos estatutos. Augmentou o numero de directores effectivos e substitutos.

Parece que esta previdente alteração teve origem na conjectural accumulação de serviços. Se assim foi, a previsão realisou-se, porque a Sociedade abraça actualmente a trabalhosa gerencia de numerosas instituições d'instrucção, que sem duvida alguma transcenderia as forças, e tempo disponivel de cinco unicos directores.

*

Approvados os estatutos, começou uma nova phase de trabalhos sociaes.

A primeira difficuldade, a falta de casa, venceu-se facilmente pelo generoso offerecimento do snr. Domingos Martins Fernandes d'um vasto salão da sua casa do Toural.

Elegeu-se, em assembléa geral de 29 de janeiro presidida pelo snr. Rodrigo Teixeira de Menezes, a direcção provisoria, para tratar dos primeiros elementos d'organisação definitiva da Sociedade até 9 de março.

N'esta sessão foi proclamado socio honorario o dr. Francisco Sarmento.

Para esta direcção entram de novo Antonio José da Silva Basto, que, companheiro excellente pela sua natural lucidez d'espirito, prudencia e pratica de negocios, presta, como thesoureiro, organisando este ramo de gerencia, optimos serviços; dr. Domingos de Castro Meirelles, companheiro prestimoso, e como professor dedicadissimo ao progresso dos seus discipulos e prosperidade do instituto.

Eleita a primeira direcção, distribuidos os cargos, era urgente revelar que a Sociedade não fôra creada por capricho pueril, mas para luctar com esforço pela realisação dos fins sociaes.

Assim succedeu; a direcção não teve momentos de descuido. Desde 30 de janeiro até 9 de março de 1882 os diversos membros da direcção tinham estudado e apresentado em

diversas sessões importantes propostas de promoção d'instrucção, e outras de indispensavel realisação. Foram as principaes as seguintes: para a creação d'uma escóla de adultos pelo secretario Domingos Ferreira Junior; para que a Sociedade dispendesse até á decima parte da sua receita em subsidios a alumnos pobres, pelo dr. José da Cunha Sampaio; para a organisação d'uma exposição ornamental, archeologica e industrial, por Domingos Leite Castro; para se pedir o provimento da cadeira de francez, por Avelino Germano; para a creação d'uma bibliotheca popular e publica; para o estabelecimento d'instituições profissionaes, começando por um curso nocturno de desenho, e para a organisação de commissões central e especiaes por classes de industria para a realisação d'um inquerito de todas as industrias do concelho, por Avelino Guimarães.

A Sociedade, era evidente, dava as melhores demonstrações de vitalidade.

A noticia de accumulação de propostas surprehendeu um grande numero dos nossos pacificos concidadãos.

Os directores foram victimas de criticas aceradas. Para uns a existencia de tão multiplices aspirações no melhoramento da instrucção era simplesmente *utopia desvairada;* para outros o producto de movimento febril de quem vê perdida a empresa e tudo *atrapalha* para evitar a vergonha do desastre.

Eram-nos transmittidos os commentarios. Levantava-se no nosso espirito uma certa má vontade contra os detractores. A prudencia caracteristica de José Sampaio, que elegeramos presidente, ia perdendo o seu aprumo habitual, deixando como que escapar n'uma assembléa geral algumas palavras de resentimento.

Houve, além das criticas, augurios da proxima dissolução da sociedade; houve quem segredasse — *estão doidos!* — houve ainda quem dissesse a meia voz, conhecidas as propostas para cursos nocturnos de desenho e de francez, para inquerito industrial etc. — *querem a desordem social, a communa, Alcoy, a mão negra!*

Esqueciam que as classes trabalhadoras não se rebellam porque as domina a luz da instrucção. Quem trabalha e adquire, sente-se propenso á manutenção da ordem. As classes mais perigosas foram sempre as que se subvertem n'uma ignorancia crassa, a quem um ambicioso habil e instruido facilmente agita; ou as que se arrastam n'uma ociosidade habitual e deleteria, por indole ou escassez de trabalho. (Paul Cère — *Des Populations dangereuses.)*

*

Pela theoria d'estes novos sociologistas, o meio radical d'evitar as rebelliões é aniquilar a industria. Não se commovem com o espectaculo d'alguns industriaes, sem aptidão geral para um grupo d'industrias similares, e sabendo apenas o ramo em que se empregaram desde crianças, esmolando de porta em porta, ou buscando na emigração o pão que lhe recusa uma classe d'industria aniquilada. Para s. exc.as, que vêem muito, o gravissimo problema social resolve-se pela extincção d'esta fonte perenne da riqueza publica, não obstante saber-se que nos Estados-Unidos desde o seculo XVII, que na Inglaterra, que nos outros paizes da Europa ha larguissimos annos se melhora progressivamente a instrucção profissional. Que importa saber-se que em França havia já em 1645 um instituto profissional? Que importa saber-se que em Penafiel, n'esta pequena comarca portugueza, se organisa a Casa Pia de Paços de Sousa, com internato e educação profissional? Que importa saber-se que os methodos de privilegio e violencia, á marquez de Pombal, estão proscriptos, e que só a instrucção póde levantar a industria em condições de sustentar a lucta com a industria estrangeira, tanto mais ameaçadora quanto augmenta a facilidade de communicações?

As criticas acerbas, os augurios mordazes ou melancolicos, os pavores socialistas, cessaram inteiramente quando toda a cidade viu que a Sociedade cumpria as promessas, conseguindo a realisação dos seus planos, e pacifica, legalmente, mas com a pertinacia que produzem a convicção profunda, a dedicação a uma causa, e a dignidade de quem preza o seu nome, ia progredindo na conquista do espirito publico para a concentração no estudo dos problemas d'instrucção popular, novamente agitados nos paizes da Europa, tão geralmente ignorados n'esta velha povoação portugueza.

Essas criticas acerbas, as apreciações de condolencia d'alguns amigos pessoaes, os sorrisos d'incredulidade, tiveram a alta vantagem de constituir mais um estimulo para que proseguissemos na róta encetada.

Tambem tivemos muito quem nos animasse. Tivemos uma classe de consocios, que denominamos consultivos, porque assistiam ás nossas sessões, e nos auxiliavam com a luz do seu conselho. N'este primeiro periodo foram os mais assiduos os snrs. Rodrigo de Menezes, e Alberto Sampaio.

Entre os consocios mais activos na propaganda dos fins sociaes, é de justiça mencionar João Dias de Castro, cidadão prestimoso, a quem a pratica da vida longe da patria deu o cabe-

dal de conhecimentos praticos bastante para ter a lucida intuição dos beneficios que podiam resultar da Sociedade Martins-Sarmento. Usando sempre da sua phrase predilecta — *o estadulho*... do progresso, — vimol-o sempre ao nosso lado em todas as crises, em todas as difficuldades que mais ou menos entorpeceram a definitiva organisação da Sociedade.

*

No dia 8 de março de 1882 não houve assembléa geral por falta de numero legal. Os consocios adiaram para mais tarde a eleição de nova direcção, porque na sua maioria estavam distrahidos e preoccupados com a festa do dia 9, a primeira festa solemne da Sociedade.

N'este dia, aniversario natalicio de Francisco Sarmento, houve, pela manhã, distribuição de premios aos alumnos das escólas officiaes do concelho, em sessão solemne da camara municipal. Perante as authoridades da comarca, e concelho, chefes de corporações, professores d'instrucção primaria, consocios, e numerosos cidadãos, o dignissimo presidente da camara, dr. Antonio Coelho da Motta Prego, leu uma enthusiastica allocução, em que, encarecendo os serviços já prestados, enunciava a fundada esperança de que a Sociedade auxiliaria sempre efficazmente as vereações de Guimarães no ramo espinhoso da instrucção publica.

Á noite encheu-se o theatro de D. Affonso Henriques: houve um espectaculo de festa, de verdadeira festa, na pujança do sentimento patriotico que a provocou, como no adorno da sala (preparado por briosa commissão de consocios), como no trajo das senhoras, no enthusiasmo delirante que gravou no coração de todos impressões indeleveis.

Barão de Pombeiro juntou a si um grupo de rapazes, enthusiastas pelo culto da arte scenica, animados de fervor em offerecer a sua aptidão artistica em beneficio d'uma Sociedade, que viera levantar Guimarães do estado d'abatimento moral e morbido, em que decahira por esta especie d'embriaguez — a ambição febril de melhoramentos materiaes, — que absorvia todo o sentimento de desejo do progresso de mais elevada ordem.

O espectaculo correu sempre, pelos actores a quem barão de Pombeiro, ensaiador habilissimo como optimo actor,

ensinou segredos scenicos, correctissimo; pelos espectadores, animadissimo.

As chamadas ao ensaiador, aos actores, os ramos e corôas offerecidas, o palco juncado de flôres, o revolutear de poesias impressas, as inspiradas recitações d'Alfredo Campos, Freitas Costa, Adolpho Salasar, Barbosa, Custodio de Freitas, ora chamando os applausos para dr. Sarmento, ora dirigindo-os para o brioso grupo d'amadores, o som dos bravos intensos, das palmas prolongadas... formaram uma corrente d'enthusiasmo tão energica, tão exuberante d'agitação febril, d'electricidade, que não houve firmeza d'espirito que se não perturbasse, não houve temperamento apathico que resistisse á dynamica, ao contagio d'aquella febre. Os mais frios aqueceram, os velhos sentiram o phrenesi da mocidade, e o palco foi a final invadido, barão de Pombeiro erguido ao triumpho, e d'alli, actores e espectadores, n'uma confusão indescriptivel de bravos, de palmas, de vivas, formaram a espontanea, a inesperada ovação a Francisco Sarmento.

A festa passou. A Sociedade recomeçou serena, mas persistentemente, a sua acção benefica.

Houve a reeleição da direcção.

Desde 9 de março de 1882 a 9 de março de 1883, desde esta data até agora, nunca a Sociedade enfraqueceu na sua propaganda.

Formulou-se, e concluiu-se o contracto entre a Sociedade e a camara municipal para a fundação da bibliotheca popular e publica.

Sabida a fundação, os donativos de livros amiudaram-se, e foram tão valiosos, que dentro de pouco o numero de volumes, folhetos e manuscriptos calculou-se em 8 a 10:000.

Adquirida, por aluguer, casa que parecera espaçosa, as principaes salas ficaram atulhadas de volumes.

O genio resoluto de Leite Castro, eleito entre os seus collegas da direcção para director da bibliotheca, não acobardou com as difficuldades que surgiram na organisação e installação d'uma bibliotheca desde o principio avultada. Obtendo a coadjuvação constante do dr. Alberto Sampaio, pôde conseguir que a bibliotheca se inaugurasse solemnemente no dia 9 de março de 1883, e pouco depois se facultassem quasi todos os volumes á leitura publica.

A primeira das iniciativas criticadas realisou-se.

Para esta realisação concorreu poderosamente a intelligente benevolencia da camara municipal, e principalmente do

seu digno presidente; como tem concorrido para a realisação d'outras instituições, de que vamos fallar.

Foi um acto de favor?

Não se presumem favores, não deve havel-os, quando se sacrificam interesses publicos. A benevolencia da camara proveio simplesmente do convencimento da responsabilidade propria em rejeitar a prestante cooperação d'uma Sociedade, que apenas pedira mui parco subsidio para renda de casa, e ordenado de amanuense e continuo.

A camara sabia que a fundação d'uma bibliotheca em Guimarães, especialmente popular, era d'urgencia impreterivel.

A bibliotheca popular é um complemento indispensavel da escóla. Onde houver necessidade de desenvolver a instrucção, ha de haver bibliothecas. Hoje, que a instrucção se democratisa, se vulgarisa entre nós, ha de fazer-se como nos outros paizes, como nos Estados-Unidos, como no Alto Canadá, como no Wurtemberg, como em toda a Allemanha; hão de pelo menos auxiliar-se, como em França, as sociedades fundadas tendo por fim a creação de bibliothecas populares.

Não basta crear a escola; é indispensavel fornecer livros de facil e sã leitura. Que póde fazer o operario, se lhe ensinam um officio e lhe não fornecem trabalho em que se desenvolva? De que vale aprender a lêr, se nunca mais se lê?

*

A gerencia de 1882 a 1883 ha de constituir um capitulo brilhante da historia da Sociedade.

Realisar a fundação d'uma bibliotheca constituiu uma conquista valiosa para a instrucção publica; mas obtiveram-se outros triumphos.

Abriu-se o curso nocturno de desenho.

A benemerencia civica do professor Cardoso, que nunca poderei cessar de louvar, veio corresponder ás ardentes aspirações da Sociedade, prestando-se a reger o curso gratuitamente por vêr que os recursos orçamentaes da Sociedade são por ora escassos, e porque na sua alma d'artista sente o desejo altruista de ser prestavel á sua terra, e ás novas levas d'este exercito muitas vezes heroico da industria vimaranense.

Estabelecido o curso, recebeu a direcção um officio do dr.

Francisco Sarmento communicando a sua resolução de instituir um premio annual de 18$000 reis para o alumno mais distincto, offerecimento que foi aceite, como é natural, com verdadeira satisfação.

É este curso, e o curso nocturno de francez, fundado anno passado, mas aberto pela primeira vez no anno de 1883, graças á devoção generosa de João Pinto de Queiroz, que aceitou a regencia do curso com qualquer numero d'alumnos (vendo, elle e nós, mais tarde, com agradavel supreza, que o numero de matricula é superior a 22), constituem por em quanto as instituições d'ensino profissional creadas pela Sociedade.

Por mais hospedes que possam suppôr-nos n'estes estudos de pedagogia profissional, de certo nos farão justiça crendo que denominamos os dous cursos — profissionaes — pela unica razão de os destinarmos principalmente á instrucção dos individuos que exercem ou têem d'exercer alguma profissão d'arte ou officio.

O curso de desenho, visitado este anno pelo eminente escriptor publico, o sr. Joaquim de Vasconcellos, cuja authoridade n'estes assumptos é indisputavel, e por nós já por mais d'uma vez invocada, mereceu a s. exc.ª o seu sincero elogio.

*

O instituto escolar foi tambem fundado no mesmo periodo.

O collegio das Hortas, estabelecido com tão promettedores auspicios, teve de fechar-se.

Deixou, como uma verdadeira e preciosa herança jacente, um grupo d'intelligentes professores, contrariados por não poderem continuar na carreira do magisterio, a que se destinavam com manifesta intenção de constituirem esta cidade devedora aos seus esforços benemeritos d'uma instituição d'instrucção secundaria.

Viu-se então como uma sociedade promotora d'instrucção, n'uma terra populosa, póde prestar relevantes serviços á instrucção publica, e aos chefes de familia. O collegio mudou apenas de condições e de nome. A Sociedade, aceitando a espontanea proposta dos professores, facultou-lhes a sua casa, e offereceu-lhes a sua cooperação. Alguns eram já consocios, foram propostos e admittidos os restantes.

A casa não podia garantir ordenados: era uma difficuldade, que facilmente se venceu, porque os professores apenas desejavam vencimento que lhes diminuisse o sacrificio e a perda de tempo no exercicio d'outras occupações lucrativas, e porque um dos professores, o nosso benemerito consocio dr. Joaquim José de Meira, por inspiração propria, ou lição do systema analogo adoptado nas escólas publicas do antigo Luxemburgo, e em Saxe, lembrou que se adoptasse o systema mixto de paga e gratuitidade, fixando-se mensalidade para os alumnos, cujas familias tivessem meios, recebendo-se os outros gratuitamente.

Aceite o systema indicado, concedido pela camara municipal um subsidio para acquisição de mobilia, e despezas de material e do pessoal menor das aulas, lavrou-se um termo de contracto entre a direcção e os professores; foi confeccionado pelo professor Meira e director Avelino Germano e depois votado em assembléa geral o regulamento escolar, e, sem perda de tempo, com a urgencia que o justo interesse das familias vimaranenses reclamava, fundou-se o instituto escolar, abriu-se a matricula, e seguidamente as aulas.

O conselho escolar é presidido por um director da Sociedade. Para este cargo foi eleito o director dr. Avelino Germano.

É claro que, sendo todos os professores consocios, o vinculo entre a Sociedade e o instituto não provém unicamente d'uma reciprocidade d'interesses derivada d'aquelle termo do contracto; deriva do interesse que os professores ligam á Sociedade, á instituição principal e que lhes pertence em igualdade de direitos e deveres. Como certa arvore da Australia, que, desenvolvendo os ramos pujantes de seiva, e pendendo-os até ao sólo, se reproduz constantemente sem que as novas arvores se desliguem do tronco primitivo, sustenta e desenvolve a sua robustez por força propria, e pela que lhes transmittem os afilhamentos, assim esta Sociedade cria força, se robustece e consolida pelas instituições filiaes, que se lhe ligam.

D'aqui vem o natural interesse, os serviços constantes e assiduos que os dignos professores prestam constantemente ao desenvolvimento das instituições sociaes.

Entre outros actos de singular benemerencia os dignos professores crearam, a expensas proprias, premios para os alumnos que se distinguirem. A primeira distribuição teve lugar no dia 15 d'outubro do corrente anno, em sessão solemne presidida pelo digno presidente da camara.

*

Nos estatutos não se designaram expressamente as conferencias como meios de desenvolver a instrucção. Não são comtudo estranhas á indole da Sociedade, nem podem reputar-se imprevistas vista a generalidade, calculada, com que nos estatutos se designam os fins sociaes.

No regulamento da bibliotheca, confeccionado pelo director Domingos Leite de Castro, expressamente se regulam as condições com que podem fazer-se as conferencias e leituras publicas.

As primeiras conferencias realisou-as o digno intendente de pecuaria do districto de Braga, tão sabedor como modesto, o snr. Lopes Gonçalves, sobre zootechnia.

Seguiu-se a conferencia d'um vogal da direcção, ácerca da importancia da industria no concelho de Guimarães, e meios de a melhorar. Esta conferencia teve o fim principal de demonstrar que o plano ou projecto d'um inquerito industrial, votado em sessão de direcção, e para que se solicitava a diversas commissões o seu estudo, se justificava pela necessidade de tornar bem conhecido o quadro das nossas industrias, o seu regimen economico, a sua caracteristica de pequena ou grande industria, o grau d'instrucção dos operarios, causas geraes e especiaes de depressão, ou prosperidade das diversas classes d'industria.

Daria o inquerito o producto immediato d'um relatorio minucioso e reflectido de todas as industrias exercidas em domicilio ou em fabricas, em toda a área do concelho; e assim ficaria constituida a prova authentica da importancia d'este largo fóco industrial, que abriga mais de dez mil pessoas calculando mui timidamente, pois só a Associação Artistica, d'esta cidade, conta mais de 500 socios. Tal prova seria por um lado a justificação dos diversos ministros d'Estado que têm considerado Guimarães como a primeira terra de provincia na importancia industrial, por outro uma base segura para reclamar dos poderes publicos as necessarias instituições d'aprendizagem technica.

O que se não conseguiu com aquella proposta, é de presumir que o consiga a exposição concelhia que se projecta.

A quarta conferencia realisou-a brilhantemente o distincto medico dr. Joaquim José de Meira, ácerca da agricultura, o seu estado d'atrazo, meios de a melhorar. O intelligente pro-

fessor do instituto revelou um estudo reflectido e variado, criticando eloquentemente o erro de se crearem quintas regionaes, que ninguem ou poucos frequentam, sem a instituição profissional convenientemente organisada, onde se preparem futuros lavradores, que possam comprehender os progressos da arte, ou efficacia dos novos processos usados na quinta-modêlo.

*

O corrente anno de 1883 não foi escasso de successos importantes para a florescencia e consolidação da Sociedade Martins-Sarmento.

Em janeiro foi distribuido o relatorio impresso da gerencia de 1882, elaborado pelo meu distincto collega e velho amigo dr. José da Cunha Sampaio. Não obstante os incommodos de saude, que então o assaltaram, o relatorio contém a narração fiel e minuciosa de todos os actos da gerencia.

No dia 9 de março repetiu-se a distribuição de premios, achando-se a casa vistosamente adornada, graças ao bom gosto d'uma commissão de consocios.

Á noite foi inaugurada a bibliotheca.

No dia 14 foi visitado o instituto e bibliotheca pelo inspector da 3.ª circumscripção academica, dr. Sousa Cirne. S. exc.ª revelou a sua surpreza pelos rápidos progressos d'instituições tão recentes.

A 22 de abril abriu-se novamente o theatro para outra recita em beneficio da Sociedade Martins-Sarmento.

Um grupo distincto e numeroso d'amadores, membros do *Club 31 de Dezembro,* do Porto, conhecedor dos esforços da Sociedade em propellir o velho berço da monarchia á comprehensão das novas instituições que lhe convém, veio offerecer-nos, com a energia e ardor caracteristicos dos filhos da cidade invicta, n'uma subscripção delicadissima, o reforço ao nosso orçamento de receita.

A *troupe* era completa: actores distinctos; o ensaiador Adolpho Teixeira cuidadoso e conhecedor dos segredos da arte; o regente da orchestra, Guilherme Afflalo, um maestro.

O theatro regorgitava d'espectadores. Ao sentimento generoso que trouxera os nossos hospedes correspondeu um levantado enthusiasmo dos cidadãos vimaranenses.

Os applausos foram incessantes, as chamadas constantes,

os bravos repetidos, phreneticos, os *bouquets* choviam sobre o palco com extraordinaria profusão.

Por essa occasião, o nosso illustre conterraneo, e estimavel consocio, o snr. conde de Margaride, instituiu um premio de 27$000 reis para um alumno distincto dos cursos nocturnos, que se intitula *Premio 22 de abril,* commemorando a honrosa vinda dos sympathicos amadores, e animando ao mesmo tempo os novos soldados que se preparam pela instrucção para as novas conquistas da industria.

A 30 de junho ás 8 horas da noite, encheu-se de cidadãos vimaranenses a sala da bibliotheca, para ouvir a conferencia do illustre pedagogo portuense, o rev.do abbade d'Arcozello.

O digno sacerdote explicou n'esta conferencia o seu methodo, *Alphabeto natural,* demonstrando assim quanto se interessa pelo progresso intellectual do nosso povo.

*

Os actos benemeritos d'esta Sociedade despertaram a attenção da imprensa do paiz, que teceu elogios aos nossos esforços, e encareceu-os, para animar-nos, por ventura mais do que valiam.

A portaria do ministerio do reino de 20 de novembro de 1882, louvando a Sociedade pelos serviços á instrucção publica, fêl-a conhecida fóra dos muros d'esta velha povoação. Para isso concorreram de certo outros factos, e entre estes o pedido feito ao governo para a cessão do edificio e cerca do convento de Santa Rosa de Lima. N'esta pretenção, prestam á Sociedade mui relevantes serviços os illustres deputados por Lamego e Valença, drs. Bernardino Machado Guimarães e Illydio Pereira do Valle, o primeiro confeccionando o projecto, apresentando-o no parlamento, e advogando o nosso justo pedido, o segundo, a quem já deviamos subidas finezas, pondo a serviço d'esta causa a sua mui valiosa cooperação.

Foi por ventura por estas razões que a *Sociedade d'Instrucção do Porto,* uma das corporações mais illustres e benemeritas do paiz, levando a effeito uma exposição d'ourivesaria antiga e moderna no Palacio de Crystal, se dignou honrar a Sociedade Martins-Sarmento, rogando-lhe nos fins de setembro a sua cooperação n'este certame. A Sociedade elegeu uma

commissão de consocios, a qual, não obstante a estreiteza de tempo, pôde formar uma collecção variada e curiosa d'alfaias profanas e sagradas, que occupou duas largas vitrines n'aquella brilhante exposição. Incluiram-se na collecção vimaranense a cruz de S. Gonçalo da freguezia de Tagilde, obra do seculo XII, e que, segundo a tradição local, serviu no baptismo de S. Gonçalo; o calice de D. Dulce, de prata dourada, hoje da irmandade das Almas da Costa, pio donativo de D. Sancho e D. Dulce no seculo XIII ao convento da Costa.

N'este mez de setembro enviou-se á direcção geral d'instrucção publica, e á camara municipal, e depois distribuiu-se impresso, o primeiro relatorio annual do movimento e gerencia da bibliotheca.

A 19 d'outubro houve a distribuição de premios, creados pelos dignos professores do Instituto.

No mesmo mez d'outubro, a Sociedade forneceu a um official d'ourives, alumno do curso de desenho, um subsidio para visitar a exposição d'ourivesaria no Palacio de Crystal.

Á digna commissão da exposição, especialmente ao snr. Joaquim de Vasconcellos, deve o alumno, e a SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO que o recommendára, as mais prestantes finezas.

No mez de novembro abriu-se o curso nocturno de francez com 22 alumnos.

O anno de 1883 termina com dous factos de subido valor. Nos principios de dezembro os dous benemeritos consocios, drs. Joaquim José de Meira e Adolpho Salazar (actualmente os nossos consultivos mais assiduos) instaram com a direcção para que tomasse a iniciativa na organisação da exposição concelhia, por lhes parecer que ao regosijo publico pela proxima inauguração do caminho de ferro devia succeder a exhibição publica e opulenta dos productos industriaes vimaranenses.

A direcção acquiesceu ao convite convencida da opportunidade de realisar a proposta de Leite Castro, votada ha dous annos.

No dia 29 de dezembro encheu-se a sala da bibliotheca d'um selecto e numeroso concurso de senhoras e cidadãos vimaranenses, para ouvir o illustre conferente o snr. Joaquim de Vasconcellos, dignissimo secretario da *Sociedade d'Instrucção do Porto,* a quem a industria e arte nacional, especialmente a do norte do paiz, deve os mais relevantes serviços, a mais patriotica e infatigavel dedicação. Excessivamente grato pelo pou-

co que cooperamos para a ultima exposição portuense; vinculado ao dr. Sarmento por laços de fraternal amizade, que mais nasceu de reciproca sympathia do que da convivencia nas excursões archeologicas, da camaradagem e paixão pelo mesmo ramo d'estudos historicos: quiz s. exc.ª, acquiescendo ao nosso pedido, honrar com a lição substanciosa da sua conferencia, a Sociedade que usa o nome do seu amigo.

Por mais d'uma hora prendeu o illustre conferente a attenção respeitosissima de quantos o ouviram: com a fluencia, e phrase clara, que lhe é caracteristica, com a authoridade que impõe o homem profundamente sabedor, que não faz uma affirmação infundamentada, s. exc.ª, fallando da architectura medieval, chamou principalmente a attenção para os monumentos de Guimarães. Fazendo a descripção da architectura arrojada do templo de S. Francisco, cuja construcção na parte respeitante á capella-mór reputa do tempo de D. João I, explicando as causas d'uma ruina imminente se não forem tomadas diversas precauções; fallando da igreja de S. Domingos, e indicando um meio facil de preservar a preciosa arcaria do antigo claustro; das preciosas bellezas architectonicas do velho paço dos duques de Bragança, e lembrando á Sociedade Martins-Sarmento quanto corresponde a elevado sentimento artistico, e idéas patrioticas o emprego d'estudos e esforços para salvar este, como outros monumentos da completa ruina; terminou, formulando a conjectura de que a igreja de Nossa Senhora da Oliveira é de construcção coeva á de S. Francisco e S. Domingos.

*

Foram estes os factos mais salientes, as affirmações mais energicas da vitalidade e benemerencia civica da Sociedade Martins-Sarmento, desde a sua primeira origem.

Para este resultado cooperou a dedicação de todos os consocios; e com justo orgulho póde affirmar-se que esta Sociedade, que vive de magros subsidios, e modestas mensalidades, teria de retrahir-se na sua acção benefica, se não fôra a devoção civica de todos os consocios, de modo que, nas intenções de ser prestante, nenhum é o primeiro, nenhum é o ultimo.

Nasceu do triplice sentimento de — sympathia, justiça e pa-

triotismo : com este alicerce, póde alimentar-se a esperança de que a Sociedade ha de perpetuar-se.

A instrucção não tem limites; é o pão inesgotavel; o povo renova-se constantemente : a acção promotora da Sociedade deve ter por largo tempo o vastissimo objecto de conseguir que todos, pobres ou ricos, tenham direito a alimentar o espirito, como tem o d'aquecer o corpo ao sol na rua ou praça publica.

Vivemos n'uma cidade, onde todos trabalham, onde entre os mais graduados, como entre os mais obscuros, raro é aquelle que procura isentar-se da lei imposta ao homem como condição de vida : nas terras trabalhadoras e activas o desejo da instrucção é geral.

E deve sêl-o. É pela instrucção que o trabalho se torna mais agradavel, se torna mais productivo. Abstrahindo d'esta relação chrematistica, e concentrando a attenção unicamente nas vantagens moraes da instrucção popular, facilmente se comprehende que quanto mais accessivel e desenvolvida fôr a instrucção mais regulados hão de ser os costumes populares : quem se habitua a alimentar o espirito com leitura sã e proficua, deserta da taberna, da espelunca, evita a pratica do crime. A ignorancia, o jogo, a embriaguez — eis tres grandes motores do crime, que a instrucção directamente combate; o suave prazer do espirito na conquista do saber, a educação d'aptidões innatas no exercicio de qualquer profissão, os productos do trabalho augmentando de preço ou d'extracção, e chamando a opulencia ou o bem-estar onde reinára a penuria — eis algumas das consequencias beneficas da instrucção bem dirigida.

A industria nacional teve alguma prosperidade, ainda que ephemera, na época de Pombal, pelo hybrido systema de aprendizagem technica e de privilegio absoluto e arbitrario : a aprendizagem pelas fabricas com industriaes estrangeiros; o privilegio, pelas pautas, ou pelo exclusivo de industria a determinados fabricantes com a obrigação d'ensino a officiaes portuguezes. O privilegio foi proscripto; o systema de instrucção era variavel, incerto, fluctuante, e dependente dos privilegios estabelecidos : terminados estes, a industria tinha fatalmente de deprimir-se.

Só a instrucção, desenvolvida, racionalmente estabelecida, afeiçoada ás aptidões industriaes já determinadas em cada localidade, formando o operario habil, não só habil mas preparado, como quer Salicis, para o exercicio d'um grupo de in-

dustrias similares, póde salvar os operarios portuguezes, consequentemente os vimaranenses, e assim conservar-se esta fonte de receita abundante, que sustentou o bem estar a milhares de familias operarias, e causou a opulencia do commercio de Guimarães.

Desde 1852 que os governos portuguezes, sem excepção de partidos, se esforçam por desenvolver a instrucção industrial; desde então que invocam a cooperação da iniciativa particular; a voz dos estadistas tem sido mal ouvida ou esquecida; só agora se sente um movimento energico, só agora a iniciativa particular se manifesta, só nos ultimos annos se vulgarisam as agremiações promotoras d'instrucção popular: na avançada d'este movimento nacional collocou-se opportunamente a Sociedade Martins-Sarmento.

Basta isto, sejam quaes forem as vicissitudes que a esperem, para seu fundado orgulho, incontrastavel benemerencia.

Guimarães, 31 de dezembro de 1883.

Avelino da Silva Guimarães.

RESPOSTA A UMA PERGUNTA

Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?

Se a minha palavra valesse a pena de se ouvir, se fosse de qualquer utilidade a minha opinião, desde ha muito teria acompanhado os que ultimamente já fallando ou escrevendo, já organisando sociedades de estudo ou creando escólas, já fomentando pequenas exposições, quer emfim forçando a administração a proceder ao inquerito de 1881, estão tentando lançar no espirito publico uma idéa nova, «a necessidade da creação d'uma industria nacional».

D'este movimento, que apenas começou hontem, sahirá sem duvida um novo modo de ser do nosso paiz, se por ventura aquella noção entrar definitivamente no pensamento portuguez, e se vier na realidade a converter-se em facto.

Antes todavia de se chegar ao fim proposto, primeiro que a *agitação* iniciada commova o corpo social até se transformar em vontade de todos, será longo o caminho a percorrer, haverá uma enorme multiplicidade de esforços a empregar.

Na grandeza do trabalho, que se depara, algumas poucas linhas, como as que se vão seguir, nenhum serviço poderão prestar pelo seu proprio valor, mas se chamarem a attenção de poucas pessoas que seja para o assumpto, terão apenas o

merecimento de concorrer n'uma pequenissima parte sim, mas emfim concorrer tambem para o resultado final.

Posto isto, é claro que me não proponho dar novidades, mas, simplesmente repetindo, insistir no que se tem dito e escripto a tal respeito.

*

Á pergunta feita responderia assim:

A industria d'um povo depende do seu caracter e das aptidões da sua raça; do mesmo modo que a lingua e litteratura apresentam um typo especial que se filia nas suas faculdades geniaes, tambem assim as producções da sua industria levarão sempre comsigo um cunho determinado e distinctivo. Hoje mesmo, posto que o trabalho fabril seja na maior parte mechanico, tal é a impressão do genio de cada povo que será facil a um entendedor indicar a procedencia d'este ou d'aquelle objecto.

A noção de «independencia nacional» comprehende na sua complexidade uma serie de termos irreductiveis. Não é independente uma nação ou um povo só porque certas circumstancias lhe permittem uma soberania especial representada por um governo. Para ser na verdade independente é necessario que affirme a sua existencia d'uma maneira propria, que se torne um organismo, em que a actividade de todos os seus elementos têem de convergir para a conservação e aperfeiçoamento da vida social desde a satisfação das primeiras necessidades até ás mais elevadas concepções do espirito, isto é, até ao desenvolvimento das faculdades caracteristicas da sua raça. Se viesse a perder a sua industria, perdendo uma funcção das mais importantes, perderia tambem uma das principaes expressões do seu genio e collocar-se-hia por esse facto moralmente, como estamos vendo, e economicamente, como veremos logo, n'uma posição inferior em respeito aos outros que continuam a possuir aquella faculdade creadora.

A vida dos povos antigos e medievaes, sendo extremamente simples, contentava-se com pouco. Bastava-lhe um trabalho manual, auxiliado com um numero muito limitado de instrumentos. As industrias antigas apresentam no seu regimen technico e economico um caracter especial de simplicidade e por assim dizer de espontaneidade que as distingue propriamente: mas quando pelo apparecimento das nações modernas, a socie-

dade tomou outra maneira de ser, quando todas as ordens de relações se alteraram e modificaram profundamente, vindo a constituir na historia da humanidade uma época determinada e differente das outras, o trabalho antigo, modificando-se tambem no seu fabrico e organisação economica, definiu-se n'um regimen especial, «a industria moderna», que veio occupar na economia social um dos lugares mais proeminentes.

Esta transformação, consequencia d'um longo encadeamento de idéas, e do desenvolvimento intellectual e social das nações modernas, tendo passado desapercebida ao povo portuguez, devia por essa razão collocal-o ulteriormente na posição a mais desvantajosa e produzir-lhe os mais funestos resultados, se viesse um dia, como aconteceu, a defrontal-a sem uma conveniente preparação anterior.

Sabe-se que Portugal tendo sido com as suas navegações e descobrimentos geographicos nos seculos XV e XVI um dos factores mais eminentes da Renascença, logo no derradeiro quartel d'este ultimo e no meio ainda d'esse gigantesco trabalho desappareceu rapidamente d'entre as nações européas.

Sabe-se tambem como tendo renascido no seculo XVII, apparece outra vez inesperada e imprevistamente, como um viajante com quem não se contava já, que volta emfim d'uma longa viagem de terras longinquas. Sabe-se igualmente como desde então até hoje tem vivido sempre uma pobre vida por entre a cerração d'um obscurantismo que lhe não tem deixado vêr claramente nem a direcção que lhe impellem nem as paragens, onde se ha achado. Dir-se-hia que continúa como d'antes a navegar e a viajar... a viajar e a navegar no desconhecido.

Na categoria especial de que nos occupamos o «desconhecido» foi o apparecimento d'esta «industria moderna» que se lhe apresentou como qualquer cousa superior, excedendo as suas forças e a sua comprehensão. Póde dizer-se sem exagero que tem concorrido immensamente para o abaixamento moral da população a consideração de toda esta variedade de productos industriaes, que os outros paizes fabricam apparentemente com tanta facilidade e por um preço tão minimo, em quanto que ella se confessa incapaz de attingir não só aquella perfeição como a facilidade de producção. Este sentimento de inferioridade provoca o desanimo e com ella a miseria e o entorpecimento das faculdades geniaes.

E todavia o povo portuguez possue na verdade uma capacidade industrial; sobeja-lhe o amor do trabalho, a reflexão,

a tenacidade e o espirito de ordem: tem em si os elementos necessarios para crear uma industria nacional. Provou-o que farte o inquerito de 1881. Mestres nacionaes e estrangeiros opinam conformemente que o operario portuguez possue todas as qualidades necessarias de um bom official: o que lhe falta é o ensino technico geral, a aprendizagem, e um meio moral conveniente que lhe estimule as faculdades inventivas.

Provavam já anteriormente esta capacidade os productos do antigo fabrico nacional, verdadeiros primores do officio a que pertencem: deviam-se prevêr as asserções do inquerito, mas emfim era necessario mostrar-se d'uma maneira positiva que n'este longo percurso de atribulações politicas e por entre as administrações mais contradictorias a raça não tinha degenerado nem perdido a capacidade productora d'outros tempos.

Este pobre povo portuguez tem visto tudo sem compreder nada, permitta-se a rudeza da phrase; revoluções, contractos commerciaes desastrosos, influencias boas ou más, promotoras de prosperidade e empobrecimento, tudo lhe tem passado por cima como um cyclone, não deixando senão ruinas após si. Governados e governos, póde dizer-se que nunca se entenderam. Quem tem uma hora de poder impõe a sua opinião pessoal, continuando sempre no fundo atordoada, mais ou menos pobre, mais ou menos entorpecida, a massa geral da população, incapaz de formular uma opinião e de impôr uma vontade.

Este pobre povo tem visto por mais d'uma vez e em mais d'um seculo arruinado e destruido o trabalho nacional; tem visto as suas manufacturas definharem-se e morrerem, assim como as tem restaurado por momentos — por momentos sim, mas em summa restaurado, quando um impulso governativo o tem soccorrido.

Ao terminar o seculo passado o trabalho nacional teve um movimento de prosperidade, que subsistiu em quanto durou a vontade ou antes o impulso do homem que o fez reviver por esse instante; desappareceu pouco tempo depois, por isso que elle não conseguiu de facto plantar no sólo portuguez o novo regimen fabril de modo que não houvesse acontecimentos ou desatinos administrativos capazes d'arrancal-o d'alli. Veio a invasão franceza e mais um contracto commercial ruinoso, o de 1810 com a Inglaterra, e tudo quasi que acabou. Póde dizer-se que apenas ficaram as ruinas. Um esforço posterior, o da pauta de 1836, foi baldado ainda no sentido d'uma verdadeira restauração.

A vontade d'um homem ou d'um grupo de homens isoladamente póde muito, mas não vale tudo, e o tudo aqui é a educação moral e intellectual da população, a cultura d'este fundo social que alimenta com a sua seiva toda a existencia publica. Um povo, que decahiu, não se levanta só porque um braço forte o sacode do entorpecimento: póde despertar por momentos, mas cahirá immediatamente de novo em lethargia. Para acordar definitivamente é necessario que o sôpro da vida atravesse todo o corpo social, que ponha em actividade todas as fibras, todos os elementos que o constituem. Por esta mesma razão tambem para uma reforma ser efficaz, para dar todos os resultados e ficar, é necessario que seja comprehendida pelo geral da população, é preciso que a doutrina que contém, tenha já passado através de todas as classes, que faça parte emfim do pensamento nacional.

Fazer pensar é tudo; e a *agitação* a unica alavanca que póde deslocar esse mundo: pois que *agitar* quer dizer — instruir, ensinar, convencer e acordar. N'este caso o homem chama-se «legião»: em vez da vontade d'um só ou de poucos, ha a vontade e o pensamento de todos.

Ora n'este caso o pensamento geral deve comprehender que a falta d'uma industria fabril nacional occasiona um desequilibrio enorme na economia da nação, que tem de importar para seu consumo a maior parte das fazendas ou artigos manufacturados, dando em troca ou exportando valores: em taes condições é claro que estes, que deviam circular no seio do paiz, activando e fomentando o desenvolvimento de todo o trabalho, passam a enriquecer o estrangeiro: extracção que se terminará economicamente pelo esgotamento de toda a riqueza. E de facto ter-nos-hia já acontecido esta espantosa calamidade, teriamos já desembolsado os ultimos recursos, se o dinheiro do Brazil, cobrindo o desfalque constante sob a fórma de capitaes lá adquiridos, nos não permittisse ir equilibrando a balança commercial, ou por outras palavras, preencher a immensa desproporção entre a producção e o consumo.

Observe-se, como facto da mais subida importancia, que depois da ultima revolução, a mais radical de quantas tem aqui havido, os costumes se alteraram profundamente em toda a população. Vieram as necessidades do conforto e luxo modernos, que se estenderam abrangendo quasi todas as classes, sem se ter creado préviamente novas fontes de receita que fizessem face ao augmento da despeza. Importaram-se as exterioridades luxuosas dos povos ricos e industriaes, mas não

se importou a industria e o trabalho que lhes serve de base; d'onde resulta que o orçamento das fortunas particulares tem hoje em geral de se saldar, como o do Estado, com um *deficit;* ou generalisando, que augmentando o consumo e diminuindo a producção, cada vez mais e progressivamente se vai desfalcando o activo da nação.

Taes deviam ser as consequencias das opiniões livrescambistas que tem dominado na administração e, digamos, em certa parte do publico em geral. Assentou-se que o paiz não precisava de ser industrial, que lhe bastava a riqueza da sua producção agricola, e talvez tão sómente obtida com a sua agricultura primitiva. Abandonou-se todo o ensino technologico fabril, assim como se descurou a cultura popular, e o poder central deixou de prestar toda a protecção e incentivo que aliás deveria prestar ao fabrico nacional. Pelo pouco a theoria era commoda ou antes invocada aqui adrede para desculpar o desleixo ou o abandono das fabricas portuguezas. Preconisada principalmente por um paiz, onde o excesso de producção pedia sobretudo mercados livres, veio a ser recebida como norma de politica n'um outro que necessitava absolutamente de protecção e ensino. Melhorar uma industria rudimentar ou decahida, leval-a ao aperfeiçoamento necessario para satisfazer as necessidades internas, e n'um paiz colonial para o abastecimento das suas provincias ultramarinas, é talvez difficil; exige pelo menos estudo, trabalho, observação e sobretudo muito boa vontade: deixar morrer é facil, basta cruzar os braços e invocar os principios d'uma theoria commoda.

Talvez não existisse já hoje uma unica officina, se a esta corrente o fundo da população não oppozesse a resistencia que offerecem á morte os organismos vivos. A massa geral da população conheceu instinctivamente que no dia em que se fechasse a ultima fabrica teria de retroceder á barbaria dos tempos primitivos. Mas apesar d'este esforço, quer de conservar ou reanimar o que havia, quer de organisar no sentido moderno algum ramo de trabalho, apesar d'este esforço de pertinazes trabalhadores e da outra tentativa governamental a que anteriormente alludimos de passagem, o trabalho fabril á falta de direcção, de ensino, e d'uma opinião publica instruida que saiba discutir e resolver as questões que lhe estão intimamente ligadas, e que as imponha á administração, o trabalho fabril vê-se cada vez mais affrontado, indeciso e ameaçado.

Desleixou-se a industria fabril, mas nem por isso prosperou a agricola. Assim devia ser e assim foi. Os seus processos

são mais rudimentares ainda que os da primeira, e a ignorancia technologica a mesma. Antes que uma espantosa calamidade viesse destruir parte d'uma das principaes riquezas do sólo portuguez, e ameace terrivelmente, ia a dizer fatalmente, o resto, estas terras de vinhas estavam já anteriormente enfraquecidas e portanto condemnadas, como estão tambem as cerealiferas. Sem instrumentos aperfeiçoados que simplifiquem o trabalho, sem os conhecimentos necessarios para tirar toda a producção possivel da terra — uma terra quasi esgotada á força de dar sem receber, a receita quasi que não cobre as despezas. Vai-se vivendo mal em quanto se não vive peor. A hypotheca leva uma boa parte do rendimento, o fisco recolhe a outra, e o tudonada do resto sobeja para o cultivador não morrer immediatamente á fome.

Se na ordem chronologica das industrias, a agricola é a primeira que apparece como mãi de todas as outras, como a origem de toda a civilisação, ficará todavia n'aquelle estado rudimentar e primitivo em quanto se não desenvolver convenientemente em volta de si o trabalho fabril. Os grupos de população manufactureira, que se vão formando em derredor, abrem-lhe um mercado, activam-na e forçam-na a augmentar a producção. Mais tarde é ella quem lhe fornece a apeiria aperfeiçoada, é ella emfim que com o seu ensino, vai reagir sobre a outra, obrigando-a tambem pelo exemplo a melhorar os seus processos.

Se a lavoura portugueza quizesse reformar os seus utensilios primitivos, teria de os importar na sua generalidade, e portanto exportar os valores representados no seu custo, que desappareceriam fatalmente da economia da nação; em quanto que, se a nossa industria os pudesse fornecer, ficariam no paiz, fomentando a producção nacional.

Valer a esta situação tão precaria, evidentemente é empenho que se não póde conseguir sem a creação d'uma industria manufactureira, que, tendo uma vida desafogada, abasteça os mercados portuguezes, e ponha assim um termo á constante extracção de valores, que em beneficio do estrangeiro vai todos os dias diminuindo os recursos proprios.

N'este sentido seria uma perda irreparavel o desapparecimento tanto das industrias historicas, que ainda existem, como das que se têm introduzido n'este ultimo periodo. É muito mais facil corrigir e melhorar uma aprendizagem imperfeita, que formal-a de novo. Quando ha já conhecidas umas certas praticas ou um certo numero de processos, posto que

rudimentares, ha já meia educação ou pelo menos uma intelligencia mais disposta a receber o ensino definitivo, do que se fosse mister afeiçoal-a desde principio. Por outro lado tambem as tradições são um elemento de grande valia, principalmente nas pequenas terras. As populações sentem-se mais facilmente attrahidas para um trabalho, no meio do qual nasceram e se crearam, que foi tambem o de seus paes, que floresceu em tal ou tal época, a que estão ligadas estas ou aquellas legendas, que tem já a sua moral, que faz parte emfim da sua vida e do seu saber. Com uma pequena protecção, com um auxilio muito menor, que o que seria necessario a outra introduzida de novo, a antiga industria rebentará espontanea como a velha semente, que adormecida por se achar funda na terra, germina immediatamente que a tragam mais á superficie e assim obtenha as condições necessarias ao seu desenvolvimento.

Dispersos por todo o paiz encontram-se grupos industriaes mais ou menos populosos representando industrias antigas. Ameaçados quasi todos d'uma ruina imminente, dispersar-se-hão, desapparecerão fatalmente, se lhes não fôr prestado o soccorro que indicarem, tanto as circumstancias locaes, como a do seu regimen especial. A agitação presente, se se estender, se abranger toda a nação, já agora não deixará morrer nenhuma das que tiveram a pertinacia de resistir até hoje; fará ainda reviver algumas das mortas quando puder colher ainda um fio da tradição antiga; e introduzirá outras novas nas localidades onde o genio e costumes do povo se prestarem melhor a tal especie de trabalho.

Este artigo, delineado a traços rapidos, não póde conter o desenvolvimento de todos os meios que convirá pôr em pratica para levar ao fim este proposito, nem discutir todas as questões que lhe são inherentes. Qualquer que seja a futura direcção, presentemente parece que o movimento devia começar, como effectivamente começou, promovendo a cultura popular, e esforçando-se por reanimar o caracter da população que trabalha ir simultaneamente actuando sobre a opinião publica e sobre o poder central de modo que para este ponto venha a convergir a attenção de todos, tornando-se assim uma questão fundamental que domine o governo e a administração do paiz.

Entre os meios mais adequados a obter este resultado apresentam-se desde já dous factores, com cuja efficacia se póde contar: — « as sociedades de estudo e de ensino » e « as exposições ».

A organisação de sociedades d'esta ordem no meio de cada grupo industrial é evidentemente o primeiro termo d'esta longa série de esforços que será necessario emprehender. O que não póde um homem só ou mesmo um governo, podêl-o-ha conseguir a união disciplinada de muitas forças dispersas. A sua acção será sobretudo relevante na parte que respeita á instrucção popular, base fundamental de todos os melhoramentos futuros. Qualquer tentativa dos poderes publicos n'este ponto, permitta-se a insistencia, será inutil e baldada, se não encontrar na população o apoio necessario e indispensavel. Por outro lado tambem estas sociedades recolherão todos os elementos necessarios á conservação e desenvolvimento da sua respectiva industria, e se esforçarão não só por lhe introduzir as reformas convenientes, como tratarão de lhe alargar o mercado. Será um processo vagaroso e paciente, mas o unico que póde dar um resultado seguro.

O segundo factor anteriormente indicado virá tambem sempre em primeiro logar, e terá uma influencia muito poderosa no desempenho do intento designado. Reunir os artigos produzidos n'uma localidade ou por um dos seus grupos manufactureiros, examinal-os tanto em si como nos seus processos de fabrico e preço de producção, é como que calcular as forças com que se póde contar antes de ir mais adiante. Depois, repetidas de periodos em periodos, servirão para mostrar o adiantamento ou retrocesso havido dentro d'aquella época. Presentemente terão ainda a vantagem ou exercerão a importantissima funcção de dar uma certa força moral ás populações, que reunirem assim os seus artefactos; e chamando a attenção do publico mostrar-lhes-hão d'uma maneira positiva que ha ainda um trabalho nacional que se deve ajudar e proteger.

Exposições pequenas ou grandes, parciaes ou geraes, quando presas a um systema geral de promover o melhoramento e aperfeiçoamento da industria d'um paiz ou de qualquer das suas secções, são tidas em toda a parte como um elemento indispensavel.

*

Será facil agora responder á pergunta feita no principio.

Uma exposição em Guimarães não só é conveniente, mas impõe-se como uma necessidade, se a considerarmos como o primeiro passo para o rejuvenescimanto e aperfeiçoamento tanto

das suas antigas industrias como das que têm sido introduzidas n'estes ultimos quarenta annos. Esta necessidade accentua-se tanto mais se se attender á sua variedade, á localisação dispersa por toda a área do concelho e á apathia de que estão soffrendo muitas d'ellas. Reunidas, postas em face umas e outras, vêr-se-ha mais claramente, d'uma maneira palpavel e irrefutavel, a grande importancia que o trabalho fabril occupa no regimen economico do concelho, e como o seu desapparecimento se traduziria por uma verdadeira desgraça para a população que o habita.

Ponderemos tambem que o inquerito de 1881 é muito omisso n'este ponto; omissão que resultou provavelmente já da difficuldade de colher os elementos necessarios attenta a sua disposição topographica, como talvez tambem por falta de tempo. Será pois uma occasião opportuna de preencher aquella falta, e formular um relatorio que contenha detalhada e precisamente todo o movimento industrial de Guimarães, indagando-se ao mesmo tempo todos os factos que constituem a sua economia e trazendo a lume todos os esclarecimentos que sejam a base para os trabalhos a seguir.

Considerada assim, no ponto de vista acima exposto, como occasião de estudo, como incentivo que reanime o moral da população, como ponto de partida em summa, uma exposição aqui como em qualquer outro centro productor, tem uma razão de ser determinada; esforço parcial, mas subordinado a um pensamento geral, faz parte, diremos antes, é um poderoso meio d'acção d'este movimento geral que antes de se estender e envolver toda a terra portugueza, terá de se ir accentuando isoladamente em todos os grupos productores.

Se o paiz tiver ainda a vitalidade e os meios sufficientes para levar a cabo esta empresa, se os homens que a iniciaram e os que se lhes vierem juntando n'esta longa peregrinação, conseguirem restaurar o trabalho portuguez, industria agricola e fabril — poderemos então esperar ainda que qualquer que seja a crise mais ou menos grave, que parece avançar dia a dia sobre o horisonte nacional, essa será apenas uma perturbação passageira, que causará sem duvida a ruina de muitos, mas deixará viva a massa da nação e com os elementos necessarios para começar um novo cyclo historico.

ALBERTO SAMPAIO.

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

I

Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento

O snr. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento foi proclamado socio honorario da Sociedade Martins-Sarmento em assembléa geral de 29 de janeiro de 1882.

*

Nasceu em Guimarães a 9 de março de 1833. Seus paes Francisco Joaquim Gouvêa de Moraes Sarmento e D. Joaquina Rosa d'Araujo Martins podiam, se confiassem tudo da sua abastada fortuna, esquecer a educação litteraria do filho: mas a sua distincção e nobreza de sentimentos fizeram-lhes vêr que seria um erro deixal-o n'aquella proverbial ignorancia, que tornou quasi legendarios os morgados de provincia, e que mais que a riqueza valeria a distincção das letras.

Tinha o snr. Sarmento 8 annos quando entrou na escóla primaria e aos quinze concluia os preparatorios, matriculando-se logo depois na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, onde terminou a sua formatura em 1853, aos 20 annos de idade.

O enfado d'esse curso que, estreitando a intelligencia do alumno no circulo apertado d'uns compendios officiaes, lhe não deixava vêr os largos horisontes da sciencia, não teve n'elle a influencia destruidora, que faz de tantos outros uma desastrosa inutilidade: a sua forte organisação intellectual e a sua viva imaginação resistiram ao perigo. Importou-se pouco do ensino official, o bastante apenas para satisfazer ás exigencias do curso. Na leitura de bons livros fortaleceu a intelligencia, e deixou a imaginação correr a par dos affectos da alma; de fórma que ao sahir de Coimbra não era perfeitamente um bacharel, mas um poeta.

*

N'essa época estava á moda em Portugal a litteratura romantica, que espalhava por toda a parte os seus reflexos apaixonados. Eram romanticos todos os nossos poetas e escriptores, desde o primeiro ao ultimo por toda a hierarchia litteraria. Do sentimentalismo exagerado d'esta escóla irradiavam essas vivas e fortes commoções, que ora embalavam a alma no sôpro tepido da melancolia, ora a envolviam n'uma tempestade revolta de descrenças e maldições.

O snr. Sarmento vivendo n'esta atmosphera litteraria, moço e apaixonado, — para os doentes do coração tinha o romanticismo uma attracção irresistivel, não podia evitar a influencia do ar que respirava: os vôos da sua imaginação levaram-no fatalmente para esse lado e em 1855 publicava um volume de versos intitulado *Poesias,* tendo já anteriormente apparecido no *Bardo* e na *Miscellanea* alguns versos seus.

A feição das *Poesias* é essencialmente romantica. Cantam com uma forte paixão os pezares da alma: a attitude a da época, — os cabellos esparsos ao vento, as mãos crispadas pela desesperança. Mas não é um canto de mera imitação ou de phantasia especulativa: conhece-se através d'esses versos ardentes e, por vezes, ironicos a historia da alma do poeta n'aquella época da vida.

A fórma, essa é aqui ou alli um tanto incorrecta, como devêra acontecer n'uma obra dos 23 annos, se bem que não faltem versos torneados e cadentes. Mas se ha na fórma ligeiras incorrecções, ha no fundo um estro vigoroso, uma elevação tal de pensamento que distingue o auctor da vulgaridade

dos poetas sem alma, e que denuncia emfim um robusto talento.

A publicação d'este livro deu lugar a um incidente, que magoou o auctor e põe em relevo a feição pundonorosa do seu caracter.

Um patricio do snr. Sarmento e sua frequente visita, a quem offerecera um exemplar do seu livro, publicou, em seguida á obsequiosa offerta, n'um periodico de Valença e sob um pseudonymo, aliás conhecido, umas impertinentes graçolas a respeito dos versos. O auctor, tomado de espanto escreveu-lhe e na carta estranhava a patifaria, exigindo que desfizesse a má impressão produzida em alguns leitores pela sua atrevida chocarrice. A resposta pela imprensa foi, — que sim, que retirava as suas apreciações, porque *elle era pobre e o auctor era rico,* etc. A esta deslealdade affrontosa respondeu o auctor como em taes casos é de justiça: bateu-lhe publicamente.

A correcção assanhou o critico e, em desforra, dirigiu-se ao jornalismo, clamando que o auctor atacára a liberdade da imprensa, da critica e de mais não sabemos quantas liberdades: e o facto é que o jornalismo, santamente indignado, reproduziu o clamor. Um dos jornaes chegou mesmo a equiparar o auctor das *Poesias* ao assassino do redactor do *Setubalense,* esfaqueado lá por causa de certa questão!

O snr. Sarmento teve nojo de tudo isto, e ficou profundamente abalado na sua fé sobre a missão da imprensa e da critica. Retirou então da circulação quasi todos os exemplares da sua obra (para o que talvez concorressem outros motivos intimos) e lavrou protesto de não querer mais nada com os typos.

Mas que?! Appareceram-lhe, como costuma dizer aos seus amigos, dous diabos, qual d'elles peor, — o Sêcco e a archeologia, e lá se quebrou o protesto. Voltou á imprensa; mas agora empunhando, em vez da tiorba do poeta, a penna do jornalista e do archeologo.

*

É forçoso dizer que já antes d'isto o snr. Sarmento havia quebrado aquelle protesto.

Em fins de 1856 publicava o *Vimaranense* uns folhetins intitulados *Tres dias em Guimarães.* O snr. Sarmento não os

subscreveu; mas, sabe-se, eram obra sua. O assumpto é — um viajante passa aqui tres dias, corre a cidade inteira, guiado por um cicerone boçal, e vai notando todos os ridiculos da terra, o estado dos seus monumentos e do espirito publico.

Traçados ao correr da penna, são muito descuidados na fórma; no dialogo sobretudo a que falta elegancia; mas d'uma critica fina e mordaz. Ha n'elles o sentir do patriota desejoso de vêr a sua terra adiantada em civilisação: é que o snr. Sarmento não escreve sem que o agite um pensamento elevado e generoso.

Não parou aqui o folhetinista.

Em maio de 1859 teve o *Vimaranense* uma resurreição e, ao que parece, foi ainda d'esta vez o snr. Sarmento quem lhe soprou a vida, prestando á nova empresa o prelo e materiaes da officina, que eram seus, e para coadjuvar a redacção escreveu uma serie de folhetins.

A satyra é n'este genero de litteratura a sua arma de predilecção: toma-a com valentia e investe contra todos os ridiculos, contra o mau gosto, contra tudo que lhe parece mau.

Nos folhetins sobre o theatro, *Zigues-zagues* e *Um punhado de verdades,* desfaz á ponta d'epigramma a opinião de certa gente d'aquelle tempo, que tinha em horror o theatro por ser *a casa do diabo.* Ralha ao publico, que applaude o que devia reprovar; e indigna-o o bocejo de certos espectadores nos pontos mais delicados do espectaculo.

As mulheres deram assumpto á maior parte dos folhetins. Revive n'elles a alma do poeta. Idealisa-se a mulher e o seu ideal é,—que ella se eleve a um amor puro pela energia das aspirações sentimentaes, reagindo contra tudo que possa manchar a sua candura e a sua nobreza. Ainda o romanticismo.

Era de vêr que esta delicadeza de sentimentos lhe devia ser origem de muita desillusão; e foi-o ao que parece das suas satyras.

Condemna o adulterio como degradação vilissima e a este proposito escreve um conto em dous folhetins, *Elle e Ella,* em que dá á mulher, uma *coquette* de provincia, a parte principal do crime. Responde-lhe *Justa* n'um *Conto contra conto* em que se vê a medalha pelo reverso; é então o homem o diabo tentador. Depois de tudo isto uma discussão physiologica sobre a natureza da mulher.

Ha uma grande vida e muita luz em todas estas paginas moldadas com arte ao geito da litteratura franceza, de que o

snr. Sarmento é um perfeito conhecedor. Mas, é forçoso dizêl-o, a phrase ainda que correcta e vernacula não tem a flexibilidade, a ligeireza encantadora do verdadeiro folhetim, que passa de leve tocando delicadamente em tudo quanto encontra sem produzir uma tempestade.

Estava contrafeito n'este genero de litteratura. A sua organisação pede a violencia d'um combate, em que se ataque um assumpto por todos os lados varrendo as objecções e derrubando os argumentos do adversario.

Desde 1860 não o tornámos a vêr no folhetim.

*

Veio depois a questão de caçadores 7. É interessante.

Certo lavrador dos arredores da cidade estropeou um soldado, castigando aggravos que elle provocára. Soube d'isto o coronel e pediu tragicamente *as tripas do lavrador*. A esta voz desencadeou-se o furor da soldadesca que, não encontrando o pobre homem, lhe destruiu quanto tinha em casa, fazendo em seguida, de dia, uma entrada triumphal na cidade, batendo e ameaçando. Pouco depois uma pequena rixa provocou nova desordem, e os sargentos sahiam em rondas nocturnas a desancar quantos paizanos encontravam na rua.

Tomou-se de terror toda a gente e só uma voz se levantou a protestar, a do snr. Sarmento, que verberou na imprensa a inepcia do commandante e a ferocidade da sua tropa. Ameaçado, respondeu á ameaça sahindo, contra os seus habitos, a passear no terreiro mais concorrido da cidade. Os pacificos cidadãos espreitavam por detraz das portas o desenlace do repto: um unico homem, o snr. Lourenço Leite de Castro, se lhe foi pôr ao lado, como quem desejava compartilhar da lucta, travada, não por uma questão pessoal, mas em desaffronta dos brios offendidos da sua terra.

A soldadesca passou de largo.

Desde 1868 em diante publicou o *Vimaranense* muitos artigos de polemica da lavra do snr. Sarmento, taes como: *As biblias protestantes,* discussão com a *Religião e Patria; A Santa Inquisição* e *Os frades,* discussão com a *Sentinella; A Religião e Patria* e *Ao Argus,* discussão sobre os frades; *Delenda Cartago,* discussão com o cabido d'esta cidade sobre a remoção da oliveira; *Vejam e meditem,* sobre os milagres da

agua de Lourdes; *O protesto do snr. Padre Casimiro,* a proposito das declarações d'este celebre miguelista; *O snr. Padre Lourenço e os cemiterios,* discussão sobre os cemiterios.

Annos depois publicou a *Religião e Patria* outros, como: *Caldas de Vizella,* defendendo a camara e a empresa vimaranense; e uma serie de brilhantes artigos sobre uma pendencia com os redactores do *Imparcial.*

São um modelo do genero. O snr. Sarmento está ahi perfeitamente á sua vontade. Toma as questões com firmeza, agita-as habilmente em todos os sentidos, e ao passo que discute deixa-nos vêr, sem pretensões immodestas, os seus vastos conhecimentos definindo perfeitamente as suas idéas e convicções d'um liberalismo illustrado e ao par do movimento social da sua época.

Nunca perde o sangue frio em frente do adversario, apara-lhe os golpes e fere-o depois com a firmeza d'um bom esgrimidor, e sem sahir da linha de combate. É grave e sério quando o assumpto o é tambem; cheio de graça e de *verve* quando apanha o ridiculo da questão.

Um distincto polemista.

*

A questão «Sêcco» appareceu em 1872: uma lucta esforçada e vigorosa contra o despotismo insolente e a iniqua administração d'um juiz, que fazia leis da sua vontade e do seu capricho.

O juiz atropellava a justiça, recebia emolumentos indevidos e não cumpria a decisão d'um tribunal superior a mandal-os restituir; negava os recursos dos seus despachos; insultava e suspendia os advogados, mandando riscar nos seus escriptos forenses o que lhe parecia offensivo: emfim, uma desordem na administração da justiça.

O snr. Sarmento preoccupava-se muito com isto: affligiam-no os excessos e a altivez do tyrannete, e a posição melindrosa dos dous advogados seus amigos, que tinham feito rosto aos atrevimentos do juiz, defendendo energicamente o direito dos seus constituintes.

Um dia o snr. dr. Rodrigo de Menezes mostrou-lhe, como curiosidade, o processo instaurado pelo juiz contra o advogado Avelino da Silva Guimarães: depois da leitura das primeiras

paginas arremessou-o contra as paredes do seu gabinete, e ergueu-se, como se ergue um homem ferido pela lamina aguda d'uma affronta.

Estava decidido a luctar. O amor da justiça, uma das feições mais salientes do seu caracter, tinha sido tocado pela tyrannia da auctoridade: não era preciso mais para o transformar n'um luctador.

Eram graves as difficuldades da jornada. Tinha o juiz pelo seu lado o favor das secretarias do Estado, nos tribunaes superiores o espirito de classe e no publico o medo. Era preciso fazer face a tudo isto. Nada porém acobardou o snr. Sarmento, antes os previstos obstaculos serviram apenas a estimular-lhe o animo.

Reuniu em volta de si cinco amigos, fundou um jornal — *A Justiça de Guimarães* —, de que foi o principal collaborador durante os quatro mezes da sua publicação.

O juiz sahiu-se, em defeza, com um folheto, e o snr. Sarmento, á frente dos redactores da *Justiça de Guimarães*, respondeu-lhe com um livro — *Os redactores da Justiça de Guimarães e o juiz de direito F. H. de S. S.*

Jornal e livro foram impressos exclusivamente a expensas suas e distribuidos gratuitamente em todo o paiz.

A causa venceu-se.

Os artigos de sua lavra n'essas duas publicações distinguem-se dos outros pela viveza da idéa, e pelos traços firmes d'um estylo de combate. A crença na justiça da causa que perfilhou, a dedicação pelos amigos, dão-lhe uma bella energia. É um gosto vêr como a idéa lhe sahe luminosa, como os periodos se ageitam formando um circulo, que se vai apertando mais e mais até esmagar o adversario; umas vezes pela força do syllogismo que o faz emmudecer, outras pela ironia que o fere no coração. Mas, diga-se tudo, dotado d'uma verdadeira delicadeza de sentimentos, nunca fere o adversario na sua vida intima.

Os seus trabalhos n'esta contenda bastariam a fazer-lhe uma justa reputação de jornalista distinctissimo e a exaltar o seu caracter.

A transferencia do juiz terminou a contenda e não sabemos se no publico, indifferente a tudo, resta memoria d'ella; sabemos apenas que no coração d'alguns, que se acharam na refrega ao lado do snr. Sarmento, vive ainda uma recordação.

*

Este incidente veio desviar por um pouco o snr. Sarmento dos seus estudos, mas logo voltou a elles com a persistencia propria da sua organisação.

Deu-se ao estudo das linguas: conhece a allemã, ingleza, franceza, italiana, hespanhola e perfeitamente o latim.

Fallando dos seus estudos convém dizer: o romanticismo não satisfez completamente a curiosidade do seu espirito: ao lado da imaginação estava a intelligencia e esta queria alimento mais nutritivo. Mas por falta d'uma orientação bem dirigida nos seus primeiros annos, vacillante e indeciso, vagueou percorrendo em leituras successivas muitos ramos dos conhecimentos humanos. Esta indecisão — a de muitos homens cultos d'aquella época, fez-lhe perder um tempo precioso em leituras, senão inuteis, pouco proveitosas.

Emfim a historia prendeu-o mais vivamente, e dos historiadores mereciam-lhe especial attenção os que tratavam de cousas portuguezas, ou que mencionavam factos relacionados com ellas.

A sua imaginação, alguma cousa ainda do poeta, levava-o para as épocas mais afastadas, envoltas no espesso nevoeiro do passado. Surgiu então o archeologo, votado á exploração e ao estudo dos monumentos antigos, querendo lêr nos vestigios ahi encontrados a origem das gerações remotas.

Tinha subido muitas vezes o monte de S. Romão, fronteiro ao antigo solar da sua familia paterna, e ficava sempre enredado em mil cogitações sobre as ruinas d'essa cidade morta — a *Citania*.

Resolveu-se um dia, e em 10 de julho de 1874 deu principio aos trabalhos d'uma exploração methodica e scientifica. Descobriu as ruas ladeadas d'edificações, recompoz algumas d'estas, pôz á vista as vias e as calçadas, as muralhas e os fossos d'essa cidade fortificada: colligiu as pedras de fórma ou lavor mais ou menos significativos, as inscripções, as moedas, os fragmentos ceramicos e muitos outros objectos encontrados no entulho. Fez transportar ao alto do monte a celebre *pedra formosa* que d'alli tinha ido para o adro da egreja de Santo Estevão de Briteiros e sobre a qual tanto se tem discutido. Coordenou methodicamente todos esses valiosos elementos de modo a poder-se lêr n'elles alguma cousa do passado.

Foi assim que o snr. Sarmento iniciou investigações methodicas sobre a archeologia d'Entre Douro e Minho, que logo proseguiu, explorando em 1877 as ruinas de Sabroso, monte fronteiro á Citania.

Comparando a architectura das duas estações, os seus ornamentos, gravuras e signaes symbolicos, achou n'ellas as feições caracteristicas da mesma época: mas notou que em Sabroso não houve vestigios d'influencia romana, emquanto eram mais que manifestos na Citania. D'isto, d'um sem numero de pequenas, mas muito engenhosas observações e dos seus conhecimentos ethnographicos e mythologicos, concluiu que vivera alli uma civilisação pre-romana.

O incansavel explorador quiz generalisar a conclusão a todo este lado do paiz, e para isso era-lhe necessario examinar as ruinas dispersas no Minho que, no seu parecer, encerra um thesouro archeologico.

Para qualquer outro seria isto uma fadiga, para o snr. Sarmento foi um prazer: percorreu em épocas successivas toda a faixa que se abeira do littoral desde o rio Minho até ao Leça, encontrando por toda a parte dolmens e ruinas de construcções iguaes á de Sabroso e da Citania.

Confirmou assim a sua opinião que, no fim de contas, era apenas um ponto de partida; pois convinha agora saber que povos constituiram essa civilisação pre-romana.

Seria um mundo celtico ou pre-celtico?

Eis o alto problema pre-historico que o snr. Sarmento se tem proposto a resolver, procurando-lhe uma nova solução com o auxilio das suas investigações archeologicas.

Até hoje passavam como pontos assentes a invasão e influencia celticas em toda a Iberia; mas o snr. Sarmento acha n'isso um erro, e mostra que ellas se não fizeram sentir n'este canto da peninsula; que não chegou cá essa irrupção de barbaros, que se annunciavam com um cortejo de guerras e devastações, pondo em fugida, ou aniquilando os povos que encontravam.

Mostra que essa civilisação pre-romana, denunciada pelas ruinas das cidades mortas, era tambem pre-celtica, formada pelas primeiras migrações arianas que, muito antes dos celtas se tinham estabelecido aqui, como em todo o occidente da Europa.

Cheio de crença nos seus estudos, e com o coração a palpitar de patriotismo chega a esta conclusão: — «os lusitanos, ao contrario do que geralmente se pensa, teem, graças á sua posição geographica, uma das mais puras arvores genealogicas dos povos antigos».

É admiravel a erudição e o rigor de critica com que o snr. Sarmento nas suas duas publicações mais importantes —

*

Os Lusitanos e *Ora maritima, estudo do poema d'Avieno na parte relativa á Galliza e Portugal,* desenvolve aquella sua opinião.

Póde avaliar-se das difficuldades que venceu, considerando que no *Ora maritima* teve de fazer restituições ao antigo roteiro phenicio, base do poema d'Avieno, e de mostrar, contra a opinião d'alguns, não ser elle *um acervo d'enigmas burlescos, mas um documento ethno-geographico do mais alto valor.*

Os Lusitanos, esses constituem uma formosa publicação; formosa pelo seu valor scientifico, pelo estylo d'uma lucidez, que põe em relevo o pensamento, e pela deducção logica das idéas que nos prende o espirito da primeira á ultima linha. Traduzidos já em francez devem fazer parte do Relatorio do congresso anthropologico de Lisboa.

*

Escreveu mais o snr. Sarmento outro opusculo *Observações á Citania do snr. dr. Emilio Hübner* no qual aponta e emenda as inexactidões que sobre as cousas da Citania escrevera o douto archeologo de Berlim, enganado por falsos materiaes, — noticias colhidas no jornalismo portuguez e n'um jornal madrileno. O douto archeologo escreveu ao snr. Sarmento dando-se por convencido e, em seguida, escreveu um opusculo mais augmentado e, d'esta vez, correcto. O primeiro tinha sido traduzido pelo snr. Joaquim de Vasconcellos.

No periodico do Instituto de Coimbra, de que foi nomeado socio correspondente, escreveu o snr. Sarmento — *Os gregos no noroeste da Iberia;* e depois, a pedido, diversos artigos em varios jornaes, como: — *Museu Illustrado* (Porto), *Renascença* (Porto), *Pantheon* (Porto), *Revista Scientifica* (Porto), *Vida Moderna* (Porto), *Occidente* (Lisboa), *Pero Gallego* (Vianna do Castello), *Tirocinio* (Barcellos), *Panorama Illustrado* (Coimbra), *Arte Portugueza* (Porto).

Escreveu, emfim, o *Relatorio da secção archeologica* da expedição scientifica á Serra da Estrella, publicado pela Sociedade de geographia, mas ainda não distribuido.

*

A exploração das ruinas da Citania foi um acontecimento archeologico muito notavel, vista a sua valiosa importancia para a solução d'altos problemas pre-historicos.

Deu o jornalismo rebate d'elle e, em 1876, o snr. marquez de Sousa Holstein noticiava-o perante a Academia real das sciencias de Lisboa, n'um discurso que então proferira, mostrando a importancia das ruinas, que já tinha visitado.

Por esse tempo o erudito e distinctissimo professor do lyceu de Braga, o snr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, visitou as ruinas exploradas em companhia dos snrs. Joaquim Possidonio e Narciso da Silva, e mais tarde dos snrs. Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, e de tal importancia lhes pareceram que o snr. Pereira Caldas se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmento, a conveniencia de fazer d'ellas assumpto d'uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do paiz.

A lembrança do erudito professor foi adiante e, em 10 de junho, chegaram os conferentes ás Caldas das Taypas, onde os esperava o snr. Sarmento e a commissão que, representando a cidade de Guimarães, ia convidal-os para um baile.

Seguiram d'ahi em direcção á Citania. Examinaram attenciosamente as ruinas e ficaram enleiados no vivo interesse, que despertam os restos d'uma cidade, cuja origem se occulta na escuridão dos tempos.

Não lhes era de certo facil, no curto espaço de poucas horas, criticar os vestigios que alli deixaram as velhas gerações, e formar uma opinião concisa e clara de tão importante descoberta. Ainda assim muito discretearam os conferentes e, mais tarde, appareceram espalhadas em todo o jornalismo do paiz descripções mais ou menos exactas, que provocaram um verdadeiro debate. Seria longo mencionar quanto se disse e escreveu.

Servido o *lunch,* que o snr. Sarmento offereceu nas Taypas aos conferentes, dirigiram-se para aqui, onde na noite d'esse mesmo dia, assistiram ao baile offerecido pela cidade.

Foi na casa do snr. Sarmento: uma festa de gala tão animada e tão brilhante como convinha aos brios tradicionaes d'esta velha fidalga e ao merecimento dos convidados.

Os conferentes enviaram ao snr. Sarmento uma mensagem escripta aqui mesmo, em que lhe significam o vivo sentimento de estima e, ao mesmo tempo, de consideração pelos seus dotes intellectuaes e nobres qualidades. É assignada pelos snrs. Marquez de Sousa Holstein, Dr. Augusto Filippe Simões, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, Joaquim Filippe Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Visconde da Torre das Donas, Dr. Antonio d'Assis Tei-

xeira de Magalhães, José Alfredo da Camara Leme, Augusto Soromenho, Gervasio Lobato, Manoel Maria Rodrigues, Apolino da Costa Reis e Magalhães Lima.

*

Esta visita foi seguida d'outra.

Em 20 de setembro de 1880 reunira-se em Lisboa o congresso anthropologico.

Muitos dos congressistas, tendo conhecimento das ruinas da Citania, desejavam verificar o seu alto valor, e o snr. Sarmento desejava tambem ouvir a sua opinião auctorisada. E, como era do programma do congresso visitar a Citania e Sabroso, vieram os seguintes snrs.: Andrade Corvo, capitão Adsersen, Emilio Alglave, Capellini, Adolpho Ceuleneer, Emilio Cartailhac, Delgado, Estacio da Veiga, Gonçalves Vianna, Emilio Guimet, Girard, Henri Martin, Harrisson, Langerhans, Julio Laurière, Dr. Magitot, Henrique Nodet, Olin, Pawinski, Pouchet, Joaquim de Vasconcellos, D. João Villa Nova, Wirchow, Ricardo Wittnich, Wurd Bauclerk, Condessa Beausacq.

Chegaram a Briteiros na manhã do 1.º d'outubro, sendo recebidos pelo snr. Sarmento, camara de Guimarães, administrador do concelho e outras pessoas.

Houve uma festa: musicas, foguetes, bandeiras, arcos de murta e flôres. Subiram o monte de S. Romão, passando por entre duas alas de bellas e fortes camponezas, que os cobriram de flôres, e que o snr. Sarmento alli tinha disposto muito de proposito como quem queria mostrar aos sabios as filhas, talvez, da nobre familia que n'outras eras alli vivera e os trajes da localidade. Não passou isto desapercebido ao olhar penetrante do illustre Wirchow, que pediu ás camponezas uns fios das suas madeixas. Não era um simples galanteio, — que um sabio não sabe d'isso, mas um elemento d'estudo, pois é bem sabido que a côr e as diversas fórmas do cabello servem a definir a raça. Satisfez-se a custo o pedido; a custo pelo receio dos feitiços.

Havia o snr. Sarmento cuidadosamente demarcado o mais notavel das ruinas, e disposto em grupos methodicos os objetos alli encontrados e em Sabroso. Tudo examinaram com viva curiosidade os congressistas.

Estes homens, vindos de paizes tão diversos e tão longinquos, tendo visto antes tanta ruina, tantos monumentos de

grande importancia archeologica, ficaram *frappés,* como, por vezes, exclamou H. Martin.

Não temos que acrescentar a esta palavra, senão o modo como exprimiram a sua admiração n'um valioso manuscripto, que deixaram em poder do snr. Sarmento.

É assim o documento:

« Les membres du congrès international d'archéologie et d'anthropologie pre-historique de Lisbonne de 1880 reunis le premier octobre 1880 ont visité avec le plus grand intérêt les ruines decouvertes et etudiées par Mr. Sarmento et expriment à la fois leur satisfaction et leur admiration pour les travaux qu'il a acomplis.

João d'Andrade Corvo ».

« Je pars d'ici etonné, ebloui de ce qui j'ai vu: qu'est-ce que cette cité inconnue qui se révèle tout-à-coup à nous au sommet de ces montagnes? Occupé par les Romains à une époque relativement moderne, elle l'a été longtemps par les Celtes comme l'indique une ceramique toute analogue à celle de Gaule e des Iles Britaniques: mais qu'y avait-il avant les Celtes? Ils ne sont pas ici les fondateurs? Cette grande pierre sculptée et toutes ces autres sculptures si extraordinaires, a qui sont elles? Les Pelasges sont ils les premiers fondateurs de Citania? Il semble qu'il y a ici de cela bien des indices, et dans ces sculptures tout orientales, et dans une partie au moins des appareils. Il y a ici un des plus intéressantes problèmes de l'archéologie européenne.

H. Martin ».

« Juan Villanova y Piera, Delegado d'el gobierno español felicita cordialmente al snr. Sarmento por sus felices hallagos ».

« Rudolf Wirchow, professeur à Berlin, Allemagne, félicite Mr. Sarmento dans cette ancienue région de ses compatriotes, les Suèves, de ses belles découvertes ».

« Je voudrais passer ici du moins une semaine.

Emile Cartailhac ».

« Je partage entièrement les sentiments expressés par nos collègues.

Magitot ».

« Le Musée Guimet de Lyon salue avec enthusiasme le Musée Martins de Sarmento à Citania.

G. Pouchet remercie également Mr. Sarmento.

Dr. Langerhans, de Berlin.
Professeur *Alfred Girard,* de Lille ».

« Aniceto dos Reis Gonçalves. — J'admire le talent et la persévéran-

ce de Mr. Martins Sarmento, je le félicite des résultats et je le remercie par son hospitalité ».

« Attiré par l'importence des découvertes à Citania je viens d'un pays bien éloigné d'ici, pour admirer et étudier ces monuments du passé.

Adolphe Pawinski, professeur à l'Université à Varsovie ».

« ÆMULE, SIQUI POTES, NOSTROS IMITARE LABORES. Inscription trouvée en Algérie sur les ruines d'une ville inconnue, et qui semble faite pour les travaux si remarquables de Mr. Sarmento.

J. de Laurière ».

« Charles Harrison. Membre de la Société des antiquaires ».

« Amelius Francis Ward Bauclerk. — We have to thank Mr. Sarmento for his hospitality. From his scientific excavations, he has shown us especimens of late Phœnicien work, imported probably trough Oporto, and especimens of late Roman civilisation as also of the early prehistoric period ».

« Un nouvel examen des pierres à inscriptions me fait ajouter un mot : j'exprimais l'hypothèse d'une origine pelasgique et pre-celtique : les sculptures ornamentales dont le caractère me frappait se retrouve sur des pierres qui portent des inscriptions en caractères latins, ou le nom du dieu gaulois Camal se trouve répeté ; ces combinaisons symboliques étaient donc encore en usage chez les populations du nord-ouest de l'Iberie à l'époque romaine et ne demontreraient pas l'origine pre-celtique ; que de questions ! mais rien ne peut diminuer l'immense intérêt de Citania.

H. Martin ».

« Leonce de Quatrefages, Ingenieur civil.

« Dr. Adolph de Ceuleneer, Liege.

« Henri Nodel, architecte.

« Em. Alglave, professeur à la faculté de droit de Paris.

« N. Olin, professeur à l'Université de Bruxelles ».

« Quoique non initié dans ces études, qu'il me soit permis de joindre mes chaleureures félicitations et sincères remerciments à Mr. Francisco de Moraes Sarmento.

Joaquim Filippe Nery Delgado.
Ricardo H. Wittnich.

Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga.
Joaquim de Vasconcellos ».

Terminou esta importante visita por um *lunch* volante, offerecido pelo snr. Sarmento aos congressistas no proprio local das ruinas.

*

Fallaram ácerca da Citania depois da sua visita:

Henri Martin nas correspondencias para o *Siècle* e na *Revue Archéologique,* discutindo a origem da ornamentação em pedra, encontrada em Sabroso e na Citania e dando-a como post-romana e germanica, d'accordo com A. Bertrand, redactor da Revista. O snr. Sarmento replicou por carta, acompanhando-a da outra que havia recebido do dr. Hübner. O snr. H. Martin, por carta tambem, deu-se por convencido, aceitando a opinião do snr. Sarmento de que tal ornamentação era pre-romana e não post-romana. A *Revue Archéologique,* porém, não respondeu. O snr. Sarmento resumiu toda a questão na — *Arte Portugueza* — em um artigo intitulado — *Se antes da conquista romana houve uma arte entre nós.*

Cartailhac no Relatorio ao ministro respectivo sobre os trabalhos do congresso anthropologico de Lisboa; foi publicado avulso e reproduzido no periodico do mesmo Cartailhac *Materiaux pour l'étude de l'histoire de l'homme.*

Wirchow no Relatorio á Sociedade anthropologica de Berlim.

Ceuleneer, belga, no Relatorio ao governo.

Em alguns jornaes francezes e em muitos portuguezes appareceram correspondencias de varios excursionistas; mas fallece-nos o espaço para os mencionarmos todos.

Já antes tinha escripto sobre a Citania, em inglez Oswald Crawford, — sendo a parte relativa á Citania e Guimarães traduzida pelo snr. Alberto Sampaio e publicada na *Religião e Patria.*

*

O snr. Sarmento tem os seguintes diplomas honorificos:

Medalha de bronze, concedida pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, pelos serviços prestados na restauração da igreja de S. Miguel do Castello, em 14 de junho de 1876. Esta igreja d'um alto valor historico e architectonico, foi restaurada por iniciativa sua e debaixo da sua intelligente direcção.

Portaria de louvor do Governo pelas explorações da Citania, em 15 de setembro de 1876.

Officio da camara de Guimarães com extracto da acta da sessão, pelas explorações da Citania, em 15 de novembro de 1876.

Officio da camara de Vianna, com a acta da sessão extraordinaria, agradecendo a consideração com que tinham sido recebidos José Alfredo da Camara Leme e Visconde da Torre das Donas, que como delegados d'aquella cidade examinaram as ruinas da Citania no dia da primeira conferencia archeologica, datado de 14 de junho de 1877.

Socio effectivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em 14 de maio de 1877.

Socio honorario do Instituto de Coimbra, em 30 de junho de 1877.

Socio correspondente da Academia Real das Sciencias, em 4 d'abril de 1878.

Socio correspondente do Instituto Archeologico de Berlim, em 21 d'abril de 1879.

Socio honorario da Sociedade Democratica Recreativa, de Braga, em 31 de dezembro de 1879.

Medalha de prata, conferida pela Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em attenção ás explorações archeologicas, em 25 de maio de 1879.

Em 10 de dezembro de 1876 foi nomeado socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa e, em maio de 1883, foi-lhe conferido o diploma de socio ordinario.

Depois da visita dos archeologos estrangeiros á Citania foi nomeado pelo governo francez *Cavalleiro da Legião d'Honra.*

Em 29 de janeiro de 1882 foi proclamado socio honorario da Sociedade Martins-Sarmento

Foi esta Sociedade organisada para prestar homenagem ás suas elevadas qualidades, promovendo a instrucção da classe trabalhadora n'uma terra rica pelas suas tradicionaes industrias, mas inteiramente carecida d'instituições d'ensino. O nome d'um trabalhador incansavel e respeitado é o estimulo mais efficaz para o bom resultado da empresa de dar luz aos que precisam de vêr para trabalhar.

Além dos diplomas mencionados foi-lhe concedido o Habito de S. Thiago, mas não o aceitou. Quando os seus amigos lhe perguntam a razão da recusa responde : — Como queriam que eu aceitasse se já não cabia no cofre dos meus diplomas?

O motivo foi outro; mas não trahiremos a sua discrição. A recusa foi maior honra que o diploma.

*

O snr. Sarmento casou em 5 de fevereiro de 1876 com a exc.ma snr.a D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar, senhora de virtudes exemplares e filha d'uma familia nobre d'esta terra.

Estando na cidade vive quasi sempre no seu gabinete: raras vezes frequenta os passeios, mas é conhecido de toda a gente. Quando, no dia 9 de março de 1882, um grupo d'amadores solemnisou o seu anniversario natalicio com uma representação theatral em beneficio da Sociedade, que tem por timbre o seu nome, o publico saudou-o calarosamente e fez-lhe uma tão espontanea e calorosa manifestação de sympathia e respeito, como se não tinha ainda visto n'esta cidade.

Estando no campo ou á beira-mar passeia sempre.

Nos seus tempos romanticos era caçador de perdizes; gostava de subir á cumiada dos montes e contemplar os largos panoramas, ou abeirar-se dos grandes despenhadeiros. Alto, magro, de cabellos pretos ficava-lhe bem o traje de caça; mas era mau atirador. O espirito sempre enleiado em sonhos de phantasia, sempre perdido em vagas contemplações, não lhe deixava livre a rapidez de movimentos para apontar a caça com precisão.

Deixou-se d'isso: agora prefere a mansidão dos regatos, onde pesca trutas com notavel felicidade; é um amador eximio da pesca á linha.

Quando a gente o vai procurar fica preso na affabilidade das suas maneiras e no interesse d'uma variada conversação: e d'este modo soffre o snr. Sarmento de quando em quando a sua massada.

Ainda no vigor da idade e acceso no vivo interesse dos estudos archeologicos, possuindo um fundo de conhecimentos que de dia a dia se vai enriquecendo, é de crêr que nos dê valiosas producções sobre os problemas que o preoccupam.

*

Deixâmos assim esboçado apenas o perfil do nosso primeiro socio honorario.

José Sampaio.

CHRONICA

Dar conta dos factos occorridos em Guimarães durante o anno prestes a findar, e que representem um progresso qualquer, ou que simplesmente revelem as aptidões e vitalidade d'esta terra tão desconhecida ainda hoje, aprecial-os na influencia immediata ou remota que possam desempenhar no futuro d'ella, é a tarefa, que me foi distribuida. Aceitei-a bem a pezar meu pelo convencimento da propria incompetencia, porque assim o determinou um *dictador* inexoravel, em quem inconsideradamente delegáramos poderes discricionarios.

Tive de submetter-me embora este deficiente e incompleto trabalho vá diminuir o merecimento dos escriptos dos meus collegas, e lançar em tão bello conjuncto uma nota discordante.

O primeiro dos factos que me parece caber registrar aqui, é a continuação dos trabalhos encetados com o fim de pagar a secular divida de gratidão á memoria d'aquelle, « sem o qual, no dizer do nosso primeiro historiador, não existiria hoje a nação portugueza, e porventura nem sequer o nome de Portugal ».

A idéa levantada e patriotica de erigir, n'esta terra, onde abriu os olhos á luz da vida o fundador da monarchia por-

tugueza, um monumento, que prove ás idades futuras, que no ultimo quartel do seculo XIX alguns elevados espiritos emprehenderam pagar essa divida de honra, e que nasceu ao mesmo tempo aqui e no Rio de Janeiro, continuou propagando-se por modo sympathico principalmente nas terras de Santa Cruz. Esta manifestação espontanea de bem entendido patriotismo traduz além do sentimento de gratidão ao heroe que consagrou a sua longa existencia a reunir os elementos dispersos da gente portugueza, o elevado amor da patria, esse sentimento intraduzivel e venerando, que prende e enlaça as gerações ao sólo onde nasceram e que lhes representa um passado glorioso e grande.

É por este motivo que applaudimos tão generosa idéa, e não podemos comprehender por que razão encontrou em alguns distinctos escriptores nossos, opposição e hostilidade. Talvez que a intransigencia politica lhes não deixasse vêr, que o monumento a erigir era mais que a glorificação do monarcha ousado, a glorificação da idéa da patria. O modo por que este pensamento moveu em patriotico enthusiasmo os nossos patricios, que se manifestou bem claramente na reunião que teve lugar nos Paços do Concelho, o resultado da subscripção aberta desde logo entre os habitantes de Guimarães, attingindo a somma de 2:400$000 reis, é já motivo de legitimo orgulho, porque quando uma população se deixa possuir de tão generosos impulsos, revela que ha profunda vitalidade no seu organismo, e que é capaz de grandes emprehendimentos. O resultado da subscripção aberta no Rio de Janeiro e outras importantes cidades do imperio sob a protecção de nomes respeitaveis de brazileiros e portuguezes, não foi, ao que parece, o que havia direito a esperar-se. Talvez que a discordancia de qual seria o monumento mais condigno fosse motivo de desanimo, e desviasse aquelles dos nossos compatriotas que pensam que no lugar da estatua de marmore ou bronze representando o heroe coberto da sua pesada armadura e encostado ao montante, se deve levantar de preferencia a escóla, santuario da instrucção, onde os filhos do povo aprendendo a respeitar-lhe a memoria e a amar a patria, que elle lhes conquistára tão gloriosamente, se tornassem ao mesmo tempo cidadãos prestimosos e obreiros indefessos das novas e santas cruzadas do trabalho e do estudo. E com franqueza devemos confessar, foi-nos sempre muito mais sympathica esta maneira de pagar a sagrada divida, que temos para com D. Affonso Henriques todos os que sentimos pulsar o coração ao rememorar o nosso

glorioso passado, e que embora pertencendo a uma nação de acanhado territorio tem por si na historia factos de tal ordem que nos collocam a par das primeiras. Hoje que as condições de vida das sociedades modernas mudaram completamente, e que já não podemos, como no passado, descobrir e conquistar novos mundos, é pelas luctas incessantes do trabalho e do estudo, que podemos conquistar o direito de ser considerados capazes de constituir nação independente e autonoma. Por isso preferiràmos a escóla, e esperamos que esta idéa já lembrada tambem na primeira reunião do Rio de Janeiro seja maduramente pesada e tomada em consideração pela digna commissão que preside aos trabalhos do monumento a D. Affonso Henriques.

*

Outro facto, cuja realisação virá demonstrar d'um modo evidentissimo quanto vale a industria de Guimarães, e que será ao mesmo tempo uma verdadeira festa, a mais propria a nosso vêr, é a projectada exposição industrial e agricola do concelho de Guimarães, com que esta cidade se propõe solemnisar a abertura da linha ferrea.

Não fallaremos dos obstaculos e delongas propositadas, com que nas altas regiões officiaes se procurou embaraçar a conclusão d'este melhoramento d'importancia vital para nós, nem mesmo condemnaremos a pouca energia, com que em assumpto de tão verdadeiro e geral interesse protestamos e reagimos contra tal iniquidade. As difficuldades venceram-se por fim ainda bem; que tenham o louvor da propria consciencia, os que para isso envidaram sérios esforços; nós só temos que congratular-nos com os nossos patricios por dentro de breve prazo nos vermos ligados aos grandes centros do paiz. Temos fé, que a exposição projectada corresponderá á importancia real das nossas industrias, tornando-as mais conhecidas no paiz, creando-lhes assim mais ampla esphera de transacções, ser-lhes-ha estimulo de aperfeiçoamento, e servirá ao mesmo tempo para que os poderes do estado reconhecendo-lhes a importancia, attendam á justiça que nos assiste de pedir aqui a creação d'uma escóla industrial, ou ao menos d'algumas cadeiras de sciencias naturaes com applicação á industria. A exposição mostrará o que as nossas industrias produzem apesar de completamente desprotegidas e a aptidão verdadeiramente no-

tavel dos nossos industriaes, que sem as mais elementares noções d'ensino profissional, apresentam productos notaveis de variados ramos. Será lição e estimulo a todos, e a justificação plena, de que bem merecem o auxilio e cooperação de todos os seus concidadãos, os que se empenham por proporcionar instrucção ao nosso operario, tão carecido e merecedor de efficaz protecção, pela dedicação e assiduidade, com que esquecendo as fadigas do dia, vai procurar nos cursos nocturnos de desenho e francez, a instrucção, que com os nossos poucos recursos, por emquanto lhe podemos ministrar.

Tratando d'assumptos, que dizem respeito ás nossas industrias, não devemos deixar em silencio um facto que muito honra quem o praticou, porque mostra uma verdadeira comprehensão, de quanto importa ao progresso de qualquer industria o conhecimento dos processos mais aperfeiçoados. Referimo-nos a ter o acreditado negociante d'esta cidade o snr. Antonio da Costa Guimarães mandado a expensas suas um seu empregado a Manchester, onde residiu por espaço de 10 mezes estudando praticamente n'aquelle grande centro industrial da Gran-Bretanha os processos de trabalho dos mais modernos teares, que lhe permittam dar mais amplitude á sua já importante industria de tecidos de linho, e competir com vantagem em perfeição e preços com os estrangeiros. O snr. Costa Guimarães vai montar, segundo nos informam, tres teares vindos de Inglaterra em officina construida para esse fim e sob a direcção do seu empregado.

Endereçamos sinceros parabens ao snr. Costa, e muito teriam que lucrar as outras importantes industrias locaes, se todos os que se acham em identicas circumstancias tivessem uma tão clara comprehensão dos seus interesses e do melhor meio de conseguir o aperfeiçoamento das suas industrias.

Que este exemplo se propague e tenha imitadores, é o que do coração desejamos, e d'este modo em prazo muito curto as nossas industrias subiriam a um nivel muito levantado, o que traria em resultado notavel augmento da riqueza e prosperidade de Guimarães.

*

Sendo a imprensa um dos meios mais proprios para a diffusão dos conhecimentos humanos e para elevar o nivel da

instrucção geral concorrendo ao mesmo tempo para moralisar e bem dirigir o espirito publico na exacta comprehensão dos seus direitos e deveres, não podemos deixar de consignar com verdadeiro prazer o apparecimento de mais um periodico semanario, *O Espectador,* que pelo caracter e intelligencia dos seus redactores dá garantias de que saberá cumprir rigorosamente a sua missão civilisadora, impulsando os melhoramentos d'esta terra e concorrendo para que seja considerada como merece pela sua laboriosa população, pelo seu importante commercio e industrias, e pelas honradas recordações historicas de que se ufana com orgulho. Os nossos emboras sinceros aos sympathicos lidadores d'esta cruzada civilisadora.

*

Terminando esta ligeira chronica, releve-se-nos o deixar consignado aqui um tributo de sentida saudade á memoria d'aquelles dos nossos consocios, a quem a morte arrebatou d'entre nós, e que por diverso modo concorreram todos para a realisação dos fins sociaes.

O dr. Rodrigo Menezes succumbiu primeiro, como dos primeiros fôra sempre ao nosso lado; sempre prompto com o seu conselho prudente e amigo a dirigir e animar, acompanhando-nos em todos os trabalhos com inteira e completa adhesão e o enthusiasmo proprio da sua bella alma; mais tarde o exc.mo João de Castro Sampaio, gerente fundador do Banco de Guimarães, cidadão prestante, que não podendo, opprimido já pela molestia que ha muito o affligia, tomar parte mais activa nos trabalhos da installação da Sociedade, se associou todavia desde logo ao pensamento, que procuramos traduzir em factos, e de que elle comprehendia os fins nobilissimos e patrioticos: por ultimo o exc.mo conde de Villa Pouca, fidalgo lhano e verdadeiramente popular, cuja indole generosa e boa, cujo verdadeiro interesse pela instituição nascente se revelou bem claro na valiosissima offerta de dous mil e tantos volumes de obras valiosas com que concorreu para a organisação da nossa bibliotheca. Paz á sua alma, e um voto de sentida saudade á sua memoria.

30 de dezembro de 1883.

A. Germano.

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura o preço de 800 reis; cada fasciculo em separado 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. Os assignantes de fóra do concelho poderão pagar em estampilhas. As assignaturas são pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a GUIMARÃES, sendo a relativa á redacção a DOMINGOS LEITE DE CASTRO, e a relativa á administração a ANTONIO AUGUSTO DA SILVA CALDAS.

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

N.º 2 — Abril de 1884

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1884

ESTAR.to COMM.al E IND.al
SILVA CALDAS

Summario d'este numero

I. O deus Bormanico — Subsidio para o estudo da mythologia dos Lusitanos; por *F. Martins Sarmento.*

II. Questões praticas — Uma pagina da nossa desordem em jurisprudencia civil; por *Avelino Guimarães.*

III. A Sciencia e a Arte; por *Adolpho Salazar.*

IV. Os nossos socios honorarios — II. Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, 2.º conde de Villa Pouca; por *Domingos Leite de Castro.*

V. Boletim; por *Avelino Guimarães.*

VI. Chronica; por *Avelino Germano.*

O DEUS BORMANICO

Subsidio para o estudo da mythologia dos Lusitanos

São conhecidas as inscripções de Vizella consagradas ao deus Bormanico [1].

Bormanico, na opinião corrente, é uma divindade celtica, pela mesma razão que são d'origem celtica os povos da Lusitania.

Já n'outros trabalhos forcejamos por demonstrar que esta opinião, em si suspeita por deixar no vago a noção ethnographica de Celtas, mal se sustentava em face das investigações historicas e das revelações da archeologia [2].

Pelo estudo presente vamos vêr se no terreno mythologi-

---

[1] Não resistimos á tentação de aproximar uma d'ellas d'outra descoberta na Citania. A de Vizella: MEDAMVS | CAMALI | BORMANI | CO. V. S. L. A da Citania: CORV (?) | ABE | MEDAMVS | CAMALI. Em ambas as inscripções ha ligaduras de letras, que nos pareceu inutil apontar.

[2] Estes trabalhos são principalmente: *Os Lusitanos* e *Os Celtas na Lusitania*. N'este ultimo escripto, publicado na *Revista Scientifica*, do Porto, pronunciamo-nos pelo « germanismo » dos Celtas.

co chegamos aos mesmos resultados, a que chegamos no terreno historico, e por mais d'uma consideração damos o logar d'honra ao deus *celtico,* que temos ao pé da porta.

I

O culto de Bormanico estava largamente derramado pela Gallia, como o attestam numerosas inscripções achadas n'este paiz [3]. A dominação dos Celtas na Gallia é um facto incontestavel; porém,

1.º Noventa e nove probabilidades contra uma auctorisam a crêr que estas hordas intrusas, tão superiores aos povos preexistentes pelo seu genio guerreiro e pela união das suas forças, quão inferiores em cultura, adoptaram, ao fixar-se na Gallia, a civilisação dos vencidos, e nomeadamente a sua religião [4].

Nenhuma impossibilidade ha em que, ao lado dos antigos deuses gaulezes, se desenvolvesse o culto d'um deus propriamente celtico; mas,

2.º O culto de Bormanico existia na Lusitania, como sabemos, e quem procurar despreoccupadamente os Celtas na Lusitania não encontra rasto d'elles. Nós pelo menos temos baldado todas as diligencias n'este sentido e, em vista d'ellas, um deus celtico na Lusitania apparece-nos como um effeito sem causa.

3.º Bormanico era tambem conhecido na Liguria, onde o Itinerario d'Antonino menciona um *Lucus Bormani.* Ora os Ligures são um dos mais antigos povos áricos do occidente, muito anteriores aos Celtas e sem relação alguma com elles. Para explicar um Bormanico celtico na Liguria, seria necessario admittir que os Celtas, depois de semearem o culto d'este deus pela Gallia e pela Lusitania, o foram ainda semear pelas bordas do mediterraneo. A propaganda religiosa d'estes guerreiros barbaros do sec. VII a. C. em favor d'um deus das

---

[3] Colligidas por M. Chabouillet na *Revue Archeologique,* anno de 1880, fasciculo 1.º e seguintes.

[4] Vid. *Os Celtas na Lusitania.*

fontes (veremos que Bormanico não é outra cousa) tem alguma cousa de comico, ha de confessar-se.

4.º O culto de Bormanico encontra-se ainda entre os Mariandynos da Asia Menor, um povo quasi mythologico e que está por fortuna inteiramente fóra do alcance dos equivocos, que tem celtisado a torto e a direito quasi todas as antigas populações da Europa occidental.

Consideremos de perto estes dous ultimos factos, pela viva luz que elles lançam sobre o assumpto que nos occupa.

Os Ligures, já o dissemos, são um dos mais antigos povos arianos da Europa; encontramol-os estreitamente enlaçados nas origens ethnicas dos Italiotas, especialmente dos Latinos; encontramol-os já antes do sec. VII a. C. occupando as margens do Baltico e apontados como as primeiras victimas da invasão celtica; encontramol-os, antes do sec. XII a. C., no sudoeste da Hispanha. Como indo-europeus que eram, elles tinham vindo da Asia, seguindo com as maiores probabilidades o littoral-sul do Euxino e atravessando o estreito dos Dardanellos.

Os Mariandynos, povo da mesma familia [5], apparecem-nos para lá do estreito, á beira da famosa estrada, por onde passaram quasi todos os emigrantes asiaticos que demandaram a Europa.

Sendo impossivel admittir que a religião de Bormanico fosse transmittida pelos Mariandynos aos Ligures, depois que estes se internaram no continente europeu e se estabeleceram no occidente, força é concluir que o Bormanico occidental já acompanhou aquelles velhos emigrantes na sua peregrinação até ás extremidades da terra então conhecida, e o Bormanico mariandyno vale então, como valeria um marco milliario, allusivo á proveniencia d'este deus e á marcha que seguiu a propagação do seu culto.

Damos por assente que ninguem virá chicanar-nos a identidade do Bormanico oriental e occidental. Salvo os suffixos, que não têem valor para o caso, o *Borm*-os da Asia é letra

---

[5] Strabão, XII, III, 3, apesar de declarar que não encontrou nos historiadores antigos noticia alguma ácerca da origem dos Mariandynos, accrescenta que entre elles e os povos visinhos, Thynos, Bithynos, Mysios, etc., não havia a menor differença. Quanto á lingua, nem dialectalmente as havia. A nossa affirmativa tem, pois, a seu favor provas sobejas.

por letra o *Borm*-anus ligurico, o *Borm*-anicus lusitano, o *Borm*-on, *Borm*-an.. ou *Borv*-o [6] gaulez; como estes, o Bormos mariandyno tem intima relação com o culto das aguas. Dissemos já que os povos em que elle se encontra são todos da mesma familia. Se debaixo d'estas coincidencias se encobrissem entidades mythologicas differentes, o acaso faria aqui um milagre sem segundo.

Como não acreditamos em taes milagres, vamos examinar a legenda de Bormos, na certeza de que tudo quanto d'ella colhermos se ha de applicar ao deus vizellense.

Aqui está o que da sua biographia nos transmittiram os antigos.

Bormos era um lindo moço que lidava com uns ceifadores, quando estes lhe pediram para ir buscar agua a uma fonte. Bormos foi, mas não voltou. Cançados de esperar, os ceifeiros tiveram d'ir procural-o. Debalde. Bormos tinha desapparecido mysteriosamente. Para solemnisar o triste caso, os Mariandynos instituiram umas festas, em que pranteavam o desapparecimento do heroe, e que tiravam d'elle o nome de Bormoias.

Este Bormos, que desapparece mysteriosamente, quando os ceifeiros estão á espera da agua que elle lhes ha de trazer d'uma fonte, parece-nos, claro como o sol, a mythificação d'este simples phenomeno: — uma fonte que se sóme [7].

A nosso vêr, Bormos ou Borvo não é outra cousa mais que o *borbotão* d'agua, a fonte que *borbulha* do chão, a nascente divinisada, conforme o processo vulgar do antropomor-

---

[6] Todas estas fórmas apparecem nas inscripções gaulezas. A segunda acha-se truncada na ultima syllaba. Provavelmente é a de *Bormanus*, como na Liguria.

[7] Nos mythos antigos ha um desdobramento n'este sentido: o deus começa por ser o phenomeno em si, Div (o brilhante), o Sol; Agni o fogo, etc.. e, em regra, os elementos da sua biographia são outros tantos accidentes, que a observação concatenou sob um determinado ponto de vista. Depois o phenomeno é personalisado em consequencia das illusões da linguagem, ou por outro motivo, e esta segunda concepção, bem que puramente phantastica, fica predominante, em quanto o phenomeno que lhe deu origem passa a ser a manifestação do deus ou cousa equivalente. Aqui está porque Bormos, que era primitivamente a nascente, a fonte, póde depois da sua evolução antropomorphica, mover-se independentemente e ir elle proprio á fonte. Sem estudar bem esta dualidade nos mythos antigos, é quasi impossivel comprehendel-os.

phismo ariano, e o enigma etymologico do seu nome faz-nos lembrar a adivinha — *cal* é elle, *cal* é ella — pois que, se não erramos, Bormos ou Borvo contém a mesma onomatopêa que *borbotar, borbulhar,* vocabulos, de que *barbar, murmur* e quejandos, são antigos fiadores [8].

«Esta agua que rebentava do seio da terra — diz Mr. Decharme, fallando dos Gregos — sem que se soubesse d'onde ella vinha, infatigavel na sua perpetua actividade, punha-os em face do desconhecido, d'uma energia mysteriosa da natureza. Este espectaculo despertava n'elles o sentimento do divino [9]».

Tal era a origem divina do Bormos mariandyno. Mas o seu desapparecimento subito implica uma circumstancia importante nas entidades d'esta especie, e que o distincto mythologo francez quasi que desprezou no seu trabalho.

Os deuses-rios e os deuses-fontes estavam sujeitos áquellas e a peores contingencias.

É assim que o Lityersas phrygio, cuja legenda J. Pollux associa á de Bormos [10], tinha sido morto por Hercules e o seu cadaver arrojado ao rio Meandro.

Aqui está bem ás claras a causa do desapparecimento do heroe: — é a estiagem.

Hercules, Apollo, em summa todos os deuses solares são, sob certo ponto de vista, os inimigos naturaes dos rios e das fontes: quer dizer os rios e as fontes não podem resistir ao calor excessivo do sol.

Se os rios eram possantes como o Achelôo, imaginava-se uma lucta entre os dous adversarios, mas feliz do rio, se sa-

---

[8] N'este presupposto, a fórma pura de Bormos devia ser Borbor, e tal é o nome d'um rio da Macedonia, mencionado por Plutarcho no seu Tratado *de Exilio*. Não ignoramos que alguns etymologistas vêem em Bormanico a raiz *ferv*. mas, a julgarmos por E. Curtius. *Grundzüge der Griechischen etymologie*. principalmente pg. 188, 300, 486, *ferv* é uma fórma já alterada e presuppõe uma outra mais primitiva, que é ainda um *desideratum*.

[9] Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, pg. 325.

[10] J. Pollux, *Onomasticon* IV, VII, 54. Os Mysios tinham uma legenda muito similhante á de Bormos. Aqui o heroe é Hylas, tambem um formoso moço. que vai buscar agua a uma fonte. Quando se debruça para encher a sua urna, uma Dryope, encantada da sua belleza, rapta-o para as profundidades da terra. Os Mysios choravam o desapparecimento d'Hylas, como os Mariandynos o de Bormos.

hia das mãos d'Hercules, tendo perdido apenas um dos seus cornos, i. é, tendo ficado reduzido á metade do seu volume d'agua [11].

Os riachos, como Lityersas (um affluente do Meandro, parece), esses nem resistencia offereciam.

D'esta hostilidade dos deuses solares nem as nymphas eram exceptuadas; mas, como é de esperar entre entidades de sexo differente, a tragedia tomava um aspecto diverso e ahi temos taes e taes nymphas que se suicidam, por não poderem evitar d'outro modo as perseguições d'Apollo, que as requesta um pouco brutalmente.

O suicidio das nymphas, a morte de Lityersas, o desapparecimento de Bormos são innegavelmente variantes d'um mesmo thema, e nós iriamos longe, se quizessemos recolhel-as todas. A sua multiplicidade mostra, porém, que, se o rebentar das aguas impressionou o espirito dos antigos, o seu desapparecimento repentino não os impressionou menos, e isto explica-se tanto mais facilmente, quanto este ultimo phenomeno trazia comsigo calamidades sensiveis.

A quem ellas deviam affectar principalmente era aos agricultores, e é sem duvida por isso que as Bormoias eram instituições de lavradores e Lityersas era mesmo considerado como um antigo rei lavrador.

Accentuemos, porém, tres vezes que a feição agricola, com que nos apparece aqui o culto das aguas, não póde deixar de vir d'uma phase secundaria e nada primitiva, pois que é de vêr que a divinisação dos rios e das fontes não esteve á espera da invenção da lavoura.

Esta observação é de capital importancia, quando se aproxima o Bormanico oriental do occidental, cujas attribuições são apparentemente diversas. Por a não levarem em conta, a maioria dos investigadores, vendo que o Bormanico do occidente apparece quasi sempre em localidades, onde se encontram thermas, têem-n'o por um deus exclusivamente medico,

---

[11] A explicação dada por M. Decharme a este mytho, a pg. 327 da sua obra, é no essencial a nossa. A de pg. 506, pouco coherente com a primeira, parece-nos forçada, como outras de Schwartz. Os rios eram comparados a differentes animaes, de preferencia aos touros, provavelmente por causa do mugido das suas aguas, e representados ás vezes sob a fórma humana, mas com uma cabeça de touro. Alguns tinham mesmo o nome d'este animal.

e ficam desnorteados quando uma inscripção o menciona em qualquer sitio, em que nenhum vestigio d'aguas thermaes se descobre [12].

Pelo que fica dito, e a começar pela onomatopêa do seu nome proprio, o mytho de Bormos na sua fórma primitiva é absolutamente estranho ás aguas thermaes e ainda á agricultura. Bormos é o borbotão d'agua; o seu caracter divino vem-lhe do mysterio da sua origem e não dos beneficios que liberalisava ao homem. Tambem não foi a agricultura ou a qualidade medicinal de certas aguas que entrou como factor no episodio do seu desapparecimento. É intuitivo. A sua biographia ficava completa n'estes traços essenciaes, mesmo que a agricultura e a medicina nunca fossem descobertas. Com a invenção d'ellas e desde que a acção fertilisante das aguas sobre as terras é reconhecida, o deus torna-se naturalmente um protector da lavoura, e o lavrador instituirá agora litanias em sua honra, muito provavelmente com o pensamento egoista d'alcançar d'elle que não desappareça a fonte, onde se vê o seu genio tutelar, como a tradição, já mal comprehendida, dizia que elle desapparecera.

Pelo mesmo motivo, desde que a experiencia mostrar as virtudes curativas de tal nascente, Bormos tornar-se-ha um deus curandeiro.

Mas evidentemente tudo isto são accessorios, que accresceram ao mytho primitivo, e póde dar-se como certo que das honras que Bormos vai progressivamente conquistando, ao passo que os conhecimentos humanos se alargam, a de deus medico é a ultima em data.

Não póde soffrer duvida que o Bormanico do occidente já trouxe da Asia para a Europa o seu titulo de protector da lavoura, pois que todos os povos arianos conheciam a agricultura, quando se estabeleceram n'esta parte da terra; é, porém, muito duvidoso que elle já trouxesse a reputação de salvador de doentes. Plinio pelo menos tinha razões para acreditar que o uso das aguas thermaes ainda não era conhecido no tempo d'Homero [13], e o facto de vêrmos na Gallia um Bormos, genio das aguas communs, ao lado d'um Bormos, genio das aguas

---

[12] Um d'estes exemplos em Belloguet, *Glossaire gaulois*, verb. *Bormana*.

[13] Plin. *H. N.* XXXI, 32.

thermaes, se não resolve peremptoriamente a questão, confirma a nossa these principal, a saber: — que onde quer que o mytho de Bormanico se encontre, domina sempre a noção principal e primitiva — a nascente, a fonte, sem attenção á qualidade especifica das suas aguas.

II

Tudo o que fica dito deixa concluir que o Bormanico lusitano é uma entidade que se filia no systema mythologico dos povos áricos da Asia Menor, que é no fundo um e o mesmo que o do mundo hellenico.

Estamos a mil leguas dos Celtas.

N'este ramo importante e caracteristico das religiões antigas — o culto das aguas — póde, pois, affirmar-se com quasi certeza que os mythos levados pelos Hellenos para a Grecia, localisados pelos Mariandynos, Mysios, Phrygios etc., nos seus respectivos paizes, são na essencia os mesmos, que importaram e vieram localisar no occidente os povos da grande migração indo-europêa, que encontramos mais tarde com o nome de Ligures, Gaulezes, Lusitanos, etc.

Estas conclusões, que a muitos parecerão extranhas, surprehendem-nos mediocremente, desde que temos visto desenterrar das nossas cidades mortas reliquias d'uma arte que tem flagrantes analogias com as desenterradas em Mycenas e desde que, em vista d'estes e d'outros factos, pesamos com attenção os textos dos antigos, segundo os quaes os observadores gregos affirmavam ter encontrado n'estas extremidades da terra nomes e costumes *seus* [14].

No terreno que estamos trilhando, a unica surpreza para nós seria que a concordancia de concepções mythicas se limitasse a um ponto unico e que em tudo o mais entre os árias occidentaes e os seus irmãos do nascente houvesse uma completa divergencia. Isto importaria uma reforma religiosa, realisada por uns ou por outros, depois da sua separação.

Uma similhante solução póde namorar aquelles que, com-

---

[14] Vid. *Lusitanos,* pg. 16 e 22.

parando o nome de Bormanico com os nomes dos outros deuses que a epigraphia da Lusitania nos salvou, e vendo em todos elles um ar de familia tão accentuado que é impossivel recusar-lhes uma mesma proveniencia, notarem ao mesmo tempo que entre estes nomes e os do Olympo ariano, incluindo o grego, não ha a minima analogia, salvo, bem entendido, o do deus, cuja legenda estudamos.

Vejamos, porém, o que vale esta questão de nomes.

Entre os Gregos e os Romanos dá-se n'este particular o mesmo caso que entre os Lusitanos e os Gregos. Onomasticamente, o Marte romano nada tem de commum com o Ares grego, Neptuno com Poseidon, Mercurio com Hermes, Juno com Hera, Minerva com Athena, etc., e não obstante, pelo estudo das attribuições das divindades confrontadas, sabe-se que na essencia [15] ellas eram a mesma cousa.

A explicação é uma só; é que, ao tempo da separação dos Gregos e dos Italiotas, a nomenclatura divina estava ainda por fixar no mundo ariano.

Isto não é uma mera supposição. Affirma-se a cada passo, sob a fé d'Herodoto, que os Pelasgos não conheciam os nomes e sobrenomes dos seus deuses; mas raras vezes se accrescenta que, segundo o historiador, o mesmo succedeu aos Gregos, «cuja theogonia — diz elle — era, a bem dizer, d'hontem [16]».

Assim, até epochas relativamente recentes, e com certeza ao tempo da separação dos Gregos e das tribus áricas que vieram estabelecer-se na Italia, os nomes dos deuses do mundo ariano estavam, como já dissemos, por fixar. O que havia já, pois vêmos mais tarde na Grecia e na Italia as mesmas entidades com identicas attribuições, era tendencias polytheisticas pronunciadas n'um determinado sentido, concepções antropomorphicas meio esboçadas, que para exigirem um nome

---

[15] Na essencia. As differenças accidentaes, que se podem vêr no livro de Preller, *Les Dieux de l'ancienne Rome*, são a favor, e não contra o nosso modo de vêr.

[16] Herodoto, II, 52-53. Não será inutil transcrever a passagem, relativa ao ultimo facto. «Por muito tempo se ignorou qual a origem, fórma e natureza de cada deus; se os deuses existiram sempre. A bem dizer é d'hontem que o sabemos; porque eu penso que Homero e Hesiodo viveram apenas 400 annos antes de mim e foram elles os primeiros que nos seus versos expozeram a theogonia, que fallaram dos sobrenomes dos deuses, do seu culto, funcções, etc.»

proprio só esperavam o momento da sua incarnação n'uma fórma concreta.

Ora sendo fóra de toda a duvida que as primeiras tribus arianas que vieram occupar a Gallia, o norte do Rheno, as ilhas Britannicas, a Hispanha, se separaram dos Italiotas e Gregos muito antes da epocha, em que Herodoto data a systematisação da theogonia dos seus compatriotas, só por um verdadeiro acaso é que os nomes, escolhidos por aquelles povos para a designação dos seus deuses, podiam ser identicos aos que os Romanos e Gregos escolheram para os d'elles. A absoluta differença, que já verificamos na onomastica do Pantheon d'estes dous ultimos grupos ethnicos, diz-nos o que ha a esperar de taes acasos [17].

O argumento tirado da differença dos nomes divinos, que se encontra nos Lusitanos, Romanos e Gregos, não vale pois nada contra a identidade d'origem das suas respectivas mythologias; elle converte-se, pelo contrario, em argumento a favor da alta antiguidade da migração dos occidentaes e da opinião que colloca esta migração no periodo, que chamaremos pelasgico, o dos deuses innominados.

Destruida esta objecção, á primeira vista formidavel, nós pedimos ao leitor que se dê ao trabalho de meditar os seguintes factos:

Dos Gaulezes diz Cesar, que elles honravam, entre outros deuses, Mercurio, Apollo, Marte, Jupiter, Minerva, e que tinham d'estas divindades, pouco mais ou menos, as mesmas ideias, que as outras nações (é quasi dizer os Romanos e Gregos [18]). Ora com toda a certeza os deuses gaulezes, a que se refere Cesar, não tinham os nomes, com que elle os appellida na sua obra; tinham nomes muito diversos [19]; mas, tal era a identidade d'attribuições entre elles e os deuses romanos, nomeados pelo auctor dos Commentarios, que o nosso informador não hesita em equiparal-os. Ha nada mais significativo?

Com os Lusitanos repete-se a mesma cousa. Strabão diz-nos que um dos seus deuses era Ares, o Marte d'alguns tra-

---

[17] Bom é notar que os nomes onomatopicos, como Bormos, estão em condições excepcionaes.

[18] Cesar, *De B. G.* VI, 17.

[19] Sobre este ponto vid., entre outros, C. Robert, *Epigraphie gallo-romaine de la Moselle*, pg. V.

ductores [20]. O deus da guerra dos Lusitanos nem podia ter o nome grego d'Ares, nem o nome romano de Marte e, se Strabão ou os seus informadores o identificam com o deus da guerra seu conhecido, é simplesmente porque reconheceram nas duas entidades o mesmo caracter e as mesmas funcções. Quanto ao culto, os Lusitanos faziam hecatombes *ritu græco;* os Gallegos eram peritos na arte augural, etc.

Provas d'esta especie, poderiamos multiplical-as, bem que os antigos escriptores tratassem com extremo desdem as cousas respeitantes aos «barbaros». As que ficam expostas bastam, porém, ao nosso intento, que é: mostrar a inconsistencia do prejuizo que parece levantar entre o Olympo greco-romano e o dos povos, que, por abreviar, temos chamado occidentaes, uma barreira infranqueavel, tolhendo a verdadeira orientação n'este ramo archeologico de primeira ordem.

Estamos mesmo persuadidos de que não foi tanto a tolerancia religiosa, attribuida ao mundo antigo, que produziu a rapida adopção dos deuses dos romanos no occidente subjugado por estes e vice-versa, mas as affinidades intimas entre a religião dos conquistadores e conquistados [21] — e, para terminar, temos a convicção profunda de que os progressos da linguistica penetrando no significado verdadeiro dos nomes dos deuses lusitanos, o estudo das legendas locaes, das tradições, etc., hão de vingar a nossa opinião da pecha de paradoxal, com que naturalmente será acoimada hoje.

Guimarães, 25, 3, 84.

F. Martins Sarmento.

---

[20] Strab. III, III, 7.

[21] Depois da conquista, alguns deuses dos «barbaros» apparecem com dous nomes, um romano, outro indigena. Vid. Orellius-Henzen, *Inscriptionum,* etc., entre ellas 1977, 1978, e principalmente 1960.

QUESTÕES PRATICAS

Uma pagina da nossa desordem em jurisprudencia civil

No parlamento portuguez não ha, pelo que parece, tempo nem lugar para tratar das pequenas cousas; e o governo, preoccupado igualmente com as questões mais transcendentes, esquece tambem o que é pequeno, muito embora o que pareça de somenos valor perturbe profundamente as relações juridicas dos cidadãos, e magôe a maior parte dos habitantes d'este paiz soffredor, a quem mais aproveita a interpretação d'uma lei obscura, a reforma d'um artigo inconveniente de qualquer dos nossos codigos, do que as demoradas discussões d'uma limitadissima reforma da Carta, ou d'outro qualquer assumpto, que irrita os animos dos partidos em quanto o povo pede melhor ordem nas instituições, o cumprimento das leis vigentes, a satisfação de solemnes promessas.

Vamos nós lembrando... Não dizemos bem, porque não vai tão longe a nossa voz: diremos melhor, com mais verdade e com mais modestia, que vamos criticando, mui obscura e timidamente, com os recatos d'uma conversa em familia, mas com a franqueza e liberdade correspondente, o esquecimento pelos governos portuguezes da celebre commissão promettida no art. 7.º da lei de 1 de julho de 1867.

Esta lei promulgou o Codigo civil, que começou a vigorar em 22 de março de 1868.

Esta codificação, a maior, depois das Ordenações em 1603, em jurisprudencia civil, foi recebida com verdadeiro regosijo publico. A imprensa periodica encareceu o acontecimento com tão subido enthusiasmo, que um jornalista mui distincto, collaborador do *Commercio do Porto,* annunciou a superfluidade da advocacia, para que qualquer, sabendo lêr, pudesse conhecer os segredos da lei, e affirmou a rapida depressão do movimento de litigios.

Illudiu-se. O eminente escriptor não tinha reflectido, pelo menos, nas contradicções de varios artigos do novo Codigo, na obscuridade do texto d'outros, nem previu de modo algum que a salutar providencia do citado art. 7.º da lei de vigencia ficaria esquecida desde 22 de março de 1868 até á data d'estas modestas considerações.

Confiou de mais na perfeição da lei, e nas promessas de governos.

O citado artigo diz:

«Uma commissão de jurisconsultos será encarregada pelo governo, durante os primeiros cinco annos da execução do Codigo civil, de receber todas as representações, relatorios dos tribunaes, e quaesquer observações relativamente ao melhoramento do mesmo Codigo, e á solução das difficuldades que possam dar-se na execução d'elle. Esta commissão proporá ao governo quaesquer providencias, que para o indicado fim lhe pareçam necessarias ou convenientes».

A commissão chegou a ser nomeada por decreto de 13 de fevereiro de 1868.

Segundo o art. 1.º do decreto compunha-se dos snrs. visconde de Seabra, conde de Cabral, conselheiro Sebastião d'Almeida e Brito, conselheiro Joaquim José da Costa e Sima, conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, conselheiro José Antonio Ferreira Lima, bacharel José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, bacharel Antonio Gil, bacharel Paulo Midosi, bacharel Francisco da Cunha Teixeira de Sampaio.

Mas que fez? Organisou-se? Manifestou pela publicidade de trabalhos a sua existencia?

Parte dos vogaes da commissão são fallecidos: é o que unicamente sabemos.

Se fôramos a avaliar a perfeição do Codigo pelo silencio da commissão, affirmariamos que é o mais perfeito dos Codigos europeus.

Todavia é certo que a necessidade de trabalhos da com-

missão, que a urgencia de reforma de diversos artigos do codigo, se tornou dentro de pouco evidente.

O projecto de Codigo, confeccionado pelo eminente jurisconsulto visconde de Seabra, se continha defeitos de doutrina, que foram corrigidos, constituia uma collecção de leis harmonicas, subordinadas a unidade de pensamento, a uniformidade de systema. Depois foi revisto, discutido, emendado, interpolado em muitas das suas disposições: d'aqui veio o conflicto de doutrinas, que se enunciam em diversos capitulos; d'aqui veio a antinomia de artigos, que perturbou o fôro, e ainda hoje alimenta a divergencia de opiniões, com o que se abre campo vastissimo onde os jurisconsultos portuguezes floreiam a sua alta critica e subida intelligencia, mas com o que tambem se causa a fluctuação e contradicção de julgados, o perdimento de enormes despezas nas custas de litigios, a hesitação e incerteza de conselho na banca do advogado, o conflicto dos tribunaes nas decisões dos pleitos. Poucos exemplos bastarão para prova do que affirmamos.

O art. 1685.º decretou a fórma summaria para as acções de dividas de fóros. Esta disposição foi vivamente criticada pelos que entenderam que o artigo era impertinente no Codigo civil, tendo melhor cabimento no Codigo do processo. Questão de methodo, que pouco interessava á maioria dos cidadãos.

O que muito lhes interessou até que o Codigo do processo, creando as acções — ordinaria e executiva —, dissipou as duvidas, foi a divergencia de julgados, e tamanha foi ella que poderemos classifical-as como representantes de tres escólas: — escóla — *a* —, que julgava todas as dividas de fóros, antigas e correntes, sujeitas á prescripção d'aquelle artigo; escóla — *b* —, que sustentava que o artigo não tinha applicação aos fóros vencidos antes da vigencia do Codigo civil; escóla — *c* —, que julgava o artigo applicavel a todas as dividas de fóros, não se commulando o pedido de juros ou de tractu successivo.

Tal era a incerteza, tantos foram os processos annullados, que um advogado d'esta cidade, convidado pelo snr. barão de Pombeiro a intentar uma acção de fóros, pediu-lhe que *escolhesse* a fórma da acção, como quem extrae o bilhete d'uma rifa!

As duvidas cessaram, as contendas dirimiram-se, não obstante o silencio da commissão, e o descuido dos governos, porque o Codigo do processo estabeleceu nova fórma d'acções para a exigencia de fóros.

A jurisprudencia continúa irritada e incerta para determinar se sim ou não um — lhe —, que se encontra no art. 72.º — deve valer por — lhes —; e todavia o pronome representa valiosissimos interesses nas heranças de ausentes, tão frequentes n'este paiz, especialmente n'esta provincia do Minho, onde a emigração constantemente nos seduz, nos arrebata milhares de cidadãos.

A emigração depende de causas mui complexas, que não pertendemos agora apreciar: para o nosso proposito basta que recordemos que a emigração é um facto irreductivel, variando unicamente na intensidade conforme as condições que a provocam.

Em Portugal, que conserva as tradições das conquistas, que renova as relações de commercio no Brazil, nas possessões da Africa e Asia, afigura-se-nos que nunca a emigração deixará de ser mais ou menos intensa, por maior que um dia possa ser a prosperidade e opulencia d'este retalho occidental.

Em jurisprudencia civil a parte relativa ás heranças dos ausentes tem conseqüentemente uma importancia capital, pela sua frequencia, principalmente n'esta provincia e nas povoações costeiras, e pelos valores, ás vezes subidos, que representam.

Comtudo a commissão nada diz ácerca do — lhe —: não nos esclarece sobre se é melhor a escóla, que prefere a letra aos argumentos, se a que, argumentando com o espirito da lei, com o absurdo de attribuir-se nova herança ou faculdade de adquirir a quem se presume morto e na época em que se presume, com o presumido erro typographico, sustenta que o — lhe — vale — lhes — para referir-se a — bens —, e não ao — ausente —.

Os artt. 1500.º e 2107.º do Codigo civil abriram a mais extensa controversia entre os jurisconsultos portuguezes: a imprensa juridica, os advogados, os tribunaes nas enunciações e disposições dos seus julgados, têm sustentado diversas opiniões, emittido differentes alvitres para harmonisar os textos dos dous artigos litteralmente antinomicos.

Os dous artigos estão assim redigidos:

« Artigo 1500.º Se, porém, o donatario fôr tambem coherdeiro, só poderá reter o immovel doado, se o valor d'esse immovel não exceder o da legitima do coherdeiro accumulada com o da doação reduzida. No caso contrario, o donatario entrará com o immovel doado para o casal, e será pago da

legitima, e da doação reduzida, em conformidade das regras geraes que regulam as partilhas».

«Artigo 2107.º A collação far-se-ha, não em substancia, mas pelo valor que as cousas dotadas ou doadas tinham ao tempo do dote ou da doação, ainda que então não fossem estimadas, excepto se os interessados, sendo maiores, concordarem em que a collação se faça em substancia».

As doações são contractos frequentissimos, e sempre o foram; tanto mais frequentes, quanto mais densa fôr a população, e mais subdividida a propriedade, como no Minho. A estas causas accresce ainda, n'esta provincia, a da vulgarisação da emphyteuse.

A conveniencia d'um casamento, ou determinada por affeições amorosas, que não repugnam aos paes doadores, ou estabelecida pela necessidade da remissão de dividas, é causa directa e a mais vulgar da doação de bens, pela qual os paes se privam em beneficio dos filhos da totalidade ou parte de seus bens, e muitas vezes talham em vida, por meio indirecto, a partilha da herança futura, dando a um filho os bens immoveis, fixando em favor dos outros tornas em dinheiro.

É portanto claro que o capitulo de doações é dos mais importantes para as relações civis dos cidadãos.

Pela letra do art. 1500.º, se o valor do immovel doado excede o valor da legitima do coherdeiro, e a terça da herança, calculada pelo valor de todos os bens, doados e por doar, ao fallecimento dos doadores, e os predios, objecto da doação, são juridica ou physicamente indivisiveis (como um prazo, uma casa d'um só andar ou sem commoda divisão), a doação annulla-se, os bens entram no casal, e o donatario recebe em reis o valor da sua legitima, e o da terça.

Pela letra do art. 2107.º, a collação em especie ou substancia de bens doados *sómente deve* fazer-se, se todos os interessados, sendo maiores, concordarem em que assim se faça. Se os interessados forem menores, ou algum o fôr, ou houver ausente ou interdicto, a conferencia de bens doados só póde fazer-se pelo valor que as cousas tinham ao tempo da doação.

De face á letra dos dous artigos é pois evidente a antinomia.

O eminente jurisconsulto, conselheiro Dias Ferreira, procurou conciliar os dous textos, mas aventou dous alvitres (art. 1147.º e 1500.º), duplicidade que prova as difficuldades do assumpto, a innegavel antinomia dos dous artigos.

N'esta fluctuação d'opiniões, a jurisprudencia dos tribunaes superiores tem pendido para acceitar a validade das doações, nas conferencias de coherdeiros, julgando applicavel o art. 2107.º e não o 1500.º, argumentando, com um certo rigor hermeneutico, que o lugar proprio para regular a hypothese é o das collações, e n'este inclue-se o art. 2107.º

Pronunciou-se n'este sentido o Supremo Tribunal de Justiça em accordão de 7 de julho de 1876, e a Relação do Porto em varios accordãos.

Tambem nos parece que é esta a melhor jurisprudencia. A rescisão de contractos causa sempre perturbação, muitas vezes gravissimos prejuizos; a rescisão de doações causa-os com a mesma gravidade, perturba as relações dos coherdeiros, e provoca no seu espirito irritações inconvenientes e profundas. A legislação d'um paiz não deve sómente ter por fim procurar o absoluto na igualação de interesses, mas concorrer por todos os meios para a harmonia da familia, sem duvida base efficacissima de moralisação social. As irritações provocam muitas vezes os odios, e o odio é sempre mau conselheiro, e perfido guia.

Sobre o que accresce que, se a doação é rescindivel, foi illogico admittir a realidade de alienações feitas pelo donatario antes da época da conferencia. Seria então melhor, mais harmonico com todos os interesses, prohibir absolutamente as doações de valor excedente á legitima e terça provavel, como se prohibe nas doações de bens dotaes pelo art. 1149.º

Seja porém como fôr, o que é certo é que as duvidas expostas, que têm agitado o fôro portuguez, surgiram logo nos primeiros annos de vigencia do Codigo, e ainda não houve providencia especial que as dirima, e substitua o socego, a segurança e regularidade de relações dos coherdeiros á perturbação constante, que não raro provoca dolorosos espectaculos.

Identicas difficuldades têm surgido para a conciliação e interpretação das disposições contradictorias dos artt. 1760.º e 1814.º, e dos artt. 1870.º e 2199.º Na carencia de trabalhos da commissão, vai a jurisprudencia seguindo a sua róta, e procurando sahir das fluctuações pela repetição de julgados em determinado sentido, o que até certo ponto equivale a uma interpretação authentica.

A obscuridade do art. 566.º, disposição transitoria sobre prescripções, levantou igualmente larga controversia de jurisconsultos, e contradicção de julgados; e é certo que, não obs-

tante rarearem progressivamente as questões de interpretação do artigo, porque o tempo de vigencia do Codigo tem alargado a comprehensão de hypotheses ás regras e prazos estabelecidos n'esta collecção, não era ainda superflua uma providencia que facilitasse a execução certa e uniforme do art. 566.º

Dando uma nova direcção a estas considerações, occorre-nos, pela leitura do art. 1534.º do Codigo civil, a necessidade de reformar a nossa legislação cambial. Sem que se reforme, é impossivel a plena execução da mui salutar providencia d'este artigo.

Por elle prohibe-se que o mutuo excedente a 400$000 reis se possa provar por testemunhas ou escripto particular. Só póde provar-se por escriptura publica.

O artigo teve o fim de acautelar as frequentissimas fraudes, com que muitas vezes eram, e são ainda hoje logrados os homens de boa fé, e roubadas as fortunas alheias com apparencias de legalidade quando os traficantes encontram com facilidade testemunhas sem brio, falsarios incorregiveis.

Infelizmente a velha praga social do juramenteiro falso não se extinguiu. Os juizos de Deus medievaes não resolveram o problema. O nosso Codigo penal é inefficaz, porque o juramenteiro falso *perito* no officio facilmente evita a sancção penal. E se é muitas vezes difficil determinar a falsidade objectiva d'um depoimento, é muito mais difficil conhecer e affirmar ou provar a falsidade subjectiva, quando proveio, não d'um acto da vontade, mas d'um erro dos sentidos, d'um erro ou d'uma visão do espirito.

Conhecedor da impossibilidade de extinguir estes escorpiões forenses, por mais energico que seja o rigor dos tribunaes, o legislador estabeleceu o preceito do art. 1534.º

Mas os intuitos do legislador são fraudados, largamente fraudados pelas letras de terra e de cambio, e pelos escriptos particulares de quantias inferiores, cuja somma exceda os 400$000 reis, de que falla aquella lei.

Pela lei de 27 de julho de 1849 foram considerados actos de commercio todas as letras á ordem, sem distincção da qualidade das pessoas ou de objecto de que resulta a obrigação.

As letras que eram sómente usadas entre commerciantes, e por obrigações commerciaes, por virtude d'esta nova lei foram permittidas para quaesquer obrigações contra quaesquer pessoas, tendo os mesmos privilegios cambiaes e exclusivo do fôro.

Esta lei, que teve o intuito de facilitar as transacções, teve

o gravissimo inconveniente de dar lugar ás fraudes, a descaradas traficancias.

O art. 1534.º, que veio no intuito de evital-as, não póde ter execução em quanto aquella lei vigorar, porque o mutuo de quantia superior a 400$000 reis faz-se por meio das letras, sem a menor intervenção de official publico. Os abusos da ignorancia e inexperiencia de menores, de mulheres, de lavradores, finalmente de toda a gente incauta e pouco desconfiada, são constantes.

Ha traficante que tem adquirido sem risco, mas impune e facilmente, avultadas fortunas á custa do prejuizo alheio, muitas vezes da penuria dos desgraçados que se lhe confiaram!

Ventilaram-se já alguns pleitos, sustentando-se a nullidade das letras pela simulação em fraude do art. 1534.º do Codigo civil; mas a lei de 1849 dá ás letras a natureza de actos commerciaes, e o Codigo civil sómente comprehende actos e contractos civis: a opposição dos responsaveis foi rejeitada.

É consequentemente evidente que ou ha de revogar-se aquella lei de 1849, ou o art. 1534.º só terá execução para os mentecaptos.

A revogação da referida lei não basta.

A chicana inventou tambem outro meio de fraudar a disposição da lei civil. Como o artigo permitte que o mutuo de 200$000 a 400$000 reis se póde provar por escripto particular, credor e devedor, para evitarem a despeza da intervenção d'official publico, desdobram a quantia do mutuo, seja de um conto, dous ou mais, em pequenas parcellas de 200$000 a 400$000 reis.

É certo que este meio de infringir a lei não produz tão extensamente os effeitos perniciosos do uso e abuso das letras.

Estas, desde que subiram das cidades ás encostas das serras, desde que transcenderam do trafico commercial a todas as relações civis que produzem divida, são a rede infernal do jogo da mais desenfreada usura, o instrumento das mais refinadas ladroeiras.

Accresce a facilidade das falsificações de firmas, pela qual ninguem póde affirmar hoje que ámanhã não esteja reduzido á mais extrema miseria.

Se pois a lei civil se fez com espirito sinceramente reformador, urge que se estudem e promulguem providencias que assegurem a sua plenissima execução.

São numerosos os artigos que necessitam de interpretação

authentica, ou reclamam urgentes reformas: bastam, para exemplo, os apontados.

Mas desde 22 de março de 1868 até hoje apenas se promulgou a lei de 3 de abril de 1873, interpretativa do art. 1675.º do Codigo civil, algumas portarias do ministerio da justiça, cuja authoridade é duvidosa e questionada. Dos trabalhos da commissão, se os ha, guarda-se o mais absoluto silencio.

Durará ainda por muito tempo? Continuará a jurisprudencia do fôro com a feição aleatoria, fluctuante, ás vezes indecorosa, como se tem manifestado até agora?...

Oxalá que os governos portuguezes consigam dias de descanço das preoccupações, das controversias agitadas, em que se enredam, e os enredam, para solução dos altos problemas, de subido valor subjectivo e theorico, a que, por não ser reclamada pela maioria do povo, ousamos chamar — problemas de ostentação —: é possivel que occasiões de remanso lhes dêem lugar de vêr que é com as pequeninas questões que os pequenos soffrem, e que são os pequenos que constituem a maioria, e devem provocar e merecer mais solicitude da tutela publica.

Fevereiro de 1884.

AVELINO GUIMARÃES.

A SCIENCIA E A ARTE

A barbarie precedeu por toda a parte o estabelecimento das sociedades. Os primeiros deuses e os primeiros reis foram bemfeitores ou tyrannos. O reconhecimento e o terror erigiram altares e levantaram thronos. A superstição e o despotismo cobriram a superficie da terra. Ás calamidades succederam novas calamidades, aos crimes novos crimes, ás revoluções novas revoluções.

Atravéz d'este vastissimo espectaculo de paixões e miserias, apenas entrevemos um ou outro povo mais sabio e feliz. Emquanto que a maior parte do mundo era desconhecida, em quanto que a Europa permanecia miseravelmente inculta, em quanto a Asia luctava com a escravidão, via-se a Grecia altear-se, robustecer-se e constituir-se um povo extremamente recommendavel e instruido.

Se os exemplos fornecidos pelas antigas tradições não são motivos assáz evidentes para persuadir-nos que a feliz revolução que substituiu a barbarie pelas instituições sociaes não foi devida ás artes e ás sciencias, é, pelo menos, incontestavel que ellas concorreram exuberantemente para o aperfeiçoamento do espirito humano. A reflexão e a experiencia devem convencer-nos d'esta verdade.

É desnecessario levar a vista pelos seculos anteriores ao nosso para vêr que se devem ás sciencias todas as prosperi-

dades de que é susceptivel o espirito humano. Athenas e Roma eram a principio pequenas e pobres: todos os seus cidadãos eram soldados; todas as suas virtudes eram necessarias; ensejos de corromper os costumes não os havia. Pouco depois adquiriram riquezas; uma parte dos cidadãos deixou a guerra; aprendeu-se a gozar e a pensar. No seio da opulencia ou do ocio, uns aperfeiçoaram o luxo, a occupação ordinaria dos homens felizes e faceis; outros, havendo recebido da Natureza as mais favoraveis disposições, alargaram os limites do espirito e crearam uma gloria nova. Assim, em quanto que uns, nos braços da voluptuosidade e nadando em riquezas, profanavam os costumes e as leis, accendiam e atiçavam outros o facho vivificante da philosophia e das artes, instruiam ou celebravam as virtudes e davam nascimento a esses nomes tão queridos do homem que sabe pensar — a grandeza d'alma e a sensibilidade.

Sparta, esse phenomeno politico, essa republica de homens virtuosos por excellencia, foi o unico povo que possuiu a gloria de ser pobre por instituição e por systema. As suas leis eram universalmente admiradas, apesar dos seus grandes defeitos. Athenas, a sabia, não foi menos guerreira que Sparta, e, do proprio seio da corrupção, viu surgir o mais sabio dos seus filhos. A gloria dos Lacedemonios foi pouco solida; a altiva Sparta perdeu os seus costumes, como Athenas: tel-os-hiam conservado sem essa grande prosperidade, que corrompeu as suas instituições, preparando-lhes a ruina.

As artes e as sciencias não contribuiram, nem podiam contribuir, para essas resultas. Uma prosperidade gigantea é seguida de perto pela corrupção. Se todos os Estados tivessem seguido as mesmas leis de Sparta, a sua ruina teria sido mais proxima e inevitavel; sem artes e sem conhecimento da ordem, todos os grandes systemas philosophicos eclipsar-se-hiam; a inestimavel commemoração dos grandes homens, que contribuiram para a gloria e felicidade da Humanidade, offuscal-a-hia o esquecimento; as gerações dos homens succeder-se-hiam como as dos animaes, sem nenhum proveito para a sua posteridade, deixando apenas após elles uma lembrança vaga e confusa da sua existencia; o mundo envelheceria, ficando o homem n'uma infancia perenne.

Os homens mais e melhor se entregaram ao commercio, ás descobertas, ás viagens, ao conhecimento das leis ignotas da Natureza quando a Europa, depois de tantas convulsões

violentas, tomou uma posição mais definida, uma fórma mais favoravel e próspera. Em quanto uns combatiam pela manutenção do Estado, outros, cidadãos felizes e tranquillos, cultivavam pacificamente as terras, faziam florescer as leis, o commercio, as artes e as lettras: todas as profissões, emfim, applicadas ao seu objectivo, equilibrava-as e dispunha-as para o bem geral um braço poderoso, que as dirigia e guiava. Quantas nações barbaras não se viram civilisadas e florescentes pelas sciencias e pelas artes! Quadros d'estes podiam ter lugar em nações incultas onde as artes e as sciencias não fossem exercidas e levadas a uma altura tal, que o povo podesse chegar a esse estado de poder, de legislação perfeita, de commercio, de tudo, emfim, de que necessita para fruir uma grande felicidade?

Depois de muitos seculos de inacção, o espirito humano despertou d'um profundo somno; esse despertar trouxe aos homens uma existencia nova, elevando as potencias a um altaneiro grau de perfeição e de estabilidade. Se aconteceu algumas vezes que a gloria dos imperios não sobreviveu ao das lettras, é porque estas foram desprezadas, é porque oppozeram á sua evidencia maximas contrarias á sua ordem natural: os seculos succedem-se pelas revoluções e a superstição atrophia os mais grandiosos systemas, conservando as nações na barbarie dos costumes, na alienação do espirito, privando-as das faculdades do espirito e das virtudes sociaes.

Com que fundamento se diz que as sciencias prejudicam as qualidades moraes? É por lhes darem ainda mais esplendor? A virtude é uma e indivisivel: depende do homem inspiral-a pelo exemplo e não sómente ensinal-a e pregoal-a; fazer com que a pratiquem, e não limitarem-se a ensinar-lhe a theoria.

Vejamos os tempos em que a terra não era senão um vastissimo campo de batalha, de extorsões e latrocinios; em que os homens eram entes barbaros, julgando-se creados unicamente para escravisar, roubar e assassinar. A que foram devidas a anarchia, a crueldade, a estupidez, a depravação d'esses seculos senão á carencia das artes e das sciencias?

Agora que a scena do mundo está completamente transmudada, o que devemos esperar das mais sublimes idéas da gloria e da virtude? Espraiemos a vista pela copia de revoluções, após as quaes nos tornamos no que somos, isto é, civilisados e esclarecidos. Em lugar de selvagens e barbaros que

eramos, somos agora civilisados e instruidos; onde estava a ignorancia, que produz o erro, está agora a razão com os seus accordes sublimes, que penetram através do Ignoto. É com o seu auxilio que obtemos forças para vencer as paixões e substituir prestigios por luzes que adquirimos da educação para apreciar convenientemente as cousas: attractivos e compensações para nos distrahirmos do vicio e evitarmos os assaltos do erro. Podem-se contar os abusos que as paixões teem feito das artes e das sciencias — mas quem poderá enumerar os beneficios que incessantemente produzem?

O mais bello panorama que a Natureza póde apresentar é a união da virtude com a felicidade — e as sciencias inspiram uma e outra conjunctamente. «Prétendre que la science est inutile — diz Holbach — c'est dire que les hommes n'ont besoin, pour se conduire dans ce monde, ni d'expérience, ni de raison, ni de vérité; ce qui n'est pas remettre l'homme dans l'état sauvage ou dans l'état de nature, mais le placer au-dessous des bêtes...»

As artes patenteiam ao homem as proporções justas dos seus interesses, e, com o adjutorio das sciencias, tornam-o engenhoso, activo, laborioso, civilisado, respeitador das leis. Ambas devem ser altamente estimadas, favorecidas, incitadas, porque uma é a riqueza, outra o prazer da alma educando a razão. Unidas ou separadas, são o encanto da sociedade, os laços mais suaves que vinculam os povos.

ADOLPHO SALAZAR.

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

II

Rodrigo de Sousa e Silva Alcoforado, 2.º conde de Villa Pouca

Se me é permittido, sob um ponto de vista especial, estabelecer categorias entre os nossos socios honorarios, direi que podem distinguir-se em duas classes: primeira, a d'aquelles que elegemos em reconhecimento de beneficios directamente prestados á Sociedade; são dois: segunda, a de todos os que, já antes de nós, os tinham prestado e valiosissimos á instrucção publica do nosso concelho. O conde de Villa Pouca, de quem pretendo deixar aqui lançados os traços principaes da sua vida e caracter, foi o segundo dos primeiros, o que equivale a dizer-se, dada a nossa organisação social, que é ainda o unico. Este facto marcar-lhe-ha sempre uma posição excepcional na nossa memoria agradecida.

Abandonou-o a vida novo ainda. Tambem nós ficamos abandonados do seu incitamento generoso e enthusiasta. Não foi elle dos mais faceis em convencer-se de poder vir a fructificar a arvore, que pretendiamos plantar n'este solo vimaranense, que elle conhecera safaro e bravio; mas, quando lhe viu os primeiros fructos, comprehendeu-o logo e bem.

Dizendo do amigo, que se foi, o que os factos me auctorisarem a dizer, cumpro o dever que nos impõe o regulamento, mas presto tambem a minha homenagem pessoal ao seu nome estimado.

*

Darei primeiramente uma breve noticia da familia de que descendeu.

Foram seus paes Rodrigo de Sousa Teixeira da Silva Alcoforado, 2.º barão e 1.º conde de Villa Pouca, par do reino, muitos annos governador civil de Braga, coronel do regimento de milicias de Guimarães, «o corpo d'esta classe mais desciplinado e aceado de Portugal», diz o snr. Pinho Leal; e a condessa, sua sobrinha, D. Maria Antonia Leite Pereira de Mello, da illustre casa de Paço de Sousa;

Seus avós paternos foram o visconde do Peso da Regoa, Gaspar Teixeira de Magalhães e la Cerda, general dos reaes exercitos, governador das armas de Traz-os-Montes; e a viscondessa D. Maria Antonia Thereza Clara Alcoforado de Carvalho e Napoles, herdeira da casa de Villa Pouca;

Paes d'esta senhora, o 1.º barão de Villa Pouca, Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, tenente-general, governador das armas do Porto e districto entre Ave e Mondego; e a baroneza D. Maria José de Carvalho e Napoles.

Das abundantes informações [1], que tenho ido resumindo, extrahirei agora o que diz respeito á linha ascendente dos Alcoforados, que foram senhores do morgado de Villa Pouca.

O 3.º avô do fallecido, pai do 1.º barão de Villa Pouca, foi Francisco Filippe de Sousa da Silva Alcoforado, moço fidalgo e familiar do Santo Officio; 4.º avô Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, mestre de campo d'auxiliares de infanteria; 5.º Francisco de Sousa da Silva Alcoforado, fidalgo da casa real e capitão-mór de Guimarães; 6.º Ruy de Sousa da Silva, fidalgo da casa real; 7.º João de Sousa Alcoforado de Lima, o Taful, moço fidalgo, capitão-mór de Guimarães, que serviu na India com muito valor e morreu na fortaleza de Bracalor; casado com D. Maria d'Almada, filha herdeira de Antonio Machado d'Almada, commendador de S. Martinho de Chãos na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Machado da Maia, herdeira do morgado de Villa Pouca, filha de Pedro Rodrigues

---

[1] Devemol-as á exc.ma snr.ª D. Maria Josepha, esposa do snr. Gaspar de Sousa, d'Evora. Aqui agradecemos penhoradissimos a s. exc.ª

d'Andrade Malafaia, commendador de S. Salvador de Penamacôr, filho segundo.

Interrompida a linha dos senhores de Villa Pouca, visto que ella se foi perder na dos Alcoforados com o casamento da herdeira, a nossa estimavel e illustrada informadora segue determinando esta ultima. Paremos aqui.

Na linhagem d'esta casa encontram-se muitos appelidos illustres de Portugal e Hespanha, nomes distinctos na nossa historia contemporanea e antiga, politica, militar e litteraria. A indole d'este resumido trabalho não me deixa, porém, individualisar todos os factos, dignos de noticia, de que aliás espero se entregue mais habil mão do que a minha.

*

Nasceu na cidade do Porto aos 10 de junho de 1831.

Da sua primeira infancia nada sei, digno de menção, senão o que póde deprehender-se das noticias subsequentes.

Tinha dezesete annos quando fez em Coimbra, no anno de 1848, os exames de cathecismo, francez, latinidade e logica; no anno seguinte de 1849 os de geometria, oratoria e historia; em 1850, como obrigado, o do 1.º anno philosophico, ficando approvado *nemine discrepante.*

Em 1851 e 52, tendo cursado os dois primeiros annos da faculdade de direito, recebeu e, é de crer, com grande gaudio seu e de toda a troça academica, a dupla graça do perdão d'acto, com que a primeira regeneração chamava ás suas bandeiras a mocidade estudiosa. Comtudo, muitas vezes o ouvi depois lastimar-se de ter interrompido aqui a sua carreira litteraria.

Passados poucos mezes, a 20 de setembro do ultimo anno, tendo vinte de idade, celebrava-se o seu casamento com D. Margarida d'Araujo Martins, filha do commendador Francisco Martins da Costa e de sua mulher D. Maria José da Silva Costa.

Sua esposa, senhora debil e doente, de cuja face pallida, intelligente e fina ainda me entrelembro, não viveu muitos annos; minada por dolorosos padecimentos, finára-se a 19 de novembro de 1865.

*

N'este primeiro periodo da sua vida foi politico. Arrastou-o a esse campo um motivo puramente pessoal, como acontece geralmente.

Tempo antes do ministerio do duque de Loulé, que tomou conta dos negocios em 1856, houve uma eleição de camara, que conveio annullar. Os regeneradores comprometteram-se com o conde pai a elegerem na futura eleição de deputados seu filho o snr. Gaspar de Sousa, sob a condição d'elle obter essa annullação. A annullação foi obtida.

Subiu o novo governo. Houve a inevitavel dissolução e tratou-se de fazer novos deputados.

Por este tempo seu pai sentia-se já aniquilado pela doença que o matou afinal. O 2.º barão e 1.º conde de Villa Pouca, então o homem mais respeitado, senão o mais popular, de Guimarães, fallecia logo adiante a 4 de fevereiro de 1858.

Segue-se a velha historia: a promessa não pôde ser cumprida, por exigencias da colligação de todos os partidos, feita n'essa época. O conde Rodrigo, naturalmente despeitado, sentindo a desconsideração feita não só a si e a seu irmão, mas ainda á fresca memoria de seu pai, aproximou-se do governo. Apesar de tudo perdeu a eleição.

Mas, logo em seguida, no ministerio do duque da Terceira em 1859, apaziguados os animos e concertadas as cousas, reconciliados os velhos amigos, o que felizmente não é difficil n'esta ordem de negocios, foi eleito o snr. Gaspar de Sousa, apesar d'uma modesta opposição.

Até esta época, pouco mais ou menos, cuido eu, foi elle co-proprietario da typographia do *Vimaranense,* como já o tinha sido seu pai, com o snr. Francisco Martins Sarmento, a quem depois trespassou a sua parte.

Até aqui o conde tinha simplesmente experimentado as suas forças. A grande batalha foi depois da queda do Terceira.

Subira de novo ao poder o ministerio Loulé. Em Guimarães á paz anterior succedera a confusão de todas as coisas politicas. O partido historico reorganisou-se com novos elementos e nova chefatura. Do outro lado, com o conde e seu irmão, encontraram-se muitos amigos pessoaes e politicos; por exemplo: o fallecido conde da Azenha e o snr. visconde de Lindoso, leal amigo que o acompanhou até á ultima hora com um verdadeiro affecto d'irmão.

A lucta foi viva. De lado a lado puzeram-se em exercicio todas as pressões e todas as tricas, que são d'uso n'estas contendas e eram proprias do tempo e do suffragio restricto. A

paixão politica dominou ambos os campos e a opposição respondia, duplicando o esforço, ao emprego de todas as armas que a auctoridade manejava.

Emfim chega a ultima hora, procede-se á contagem, a opposição venceu. Sempre as opposições tem tido por si a sympathia dos indifferentes. É por ora a unica vingança do povo. O enthusiasmo delirou e subiu até ás torres do Campo da Feira, cujos sinos repicaram festivos.

Foi a ultima campanha do primeiro periodo da vida politica do conde. D'ahi por diante até 1877 elle não tem a responsabilidade de nenhum movimento politico.

São tambem d'este tempo quasi todas as distincções nobiliarchicas com que foi agraciado pela munificencia regia:

A 6 de março de 1858, dois alvarás, concedendo-lhe o fôro de moço fidalgo e as honras do exercicio;

A 8 de julho de 1861, elevado á grandeza d'estes reinos com o titulo de conde de Villa Pouca;

A 2 de julho de 1867 nomeado commendador da Ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

*

O conde de Villa Pouca casou pela segunda vez, a 20 de dezembro de 1865, com a actual condessa viuva, a exc.ma snr.a D. Francisca Emilia Teixeira de Barros de Faria e Castro, filha de Pedro de Barros de Faria e Castro, da antiga casa vinculada dos Laranjaes; e de sua mulher D. Anna Emilia Teixeira Sampaio.

Abandonando então os negocios publicos, fez-se — um pobre lavrador, como elle dizia.

Já em 1858 lhe fôra conferido um diploma, do qual algumas palavras, que eram a formula geral do documento, como que determinavam previdentemente o programma especial da melhor época da sua vida.

O diploma de — Socio correspondente da Sociedade Agrigola do Districto do Porto — era-lhe remettido «confiando em que elle se ha de prestar benevolo a cooperar para o aperfeiçoamento moral e material da importantissima classe agricola do paiz, por meio do derramamento dos conhecimentos agronomicos, de praticas judiciosas, e de tudo o que póde fomentar e melhorar a agricultura».

De facto, por este tempo, elle deu-se todo, afóra os intervallos que dedicava á representação da sua casa e ás suas distracções, á administração cuidadosa e progressiva das suas propriedades.

As contenções civis, que precederam e seguiram a implantação do governo representativo, absorvendo toda a attenção de seus paes, e, tanto pelo menos como isso, o desleixo proprio das familias antigas e ricas, levianamente confiadas na perpetuidade da sua influencia, tinham-lh'as entregado completamente derrotadas.

Encheu-se de coragem. Elle contava muitas vezes com gosto os principios do seu trafego, as duvidas, os receios e os planos.

Fez-se um grande constructor e plantador, por emquanto as unicas fórmas, praticas e seguras, por que o proprietario póde *cooperar para o aperfeiçoamento moral e material da classe agricola do paiz;* fez-se um grande vinicultor, o ramo agricola em que mais facilmente se podem introduzir *praticas judiciosas.* Já se vê que fallo do Minho e dado o actual regime da propriedade e o systema de cultura, estabelecidos entre nós.

As obras de beneficiação nas suas propriedades só acabaram com a sua vida. O preço das larangeiras e das cerdeiras, como cá chama o povo á cerejeira, a arvore que na sua opinião mais facil, senão mais completamente, podia substituir o castanheiro para a producção do vinho verde, no abundante mercado de Guimarães, fazia-o elle. No Douro quasi não chegava a renda para a cultura e o melhoramento. Elle luctou até ao fim contra a depauperação do sólo n'essa rica região, hoje empobrecida; o que era talvez o melhor meio de atacar o mal. Como vinicultor, creou um typo de vinhos finos baratos, que se propagou rapidamente n'esta provincia, vulgarisando assim os vinhos do Douro.

Sabendo quanto o gosto das exposições *póde fomentar e melhorar a agricultura,* nunca deixou d'ir ahi apresentar os resultados progressivos da sua applicação. Do seu concurso ás exposições portuguezas, unico de que ha vestigios, restam os seguintes documentos:

Da — Exposição industrial portuense — de 1861 a medalha de cobre;

Da — Exposição agricola de Braga — em 1863 a medalha de prata;

Da — Exposição internacional — do Porto em 1865 a me-

dalha d'ouro, de primeira classe, chamada a medalha d'honra.

O conde não era cuidadoso na guarda dos seus titulos honorificos de nenhuma especie. De muitas menções honrosas, que obteve, não resta memoria nenhuma.

Por ultimo, na — Exposição de vinhos — do Porto, em 1880, foi galardoado com tres medalhas que não chegou a receber, e com o 2.º premio, offerecido pela Camara da Povoa de Lanhoso.

Elle tinha a opinião atrazada, de que ainda hoje parece estar possuido muito estadista, que a agricultura é a unica industria propria de Portugal. Era o exclusivismo do enthusiata. De como elle *se prestava benevolo* a auxiliar qualquer empreza em beneficio d'ella, dá testemunho o officio que n'aquella occasião a mesma Camara lhe dirigiu. Dizia ella, entre outras coisas, o seguinte:

«É por isso que esta camara pede licença para apertar a mão a v. exc.ª, e dar-lhe o fraternal abraço de camaradagem, por ser v. exc.ª o unico proprietario de fóra, possuidor de predios n'este concelho, que a nós se uniu, para nos coadjuvar n'aquella salutar, fecunda e esperançosa festa do progresso patrio agricola, ficando assim v. exc.ª e nós, perante o publico apreciador e sensato, tão dignamente considerado, como em verdade merecemos». Assignado, o presidente Francisco Manuel de Oliveira.

O conde tinha mais os seguintes diplomas:

De socio honorario da — Associação artistica vimaranense — a 16 de julho de 1878;

De socio honorario da — Sociedade Martins Sarmento — a 7 de fevereiro de 1883.

Quem conhece a natureza d'estas associações sabe que esses diplomas só se prestam em troca de valiosos serviços. Por nós só diremos que a importancia real do donativo, que nos fez, da sua livraria, rica em edições e obras raras e de custo, ha de poder ser avaliada rigorosamente quando se publicar o catalogo em preparação.

Além dos factos que deixo consignados, elle tinha ainda outros titulos á benemerencia publica. Póde dizer-se que o seu nome se acha ligado a todas as instituições de beneficencia, ás mais sympathicas da nossa terra. Generoso e enthusiasta, o conde não faltava nunca onde o chamasse um pensamento de caridade ou de justiça.

*

Nos ultimos annos da sua vida voltou, por seu mal, a fazer politica. Se n'isso eu tive alguma pequena parte de responsabilidade, arrependi-me.

Estava escripto, porém, que elle teria de receber a resposta em aberto ha dezesete annos. Sómente, ao cabo de tanto tempo, as coisas estavam tão mudadas que muitos dos historicos de 60 appareceram regeneradores e o regenerador victorioso sae-nos progressista. Isto afinal é um modo de dizer; porque os motivos pessoaes, que determinam geralmente um homem na escolha de partido, não chegam a dar-lhe côr nenhuma.

Com o conde, porém, d'esta vez não se dava o mesmo caso. Nos ultimos tempos, apesar de retirado da politica activa, elle olhava as opposições democraticas com sympathia. Isto o fez lançar de novo na lucta; não digo bem: isto dispol-o a deixar-se levar a assumir uma posição que a sua saude já lhe não permittia tornar igual na effectividade e na responsabilidade.

Direi como.

Em 1877 governava estes reinos o duque d'Avila e Bolama. O partido progressista unira-se ao governo na esperança de desbancar, com o auxilio d'aquelle democrata, o predominio do snr. Fontes. Aqui tratava-se da eleição camararia. Os governamentaes pretenderam o nome do conde para a sua lista, não sei se, da parte dos progressistas, com a esperança de o adquirirem para a presidencia do seu centro.

O conde a esse tempo já soffria muito. A sua organisação tornára-se excessivamente impressionavel. Qualquer facto insignificante o sacudia com a violencia d'uma grande dôr.

Foi convidal-o uma commissão, de que fazia parte o fallecido dr. Barbosa, escudada com uma carta do ministro Barros e Cunha, commissão que elle recebeu commovidissimo. Depois d'uma prolongada e accidentada resistencia, conseguiram afinal o seu intento.

Ora, o que a commissão arranjou com tanto trabalho foi a derrota, que não sahiu ainda assim tal como podia ser, graças ao nome popular do nosso amigo.

Depois d'isso o conde aceitou a presidencia do centro progressista e este organisou-se a 2 de janeiro de 78.

Desde então até novembro do anno seguinte o conde dirigiu e acompanhou os seus amigos politicos com o maximo enthusiasmo e a maxima dedicação, disponiveis n'um valetudinario, que tivera uma forte organisação cheia de expansibilidade.

Por ultimo veio a triste questão do regimento, perfeitamente escusavel de mais a mais. A esse inesperado desenlace ouvi muitas vezes attribuir o primeiro insulto apopletico que o accommetteu. Lastimavel prova de respeito pelos compromissos contrahidos!

Em seguida o conde significou claramente o seu rompimento com o governo progressista, assignando uma representação contra as medidas de fazenda. Parece que o facto foi muito notado e censurado. Grande admiração, na verdade, que se neguem os meios de governar áquelles que perderam a nossa confiança!

E, assim, o conde de Villa Pouca acabou a sua carreira politica como a tinha principiado exactamente, victima das soberanas combinações da alta politica, que não costuma pagar as suas dividas.

Que decepção, quando elle considerasse, que, através de vinte annos, os regeneradores de 58 e os progressistas de 79, os politicos de todos os tempos se davam as mãos n'este accordo final: não satisfazer os seus compromissos de nenhuma especie!

*

Vai ha poucos annos que eu o conheci mais de perto.

Levantava-se pela alta madrugada. Desde as 5 horas da manhã elle percorria a pé ou a cavallo as suas quintas, visitava o seu armazem, tudo via, tudo dirigia, assistia a tudo.

Na sua casa sempre franca e concorrida dos seus amigos, quem primeiro se via ou ouvia era elle. Dotado d'um espirito inquieto, d'uma organisação necessitadissima de movimento, d'um coração cheio d'expansibilidade, apparecia por toda a parte, atroando os ares.

Nas suas recepções, quer intimas, quer geraes, achava-se a gente bem; sabia pôr á vontade e logo aquelles que recebia, o que é o grande segredo de quem recebe. Raras vezes deixava de deitar-se cedo; passar a pé além das dez horas era um caso excepcional.

Quando entrava n'uma casa amiga, entrava com elle a alegria. Era impossivel resistir-se á communicabilidade d'aquella sympathia ruidosa.

Leviano, inconstante no trato superficial das pequenas coi-

sas da vida, tinha pontos de vista singulares, lufadas de espirito, caustico por vezes.

Apesar d'isso, tendo tido amarguras na sua vida, que escondia rindo como se ria das proprias doenças, não se deixava esquecer das injurias recebidas. Perdoava-as completamente, sinceramente, sem as esquecer, o que eu julgo em verdade muito mais difficil e virtuoso. E sabia apreciar bem o valor d'amigos e d'inimigos.

Desinteressado em tudo quanto fazia fóra da esphera dos seus negocios particulares, tinha comtudo na intimidade uma sombra de egoismo ingenuo, que fazia sorrir.

Era bom e caritativo. Contarei a este respeito dois pequenos factos caracteristicos, que escolho d'entre outros.

Um dia, um nosso amigo commum, de quem escondo o nome para não revelar tudo, levou-o a vêr a extrema penuria d'umas criancinhas, cuja familia frequentára em tempo. O conde sensibilisou-se, chorou. No dia seguinte foi comprar o que lhe parecera de maior necessidade e levou-o elle mesmo, escondidamente, n'um braçado, debaixo do seu grande capote.

D'outra vez, nos principios de 79, chegavam-lhe a casa todos os dias noticias da miseravel condição das classes pobres, noticias de fome. Uma noite que a exc.ma viscondessa de Linhoso, senhora religiosamente caritativa, passou em Villa Pouca, contou-lhe d'alguns casos desgraçados da sua visinhança. Não foi preciso mais nada. No dia seguinte apparecia um convite no *Imparcial* para se tratar em sua casa da organisação d'uma sopa economica.

A esse tempo era elle já presidente do centro progressista. O seu convite foi attribuido a uma exploração politica da caridade. As peripecias que se seguiram são conhecidas. O conde retirou-se desgostoso para o Porto.

Esta e outras do mesmo theor é que o fizeram julgar a principio a sua terra incapaz de sustentar o pensamento generoso da Sociedade Martins-Sarmento. Enganou-se, e ainda bem!

Este conjuncto de circumstancias fizeram d'elle um homem popular. Gostava até d'esquecer as suas distincções nobiliarias e, ainda que a estimasse como devia, a antiga nobreza das suas tradições de familia.

Essa sympathia revelou-se bem no interesse geral que inspiravam os seus padecimentos.

Soffreu muito nos ultimos annos, crudelissimamente nos

ultimos mezes. Disseram os medicos que elle morria de uma hepatite, de lesões da espinha, de engorgitamentos pulmonares, da molestia de Bright. Pois no meio d'este horror, d'uma perfeita lucidez até ao ultimo instante da sua vida, d'envolta com as impertinencias proprias de tamanho soffrimento, foi que elle mostrou melhor a todos os que então o viram, quanto era amantissimo o seu coração, justo o seu espirito, justo comsigo mesmo e com os outros.

*

Ia começando a não ser percebido pelo commum dos meus leitores e, a quem me comprehende, não quero eu avivar a sua dôr.

O 2.º conde de Villa Pouca falleceu na sua casa de Guimarães, onde vivia habitualmente, aos 28 de novembro de 1883.

Guimarães, 26 de março de 1884.

DOMINGOS LEITE DE CASTRO.

BOLETIM

No impedimento do meu illustre collega, secretario da direcção, coube-me a tarefa d'organisar o boletim dos trabalhos da Sociedade n'este primeiro trimestre de 1884.

Limitando-me á simples narração dos actos e successos, que directamente se ligam á acção da Sociedade como corporação legal, será summaria esta secção da *Revista*. Por sua indole, o boletim deve ser apenas a publicação fiel dos factos que as actas comprovam.

Em janeiro do corrente anno a direcção elaborou, e poz ao exame e reclamação dos consocios as contas do anno findo, devidamente documentadas. Vão adiante transcriptas, assim como os ultimos balancetes, para conhecimento de todos que desejem verificar se temos exagerado quando affirmamos que as instituições d'instrucção popular, que a Sociedade tem creado, provam que n'este seculo, apesar da sua caracteristica liberdade economica, apesar das ambições que assoberbam os espiritos, nem só o dinheiro é alavanca; que uma idéa patriotica, quando desperta disposições generosas, incendeia as almas, robustece a fé no futuro, provoca aos actos de benemerencia e desinteresse, com que esta Sociedade sem duvida se distingue. As contas foram approvadas em assembléa geral de 9 de fevereiro.

*

A Sociedade tinha tomado a iniciativa d'uma exposição industrial restrictamente concelhia, para que a realisação d'ella

constituisse mais um argumento irrespondivel na demonstração da necessidade legal e economica da fundação da escóla industrial n'esta cidade, instituição já creada pelo decreto de 20 de dezembro de 1864. O decreto de 3 de janeiro, fundando a da Covilhã, e deixando Guimarães equiparada a Barroso, surprehendeu não só a Sociedade Martins-Sarmento, como toda esta briosa cidade.

Tomou a direcção a resolução de representar ao governo, e solicitar o patrocinio dos dignos consocios, e illustres vimaranenses os snrs. conde de Margaride e barão de Pombeiro, para que conseguissem convencer o snr. ministro das obras publicas da injustiça praticada. Apesar dos solicitos esforços dos dois zelosos e conspicuos procuradores, o snr. ministro não se convenceu, o que sem duvida dará relevo para os povos da Covilhã, ao beneficio da fundação da escóla, e constituirá um desmentido da abolição dos privilegios...

Na assembléa geral de 9 de fevereiro foi discutida e approvada uma proposta do snr. Antonio Augusto da Silva Caldas para a nomeação d'uma commissão que se incumbisse do estudo de meios para que a Sociedade adquira casa propria.

A commissão ficou composta do proponente, e dos snrs. Domingos Leite de Castro e Joaquim José de Meira.

Esta proposta prende mais ou menos com a pretenção da acquisição do convento de Santa Rosa de Lima, pendente da camara dos deputados.

*

No dia 9 de março houve, segundo dispõe o estatuto, distribuição solemne de premios na casa da Sociedade, vistosamente adornada por uma briosa commissão de consocios os snrs. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, Antonio Augusto da Silva Caldas, Antonio Guimarães, Antonio Joaquim de Meira, Eduardo Almeida, Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior, Gaspar Cardoso d'Almeida Paúl, José Maria de Freitas Carneiro, Luiz Dias de Castro e Simão da Costa Guimarães.

Perante o numeroso concurso de auctoridades, representantes de corporações e da imprensa, senhoras vimaranenses, consocios e cidadãos, a distribuição fez-se com solemnidade, presidindo o digno presidente da Camara.

Além de bem redigidas allocuções dos snrs. presidente da Camara e presidente da direcção, que foram lidas opportunamente, provocaram uma certa commoção os vivos discursos

dos snrs. dr. José da Cunha Sampaio, padre João Gomes de Oliveira e Adolpho Salazar.

Os applausos aos operarios premiados do curso nocturno de desenho, a expansão sincera e profunda na manifestação publica de gratidão dos representantes da classe trabalhadora e honesta ao seu dedicado professor Cardoso, elevou a commoção ao mais subido grau, e deixou na alma dos espectadores impressão indelevel.

Finda a solemnidade dos premios, a direcção foi deixar os seus bilhetes de felicitação a casa do snr. dr. Francisco Sarmento.

Transcrevemos adiante a relação dos alumnos premiados.

*

Em 12 de março houve assembléa geral para a eleição de nova direcção.

Pelo presidente da direcção cessante, o snr. dr. José da Cunha Sampaio, foi lido o relatorio da gerencia finda, e communicado que a Camara municipal louvára a Sociedade pelos seus prestantes serviços á instrucção popular.

Concluidos os trabalhos da eleição, verificou-se que a nova direcção effectiva contém alguns membros da cessante, ficando como substitutos alguns consocios que d'esta fizeram parte desde a installação da Sociedade.

Esta eleição, o seu resultado, a acceitação de todos para os cargos para que foram eleitos, prova a indole democratica d'esta Sociedade patriotica, em que, nas intenções de ser util, nenhum, como já reflectimos n'outro lugar, é o primeiro, nenhum é o ultimo.

*

N'este trimestre foram feitas as seguintes offertas para a bibliotheca:

Janeiro

Offerentes:	Volumes
Joaquim de Vasconcellos	16 vol.
Dr. José de Freitas Costa	9 »
Domingos Leite de Castro	445 »
Dr. José da Cunha Sampaio	104 »

Fevereiro

Ministerio das obras publicas.....	1 vol.
Magalhães & Moniz.....	4 »
Ernesto Chardron — *Bibliographia* (publicação corrente).....	3 fol.
G. d'Almeida.....	2 »
Dr. José da Cunha Sampaio.....	1 vol.

Março

Antonio Augusto da Silva Caldas.....	1 fol.
Domingos Guimarães Fernandes.....	2 vol.
Sociedade de Geographia do Porto — *Boletim* (publicação corrente).	
Dr. Alfredo de Mattos Chaves.....	19 »
Associação clerical.....	1 fol.
José do Amaral B. de Tôro — Fasciculos do *Diccionario chorographico* (publicação corrente).	
Abbade d'Arcozello.....	1 fol.
Camara municipal do Porto — 4.º fasciculo do *Catalogo*.	
P.e F. José Patricio.....	3 fol.
Costa Braga — *A Moda* (publicação corrente).	

*

Foram os narrados os factos mais importantes durante o trimestre findo.

Guimarães 30 de março de 1884.

O vice-presidente da direcção

AVELINO GUIMARÃES.

Balancetes

DO MEZ DE JANEIRO DE 1884

Saldo do mez anterior	220$870
Receita d'este mez	14$500
Somma	235$370
Despeza idem	42$490
Saldo	192$880

DO MEZ DE FEVEREIRO DE 1884

Saldo do mez anterior	192$880
Receita d'este mez	118$200
Somma	311$080
Despeza idem	86$985
Saldo	224$095

DO MEZ DE MARÇO DE 1884

Saldo do mez anterior	224$095
Receita d'este mez	52$500
Somma	276$595
Despeza idem	163$165
Saldo	113$430

Guimarães 1 de abril de 1884.

O thesoureiro

ANTONIO JOSÉ DA SILVA BASTO.

Contas que presta a direcção da Sociedade Martins
e findou em 31

Receita	Importancia	
	Parcial	Total
Saldo do anno antecedente		207$40
Receita ordinaria		
Producto das mensalidades pagas pelos socios, e vencidas no 1.º, 2.º e 3.º trimestres de 1883	236$800	
Idem das joias pagas pelos socios n.os 90 a 113	38$950	275$75
Receita extraordinaria		
Idem da receita verificada no theatro de D. Affonso Henriques	28$050	
Idem de mensalidades dos alumnos do curso nocturno de desenho	13$500	
Idem de juros da promissoria de 356$000 reis do Banco de Guimarães, por seis mezes	7$120	
Idem do subsidio da Camara municipal para custeamento da bibliotheca	150$000	
Idem do subsidio da mesma para custeamento do Instituto escolar	250$000	448$67
Dividas activas		
Idem de mensalidades e joias que ficaram em divida do anno antecedente		91$80
Total		1:023$62

Obs

A differença de 1$200 reis que se nota comparando a importancia das dividas activa
ultimo anno, provém de não se haver cobrado a mensalidade do socio n.º 32 por ter falleci
As dividas activas que passaram para o anno de 1884 são as seguintes:

Mensalidades do anno de 1883.....
Joias.....

Guimarães, e casa da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, 15 de fevereiro de 1884.

.rmento pela sua gerencia que começou em 1 de janeiro
dezembro de 1883

Despeza	Importancia	
	Parcial	Total
Despeza obrigatoria		
Despendido com impressos, annuncios, papel, livros e outros objectos do expediente	156$320	
Idem com o custo de livros para os premios distribuidos a alumnos das escólas officiaes do concelho	27$025	
Idem com o custo de livros fornecidos a alumnos pobres do Instituto escolar	2$500	
Idem com o custo de livros e outros objectos para a bibliotheca	46$270	
Idem com o premio do seguro, contra fogo, da bibliotheca e da mobilia	6$500	
Idem com o custo de petroleo e outros objectos para a illuminação	51$565	
Idem com a renda da casa da Sociedade pelo anno de 1883, deduzida a importancia das obras feitas em 1882	64$520	
Idem com o vencimento do secretario da bibliotheca, pelo anno de 1883	58$000	
Idem com o vencimento do continuo pelo mesmo anno	109$500	
Idem com o vencimento do ajudante do mesmo, pelo dito anno	55$250	577$450
Despeza facultativa		
Idem com o custo de differentes objectos para o curso de desenho	17$000	
Idem com o adiantamento de fundos ao cofre do Instituto escolar	20$000	
Idem com o subsidio concedido a um artista para visitar a exposição de ourivesaria do Porto	10$000	
Idem com o custo de mobilia para a casa da Sociedade	63$270	
Idem com obras e concertos de carpinteiro e de pintor	115$030	225$300
Somma		802$750
Saldo que passa para o anno de 1884		220$870
Total		1:023$620

rações

ue do anno de 1882 passaram para o de 1883, com a cobrança das mesmas realisada n'este

.....	104$900
.....	14$800
Total.....	119$700

José da Cunha Sampaio.
Avelino da Silva Guimarães.
Avelino Germano da Costa Freitas.
Domingos Leite de Castro.
Antonio Augusto da Silva Caldas.
Antonio José da Silva Basto.

Relação dos alumnos premiados

Laura Augusta Gonçalves, da escóla official da cidade de Guimarães.

Francisco Joaquim d'Oliveira, idem.

Maria das Dôres Macedo, da escóla official da freguezia de S. Torquato.

José Eduardo Fernandes, idem.

Maria Joaquina, da escóla official da freguezia de S. Martinho de Sande.

Joaquim Duarte Lima, idem.

Manoel Marques, da escóla official da freguezia de S. Lourenço de Sande.

José Martins, da escóla official da freguezia de S. João de Brito.

Antonio José d'Almeida Gonçalves, da escóla official de S. Jorge de Selho.

Idalina Barbosa, da escóla official da freguezia de S. João das Caldas.

Armindo Teixeira da Costa e Silva, idem.

João Baptista Alves, da escóla official da freguezia de S. Miguel das Caldas.

Manoel Antonio Ribeiro, da escóla official da freguezia de Nespereira.

Adozinda Helena de Jesus Queiroz, do Asylo de Santa Estephania, d'esta cidade.

Alvaro José da Silva Basto, idem.

Antonio Lobo Leite de Castro, idem.

Domingos Antonio de Freitas Junior, da escóla da confraria do Coração de Jesus, d'esta cidade.

Alcina da Madre de Deus Valle Rego, da escóla da Real Irmandade dos Santos Passos, d'esta cidade.

Alexandre José Marques, da escóla particular da freguezia de S. Salvador de Briteiros.

Antonio André, da escóla nocturna de instrucção primaria, d'esta cidade.

Antonio de Freitas, idem da freguezia de S. João das Caldas.

Alberto André Ferreira, da aula de instrucção primaria do Instituto escolar da Sociedade Martins Sarmento.

João Pinto da Cunha Andrade, da aula de instrucção primaria complementar do mesmo Instituto.

Gaspar da Costa Roriz, da aula de portuguez do mesmo Instituto.

Alfredo José d'Araujo, da aula de geometria do mesmo Instituto.

Antonio Mendes Ribeiro Junior, da aula de francez do mesmo Instituto.

Zeferino Alfonso Moreira, estucador, do curso nocturno de desenho da Sociedade Martins Sarmento (1.º premio — 18$000 reis).

José Mathias dos Santos, pintor, do mesmo curso (2.º premio — 13$500 reis).

Manoel d'Oliveira Coutinho, marceneiro, do mesmo curso (3.º premio — 9$000 reis).

João de Sousa Neves, marceneiro, do mesmo curso (4.º premio — 4$500 reis).

Vicente José Corrêa, pintor, do mesmo curso (5.º premio — um estojo de desenho).

CHRONICA

Continúa a pesar sobre Guimarães a indifferença dos governos, e, o que mais é, aggravada ainda pela falta de cumprimento das leis, que reconhecem os nossos direitos. Ha muitos annos já um ministro intelligente e conhecedor da necessidade de ensino pratico, de que estavam carecidas as industrias nacionaes, que arrastavam uma existencia difficil e mesquinha á mingoa de conhecimentos technicos, procurára dar-lhes remedio, implantando nos centros mais industriaes do paiz escólas industriaes, que satisfizessem a essa necessidade por todos reconhecida. Esse ministro foi o exc.mo snr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, e a lei tem a data de dezembro de 1864. N'ella vem claramente indicada Guimarães como sendo das populações industriaes, a primeira que pela sua importancia, tinha direito a ser contemplada com uma escóla industrial ao mesmo tempo que a Covilhã e Portalegre, quando as circumstancias do thesouro o permittissem.

Só porém passados 19 annos é que a alta ou baixa politica, que no nosso paiz especialmente preoccupa todos os homens d'estado, deu lugar a que o actual snr. ministro das obras publicas e distincto homem de sciencia o exc.mo snr. Aguiar, julgasse chegada a opportunidade de dar cumprimento ao preceituado n'essa lei, e com o applauso de todos os homens, que verdadeiramente se interessam pelo futuro das nossas industrias, que o mesmo é pelo futuro da nação, decretou a creação d'escólas industriaes.

Mas com espanto nosso, e crêmos que d'uma parte do paiz, s. exc.a alterando e excedendo a auctorisação concedida na lei de 1864, começa por crear uma escóla na Covilhã, e em lugar de contemplar com o mesmo beneficio Guimarães, que a lei de 1864 considerava pelo menos em iguaes cir-

cumstancias, foi crear 8 escólas de desenho industrial: 3 em Lisboa, 3 no Porto, 1 em Coimbra e 1 nas Caldas da Rainha!... Guimarães ainda uma vez era esquecida e posta de parte, ou porque o ministro ignorasse completamente as condições das nossas industrias tão variadas como importantes, ou porque a nossa terra se lhe não recommendava como a Covilhã, ou por outro qualquer motivo que desconhecemos. S. exc.ª podia e devia ter conhecimento aproximado do que são e valem as nossas industrias, porque do inquerito official de 1881, embora deficiente e mencionando apenas oito classes d'industrias, podia julgar da importancia industrial de Guimarães, dos avultados valores que representam. S. exc.ª porém a nada attendeu, e nós apreciando o facto, que como filho d'esta terra não podemos deixar de lamentar, e contra o qual protestamos por nos parecer que a auctorisação concedida na lei de 1864 foi excedida e alterada em prejuizo nosso, perguntamos á nossa consciencia, se o modo por que temos sido tratados, não o devemos imputar exclusivamente á nossa inercia em face de quaesquer violencias e injustiças com que nos opprimem e se a união de todas as energias e influencias que temos não levantariam barreira poderosa contra estas continuas oppressões e menospreço do poder central. Seria louvavel, altamente patriotico, que todos os filhos d'esta terra pensassem um dia, quanto importaria para a consideração e progresso d'ella, se esquecendo pequenas divergencias politicas, se reunissem todos, os que podem e por isso devem tomar a peito os interesses de Guimarães, quando uma necessidade reconhecida pedisse o emprego dos seus esforços e da sua influencia... oxalá fossemos ouvidos...

Contra a exclusão injusta protestou desde logo em termos respeitosos mas energicos a nossa Sociedade, representação que foi dirigida directamente ao snr. Aguiar pelo snr. conde de Margaride, sendo igualmente patrocinada com verdadeiro interesse pelo exc.mo barão de Pombeiro, que não só por cartas aos seus amigos, mas em Lisboa procurou fazer comprehender ao ministro quanto era justa a causa de Guimarães. Igualmente representaram a exc.ma Camara, a Associação Artistica, Clerical, além d'uma representação publica que dentro em pouco se viu coberta de milhares de assignaturas. A causa era de todos, e como tal foi comprehendida e abraçada. A representação publica, cuja elaboração é devida a um dos nossos patricios tão intelligente como modesto, demonstra com cifras extrahidas de documentos officiaes a impor-

tancia industrial de Guimarães, assim como prova bem claro o modo injusto como temos sido desattendidos em todos os melhoramentos, que podiam trazer-nos vantagem, e que nos eram devidos. Mas bastarão razões para obter dos poderes publicos o que é reconhecidamente justo, o que ninguem se atreve a contestar? Fará excepção o actual conselheiro da corôa, cujos creditos como homem sabedor e de energica vontade e independencia de caracter davam motivo a esperar-se faria um distincta administração? Força nos é duvidar quando o vemos iniciar a organisação do ensino profissional alterando a lei, com que se auctorisou com manifesto prejuizo d'esta terra, e parece-nos que tambem da causa que pretende servir. Muito folgariamos que as nossas previsões, filhas da triste experiencia das cousas e dos homens se não realisassem, e que podessemos confessal-o vendo attendidas as nossas justas reclamações. Felicitariamos gostosamente o snr. Aguiar, como não podemos deixar de o fazer pelo subsidio concedido aos operarios que foram ao estrangeiro praticar e aprender nos grandes centros industriaes os modernos processos de fabrico e as applicações mais recentes das sciencias á industria. Esta medida, embora não seja da iniciativa do snr. Aguiar, honra-o ainda assim por a haver levado a effeito, e temos fé que ha de trazer ás nossas industrias um notavel desenvolvimento, e produzir magnificos resultados para a sua prosperidade futura.

*

A projectada exposição com que Guimarães pretende mostrar quanto aprecia o notavel melhoramento com que uma companhia de capitaes exclusivamente nacionaes vai em breve dotal-a, ligando-a com os principaes centros do paiz por meio da viação accelerada, será dentro em pouco um facto, que marcará uma época notavel na vida d'esta cidade; e, na phrase do exc.mo snr. Joaquim de Vasconcellos, «será uma pagina nova de um novo e grande capitulo da historia de Guimarães».

O pensamento d'esta festa do trabalho local, que desde logo ganhára todos os animos pelos magnificos resultados que não podiam deixar de antever-se, soffreu um rude embate, quando mais detido exame ao palacete de Villa-Flôr, que o exc.mo snr. Soares Velloso gostosamente accedera em pôr

á disposição da commissão para n'elle ser installada a exposição, mostrou que não tinha a capacidade necessaria e que portanto teria de limitar-se a exposição a uma só das tres secções em que a principio fôra dividida, industrial, d'arte antiga e agricola. Esta circumstancia, que se não previa, além d'outras, que a principio pareceram de difficil solução, lançou por momentos um certo desanimo em todos, mas essa impressão foi de curta duração, e desappareceu bem depressa perante a vontade e energia d'alguns, que com a sua activa propaganda souberam levantar os animos e vingar a idéa. Honra a todos esses que comprehendendo o alto alcance do pensamento da exposição e as vantagens immediatas e remotas, que ha de trazer ás industrias e commercio de Guimarães se não deixaram assoberbar com difficuldades mais apparentes que reaes, e foram por diante conseguindo assim dar um desmentido solemne aos espiritos timidos que de tudo duvidam e recuam desalentados ante o menor embaraço, não se lembrando que «a fortuna ajuda sempre os que tem confiança em si e fé nos outros». Da parte dos industriaes e alguns commerciantes houve, é certo, em principio um tal ou qual retrahimento, que por momentos fez desalentar os propugnadores; mas porque nem todos comprehendem os proprios interesses, devem deixar de guiar a opinião, quasi sempre cega, os que pela sua posição e intelligencia estão em condições de impulsar os commettimentos uteis e desfazer quaesquer attritos que se levantem? De certo que não. É essa até, cremos nós, a sua missão impreterivel, e faltam a ella os que a não procuram dirigir illustrando aquelles que por circumstancias do meio em que viveram ou d'uma educação incompleta, se não puderam lavar dos prejuizos na vasta piscina da instrucção e do estudo. A exposição circumscripta ás industrias de Guimarães e seu concelho, está entregue á direcção intelligente e cuidados desvelados do nosso prezadissimo amigo e uma das melhores e mais cultivadas intelligencias d'esta terra, o dr. Alberto Sampaio, e tanto basta para se poder assegurar que coadjuvado com decidida vontade pelos seus collegas da commissão executiva, tendo encontrado da parte dos commerciantes e industriaes sincera adhesão e apoio, a installação da exposição será feita em condições de patentear a todos o que vale a nossa industria, embora até hoje completamente desprotegida e entregue aos proprios recursos. O dia 1 de junho será o dia da abertura da exposição e um dia de verdadeira festa para Guimarães, que juntará ás paginas da sua brilhante his-

toria mais uma que em nada desmerecerá das outras, e que muito concorrerá para o seu progresso futuro.

*

Em sessão de 22 de março o illustre parlamentar o exc.mo snr. Marianno de Carvalho sustentou e conseguiu que fosse votada uma proposta sua para ser creada n'esta cidade uma escóla de desenho industrial. Não podemos deixar de consignar aqui um voto de sincero agradecimento a s. exc.ª, que reconhecendo quanto importa ao desenvolvimeto da industria o conhecimento do desenho, solicitou e obteve essa concessão. É pouco todavia, e cremos que s. exc.ª, comprehendendo bem que só uma escóla industrial satisfaria ás necessidades locaes, não pediu mais pela certeza de nada conseguir. Na camara dos pares o nosso illustre conterraneo o exc.mo conde de Margaride annunciou tambem uma interpellação ao exc.mo ministro das obras publicas sobre o não cumprimento da lei de 1864. Esperamos do patriotismo de s. exc.ª que saberá fazer valer perante a camara os direitos de Guimarães a ser dotada com uma escóla industrial. A s. exc.ª dirigiu a Sociedade nova representação no mesmo sentido, assim como officiou ao exc.mo snr. João Chrysostomo, auctor da lei de 1864, pedindo a coadjuvação de s. exc.ª para que nos seja feita justiça inteira e completa.

A direcção da Sociedade resolveu unanimemente e com toda a justiça, officiar ao exc.mo snr. Mariano de Carvalho agradecendo-lhe o ter tomado a peito os interesses de Guimarães. Igualmente o fez em sua sessão de 26 de março a exc.ma Camara, consignando um voto de louvor merecido e bem justificado.

*

Está para breve a abertura á exploração da linha ferrea do Bougado a Guimarães, cujos trabalhos continuam activamente desde Vizella até onde desde o 1.º de janeiro se acha em exploração.

Preparam-se os habitantes de Guimarães para festejar condignamente este acontecimento, mostrando o seu regosijo

por vêr alfim realisado um melhoramento importante, que trará innumeras vantagens a Guimarães, fomentando o commercio e industrias locaes. O programma da festa está a cargo d'uma commissão d'enthusiastas que conseguiram por meio d'uma subscripção publica obter bastantes meios para esse fim. Espera-se em breve a vinda da commissão d'engenheiros, que fazendo o exame do estado da linha, dê o seu parecer, para se marcar o dia da inauguração, que se presume será até 15 ou 20 do proximo abril. A abertura da linha ferrea traz comsigo como necessidade inadiavel ligar Guimarães por uma via de communicação ampla e commoda, e que seja continuação digna a todos os respeitos da estação terminal d'uma linha ferrea, que tem em seu decurso pontos de vista verdadeiramente admiraveis. A estação, proxima do palacete de Villa-Flôr, fica a distancia de perto de 1 kilometro da cidade, sendo principalmente dous os pontos por onde se diz deve estabelecer-se a communicação com ella: ou partindo da estação e terminar no Toural, ou da estação para proximo da igreja do Campo da Feira. Procede-se a estudos desde já para vêr qual dos dous traçados será preferivel; feitos elles é de crêr que a exc.ma Camara pensará maduramente qual d'elles é preferivel, inspirando-se, para a sua resolução final, do que mais conveniente seja ao embellezamento da cidade, não preterindo ao mesmo tempo os interesses legitimos do commercio. Convém que os nossos visitantes agradavelmente impressionadas pelas bellezas da paizagem que atravessam até á estação, conservem essa agradavel impressão ao entrar na cidade.

Faça-se algum sacrificio, se é preciso, mas dê-se communicação para a estação por uma rua ou avenida larga, que se preste, sendo possivel, á edificação, e que favoreça o commercio e o desenvolvimento da cidade. É já tempo que Guimarães perca o nome, que injustamente tem, de retrograda e refractaria aos melhoramentos materiaes. Nós fiamos do zelo e interesse da exc.ma Camara pela causa publica, que n'esta conjunctura preferirá o traçado que mais vantagens offereça ao embellezamento da cidade.

Guimarães 29 de março de 1884.

AVELINO GERMANO.

Agradecemos penhoradissimos a todos os nossos collegas na imprensa, de quem fomos acolhidos com tanta sympathia, que nunca a esqueceremos. Ao *Commercio de Portugal*, que distinguiu a nossa obra social d'uma fórma tão excepcionalmente lisongeira, e ao *Imparcial de Coimbra*, que transcreve a historia dos nossos trabalhos, só diremos que nos deixaram a intima satisfação de quem se sente amplamente recompensado dos seus serviços e ainda fica em divida. D'outros jornaes, que não recebemos, soubemos que fomos igualmente apreciados com excesso de favor. Ás seguintes publicações agradecemos a mais a fineza da troca: *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, Boletim da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, Revista d'obras publicas e minas, Lavrador, Folha de Braga, Periodico, Jornal de Santo Thyrso, Conimbricense, Aurora do Cavado, Vida Moderna, Tirocinio, Imparcial de Coimbra, Moda, Religião e Patria, Progresso Catholico, Espectador, Luiz de Camões, Frœbel.*

ERRATA DO 1.º NUMERO

Pag.	Lin.	Onde se lê:	Leia-se:
38	27	Idealisa-se a mulher	Idealisa a mulher
41	41	uma recordação	uma grata recordação
44	33	Panorama Illustrado	Panorama Contemporaneo
45	30	offereceu nas Taypas	offereceu na corôa do monte

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura o preço de 800 reis; cada fasciculo em separado 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. Os assignantes de fóra do concelho poderão pagar em estampilhas. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a GUIMARÃES, sendo a relativa á redacção a DOMINGOS LEITE DE CASTRO, e a relativa á administração a ANTONIO AUGUSTO DA SILVA CALDAS.

Francisco da Silva Monteiro

Academia Polytechnica

Por

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

N.º 3 — Julho de 1884

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1884

Summario d'este numero

I. Folklore — Adivinhas; por *L. de Castro.*

II. A industria da resinagem; por *Motta Prego.*

III. A igreja de S. Francisco; pelo *Padre Ferreira Caldas.*

IV. Hygiene local; por *J. de Meira.*

V. Os nossos socios honorarios — III. O commendador Manoel da Cunha Guimarães Ferreira; por *Avelino da Silva Guimarães.*

VI. Boletim; pelo secretario da direcção, *Adolpho Salazar.*

VII. Balancetes; pelo thesoureiro da direcção, *Costa Guimarães.*

VIII. Chronica; por *Avelino Germano.*

FOLKLORE

Ao encetarmos esta secção na *Revista de Guimarães,* sentimos a necessidade de justificar, perante uma parte dos nossos leitores, a importancia d'estes estudos, á primeira vista frivolos.

E, como nós, perfeitamente hospedes no assumpto, estamos longe de ser os primeiros a quem aconteça o mesmo, para nos pouparmos ao trabalho fatigante e inutil de repetir por differentes palavras o que já está dito e nós não diriamos tão bem, transcrevemos do livro do snr. J. Leite de Vasconcellos — *Tradições populares de Portugal* — os trechos principaes da primeira parte da Introducção em que se trata a materia d'um modo que nos parece completo.

O auctor nos perdoará a longa transcripção, attendendo á conveniencia de vulgarisar o gosto pelos seus «estudos predilectos.»

Diz elle:

«Estou certo de que grande parte dos leitores d'este livro hão de achal-o uma cousa futil, ou, quando muito, um assumpto de simples curiosidade. Não me admiro: as ideias, antes de se imporem completamente, precisam de passar por um *struggle for life;* além d'isso, os objectos com que se está mais em contacto são de ordinario os que menos vezes despertam a attenção, pois que o habito não deixa reflectir n'elles.

«As superstições, os costumes, os jogos, os contos, as cantigas, as adivinhas, as rimas infantis, os ensalmos, as orações, as xacaras, todas essas tradições que constituem o Folklore, parecem na verdade á primeira vista objectos destituidos de importancia, e proprios exclusivamente de espiritos ignorantes e rudes; a importancia porém do estudo scientifico das tradições populares resulta das seguintes rasões, entre outras, e eu peço aos que combatem esse estudo o favor de m'as refutar:

«1) As tradições populares manifestam o modo como o povo encara

actualmente a Natureza e como vive na sociedade, no que vae uma necessidade de exame para o demopsychologo e para o historiador, nenhum dos quaes póde affirmar que surprehendeu todas as manifestações cerebraes, que entreviu a evolução da intelligencia, ou que conhece conscienciosamente o seu paiz, sem primeiro ter interrogado o povo, que, se, por um lado, é um orgão atrophiado do grande corpo da humanidade, por outro, é ainda um embryão a desenvolver-se, e em ambos os casos representa uma das forças mais importantes de uma nação.

«2) As tradições populares elucidam-nos sobre o passado, porque no geral nenhuma d'ellas é moderna, como se reconhece pela comparação com o que existe nos differentes paizes ou com o que n'um mesmo paiz existe em differentes epochas.» ... «Comquanto a existencia de algumas tradições eguaes em differentes paizes, por ex. certos adagios, possa ser explicada por uma producção espontanea e independente n'esses paizes, a maxima parte terá de se explicar por dois modos: *a*) transmissão de povo a povo, ex. certas fabulas que por intermedio dos sacerdotes budhicos foram communicadas aos escriptores brahmanicos, dos quaes passaram á Persia e d'ahi a Cordova no tempo da dominação arabe na peninsula; *b*) propriedade commum das raças antes da sua separação. — Qualquer d'estas tres causas, a producção independente, a transmissão de povo a povo, a origem commum, é interessante, no primeiro caso para a demopsychologia, nos outros para a historia. As superstições, os contos, as poesias populares, etc., são frequentemente o ultimo vestigio de mythos primitivos, como acontece com as fogueiras do S. João, o cepo do Natal, as Maias, etc., em que se celebra, sob um aspecto mais ou menos catholico, a lucta do Verão e do Inverno, da luz e das trevas.»...

«3) As tradições populares, principalmente a poesia, dão a média da capacidade esthetica do povo que as repete.

«4) As tradições populares habilitam-nos para avaliarmos a grande communicação que houve entre os escriptores litterarios e o povo, porque as litteraturas são tanto mais verdadeiras, tanto mais ricas, quanto em maior grau essa communicação se exerce.

«5) As tradições populares revelam processos naturaes, e fórmas archaicas e dialectaes da linguagem, cujo conhecimento importa para o campo da Glottologia, como por ex. a descoberta de um astro para o campo da Astronomia. D'aqui se vê a conveniencia de relacionar o estudo da Glottologia com o do Folklore.

«6) As tradições populares tem uma importancia prática pela sua applicação á educação infantil. Uma boa educação consta de tres partes: educação physica, moral e intellectual; ora para todas ellas as tradições populares offerecem themas variados. As forças physicas robustecem-se, por ex., nos jogos, como os *cantinhos*, a *cabra-cega*, o *assim-se-amassa*; muitos adagios, contos, fabulas e romances offerecem desfechos de alta moralidade; as faculdades intellectuaes desenvolvem-se, por ex., na decifração das adivinhas, na pericia dos jogos (o pião, a pelle, etc.), na poesia (*parte esthetica*). As creanças amam naturalmente aquillo que conhecem, e por isso ser-lhes-ha muito mais agradavel começar a lêr algumas ingenuas cantigas do berço e do S. João, do que as paginas assucaradas e massudas de algum prégador delambido. Os costumes populares no ensino têm ainda a vantagem de fortalecer o cerebro da creança no respeito da nacionalidade, aqui representada n'um dos mais importantes elementos — *a tradição*. Muita gente achará extraordinario o que digo, mas o que é certo é que na Allemanha, e outros paizes mais adiantados do que o nosso, se pratica assim; e então Portugal não faria nada de mais se os imitasse. Antes se incuta a ve-

neração da patria por meio da educação, do que por meio de luminarias nas datas historicas do 1.º de Dezembro e do 9 de Julho.

«7) As tradições populares, estudadas scientificamente, offerecem ainda outra vantagem prática, porque, preparando a interpretação d'ellas, desfazem muitas crenças erroneas. Se os inquisidores tivessem tido conhecimento da histero-epilepsia, escusavam de ter queimado tantos infelizes condemnados como possessos.

«Além d'estas rasões, o *Folklore* é, como disse, um objecto de curiosidade para o povo, porque contém a sua obra.»

Resta-nos só rogar encarecidamente aos nossos leitores que nos communiquem todas as tradições populares de qualquer especie de que tenham conhecimento. Deve-se indicar as terras onde são colhidas e conservar rigorosamente todas as fórmas da linguagem popular e, para melhor, conservar tambem as irregularidades da pronuncia ou da orthographia do povo que as repete. Poderemos assim reunir na *Revista de Guimarães* uma contribuição importante para o progresso da sciencia.

Adivinhas

As que seguem foram todas recolhidas este anno em Guimarães. Devo parte a algumas senhoras da minha familia e o maior numero ás snr.as Maria d'Oliveira e Thereza de Jesus; a de n.º 35 foi-me communicada pela exc.ma snr.ª D. Ignez de Queiroz; algumas, que hoje não posso discriminar, e das melhores, pela exc.ma snr.ª D. Maria d'Oliveira de Barros Peixoto. As de n.os 14, 60, 73, 3, 79, 20-A, 13, 21-B, 41-A, 93, 83, 94, 56-B, 78, 63-A, 30, 74, 59-B, 34, 75 e 71-A foram copiadas d'um pequeno caderno de uso, que me confiou a snr.ª Thereza de Jesus. Estas e algumas das restantes são, como o leitor verá, producções ou ampliações eruditas de themas populares. Publico-as todas por achar curiosa tambem a comparação entre umas e outras. Guimarães foi sempre torrão fertil em poetas. Tenciono ainda um dia dar conhecimento d'algum do principio d'este seculo, a que se não póde negar o talento e nobreza de sentimentos. N'essa época, e ainda depois, a poesia foi um entretenimento das nossas salas e sem duvida a adivinha popular recomposta prestava-se admiravelmente a esse effeito.

Na impossibilidade de reunir todos os livros, revistas e jornaes avulsos em que teem sido publicadas adivinhas, decidi-me a publicar todas as que recolhi, referindo-me unicamente ao livro acima citado. Os especialistas farão a escolha sem estranharem de certo que lhes dê tão pouco um simples curioso d'occasião.

*

1

Luz [1]

Que é, que é
Do tamanho d'uma abelha
E enche a casa até á telha?

2

Escuridão

Qual é a coisa, qual é ella
Quanto maior é
Menos se vê?

3

Vento

Eu ando legoas n'um pé,
Tenho entrada em toda a parte,
Mas o sitio onde m'escondo
Não descobriu inda a arte.

Uns appetecem-me fraco,
Outros desejam-me forte,
O afouto que me não teme
Ás vezes entrego á morte.

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fóra do seu logar.

4

Anno

Um gigante de bella feição,
Tem doze filhos do seu coração,
Cada filho tem trinta netos
Meios brancos e meios pretos.

5

Raul e luar

Á direita é um homem,
Só quatro letras tem
E á esquerda, se o quizeres,
Só á noite é que vem.

6

Cal

Q'al é a coisa, q'al é ella, [2]
Onde está bem parece ella?

7

Sal

Femea sou de nascimento,
Macho me querem fazer;
Hei de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.

8

Amor perfeito

De fino velludo é o teu vestido,
De lindas côres adornado,
É divino o teu pintor,
És perfeito e delicado.

9

Couve

Que é, que é que quando nasce
É do tamanho d'uma pulga
E tem as orelhas como uma burra?

10

Cabaça

Semeei troncos e nascem-me cordas
E na ponta das cordas nascem-me bolas.

11

Melão

Letras me puzeram
Que nunca se leem,
Diz que me calasse,
Eu nunca fallei,
Logo que me *calaram*
Meus dias acabei.

12

Melancia

Sou refresco saboroso,
Na flôr da terra habito,
Sou um verde bem bonito,
Quem me tem vive afflicto.

12-A

Minha mãe era uma preta,
Por encanto trabalhou,
P'ra me dar branca e vermelha
Assim verde começou.

---

[1] Vem já nas *Tradições populares de Portugal*, pag. 44, com a unica substituição da formula inicial. V. tambem n'esta collecção os n.os 89, 90 e 90-A.
[2] Tambem se diz: *Cal* é elle, *cal* é ella. V. *R. de G.*, pag. 61.

12-B

É verde não é limão,
É branco não é papel,
É vermelho não é sangue,
É preto não é carvão.

13

Amora

Não sou negra de Guiné,
Nem vim da Costa de Mina,
Sou uma preta creoula
De estatura pequenina.

De calida nada tenho,
Ser fria ó meu natural,
E por isso com meu sangue
Sei atalhar certo mal.

Tenho uma mãe muito farta,
Tão boa condição tem,
Que, depois que cria os filhos,
Dá sustento a mais alguem.

14

Piteira

Sem ser rosa tenho espinhos,
Tenho fios sem ser teia,
Posso supprir por parede
Sem ser cal, pedra ou areia.

Conservo prestimo grande
Para coisas delicadas,
Que já foram muito moda
E hoje são pouco usadas.

Pelos ladrões sou temida
E meu dono em mim descança;
Quando me vejo mais velha
Tenho commigo uma lança.

15

Pinheiro

Comprido do pé
Redondo da bola,
E em cada ponta
Uma carambola.

16

Pinhão

Paes altos, mães baixas,
Filhos pretos, netos brancos.

17

Carvalha

Qu'arvore é que larga o fructo
E deixa ficar o casulo?

17-A

Uma coisa que tem muitas filhinhas
E a todas dá uma carapucinha?

18

Lande

Altos alamares,
Quetulos (cogulas?) de frades,
Tocando *geribodes*,
Adivinha se pódes.

19

Ouriço

Tenho armas não de fogo,
Não me servem de proveito;
Rindo se me abre a bocca,
Lanço o que tenho no peito.

A dama que de mim sae
É mais formosa do que eu;
Ella vai com quem a leva,
Eu fico com quem me deu.

19-A

Altos, verdes *caninés*,
Por cima *piu*, por baixo *mé*.

20

Castanha

Alto está, alto mora,
Dá um riso, vai-se embora.

20-A

Eu nasci dentro d'um berço
Que ninguem tocar ousava,
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-m'o fato, ando núa,
Na velhice ao tempo exposta,
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

21

Azeitona

Verde foi meu nascimento
E de lucto me vesti,
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

21-A

É de lucto o trajo meu,
É duro o meu coração,
As pinguinhas do meu sangue
Vão correndo pelo chão.

21-B

Tenho uma vida de escrava,
Com captiveiro tão mau
Que, sem eu fazer delicto,
Me mandam correr a pau.

Pelos tratos que me dão
Nunca velha chego a sêr,
Meu senhor se alegra muito
De vêr meu sangue correr.

Acabo martyrisada,
Mas, em boa opinião,
Meu sangue é util ás vezes,
Tem muita veneração.

22

Noz

Alto que nem torre,
Dôce que nem mel
E amarga como fel.

23

Laranjeira [1]

Altos castellos,
Verdes e amarellos.

24

Laranjas [1]

Em altos castellos
Bois amarellos.

25

Roman

Pucarinhos, *pucaretes*,
Oh! que lindos ramalhetes!
Nem cozidos nem assados,
Nem comidos com colher.
Não adivinhas este anno,
Nem para o outro que vier,
Só se t'o eu disser.

26

Videira

Eu sou velha, não o nego,
E o inverno me faz cega,
Os olhos me vecm no verão,
Tenho um filho por brasão,
Que a muita gente faz perder
Honra, brio, consideração.

27

Uva

Que é, que é
Que nasce n'uns pausinhos,
Redondinho como bugalhinhos,
E é tão aternegado
Que até aos pés é calcado?

28

Uva passa

Uma velha muito velhinha,
De velha encorrilhadinha,
No c... tem uma tranquinha.

29

Vinho e vinagre

Nós somos ambos irmãos
E da mesma geração;
Todos os dias vou á missa,
Nunca lá vai meu irmão.

Para bodas e banquetes
A mim me convidarão,
Para gostos e guizados
Fallom lá com meu irmão.

30

Esponja

Minha mãe, que me creou,
Apenas me vê crescida,
Me lança fóra de si,
Mui pouco compadecida.

Quando me encontro com ella
Seus passos vou atalhar
E, com as boccas que tenho,
Faço pela segurar;

---

1 V. nas *T. p. de P.*, pag. 129, uma outra variante.

Mas não é por muito tempo
Que a sua prisão lhe dura,
Porque me apertam as boccas
Até que lhe dê soltura.

31

Bicho da sêda

Macho foi meu nascimento,
Como macho herva comi;
Mas depois que cresci
Monge fui para o convento;
Ahi chegou meu descontentamento
Da minha sorte maldita;
Fui femea e bem bonita;
Amores não encontrei,
Então morri afflicta.

32

Aranha

Sou uma pobre envergonhada
A qualquer canto mettida,
Trabalhando noite e dia,
E do trabalho que faço
Ainda curo alguma f'rida;
E ainda ha quem de mim diga,
Com cara de pouca vergonha:
— Fugi d'ella, que tem peçonha!

33

Abelha [1]

— Venha cá, senhor studante,
Se sabe a philosophia,
Diga qual é a ave voante
Que não tem peitos e cria,
Aos vivos dá alimento
E aos mortos alumia?

34

A cera e o mel

Nós nascemos femea e macho
Com cautela e estimação,
Porém eu nasci primeiro
Que nascesse meu irmão;

Curado dos meus achaques
Adquiro fama enorme,
Mas tenho um inimigo
Que me persegue e consome.

Meu irmão quando mais novo
Mais seus amigos conforta,
Nossa mãe sem este filho
Esmorece e fica morta.

35

Borboleta

Ando toda matizada
De lindas, diversas côres;
Se me apraz entre as flôres
Passo a vida socegada;
Son ás vezes maltratada
Por força da sorte impia,
Invencivel sympathia
Melhor me fôra não vêr
Que mais tempo duraria.

36

Sardinha

Como vil e diminuta,
Tambem de boa conducta,
Entro na praça publica;
Cada um com seu vintem:
— A mim, a mim, quero tambem. —
Sou de ricos e de pobres,
De mechanicos e nobres,
Vou ás cidades e aldêas,
Sou a alegria de todos
Nos almoços e nas cêas.

37

Cobra

Por aquelle monte
Vai uma dama,
Mui sisuda no andar,
Não leva saia nem manto,
Sua vista faz espanto
Que de natureza o é.

37-A

Passeio por onde eu quero,
Caminho com desafogo;
Todos os annos me visto
E sempre de trajo novo;
Como e bebo e nada me custa
E quem me vê logo se assusta.

38

Ovo

Meu pipinho, meu *pipote*, [2]
Não tem torno nem batoque,
Nem por onde se lhe tire,
Nem por onde se lhe bote.
— Ovo.
— Chucha-lhe a m... e papa-lhe o miolo.

---

[1] V. nas *T. p. de P.*, pag. 137, duas variantes.

[2] V. nas *T. p. de P*, pag. 156. A fórma «pipote» é usual em toda a parte, não assim «pipeirinho» ou «pipeirote» que nunca ouvi. Esta comprehende a 2.ª e 3.ª apresentadas pelo snr. J. Leite de Vasconcellos.

38-A [1]

Que é, que é
Uma casinha branca
Sem porta nem tranca ?

38-B

Branco é, 'marella o põe. [2]

38-C

Redondinho, *redondello*, [3]
Não tem porta nem portello.

38-D

Casa caiada,
Porta (!) amarella,
Ninguem mora n'ella.

38-E

Sou careca
E parente de carecas,
Minha mãe é desdentada
E meu pae é cantador;
Eu não sou da mesma côr.

39

Capão [4]

Que é, que é,
Foi e não é,
Come e bebe
E anda a pé?

40

Gallo [5]

Tenho c'rôa e não sou rei,
'sporas e não sou cavalleiro,
Sei as horas e não pelo norte,
Canto matinas, não sou sacerdote.

40-A

Serrª na cabeça,
Foicinha no rabo,
Advinha, tolo,
O que é? um gallo.

41

Rato

Minha mãe é uma ladra
E meu pae é um ladrão,
P'ra não ficar desherdado
Eu saio á geração.

41-A

Eu sou filho d'um ladrão,
Minha mãe tambem é ladra;
O mesmo vicio me quadra
Por sahir á geração.

Ando-me sempre a esconder
Só porque ninguem me veja,
Quem a morte me deseja
É que me dá de comer.

Os passos que dou vigia
Ladrão mais grave que eu,
Unico flagello meu,
Seja de noite ou de dia.

42

Toupeira

O que é, que é
Que esfossa no chão
E porco não é?

43

Corno

Lua nova, lua cheia,
Tem um *r* na bandeira,
n, o. Que quer dizer? [6]

---

1 Variante nas *T. p. de P.*, pag. 156, a 1.ª

2 Tambem se diz «gallinha o põe». N'esta fórma usa-se muito, entre o povo, propôl-a graecejando, á pessoa com quem se falla, para indicar que uma coisa é muito facil de perceber.

3 Duvido da genuinidade d'esta fórma «redondello» e da fórma «miudaes» da adivinha n.º 66 d'esta collecção. Quer-me parecer que haveria uma apropriação artificial á rima, da parte de quem m'a communicou, dos deminuitivos «redondinho, miudinho». Comtudo isto é talvez um excesso de desconfiança, provocada pela incerteza com que essas fórmas me foram ditas.

4 V. nas *T. p. de P.*, a pag. 151. As duas completam-se. «Foi frango» é realmente a explicação do verso: «Foi e não é»; mas a adivinha é ao capão, não ao gallo.

5 Cf. a 2.ª de pag. 151 nas *T. p. de P.*

6 A lua nova tem a fórma de um *C*, a lua cheia d'um *O*. Ter um *R* na bandeira quererá dizer que o leva no meio? E assim se fórma o conceito: C + o + r + n + o.

44

Penna

Ente alado me creou,
Com seu sangue me nutri,
Replantar-me onde nasci
Não póde quem me roubou;
Para ser util qual sou
Soffri d'impio ferro o córte.
Tenho triste o nome e a sorte,
Em mim o lucto é patente
Quando contra algum vivente
Se dá sentença de morte.

45

Barba

Sou do Turco mui querida,
Das mais nações desprezada,
Dos rapazes cubiçada.
A miudo perco a vida
Por um vintem e por nada.

46

Lingua

Que é, que é uma senhora
Toda assenhorada
Que nunca sae á rua
E está sempre molhada?

47

Os dentes e a lingua

Muitas pedras a moer
E uma vassoura a varrer?

48

Coração

No logar onde nasci
É que desejo morrer;
E o meu maior amigo
Nunca me deseja vêr.

49

Abel

Houve um homem no mundo
Que sem culpa morreu,
Antes de sua mãe nascer
Porque ella nunca nasceu;
Enterrou-se nas entranhas
De sua avó inda virgem
Quando seu neto morreu [1].

50

Avó, mãe e filha

Duas mães e duas filhas
Cobertas com tres mantilhas?

51

Fallam duas mulheres, casadas com os paes uma da outra:

Acolá vem nossos paes
Paes dos nossos filhos,
Nossos legitimos maridos.

52

Falla do milho ao carneiro [2]

Tu que me miras
Comer-me querias;
Tu morrerás
E eu ficarei;
De ti ficará
Onde m'eu metterei.

53

Escrever

Campo branco, semente preta,
Cinco bois a uma chavelha [3].

54

O

Ao mundo sou comparado
Sem ter principio nem fim,
Sem mim não póde haver Deos
Mas rei e cardeal sim;

O papa póde ser papa,
Sem mim pontifice não;
A virgem póde ser virgem,
Mas donzella sem mim não.

---

[1] De facto Eva *nunca nasceu,* visto que foi formada d'uma costella d'Adão, assim como, sendo essa a origem d'Eva, a mãe d'esta e avó de Abel foi a Terra, o barro do que foi formado Adão.

[2] Cf. a — adivinha da uva que falla á cabra — nas *T. p. de P.*, pag. 182.

[3] Tambem já ouvi — chaveta.

55

Linho

Rei *picanço*, rei *picanço*,
Cae a folha, cae o manto,
Sempre fica rei *picanço*.

56

Roca

Oh! que dama tão formosa!
Dois ladrões a stão spreitando,
Ao tocar das castanholas
As tripas lhe estão tirando.

56-A

Sou velha e muito velha,
Só ao pé de velhas 'stou bem;
Estas meninas da moda
Nenhumas me querem bem.

Trago commigo um rapaz
Muito propenso p'rá dança,
Tem a cabeça bicuda
Muito além de ser creança.

56-B

Eu sou velha e muito antiga,
Só com velhas me dou bem,
Que estas meninas da moda
Amizade me não tem.

Trago commigo um pequeno
Com propensão para a dança,
Muito agudo da cabeça
Apesar de ser creança.

Quem tem dó de me vêr nua
De novo me vae cobrir,
Eu do fato que me dão
Faço o pequeno vestir.

57

Maçarocas

Tenho um brinco, brinco, brinco,
Que de brincar m'endoidece:
Quanto mais c'o brinco brinco,
Mais o brinquinho me cresce.

58

Novello

O que é, que é
Pequeno como um limão,
Tão alto como um leirão
E cabe no ninho d'um pimpalhão?

59

Dobadoira

O que é, que é, que nasce no monte
E lá mesmo a vão matar
E a casa nos vem cantar?
— Dobadoira.
— No c... te estoira.

59-A

São quatro Irmãs,
Cobre-as a mesma mantilha,
Andam umas atraz d'outras
E nenhuma se pilha.

59-B

Sou de quatro divisões,
Sustenta-me uma columna,
Tenho alguma similhança
Com a roda da fortuna;

Que lhe não faça paradas
Meus donos de mim pretendem,
E quando querem que corra
Com uma cinta me prendem;

Mas sem eu ser curiosa,
Chocalheira, entremettida,
Não me livro de me vêr
Em alguns enredos mettida.

60

Sarilho

Vejo-me só, posto ao canto,
Depois que sahi do matto;
Se me vestem, pouco a pouco,
Logo me tiram o fato.

Por costume sou cortez;
O trabalho dos meus dias
É, na mão da minha dona,
Estar sempre ás cortezias.

Quando alguns tombos me dão
Eu não digo *chuz nem buz*,
E tudo quanto me fazem
Vou soffrendo a minha cruz.

61

Meada

Nua e crua me puzeram
Sobre o fogo abrazador,
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me trouxeram:
Sobre a pedra lisa e dura
A côr mudar me fizeram.
Hoje, em quatro paus segura,
Em continuas voltas ando,
Até que, extincta ficando,
Mudo de nome e figura.

62

Corda

O que é, que é
Que vai p'r'o monte encolhido
E p'ra casa vem 'stendido?

63

Tesoura

Uma dama delicada,
Delicada no comer,
Mastiga e deita fóra,
Engulir não póde ser.

63-A

Duas irmãs muito unidas
Vivem mas sem que se casem,
O seu trabalho é fazerem
O que as más linguas nos fazem.

São agudas e valentes,
Teem em toda a parte entrada,
E são por pobres e ricos
Muitas vezes procuradas.

Aproveitam, desperdiçam
Tudo quanto vão fazer,
Pois que os dedos pelos olhos
Todos lhes querem metter.

64

Alfinete

Em França fui nascido,
Em Portugal sou vendido,
A minha vida é 'star preso,
Se me soltam 'stou perdido.

64-A

Todas as damas me querem,
Dão-me á cabeça o valor,
Sem ter dentes firo ás vezes,
Sem montar sou picador.

Aquelle que de mim precisa,
Se ao pé de si me não vê,
Vai buscar noticias minhas
Em *carta* [1] que se não lê.

Quasi todas as creadas
Me encontram, sendo perdido,
Sou mil vezes emprestado
E nunca restituido.

64-B [2]

Eu venho do estrangeiro
Em documento que se não vê,
Sou picador e não montador,
Todas as damas me querem
Ao seu peito trazer;
Sou perdido e não restituido.

65

Agulha e linha

Que é, que é
Anda de buraco em buraco
Com as tripas de rastos?

66

Agulha e dedal

Uma dama delicada
Dá um passo *miudaes* [3],
Tem um pagem que a segue
Todo cheio de signaes.

66-A

Uma senhora caminha
Por onde ninguem caminha,
D'um mancebo se ajudava
Que á sua beira tinha;
Elle tem muitos signaes
Em todo o seu corpo lindo.

67

Dedal

Somos muitos irmãos
Espalhados pelo mundo,
Uns c'roados, outros por c'roar,
Nem a todos se lhes vê o fundo;
Alguns homens os procuram
E algumas mulheres tambem;
Não é pau nem carapuça
Nem é coisa d'enfeitar;
Todos o põem na cabeça
Por ser esse o seu logar.

68

Leque

Sou um triste engrunhado,
Só com as moças m'entendo;
Tiro-lhes o que ellas tem,
Dou-lhes o que ellas não tem;
Só ao pé das moças stou bem.

---

1 Os alfinetes vem das lojas n'uma especie de enveloppes. Diz-se: ir buscar uma *quarta* d'alfinetes; e tambem: uma *carta*.
2 Parece uma degeneração das duas anteriores.
3 V. nota 3 a pag. 112.

69

Espelho

Que pinta o pintor
Com tal instrumento
Que não só pinta a côr
Mas até o movimento?

70

Piano

Sou corpo com muitas linguas
E com todas ellas fallo,
Quando estou com quem m'entenda
Por dar gosto não me calo.

Tenho dez amigos certos
Com quem eu muito me dou,
Elles são quem me procura,
Eu nunca buscal-os vou.

Ainda que me julguem forte
O mau tempo me faz damno
E quem m'escrever o nome
Sempre me põe data e anno.

70-A [1]

Com *p* se escreve palmeira,
Com *p* se escreve palito,
Com *p* se escreve pereira,
Papagaio e periquito.

Com *p* tambem a raposa,
Com *p* se escreve prezunto,
Com *p* se escreve uma coisa
De que as moças gostam muito.

Não se riam, minhas senhoras,
O que é é instrumento,
Que soluça, diverte e chora,
Tocado com sentimento.

71

Relogio

Os homens me dão governo,
Aos homens governo eu dou,
Quando se esquecem de mim
O meu governo acabou.

71-A

Por conta, peso e medida,
Vivo muito desejado;
Em pontos de tratamento
Sou bastante delicado.

Negocios, jornadas, tudo
Ajustado e promettido,
Raras vezes se conclue
Sem que eu seja alli ouvido.

De doze irmãs sou amparo,
Recolhidas e donzellas,
Que por mudas não se explicam,
Eu é que fallo por ellas.

72

Caixa do rapé

'Stalagem pequena e aceada,
Dois hospedes á entrada,
Elles *entro* a dois e dois,
Uns primeiro, outros depois;
Elles entram e não pagam
E não sabem que não tragam.

73

Espingarda

Eu tenho um prestimo só,
Sou por isso estimada;
Tenho um demonio a servir-me,
Sem elle não posso nada.

Trago sempre um cão commigo,
Não para que me defenda;
Meu dono se põe á mira
Quando mostro minha prenda.

Não provo nenhuma carne,
Bem que m'a vejam buscando,
Como uma colher de grão
Com que fico arrebentando.

74

Bainha

Sirvo uma fera senhora,
Para a servir me criei;
É tão nobre que anda ás vezes
Até ao lado do rei.

Seja no campo ou na côrte
Traz uma guarda comsigo,
Porém nunca está melhor
Do que quando está commigo.

Não lhe posso reprimir
Os impetos que ella tem,
Mas commigo é que se acouta
Apenas offende alguem.

---

1 O conceito d'esta charada que me foi transmittida escripta, veio-me assim expresso: « É piano, mianho, minhas ».

75

Dado

Sou arbitro da desgraça
E tambem da boa sorte,
Em vida nada governo,
Governo depois da morte.

Por conta ás vezes dou conta
D'abundante cabedal,
E, procedendo d'um bruto,
Faço bruto o racional.

Com o prestimo que tenho
O meu nome não condiz,
Só por interesse faço
O desgraçado feliz.

76

Pião

P'r'andar me põem a capa,
P'r'andar m'a tornam a tirar;
Não posso andar sem a capa,
Co'a capa não posso andar.

77

Tambor

Em quatro pernas andei,
Agora em duas ando,
Todos acodem á minha voz chamando,
Só tenho uma mão desalmada
Que me dá muita pancada.

78

Nau

Tenho azas, não sou ave,
Sem ellas não posso andar,
Nem caminho pela terra,
Nem adejo pelo ar.

Ás vezes por onde vou
Bailo com desembaraço,
Muita gente se enfastia
Dos movimentos que faço.

Eu fallo por muitas boccas
Com voz tão forte e tão cheia,
Que quem vem fallar commigo
De que eu falle se arreceia.

79

Nora

Eu sou mãe de muitos filhos
E todos commigo tenho,
Para lhes matar a fome,
Dou mil voltas, vou e venho.

Como no tempo presente
Tudo custa a sustentar,
Quando estão fartos e cheios
Ponho-me logo a cantar.

Bem que sou velha no mundo
De molle não tenho nada;
Mas em me cahindo os dentes
Fico de parte entrevada.

80

Moinho

Que é que é, andar, andar
E nunca sae do seu logar?

81

Rodas

O que é, que é
Umas poucas d'irmãs,
Andam umas atraz d'outras
E nunca chegam ao pé?

82

Cesto

Que é, que é
Tem bocca e não falla,
Tem azas e não vôa,
Tem c... e não c...?

83

Carvão

Passei por muitos janeiros
Quando eu outra fórma tinha,
Até que meu dono viu
Que eu assim lhe não convinha.

Uma cousa que onde chega
Bota o que encontra a perder,
Quando me quer extinguir
É que me dá novo ser.

D'elle recebo o valor
Que me faz ser procurado;
Para gente que tem posses
Vou-lhe a casa amortalhado.

80

A vela, o pavio, a luz

O pae é côto,
O filho é crespo,
O neto é loiro.

90

Candeia

C... com c..., bico com bico,
Na ponta um *teteranico*.

90-A

Poço de ferro, albarda de linho,
Chega-lhe, chega-lhe c'um pausinho.

91

Mesa de jantar

Sobre pinho pinho 1,
Sobre pinho linho,
Sobre linho *felores*,
De roda amores;
Adivinhai, senhores.

92

Louça da India

Venho aqui de tão longe,
Só por ser vossa criada,
Toda cheia de *felores*,
Toda de flores armada;

A todos dou de comer,
Para mim não deixo nada,
E, descahindo da graça,
Fico não valendo nada.

93

Pão

Devendo aos quatro elementos
O vir a ser o que sou,
Sempre recebo mau pago
Da gente com quem me dou;

Sou abafado e depois
Em um carcere me vão pôr
Onde não mudo a figura
Mas do rosto mudo a côr;

O povo todo me busca
Pois necessita de mim;
Tive creação aos murros,
Tenho as facadas no fim.

94

Mostarda

Sou uma coisa que só
Não posso ter serventia,
E para fazer-me boa
Põe-me em má companhia;

O que de mim se estimula
Commigo não se põe mal;
Quer na cama quer na mesa
Eu sirvo a muito mortal;

Dos cinco sentidos um
Fica de mim descontente,
Ando por valer a muitos
Na bocca e nos pés da gente.

95

Sino

Alto está, alto mora,
Todos o veem, ninguem o adora?
— Um sino.
— M... de cão para o teu focinho.

95-A

Porca é minha cabeça
Antes que lhe deitem agua,
Fazem-me andar n'um sarilho
Por qualquer prazer ou magua;

Vivo de braços abertos
Com a lingua pendurada,
'stou ao *temporal do tempo*,
P'adeço crucificado.

95-B

N'um alto pinoto
Está um maranoto,
Que tem um dente
Que chama toda a gente.

96

Morte

Os bens d'este mundo
Não tem duração,
Co'a pressa que vem
Co'a mesma se vão.
E, quando parece
Que fazem amanho,
Ella vem de surpreza
E nos deita o gadanho.

---

1 Outra versão não traz este verso.

96-A [1]

Pelos povoados vai uma dama
Muito sisuda e depressa,
Sem saia e sem manto
E por onde vai causa espanto.

97

Caixão de defunto

Que é, que é que no monte nasce
E que no monte se cria
E, quando vem para casa,
Faz mais pena que alegria?

98

Tumba [2]

Uma cama *chirrada, birrada* e *rebicatachada;* quem a chirrou, birrou e rebicatachou ha de pagar chirradura, birradura e rebicatachadura.

L. DE CASTRO.

1 Cf. n.º 37 d'esta collecção.
2 Não pude obter a traducção dos termos singulares empregados n'esta adivinha. ram repetidos inconscientemente.

A INDUSTRIA DA RESINAGEM

Entre as arvores que mais vantagens offerecem, quer sós quer agrupadas, occupa um dos primeiros lugares o pinheiro, genero precioso da familia das coniferas, que se subdivide em quatro grupos, conforme a disposição e reunião das folhas em duas, em duas e tres, em tres sómente e em cinco.

Em cada grupo ha especies interessantes, que merecem ser vulgarisadas nos terrenos montuosos e areosos do paiz [1]. Os pinheiros mais frequentes entre nós pertencem todos ao primeiro grupo, taes são o pinheiro bravo ou maritimo, o de Riga, o pinheiro manso, e a variedade d'este, o molar.

É o pinheiro bravo aquelle de que carecemos occupar-nos.

« Rustico e robusto, diz um escriptor, dá-se bem nos ter-
« renos mais rebeldes a toda a cultura, mesmo florestal; na
« aréa movediça das dunas, que o vento do Oceano Atlantico
« impelle sobre as costas, enterra profundamente o espigão, e
« estende horisontalmente até uma grande distancia as raizes
« lateraes. O seu crescimento é dos mais rapidos, a vegetação

---

[1] Taes são o pinheiro laricio (pinus laricio), o pinheiro negro da Austria (pinus nigra), o pinheiro do Lord (pinus Strobus). O pinhal de Leiria é todo formado do pinheiro bravo, pinus maritima, e da variedade d'este — pinheiro de Bordeus.

« vigorosa, e os volumosos canaes resiniferos, que atravessam « o seu interior, tornam-no a mais abundante em resina entre « todas as coniferas. A madeira é d'um amarello pallido no bor- « ne e avermelhada no cerne, de fibra grosseira; é pesada « e sem flexibilidade [1] ».

Tudo no pinheiro, desde as raizes até ás folhas é util e prestadio.

O pinheiro fornece-nos excellente madeira de construcção, como mastros para os navios, vigas e tabuados para a architectura naval e civil, alcatrão e resina para a marinha, lenha e ramadas para os fornos e adubos para os terrenos. É, como diz um escriptor francez [2], « o pinheiro que fornece mais hu- « mus pela decomposição das suas folhas cahidas, e o que por « este modo contribue mais para o melhoramento do terreno, « onde vive muito tempo ».

Os pinheiros multiplicam-se de dous modos: sementeira e plantação.

A sementeira faz-se por meio de pinhas inteiras ou por meio de semente preparada e limpa, a que se chama penisco. Se o terreno em que se faz a sementeira é mattoso e enrelvado é necessario amanhal-o com cavas ou lavras.

As pinhas colhem-se desde outubro a janeiro, e andam ao sol para abrirem e largarem os pinhões, que conservam a faculdade germinativa durante um anno.

A sementeira faz-se nos dous ultimos mezes do anno, ou no começo da primavera, empregando-se trinta a trinta e cinco kilos de penisco por hectare.

« Se semearmos na primavera, diz o dr. José Maria Gran- « de, veremos grelada a semente ao cabo d'um mez pouco « mais ou menos. Logo no primeiro anno fórma a arvoresinha « uma especie de pequena corôa, que rasteja sobre o terreno; « no segundo deita um lançamento central, que se eleva a « prumo; no terceiro além do novo lançamento já deita ramos « lateraes e assim progressivamente nos seguintes. Á propor- « ção que o systema caulinar se vai desenvolvendo em andares « successivos, vai experimentando um igual desenvolvimento

---

[1] C. de Kirwan, *Les conifères indigènes et éxotiques*, tom. I.
[2] *Maison Rustique du IXe siècle*, tom. IV.

« o systema radicular, formando espigões e radiculas com que « a arvore se firma no terreno [1] ».

O pinheiro propaga-se naturalmente por effeito das suas sementes, que cahem das pinhas abertas sob a acção do sol, e vão impellidas pelos ventos a grandes distancias.

Além da sementeira, emprega-se a plantação, que se faz durante as humidades do inverno; mas este modo de propagação é pouco usado entre nós.

O pinhal é educado segundo o fim para que se destina; espesso, mas não tanto que os pinheiros fiquem enfesados, se se busca madeira alta e direita; com folga, sem que o pinheiro fique chaparro, se se destina á resinagem. Dá-se o primeiro desbaste ao pinhal quando este tiver de cinco a sete annos, e aos quinze annos outro.

O producto mais importante do pinheiro consiste nas substancias resinosas, que d'elle se extrahem, e que em alguns paizes constituem a base d'uma industria consideravel.

O snr. Ferreira Lapa, na sua *Technologia rural,* define a resinagem: o conjuncto de trabalhos destinados a extrahir de varias especies de pinheiros, seja da arvore em quanto viva, seja da arvore partida em achas, certos liquidos, que por si ou manufacturados, constituem productos muito estimaveis nas artes industriaes e na medicina, chamados productos resinosos.

Estes productos são principalmente a gomma ou resina primitiva extrahida dos pinheiros por meio de golpes ou sangrias abertas nos seus troncos, o oleo, a essencia, a colophonia, o pez negro, o pez branco, o breu gordo ou pixe, a resina amarella, o alcatrão e os diversos derivados d'este.

A industria da resinagem é muito antiga. Os gregos conheciam-na e a praticavam, mas modernamente é que tem tomado todo o incremento e importancia [2].

Na França, na Italia, na Austria, em diversas outras nações da Europa e da America, exerce-se a industria resineira em

---

[1] *Guia e Manual do Cultivador*, vol. II, pag. 315.

[2] O snr. Ferreira Lapa cita uma passagem de Plinio, liv. 6.º, cap. 83 da sua *Historia Natural*, d'onde se vê o processo então usado. Veja a *Technologia Rural*, vol. III.

larga escala [1]. Entre nós já ha muito se resina no pinhal de Leiria.

O pez mais afamado, conhecido pelo nome de pez de Borgonha, é colhido na Allemanha e na Suissa; a essencia de terebinthina, denominada terebinthina de Veneza, vem igualmente da Suissa.

É a industria resineira muito lucrativa a ponto dos governos e dos particulares a terem generalisado consideravelmente. « Calcula-se, diz o snr. Ferreira Lapa na obra já citada, termo « médio, que cada hectare de pinhal, conduzido para ser resi- « nado contém quinhentas arvores. As arvores de vinte e cin- « co annos fornecem por anno dous kilos de resina, e vão au- « gmentando este rendimento até aos sessenta, tempo em que « a producção annual de resina sobe a seis kilos. Tomando a « média de três kilos entre estes rendimentos extremos, a qual « corresponde a um pinhal de quarenta e sete annos, cada « hectare de pinhal n'estas circumstancias produzirá portanto « mil e quinhentos kilos de resina. Metade d'esta quantidade é « de gomma, e a outra metade é de resina secca (galipote) « que se agarra á arvore. No pinhal de Leiria a média de gom- « ma colhida por hectare é apenas de duzentos e vinte e dous « kilos ».

O escriptor francez Sacc, no seu *Précis élémentaire de chimie agricole,* diz, fallando do rendimento da resinagem: « as « resinas são um dos productos mais lucrativos das florestas « de arvores resinosas; cem pinheiros de trinta e dous a qua- « renta centimetros de diametro dão duzentos a quatrocentos « kilos de resina por anno ».

A idade mais propria para começar a resinagem dos pinheiros é desde que têm vinte e cinco annos até aos sessenta, ou quando têm de trinta a quarenta centimetros de diametro, mas póde principiar mais cedo quando seja, por exemplo, necessario fazer no pinhal desbastes ou raleamentos, e n'este

---

[1] Na Alsacia e em Veneza resina-se o pinus picea e o pinus pectinata; nos Vosgos, na França e no Tirol, o pinus laricio europeu; na Provença, o pinheiro d'Alepo; na Russia o pinus sylvestris, que é mais empregado para a distillação de achas; na Allemanha, na Borgonha e na Suissa resina-se o abeto; na America o pinus strobus, e o pinus australis, etc.

caso escolhem-se os pinheiros tortuosos, esguios e enfesados e sangram se de morte, isto é, praticam-se em lados differentes do tronco incisões fortes, mais ou menos numerosas segundo o numero de annos que a arvore houver de estar em pé antes de ser cortada, o que se faz de ordinario no fim de dous annos.

Tem-se discutido se a resinagem é ou não prejudicial para a duração dos pinheiros e qualidade das madeiras. Que a resinagem tem inconvenientes para o desenvolvimento e duração da arvore é um facto que todos estão d'accordo em reconhecer. No que divergem as opiniões é quanto ás qualidades das madeiras resinadas. Uns dizem que por isso mesmo que a resinagem perturba a regular circulação da seiva, derramando a resina fóra dos seus canaes, as madeiras ficam menos elasticas e flexiveis, e mais accessiveis aos agentes de destruição pela falta da sua resina natural, que é um excellente preservativo, e conservador d'ellas.

Outros, pelo contrario, sustentam que a resinagem aperta as fibras do cerne, tornando-o mais corneo e resistente, ao mesmo tempo que dando á resina uma direcção centrifuga, a derrama no borne, ao qual dá menos dureza, que a que ordinariamente tem, e as madeiras resinadas, tendo menos resina, são comtudo mais bem impregnadas por ella; que as madeiras são mais duradouras como materiaes de construcção, e até melhores combustiveis pela impregnação mais geral de resina.

« Esta crença, diz o escriptor d'onde tiramos estas indica-« ções [1], chega a ponto de no mercado valer a madeira resi-« nada o duplo da não resinada, e do governo francez ter or-« denado que nos serviços publicos se não empregassem ou-« tras madeiras de pinho senão as resinadas ».

As apprehensões ácerca dos effeitos da resinagem levantaram-se quando se começou a resinar em larga escala no pinhal de Leiria.

O governo consultou dous engenheiros distinctos, e os seus votos sendo unanimes em a resinagem influir prejudicialmente na vegetação do pinheiro, foram-no igualmente quanto ás madeiras adquirirem qualidades que lhes garantem a con-

---

[1] Snr. Ferreira Lapa, obr. cit.

servação, e ganharem mais solidez de fibra e maior impregnação de resina [1].

São variados os methodos ou processos de resinar, comquanto no fundo não se distanciem essencialmente. O que segue extractamol-o d'uma obra franceza, *Les conifères indigènes et exotiques,* por C. de Kirwan [2].

Escolhido o pinheiro que se deve sangrar, o resinador começa por tirar as asperezas da casca na parte inferior do tronco, até a tornar em volta lisa; depois levanta no pé da arvore, de maneira que ponha o lenho a descoberto e a feril-o ligeiramente, um pedaço de casca de dez a quinze centimetros de largura por uma altura que não deve exceder a cincoenta centimetros no primeiro anno; na base d'este golpe colloca um vaso para receber a resina que tem de escorrer da ferida, a qual avivada cada semana na parte superior augmenta de extensão e chega em alguns annos a muitos metros de alto.

Quando a ferida chegou a uma sufficiente elevação, começa-se outra de novo, ao lado d'aquella, que se abandona, deixando entre ambas uma porção de casca intacta de cinco a dez centimetros de largo, e assim successivamente até se abrirem feridas em toda a circumferencia da arvore.

Então deixa-se repousar a arvore pelo menos um anno.

Começa-se de novo a operação sobre a ferida mais antiga, que sob a influencia da vegetação se recobriu de casca. Um pinheiro póde assim ser resinado durante cento e cincoenta annos. É o que se chamma sangrar de vida.

Quando a arvore tem de ser abatida então sangra-se de morte, como atraz explicamos.

Os productos immediatos da resinagem são: 1.º a resina molle, que escorre liquida no vaso; 2.º o galipote, resina solida, que se agarra á ferida, e da qual se destaca aos pedaços e em estado de perfeita pureza; 3.º a gomma, galipote impuro misturado com residuos de lenho e casca, obtido pela raspadura da superficie da arvore, depois de colhido o galipote.

Fundindo a resina molle sob a acção do sol ou de um fogo moderado, e passando-a através um filtro de palha, obtem-se os liquidos viscosos chamados pastas de terebinthina.

---

[1] Snr. Ferreira Lapa, obr. cit.

[2] Sobre o methodo de resinagem usado no pinhal de Leiria consulte-se a *Technologia Rural,* vol. III, do snr. Ferreira Lapa.

Distillando no alambique a resina molle ou as pastas de terebinthina separa-se d'ellas a essencia, chamada — aguaraz ou espirito de terebinthina. O residuo que se encontra no fundo do alambique, fórma a colophonia; misturado com gomma e agua quente, depois da fusão, produz a *resina d'oleo,* que serve para a illuminação em alguns paizes. D'um modo quasi analogo se obtem a resina amarella.

O alcatrão obtem-se carbonisando em fornos achas de pinheiro.

Tambem por outros processos de combustão se obtem o breu gordo, e o negro de fumo.

Ahi fica esboçada uma nova industria para o nosso concelho. São já numerosos os pinhaes nos montados, mas muitos mais podem ser, se os proprietarios se convencerem de que as culturas florestaes são de um lucro certo e seguro.

O fim d'este artigo não é fazer surgir uma industria nova, como Minerva da cabeça de Jupiter; mas semear uma idéa que parece boa, na esperança que ella germinará, se desenvolverá e produzirá abundantes fructos.

Oxalá que o primeiro seja o de chamar a attenção dos proprietarios para os negocios da agricultura, e de os fazer reflectir sobre as necessidades d'esta industria, e de os levar á conclusão de que é preciso urgentemente formar uma associação que tenha por fim promover a instrucção agricola theorica e pratica do concelho, disseminando-a desde o palacio do grande proprietario até á casa de cabana do jornaleiro.

A boa vontade de um não basta. Uma gôta d'agua cahindo isolada sobre o pó é promptamente absorvida; mas se a uma seguir outra e outra e innumeraveis, formar-se-hão torrentes, rios e mares.

Junho de 1884.

MOTTA PREGO.

A IGREJA DE S. FRANCISCO

Quer alguem, e d'authoridade muito respeitavel, que esta igreja fosse em tempo dividida por tres naves; todavia, acatando muito a opinião dos mestres, quer-nos parecer que tal asserção só tem por fundamento as prescripções da arte, que no caso posto as aconselhava apenas.

A nosso vêr taes naves nunca existiram, e algumas razões, que apresentaremos dispersas, como as achamos, parecem dar fundado motivo á nossa negativa.

Vejamos.

A capella-mór, decorada com as armas d'el-rei D. João I, é sem duvida fundação do seculo XV. N'esta época não havia ainda nem sequer a intenção de dividir a igreja em tres naves, porque sendo a mesma capella-mór rasgada em toda a volta por sete grandes janellões, que desciam quasi até o socco, estorvava sem duvida qualquer construcção, que quizessem encostar-lhe e portanto não dava logar ás capellas absidaes indispensaveis para o termo das naves respectivas, segundo a praxe.

Estas capellas, levantadas posteriormente, pois que vieram inutilisar dous dos formosos janellões, construidas por devoção e iniciativa particular, de architectura diversa e de época provavelmente diversa, nunca visaram ao seguimento das naves;

e leva-nos a crêr isto, além d'outras razões, a differença da abertura dos seus respectivos arcos, medindo o da capella norte $3^m,47$, ao passo que o do sul mede $2^m,82$, diff. $0^m,65$, e é de presumir que tal irregularidade não se daria, quando estas capellas fossem destinadas para alinhar com naves regulares.

Mas quando estas existissem um dia, não seria natural, que d'esse grande esqueleto, depois desconjunctado, nos restasse ainda um ou outro osso? Pois de toda essa fabrica, que devia ser grandiosa, nem uma só aduela, nem um capitel, nem uma base, nem um fuste de columna utilmente aproveitado n'essas tantas e tão variadas obras, alli posteriormente realisadas!

Mas seriam as naves uma ligeira construcção de tijolo e estuque? Ainda assim estes mesmos materiaes valiosos pela sua grande quantidade deveriam apparecer-nos aqui ou além, quer dispersos quer utilisados n'um edificio de tão vasta e variada fabrica. Pois nem um só indicio!

Dos monumentos escriptos tambem alguma cousa se colhe comprovativa do nosso asserto.

A capella-mór é, como dissemos, obra levantada no seculo XV. As paredes lateraes da igreja, actualmente existentes, já eram paredes no seculo XVI; pois que o altar de S. Gualter, que se encosta a uma d'ellas, já era altar com sepulturas dos paes e avós do instituidor Simão de Mello em 1571.

Portanto os fundadores das capellas absidaes aproveitaram, como puderam, o espaço comprehendido entre esta e o termo das paredes lateraes, sem se lembrarem de naves.

Do livro das sepulturas existente n'esta igreja, creado em 1775, deprehende-se com toda a probabilidade, que estas sepulturas eram já em 1551 e 1582 numerica e ordinalmente as mesmas de hoje; e porisso não podiam dar lugar ao assento de oito bases d'arcos.

O padre Torquato d'Azevedo, tão minucioso na descripção d'esta igreja e que d'ella escreveu pelo meado do seculo XVII, diz-nos, que ella era atravessada com tres arcos de pedra grandes — dos lateraes ainda ha vestigios — que lhe formavam o cruzeiro, e falla-nos igualmente do formoso arco, que ainda hoje sustenta o côro. Estes arcos do cruzeiro e côro são sem duvida obra de valiosa importancia, e sendo o nosso curioso escriptor minucioso até á prolixidade e calando a historia da sua construcção e o nome dos seus constructores dá-nos licença de suppôr, que taes arcos já então eram antigos; e oppon-

do-se o do côro á construcção das naves, quando existiram estas?

O author da *Historia Serafica,* fr. Manoel da Esperança, escrevendo igualmente no meado do seculo XVII, diz-nos que este templo *era d'uma só nave, e com demasia largo; mas* FABRICADO *n'esta fórma para que ficando desabafado, pudesse recolher parte da gente, por ser tanta nos officios divinos, que tambem não cabia no alpendre, posto que é muito grande.*

Se não existiam as tres naves no seculo XV, nem no XVI, nem no XVII, quando existiram *alli?* Portanto, além da improbabilidade das tres naves *n'aquelle recinto,* não sabemos de monumentos escriptos, historicos nem tradicionaes, nem de vestigios, que nos authorisem a suppol-as.

P.e FERREIRA CALDAS.

HYGIENE LOCAL

Talvez pareça estranho tratar aqui assumptos d'hygiene local. Talvez alguem supponha que isso destôa da indole d'esta revista e dos intuitos da Sociedade que a publica.

Na minha opinião, nem ha motivo para aquella estranheza, nem para esta supposição.

Nos estatutos, por que se rege a Sociedade Martins Sarmento, está inscripto como primeiro, senão exclusivo fim social, o levantamento do nivel intellectual no concelho de Guimarães.

Mas, não se indicando claramente os processos que devem conduzir á satisfação de tão sympathica, como justissima aspiração, abre-se uma liça enormemente extensa, um campo larguissimo, onde ha lugar para todos os contendores, onde têm cabimento todos os esforços que de longe ou de perto favoreçam muito ou pouco a consecução d'aquelle desideratum.

E, em condições assim indefinidas, o estudo de qualquer problema, por mais estranho que pareça, sempre que directa ou indirectamente interesse a realisação d'aquelle compromisso, não póde reputar-se superfluo, nem tam pouco fóra da área que a Sociedade se traçou para o exercicio da sua actividade.

Ora, a hygiene, indubitavelmente a primeira de todas as

sciencias, porque tem por missão conservar e aperfeiçoar a saude, que é a base de toda a actividade, não está em opposição com o problema da educação intellectual d'um povo.

A saude do corpo, a perfeição de condições estructuraes, necessaria a uma boa resistencia organica, não oppõem obstaculos ao desenvolvimento das faculdades mentaes.

Ao contrario, corpo e espirito são duas entidades connexas, que não podem separar-se, nem convém que se separem; duas entidades, uma das quaes nunca deve ter por aspiração viver e desenvolver-se á custa do enfraquecimento da outra. O despotismo de qualquer d'ellas, o monopolio de toda a educação dado a uma, quer o despota ou monopolista se chame corpo ou se chame espirito, traduz sempre um facto prejudicial. O bem consiste em que ambas estreitem as suas relações, em que se aproveitem d'uma educação commum, comprehendendo que os seus interesses são solidarios.

Mal iria a uma intelligencia, por mais levantada, por mais desenvolvida, por maior que fosse o seu alcance natural, se o individuo, em que estivesse incarnada, não offerecesse as condições organicas indispensaveis ao estado de saude. *Mens sana in corpore sano.*

Assim, pois, insinuar no espirito do povo as noções d'hygiene mais precisas á conservação da sua saude, estudar e procurar os meios de remover as influencias mais ou menos deleterias que sobre ella podem pesar, é trabalho que directa e indirectamente interessa o levantamento do nivel intellectual. Para uma sociedade, que empenha esforços n'este ultimo sentido, a desobrigação d'aquelle trabalho só se justifica, quando o estado das condições hygienicas fôr tão regular que dispense por superflua qualquer intervenção que tenha por fim o seu melhoramento.

E será isso assim? No caso particular d'esta cidade e seu concelho verificar-se-ha actualmente uma situação tão feliz?

Não.

Aqui, como em toda a parte, ha muito que modificar. A saude do corpo não é ainda hoje um facto, cuja importancia colossal, cujo alcance vastissimo seja bastante para lhe grangear em todos os lugares, em todas as circumstancias e da parte de todos os individuos a consideração que merece.

Ao contrario d'isso.

Logo depois do nascimento, principia o homem a soffrer a acção dos caprichos mais tolos, dos preconceitos mais disparatados.

Não se repara que a criança é uma cera molle, susceptivel de todas as fórmas, docil a todas as direcções, sensivel a todos os impulsos e capaz de receber todas as impressões. Em vez de se aproveitar esta extrema malleabilidade, quer para a conservação da sua organisação natural mais ou menos vigorosa, quer para destruir ou modificar os germens d'uma hereditariedade suspeita, uma educação inconveniente, rotineira, preconceituosa, vem fazer-lhe contrahir maus habitos, disposições viciosas e sentimentos prejudiciaes.

Depois, principia a criança a frequentar a escóla.

Entre nós, apesar de tudo quanto se tem decretado, não tem ella, respectivamente á educação physica dos alumnos, o mais leve ponto de semelhança com aquelles celebres gymnasios dos primeiros povos, creados no empenho de conseguirem o maximo grau de robustecimento.

Em muitas, senão quasi todas, vemos as crianças estioladas, curvadas sob o peso d'um trabalho prematuro e intenso, vivendo pelo cerebro e para o cerebro, sem dispensarem a menor parcella de tempo ao estudo dos musculos.

D'umas espeluncas impossiveis, onde não ha luz, nem ar, nem nada, vemos diariamente sahir uns pequenos velhos, umas faces sem côr, uns corpos enfezados, tortos, rachiticos; um grupo de pequenos invalidos, mas quasi nunca um bando de crianças na plena e radiosa expansão da sua saude e da sua mocidade. A escóla portugueza idiotisa quasi sempre pelo terror e mata pela inacção.

Mais tarde surgem os varios trabalhos, em que o homem passa a vida e ganha o preciso para a subsistencia individual e da familia. São muitas vezes trabalhos pesadissimos, sem descanço, durante todo o dia e até durante parte da noite; e a par d'elles vem a falta de boas condições d'agasalho, d'habitação regular, d'alimentação bastante, vem a accumulação nas officinas, as falsificações alimentares e, finalmente, mil outras circumstancias desfavoraveis, umas d'ordem geral e outras affectando mais propriamente a nossa localidade.

Diante do numero incalculavel d'estas más condições, não póde ser inutil qualquer tentativa, por mais pequena, por mais insignificante, uma vez que possa contribuir para o melhoramento d'uma tal situação.

Por isso repito:

Abrir aqui uma secção d'hygiene local, estudar as condições de salubridade d'esta cidade e seu concelho, as circumstancias que a podem modificar para bem ou para mal, as

suas doenças dominantes e mais mortiferas, as causas provaveis ou certas d'essas doenças, os meios proprios para as fazer diminuir ou desapparecer, emfim, tudo quanto possa interessar á saude e bem-estar dos povos de Guimarães e seu concelho, nem é um emprehendimento inutil ou superfluo, nem lança uma nota discordante n'esta publicação.

ESTATISTICA OBITUARIA

ANNO DE 1883

Durante o anno findo de 1883, occorreram na cidade de Guimarães 378 obitos, decompondo-se, sob o ponto de vista das doenças que os determinaram, pela fórma seguinte:

Doenças epidemicas e contagiosas

Sarampo	2
Febre typhoide	4
Diphteria-crup	3
Erysipela	1
Infecções puerperaes	3

Outras doenças

Doenças do apparelho respiratorio:	
1.º Doenças agudas (laryngites, bronchites, pneumonias, e pulmonias, etc.)	55
2.º Tuberculose pulmonar	40
3.º Outras doenças do mesmo apparelho	12
Doenças do apparelho cerebro-spinal	42
» » digestivo	97
» » circulatorio	49
» » genito-urinario	3
» da pelle e tecido laminoso	3
» dos ossos, articulações e musculos	2

Vicios de conformação e debilidade das idades extremas	6
Doenças geraes	11
Tuberculoses de diversos orgãos	6
Depois de traumatismo:	
1.º Por tetano	1
2.º Por febre inflammatoria	1
Mortes violentas	7
Nascidos mortos	17
Causas não classificadas	13
Total	378

Esta mortalidade reparte-se ainda pelas diversas idades do modo que segue:

Nascidos mortos	17
Até 1 anno	50
1 a 10 annos	82
10 a 20 »	19
20 a 30 »	28
30 a 40 »	27
40 a 50 »	38
50 a 60 »	33
60 a 70 »	34
70 a 80 »	34
80 a 90 »	14
90 a 100 »	2
Total	378

Este numero representa toda a mortalidade havida n'esta cidade durante o anno que passou.

Mas se alguem quizer apreciar as condições de maior ou menor salubridade d'esta terra, tem a deduzir préviamente d'aquella cifra o numero d'individuos que, attrahidos das aldêas e outros concelhos mais ou menos distantes pela facil admissão e bom tratamento do hospital da Misericordia, aqui vêm fallecer, sem terem contrahido n'este meio a doença que lhes causou a morte.

E procedendo assim, precisa d'abater áquella totalidade 45

obitos, porque a tanto monta o numero de doentes fallecidos n'aquelle hospital nas condições apontadas. A verdadeira mortalidade, pois, a mortalidade referente a individuos aqui habitualmente residentes, foi de 343 individuos.

Esta cifra, comparada com a população de 10:000 pessoas aproximadamente, que á nossa cidade assigna o censo de 1878, dá a mortalidade annual de 3,43 por cento.

As doenças do quadro exposto, que mais prendem a attenção, são as doenças do apparelho respiratorio e as doenças do apparelho digestivo.

As do apparelho circulatorio e cerebro-spinal, que vêm immediatamente depois, referem-se na sua maior parte a individuos das idades mais avançadas (70 a 90 annos), e por isso, longe de representarem más condições hygienicas, indicam ao contrario n'uma certa medida uma tal ou qual superioridade d'essas condições.

O grupo das doenças epidemicas e contagiosas tem na estatistica, que ahi deixo, uma representação insignificante.

Além de faltarem completamente doenças d'este grupo, aliás vulgarissimas, as que lá apparecem ostentam-se n'uma quantidade extraordinariamente pequena.

Ficam pois predominando as doenças dos apparelhos respiratorio e digestivo, e é estudando as causas que as determinam e procurando diminuil-as ou exterminal-as que as condições hygienicas de Guimarães podem ser melhoradas.

J. DE MEIRA.

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

III

O commendador Manoel da Cunha Guimarães Ferreira

Um fundador d'uma escóla n'esta época, em que é ainda necessario accumular materiaes para organisar-se largamente o systema d'instrucção popular, expungindo-o dos elementos de desordem que atrazam o seu desenvolvimento, é sem duvida alguma cidadão benemerito.

As instituições de instrucção popular no nosso paiz começam apenas a desenvolver-se: carecem de vulgarisação correspondente á densidade de população, de organisação consentanea á nova phase na economia do trabalho e ás condições moraes do povo — que se impõe fatalmente com a largueza e aperfeiçoamento de que depende o funccionamento normal e benefico de instituições creadas, o exercicio consciente e livre de novos direitos.

As altas funcções de jurado, o exercicio do direito eleitoral ampliado até ao mais humilde ganha-pão, a alteração profunda nas condições technicas e economicas que é urgentissimo introduzir na industria fabril portugueza para que possa luctar na concorrencia da industria estrangeira, progressivamente absorvente pelo progressivo melhoramento de communicações com os centros productores mais desenvolvidos da

Europa e da America, tudo propelle a que se pretira a satisfação de quaesquer outras aspirações, a conquista de quaesquer outros progressos, para attender-se de preferencia ao robustecimento pela instrucção da nova geração.

É este o meio mais racional e efficaz de desenvolver n'este paiz as suas fontes chrematisticas, profundamente depauperadas; é esta a unica róta a seguir para que se adquira a elevação do nivel moral do povo; é este o processo logico de conquistas democraticas, como productos d'uma evolução normal e segura.

Infelizmente o paiz atravessa uma época de tão notavel desordem administrativa, que necessariamente os progressos nas instituições de ensino popular hão de retardar-se, manifestando-se hesitantes e confusos.

Desprezando o pensamento do projecto de reforma administrativa de 1867, tendente a crear, por um plano harmonico, circumscripções administrativas largas e fortes pela população e pela riqueza para se lhes imporem encargos correspondentes, a lei vigente, mantendo os districtos, os municipios, as parochias existentes sem a menor alteração, dotou-os de mais largas faculdades, e impôz-lhes as despezas e responsabilidade de novos e importantes encargos.

Os governos portuguezes educaram o povo, pelo exemplo e pela doutrina, na aspiração febril e quasi exclusiva de melhoramentos materiaes.

Os districtos, os municipios, as parochias, quasi inteiramente autonomos, quasi inteiramente livres de tutela, e assim educados, têm compromettidas as fontes de receita na sôfrega conquista de melhoramentos de viação, nas construcções dispendiosas, nas ostentações inuteis.

As contribuições geraes têm augmentado n'uma progressão pavorosa; os districtos e os municipios têm praticado identica serie de imprudencias; ha parochias que têm attingido o desatino no lançamento de contribuições directas com a percentagem de 90, 100, e até de 225 por cento!

Se o alargamento das circumscripções administrativas não podia preceder o desenvolvimento dos melhoramentos materiaes, especialmente da viação, os d'esta deveram determinar logicamente, sem perigo, e sem difficuldades, a suppressão das circumscripções excessivamente pequenas para que possam sustentar, sem enorme sacrificio dos contribuintes, o encargo de novos melhoramentos de instituições auctorisadas.

Mas não se supprimem, nem se modificam.

Esta desorganisação administrativa não podia deixar de reflectir-se nas instituições de instrucção publica.

Preferindo-se o ornamental ao util, na phrase de Spencer, sustenta-se a superabundancia de estabelecimentos superiores de instrucção publica com identica organisação; na organisação dos lyceus não se cuida de desenvolver a parte pratica e mais proveitosa do ensino.

A desordem na organisação da instrucção popular é um producto, é como que a condensação d'aquellas desordens administrativas.

Ha sem duvida a manifestação d'energia, uma certa effervescencia ou sobreexcitação do espirito publico no estudo dos problemas de instrucção popular; o poder central preoccupa-se; a iniciativa particular vai irrompendo nos diversos concelhos portuguezes; mas observa-se ainda que em todas as tentativas, em todos os estudos, nos diversos actos da administração publica ha a confusão que suspende ou atraza o desenvolvimento regular da instrucção popular.

A legislação cahotica, accumulada de emendas, traduz as hesitações na execução d'um plano efficaz. As difficuldades insuperaveis para realisar na pratica o que fôra traçado no remanso d'um gabinete, com abstracção ás vezes completa das condições especiaes de vida social das comarcas portuguezas, revela que alguns dos nossos governantes carecem, por maior que seja o seu talento e mais desenvolvida a sua instrucção, do perfeito conhecimento do estado em que vive a maioria do nosso povo, condição indispensavel para fortalecer o bom criterio do estadista portuguez.

Assim, no recente decreto de 6 de maio de 1884, regulamentando-se as escólas de desenho industrial, criam-se cursos diurnos, revelação eloquente das noções incompletas ou falsas das precisas condições do regimen do trabalho nos centros fabris de provincia, onde o operario para vencer o salario que oscille de 120 a 500 reis, necessita de occupar sem desperdicio de tempo todo o dia na officina ou na fabrica. Na Inglaterra, desde que a exposição de Paris em 1851 demonstrou a necessidade do desenvolvimento da instrucção industrial, crearam-se, ao lado de melhores estabelecimentos, como de Sout-Kesington, as escólas nocturnas, attingindo o numero de 350 em 1870; na Allemanha ha escólas de aperfeiçoamento. Nos institutos de Lisboa e Porto, ha os cursos nocturnos para que se conciliem as necessidades da instrucção com as impreteriveis obrigações profissionaes. As leis de 2 de maio de 1878 e

11 de junho de 1880 ordenam a creação dos cursos nocturnos sem dependencias de cursos diurnos; no decreto de 6 de maio estabelece-se a dependencia dos dous cursos.

É o desejo do ornamental e desconhecendo-se ou desprezando-se as condições especiaes das nossas populações operarias; é a desordem na fundação d'estas instituições de ensino, ou a esteril intenção de reforma violenta dos costumes operarios, productos dos elementos tradicionaes que os dominam, da barateza do salario, do caracter ainda domestico da maior parte das classes de industria.

*

Uma das manifestações mais claras de quanto affirmamos é a carencia de escólas regularmente estabelecidas nos centros mais populosos, é a carencia de edificios apropriados, a falta de pessoal habilitado, e regularmente remunerado. Os snrs. José Luciano de Castro, Antonio Rodrigues Sampaio, Thomaz Antonio Ribeiro, estadistas que successivamente geriram a pasta do reino n'estes ultimos annos, empregaram todos os esforços para largamente dotarem o paiz com instituições de instrucção primaria; mas os seus esforços, se têm tido a vantagem de abrir um parenthesis na propulsão exclusiva de melhoramentos materiaes, têm sido em grande parte baldados de face ao egoismo de muitos que preferem as estradas para commodidade propria ás escólas para os filhos, de face á magreza das receitas das camaras e parochias, correspondentes á pobreza das respectivas populações, e absorvidas ou compromettidas muitas vezes em despezas excessivas, de face á pobreza e resistencia das populações ruraes e industriaes, habituadas ou obrigadas a empregar as crianças de idade escolar nos serviços da officina ou do campo.

Comminam-se penas, mas a comminação é inefficaz quando tudo se collide e combina para illudir os intuitos da lei. As reacções que a fome provoca, não se subjugam facilmente.

*

De face ás causas, resumidamente expostas, aos exemplos apontados, é facil demonstrar que a organisação do ensino primario n'este concelho é ainda desordenada, está longe, muito longe de satisfazer ás necessidades mais urgentes.

Uma das maiores difficuldades provém da carencia de edi-

ficios que satisfaçam ás necessarias condições de espaço, de luz e de ventilação.

Na freguezia de S. Martinho do Conde foi removida esta difficuldade: deve-se a resolução d'este obice á alta benemerencia civica do nosso socio honorario o snr. commendador Guimarães Ferreira.

*

Nasceu este illustre vimaranense no lugar de Santa Luzia, freguezia de S. Martinho do Conde, d'este concelho, situada ao sul, pouco distante de Vizella.

Filho legitimo de José da Cunha e mulher D. Custodia Ferreira, viveu com os paes até 1816.

Os paes colhiam parco rendimento d'um pequeno estabelecimento commercial.

É de facil comprehensão que, vivendo á custa do proprio trabalho, n'uma pequenissima povoação rural, e n'uma época em que as escólas eram rarissimas, tiveram de duplicar cuidados e sacrificios para que a intelligencia do filho, ao ter de encetar carreira longe do ninho paterno, fosse dotada das energias e vantagens que produzem a cultura litteraria ainda a mais rudimentar.

O pequeno rapaz minhoto foi para o Porto, e seguiu de foz em fóra, na galera — Nossa Senhora do Carmo —, a róta da Bahia.

Foi este o primeiro apartamento da familia. Viu-se só, com toda a responsabilidade da vida, pela primeira vez: as esperanças de fortuna pouco lhe podiam mitigar as lacerações da saudade; colheram-no os pavores da insulação moral ao vêr-se afastar lenta, mas constantemente de tudo quanto conhecia, desde o manso riacho de Santa Luzia, a cujo murmurio se afizera nos dias roseos da impuberdade, desde a velha capellinha onde aprendera com a mãe as primeiras orações na edade em que não ha duvida que assalte e perturbe o espirito, até ás festas intimas da familia, ás commemorações commoventes do Natal, ás alegres festividades da sua igreja, ou das igrejas de Moreira de Conegos, Guardizella e Lordello.

Lances vulgares n'este paiz, em que a emigração é inveterada, mas cuja vulgaridade nunca poderá extinguir as commoções d'alma dos filhos, que emigram, rompendo a cadêa intima que os prende á familia, dos paes que vêem no apartamento a imagem viva da sua morte.

Estas impressões profundissimas, gravadas na alma d'um modo lancinante, a saudade sempre viva dos dias aureos da idade infantil, que nunca mais se reproduzem, explicam de sobejo o phenomeno psychologico da intensidade do amor patrio dos nossos compatricios do Brazil, e que os arrasta, por maior que seja a prosperidade da sua carreira, por maior que seja o cumulo de felicidade conquistada nas terras de Santa Cruz, a vir repousar das fadigas da vida na terra da patria, reatando, se ainda podem, os vinculos de familia tão violentamente partidos na hora do apartamento, ou desabrochando-se na expansão de benemerencias sociaes.

A vida do respeitavel septagenario Guimarães Ferreira é confirmação d'este phenomeno.

O snr. Guimarães Ferreira seguiu na Bahia a carreira commercial, commum á maioria de quantos compõem no Brazil a colonia portugueza.

Por dilatados annos luctou até adquirir avultada fortuna. Sempre respeitado, porque nunca se desviou dos dictames do seu sentimento d'honra; sempre bemquisto, porque nunca deixou de prestar auxilios e conselhos aos seus collegas, aos seus conterraneos, porque teve o notavel desprendimento de nunca requerer a abertura de fallencia contra devedores insolventes, o commendador Guimarães Ferreira voltou a Portugal para adquirir renome, captar respeitos e sympathias como havia deixado no Brazil.

*

Tendo regressado, estabeleceu a sua residencia em Lisboa.

Nunca esqueceu o lugar de Santa Luzia.

Viu por experiencia propria que saber lêr e escrever pelo menos é hoje condição indispensavel para toda e qualquer carreira da vida.

Visitando a freguezia onde nascera, o lugar d'onde partira, viu-se quasi só, porque as cinzas de seus paes repousavam na igreja de S. Martinho do Conde; dos rapazes, que foram seus companheiros d'infancia, eram já mui raros os que podiam com elle estabelecer a communhão no prazer agri-dôce de recordar as scenas do passado.

Mas viu homens novos — lavradores avergados ao peso do trabalho agricola, fabricantes debruçados no trabalho dos teares, auferindo d'um labor incessante e heroico o salario ás vezes insufficiente para a sua subsistencia.

Viu-lhes os filhos, a geração nova, e em muitos, em vez da vivacidade febril da puericia, que seduz, o abatimento precoce, a pallidez profunda, signaes reveladores da doença, ou da fome.

A sua longa pratica da vida, a presença da industria decadente e mal remunerada, o seu natural condoimento pelas privações dos seus patricios, o receio de que a nova geração decaia em mais extrema penuria, suggeriram-lhe o plano benemerito de construir o edificio da escóla.

Construiu-se, com a capacidade necessaria para o estabelecimento escolar, para a habitação permanente d'um professor e familia.

Quem passar pela estrada real de Guimarães a Santo Thyrso, no cantão que comprehende a freguezia de S. Martinho do Conde, vê na margem esquerda, não um edificio sumptuoso que recorde as construcções escolares dos Estados-Unidos, mas um edificio de capacidade sufficiente para o fim a que se destina, e que, na isolação da estrada, se destaca com a sua construcção de modesta e elegante architectura, com o seu aspecto fresco, limpo e alegre, como convém as almas juvenis que o devem povoar, como prescrevem as novas idéas sobre educação popular, conspirando a que a intelligencia, porque é luz, se expanda, e não se atrophie na oppressão d'um pardieiro em ruinas.

O gracioso edificio vae ser o berço commum da iniciação litteraria das pequenas intelligencias, o templosinho attrahente onde futuros cidadãos comecem a retemperar o espirito, prestando o seu culto á instrucção litteraria, que os habitue aos suaves prazeres do espirito; onde vão adquirir o primeiro peculio com que possam entrar no commercio activo da vida; onde conquistem a armadura que de futuro os preserve das phosphorecencias alcoolicas da taverna, das multiplices attracções que arrastam ao abysmo do vicio.

A escóla de S. Martinho do Conde realisará a conquista de dezenas de cidadãos honestos, usurpando á acção corrosiva da ociosidade e do crime um largo campo.

*

Não se satisfez o venerando septagenario com construir o edificio escolar: quer dotal-o convenientemente.

Sabe que este paiz é inclinado ás ostentações militares, absorvendo improductivamente uma parte avultada da receita publica, e desviando milhares d'homens dos habitos do traba-

lho; que a emprego-mania assoberba desde as juntas de parochia aos mais altos poderes do Estado, sugando, com escandalosas simulações de trabalho, as arcas da receita publica; que a materia collectavel se eleva a um excesso dentro de pouco intoleravel, para manter-se o systema, vicioso pelas precipitações e exuberancias, dos melhoramentos materiaes, deixando-se (é o reverso da medalha) o professor d'instrucção primaria a descer ás condições de mendigo!

Não quer o fundador da escóla de S. Martinho do Conde seguir o exemplo obnoxio dos governos portuguezes.

Quer que o professor da sua escóla disponha de tempo para estudar e ensinar; quer que elle concentre todos os seus esforços, toda a sua actividade intellectual no ensino proveitoso dos alumnos. Quer que pretira e prescreva o velho e commum methodo do ensino dogmatico que fatiga sem proveito a memoria dos discipulos, e prefira o methodo mais racional, despertando-lhes as faculdades mais elevadas, activando-lhes as evoluções mentaes por systema mais experimental que theorico, buscando paciente e paternalmente no exemplo facil, no estudo das cousas, na explicação variada e lucida, na observação e experiencia o meio de conseguir que o alumno perceba o que lê, entenda o que decóra. — *Savoir par cœur n'est pas savoir.*

Para isto é indispensavel que o professor receba um ordenado compensador, que o dispense de desviar-se dos seus deveres pedagogicos: destina para este fim uma parte do rendimento de 35:000$000 reis d'inscripções, que vae doar á junta de parochia da freguezia, doação já auctorisada pela lei de 14 de junho de 1882.

*

Por estes actos d'incontestavel benemerencia, foi o commendador Manoel da Cunha Guimarães Ferreira proclamado socio honorario da Sociedade Martins Sarmento em assembléa geral de 1 de junho de 1882.

Tive o prazer de travar relações com este nosso estimavel compatricio no verão de 1882.

Ouvir-lhe a conversação despretenciosa e chã, conhecer pelas manifestações da palavra que na sua alma não existe a menor agitação de vaidade denunciativa de fraqueza, nem o desejo d'ostentação orgulhosa com que muitas vezes se deprime o caracter d'um homem rico; ouvir-lhe a narração dos projectos benemeritos em que pensa, e em que falla unicamente para

remover as difficuldades que se oppõem á sua mais proxima realisação; e encontrar n'este homem um desmentido a Lamartine quando affirmou que o egoismo era funcção caracteristica da idade avançada: deu lugar a que o respeito pelo caracter de Guimarães Ferreira desde logo nos dominasse.

Despertou-se na nossa alma a sympathia sincera por este septagenario venerando, e encontramos com cordial prazer nos seus actos os elementos de demonstração de quanto tem valido, e ainda vale á miseria portugueza o patriotismo ás vezes ardente, a philantropia muitas vezes notavel dos nossos compatricios brazileiros.

No verão de 1883 devi a s. exc.ª a fineza d'uma visita. Acompanhou-o a esta cidade um seu amigo, de Moreira de Conegos, o snr. Domingos Manoel de Freitas.

Quiz saber, e ouviu com o maximo interesse, a narração da organisação da Sociedade Martins Sarmento, a origem da sua qualificação honrosa, os serviços que tinha prestado, os recursos de que dispunha.

No principio do mez corrente a Sociedade Martins Sarmento teve a mui agradavel surpreza da noticia do offerecimento de 2:000$000 reis nominaes d'inscripções, competentemente averbadas, para seu fundo permanente.

Por este meio quiz s. exc.ª cooperar, mais do que o fizera, com os seus consocios e conterraneos, na benemerita propaganda da instrucção popular, meio efficaz, senão o unico, de salvar as variadas industrias, e com ellas a riqueza d'este concelho.

A direcção da Sociedade creou, em homenagem ao seu mui digno consocio, um premio annual intitulado *Premio Guimarães Ferreira*. Os alumnos do Instituto, ou dos cursos nocturnos, a quem de futuro couber o premio como palma de triumpho, sentirão despertar-se-lhe no coração, com os jubilos da conquista escolar, o sentimento de gratidão áquelle nome respeitavel.

Na narração dos factos praticados pelo nosso socio honorario, em prol da instrucção popular do concelho de Guimarães, vai incluido o seu melhor elogio. Resume-se em poucas palavras: o snr. commendador Guimarães Ferreira conquistou as sympathias geraes d'esta cidade; é um cidadão benemerito.

Maio — 31 — 84.

Avelino da Silva Guimarães.

BOLETIM

No dia 1 de abril do anno corrente tomou posse, segundo o estatuido no regulamento, a nova direcção da Sociedade Martins Sarmento, eleita em assembléa geral de 17 de março. Os differentes cargos sociaes ficaram distribuidos da seguinte fórma:

Dr. Avelino da Silva Guimarães, presidente.
Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, vice-presidente, e presidente do conselho escholar do Instituto.
Adolpho Salazar, secretario.
Manoel de Freitas Aguiar, vice-secretario.
José Miguel da Costa Guimarães, thesoureiro.
Dr. Joaquim José de Meira, director da bibliotheca.
Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira, thesoureiro do Instituto Escholar.

Para directores substitutos foram nomeados os seguintes senhores, dos quaes os cinco primeiros faziam parte da direcção transacta:

Dr. José da Cunha Sampaio.
Domingos Leite de Castro.
Antonio José da Silva Basto.
Dr. Domingos de Castro Meirelles.
Antonio Augusto da Silva Carneiro.
João Dias de Castro.
Manoel Ribeiro de Faria.

*

Em sessão havida n'esse mesmo dia, resolveu-se por proposta do snr. dr. Avelino Guimarães, presidente, representar á junta geral do districto, pedindo-se-lhe a concessão do subsidio de 500$000 reis annuaes para os estabelecimentos de instrucção creados pela Sociedade, especialmente para a sustentação e desenvolvimento dos cursos nocturnos de francez e desenho profissional.

Esta representação chegou a ser apresentada pelo director, o snr. dr. Joaquim José de Meira, procurador á referida junta; ponderosos motivos, porém, obrigaram-no a retiral-a, não desistindo, comtudo, a direcção de a apresentar de novo, quando se lhe deparar occasião opportuna.

*

No dia 15 do mesmo mez é submettida á assembléa geral a seguinte proposta da direcção, que teve approvação unanime:

« A direcção da Sociedade Martins Sarmento, considerando que os exc.mos snrs. drs. Bernardino Machado e Illydio do Valle, e o distincto amador de musica Guilherme Affalo têm prestado a esta Sociedade mui relevantes serviços, já directamente, já concorrendo para a consecução dos fins sociaes, já encarecendo perante os poderes publicos os actos benemeritos d'esta Sociedade, augmentando-lhe assim o seu prestigio perante o paiz; e tendo em attenção que taes serviços adquirem maior relevo pela circumstancia de serem os mencionados cavalheiros estranhos a esta aggremiação e até a esta cidade; e quanto convém aos interesses d'esta corporação que tão prestantes protectores sejam seus consocios, e assim adquiram um motivo a mais para que augmente na intensidade a sua dedicação pela prosperidade d'esta mesma corporação: — tem a honra de propôr á assembléa geral os proclame seus socios honorarios. »

*

Em sessão de 4 de maio, o snr. presidente participou que o socio honorario, o snr. commendador Manoel da Cunha Gui-

marães Ferreira, fizera á Sociedade o offerecimento de quatro inscripções no valor de 500$000 reis nominaes cada uma.

A direcção, em homenagem a tão distincto e prestante cidadão, resolveu desde logo instituir um premio annual de 9$000 reis, intitulado — *Premio Guimarães Ferreira* — para ser conferido a um dos alumnos mais distinctos do Instituto Escholar ou dos cursos nocturnos.

N'esta mesma sessão resolve-se crear na casa da Sociedade um deposito de objectos archeologicos, quer obtidos por emprestimo, quer por acquisição definitiva. Para a organisação e direcção d'elle, foram nomeados os snrs. dr. Francisco Martins Sarmento, padre Antonio José Ferreira Caldas e padre João Gomes de Oliveira Guimarães, que não têm economisado esforços e fadigas para reunir muitos e preciosos monumentos archeologicos dispersos pelo concelho, desprezados e ao desbarato na sua maior parte.

Para as collecções de numismatica tem a Sociedade recebido varios e valiosos donativos, entre os quaes avultam os dos snrs. dr. José de Freitas Costa, que offereceu todos os specimens numismaticos que possuia em duplicado [1]; barão de Pombeiro, que fez offerecimento de cento e tantas moedas e medalhas commemorativas, de cobre, prata e ouro, raras e preciosas na sua maior parte; padre Antonio Affonso de Carvalho, José Custodio da Costa, etc.

A estes dignos consocios e aos demais offerentes reitera a direcção os seus mais profundos agradecimentos.

*

No dia em que teve logar esta sessão, o nosso dilecto amigo, o snr. Elyseu d'Aguilar, director da Eschola portuense de surdos-mudos, realisou, na casa da Sociedade, perante um numeroso e escolhido auditorio, uma conferencia, que deixou verdadeiramente maravilhados todos quantos tiveram a dita de ouvil-o.

---

[1] Este nosso estimavel amigo e illustrado numismatista prestase, além d'isso, a ceder á Sociedade, por emprestimo, o seu curioso e valiosissimo museu de numismatica.

A notavel prelecção do consummado professor teve por fim mostrar praticamente a possibilidade de os surdos-mudos, accidentaes ou congenitos, *fallarem* a nossa linguagem articulada. Este problema, que a muitos se afigura irrealisavel, resolveu-o um professor portuguez, desajudado de todo o auxilio, sem nunca ter encontrado no nosso paiz meio algum de estudo n'essa especialidade.

O illustre conferente dividiu a sessão em duas partes, uma theorica, e outra pratica, fazendo-se acompanhar, para a execução d'esta, de um alumno seu.

Na exposição da parte theorica, disse que, ao tentar a realisação d'aquelle *desideratum,* dous grandes problemas se lhe apresentaram ao espirito, ante os quaes por longo tempo hesitou: o primeiro era a possibilidade de fazer com que um surdo-mudo de nascença, ou desde a mais tenra idade, que não conservasse a memoria de palavra alguma, emittisse sons determinados e ligados, de modo a produzirem palavras; o segundo, de não menor importancia, era vêr, dado que se realisasse o primeiro, o modo de empregar depois a palavra articulada com perfeito conhecimento, isto é, se a applicação d'ella pelo surdo-mudo seria determinada pelo mesmo phenomeno intellectual que em nós se dá.

Da solução d'este segundo ponto depende, para o conferente, tanto ou mais que do primeiro, a praticabilidade do seu objectivo, pois o seu ideal era aproximar quanto possivel da sociedade esses tristes condemnados ao isolamento, e não fazel-os, por uma *tour de force* de paciencia, como simples automatos, proferir um ou outro vocabulo.

Estão realisadas, vencidas essas duas grandes difficuldades? O insigne professor mostrou e provou á evidencia que sim.

Passando ao desenvolvimento dos dous pontos que apresentou, com relação ao primeiro, isto é, de fazer *pronunciar,* sem o concurso do orgão auditivo, todos os sons, todas as articulações, que entram na nossa lingua, ajuntal-os e formar palavras e dizel-as com a rapidez necessaria para seguil-as, e compôr phrases, orações completas, limitou-se Elyseu d'Aguilar a dizer que, visto que tinha alli um alumno, em quem os circumstantes iam vêr praticamente a realisação da sua idéa, não os cançaria com a descripção dos processos, por meio dos quaes consegue os resultados que teriam occasião de observar.

Pareceu-nos perceber com isto que o intelligente director

guardava para si o segredo da execução, o que lamentamos deveras, embora achemos justissimo.

A vista entra necessariamente como auxiliar, talvez unico: mas como fazer perceber e imitar os movimentos gutturaes, como *c* e *g*, e os palataes *lh* e *nh*, que vimos reproduzir pelo alumno surdo-mudo com admiravel perfeição? É ponto que não sabemos desvendar, e, repetimos, contristou-nos que o nosso amigo não explicasse, ainda que de fugida, os milagrosos processos que emprega e de que tão assombrosos resultados colhe.

No desenvolvimento que deu ao segundo ponto, isto é, ao modo de o surdo-mudo empregar conscientemente, e não por mero mechanismo, as palavras que pronuncia, explicou o conferente que deviamos partir do estudo dos elementos que concorrem para a formação e emprego da palavra articulada, e para applical-a ao surdo-mudo, estudar minuciosamente esses phenomenos na criança a quem a mãe ensina a fallar.

A palavra não se transmitte, não se adquire senão pelo ensino. Portanto, a palavra, como todos os *actos voluntarios* do homem, ensina-se e aprende-se, e foi assim que nós a adquirimos. Porque não ha de adquiril-a o surdo-mudo, se isso depende do ensino? O que constitue realmente a palavra? É só o phenomenos sonóro, que nos impressiona o ouvido? Não, porque, n'esse caso, a palavra não passava d'uma simples percepção sonóra e nada mais. O que é verdadeiramente *palavra*, por outra, o verdadeiro valor dos sons constitutivos da palavra, é o acto do espirito, que, ao formal-os, lhes dá um sentido determinado, ou os determina para exprimirem este ou aquelle objecto.

Emfim, o conferente produziu uma serie de argumentos baseados todos na analyse e observação dos factos naturaes, para deduzir que os surdos-mudos podem pensar com a palavra articulada.

E quando a sua theoria podesse consentir duvida em alguns espiritos, exemplos eloquentes que apontou, e, sobretudo, a parte pratica que se seguiu, deixaram, por sem duvida, a todos intimamente convencidos do que avançára.

Terminada a sua exposição, feita n'uma correcção e clareza inexcediveis, dirigiu-se para o quadro negro com o seu discipulo, que começou por escrever e *pronunciar* as vogaes e diphtongos, percebendo-se com toda a clareza a differença entre vogaes oraes e nasaes, e diphtongos oraes e nasaes; em seguida, disse todas as inflexões e articulações, quer simples

quer compostas, que ó professor lhe ia escrevendo no quadro, ligou-as ás vogaes e dipthongos, formando todas as especies de syllabas da nossa lingua, fazendo perceber distinctamente a differença entre *p* e *m*, *f* e *r*, etc. etc.

Seguiu-se depois a leitura de diversas palavras, agudas, graves e esdruxulas, que lhe foram escriptas na pedra, e depois a pronunciação das palavras designativas de todos os objectos que os assistentes iam indicando, sem terem sido préviamente escriptas no quadro, mostrando assim que realmente ligava e comprehendia a perfeita relação entre a palavra e o objecto por ella designado.

Além de muitos outros exercicios, que vinham confirmar esta asserção, resolveu o alumno diversos problemas de arithmetica, cujo enunciado era dado pelos audientes, seguindo *verbalmente* todas as evoluções d'essas operações, tal qual como um alumno que possue o uso da palavra.

Levar o surdo-mudo a fazer-se comprehender oralmente dos outros é muito, mas não é tudo, — e o conferente mostrou, de modo a não admittir a menor sombra de duvida, que o surdo-mudo póde tambem igualmente comprehender o que outrem lhe diga, tendo essa pessoa apenas o cuidado de fallar pausadamente, frisando cada syllaba distinctamente. Foi o que, maravilhado, vimos, quando o intelligente professor dictou ao alumno um periodo de um livro tirado das estantes da bibliotheca, e que uma senhora, a convite do conferente, abriu ao acaso — periodo que o alumno escreveu com a maxima correcção e n'uma formosa calligraphia!

Não sabemos de palavras com que elogiar condignamente os serviços relevantissimos que tão habil e benemerito professor está prodigalisando á instrucção — e, no entanto, os governos cruzam os braços, olhando, com uma criminosa indifferença, para essa aurea instituição que o snr. Elyseu d'Aguilar dirige e sustenta no Porto á custa de muito sacrificio, muito labor e muita resignação.

Terminada a conferencia, brilhante e maravilhosa a mais não poder ser, foi o illustrado e perseverante professor coberto d'uma prolongada salva de palmas e comprimentado pelo auditorio, que se retirou verdadeiramente movido de assombro e commoção.

*

No dia 6 de junho, recebe-se um officio do snr. José Benedicto de Magalhães Gonçalves, participando não lhe ser possivel, pelo seu precario estado de saude, continuar a reger a aula de instrucção primaria elementar do Instituto.

A direcção consignou na acta um voto de sentimento pela retirada d'esse distincto professor, que, não obstante os seus graves e prolongados padecimentos, sempre prestára ao Instituto Escholar optimos serviços.

*

Durante este trimestre foram offerecidos á bibliotheca da Sociedade os seguintes livros e folhetos:

Offerentes:	Volumes
José do Amaral B. de Tóro	1 folheto
José Ribeiro Martins da Costa	31 volumes
José Augusto Freire d'Andrade	1 folheto
José Miguel da Costa Guimarães	11 volumes
Dr. Alfredo Vieira	1 volume
Dr. Vicente Pindella	1 »
Padre F. J. Patricio	1 »
Dr. F. Martins Sarmento	1 »
Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro	1 »
Manoel Pinheiro Caldas Guimarães	4 volumes
Joaquim de Vasconcellos	3 »
Domingos Ferreira	1 volume
Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira	7 volumes
Dr. Jeronymo Pimentel	1 volume
Sociedade de Instrucção do Porto	1 folheto
Antonio Joaquim de Sousa	1 volume
José Coelho da Motta Prego	1 »
Antonio Augusto da Silva Caldas	1 folheto

O snr. Guilherme Afflalo dignou-se offertar á Sociedade 50 exemplares da sua mimosa composisão musical — *A Fabia.*

A este nosso illustre consocio e aos dignos offerentes, acima mencionados, reenvia a direcção o mais cordial agradecimento.

*

A Sociedade Martins Sarmento tem recebido e agradece penhorada as seguintes publicações periodicas:

A Discussão, Religião e Patria, O Porto Liberal, Commercio de Penafiel, Revista de Electricidade, A Vida Moderna, Aurora do Cavado, Commercio de Guimarães, O Espectador, Commercio da Guarda, O Povo Portuguez, A Academia, Boletim de Architectura e Archeologia, Album Viziense, O Progresso Catholico, Folha de Braga, O Tirocinio, Gazeta de Famalicão, Jornal de Santo Thyrso, A Juventude, Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, A Moda, Revista da Sociedade de Instrucção do Porto, Boletim da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, Revista d'Obras Publicas e Minas, O Conimbricense, Luiz de Camões, Frœbel, O Minho Democratico, Revista Escolar Portugueza.

Guimarães, 30 de junho de 1884.

O secretario da direcção

Adolpho Salazar.

Balancetes

MOVIMENTO DE CAIXA

—

EM ABRIL DE 1884

Saldo do mez anterior	113$430
Receita d'este mez	82$840
Somma	196$270
Despeza idem	19$260
Saldo	177$010

EM MAIO DE 1884

Saldo do mez anterior	177$010
Receita d'este mez	95$450
Somma	272$460
Despeza idem	38$270
Saldo	234$190

EM JUNHO DE 1884

Saldo do mez anterior	234$190
Receita d'este mez	5$500
Somma	239$690
Despeza idem	51$290
Saldo	188$400

O thesoureiro da direcção

COSTA GUIMARÃES.

CHRONICA

No trimestre prestes a findar tiveram logar, além d'outros, tres factos d'alta significação e valia para a vida economica e politica de Guimarães, a abertura á exploração do caminho de ferro, a inauguração da nossa exposição industrial, e a eleição do deputado ás côrtes constituintes. A abertura do caminho de ferro recebeu-a a cidade e festejou-a com as mais vivas demonstrações de regosijo, dando assim a prova de que, se por sua indole pacifica nunca despertou a attenção publica com ruidosas manifestações em desafogo d'aggravos soffridos, tem comtudo a consciencia do direito que lhe assistia de gozar d'um melhoramento, ha muitos annos concedido a outras terras de somenos importancia para a economia da nação.

Havia no concelho o geral convencimento de que tinha sido sacrificado nos planos das vias ferreas construidas á custa do Estado, porque, se por um lado a linha do Minho se desviára do valle do Sousa e d'esta cidade deixando-a isolada dos centros mais importantes da provincia, por outro lado a linha do Douro viera cortar de repente as relações seculares de Guimarães com a maior parte dos concelhos de Traz-os-Montes, affectando muito profundamente as industrias e o commercio d'esta terra.

Estava destinado a uma empreza particular o reparar tão grave injustiça, e aproveitar as vantajosas condições topographicas e riqueza industrial de Guimarães. E ainda para tal se conseguir foi preciso envidar esforços persistentes; e sem a caracteristica perseverança do exc.mo snr. Soares Velloso, muito digno gerente da Companhia, só mais tarde se conseguiria a conclusão da linha ferrea de Guimarães á Trofa. É muito já,

mas ainda há muito mais que conquistar; para isso é indispensavel que Guimarães acorde da apathia habitual; que aqui se constitua um forte partido local, em que reunidos todos os bons filhos de Guimarães, reclamem pelos seus direitos, e empreguem todos os esforços por que a linha ferrea serpeie pelas faldas da Penha, e se estenda até os concelhos de Fafe, Bastos e terras de Traz-os-Montes.

A prosperidade de Guimarães depende principalmente da renovação das relações com Traz-os-Montes, onde seus productos encontrarão facil e largo mercado, e do remodelamento profundo das suas industrias, collocando-as em condições de produzir melhor, e satisfazer ás variadas necessidades que actualmente se exigem.

Para isso é preciso não parar: é indispensavel trabalhar. Trabalhemos todos, para que levantada Guimarães á importancia a que tem direito, não deixe perder o bom nome que tem ultimamente ganho e seja considerada como merece, e é: terra essencialmente trabalhadora, e que se ha mais tempo tivesse deveras pugnado pelos seu interesses poderia ter attingido um alto grau de prosperidade.

*

A sympathia publica, que a nossa Sociedade tem sabido conquistar pela tenacidade de seus esforços em prol da instrucção popular, trouxe mais uma vez a Guimarães os briosos amadores do Porto, que sob a direcção d'outro prestante amigo nosso, Guilherme Afflalo, vieram honrar-nos com um sarau dramatico-musical na noite de 20 d'abril, commemorando assim d'um modo util igual festa do anno passado. Foi uma noite de saudosas recordações, em que gozamos o prazer de ouvir professores como o nosso distincto conterraneo Moreira de Sá, Marques Pinto, Suggia e Sollari, que nos deliciaram com formosos trechos de musica, em que todos sabem, como poucos fazer vibrar as mais intimas cordas da alma. A engraçada tragicomedia de Alberto Corrêa e José Cruz com musica de Guilherme Afflalo, e as poesias de José Cruz e Alberto Bramão mereceram enthusiasticos applausos. Igualmente recitaram mimosas poesias allusivas á festa os nossos distinctos patricios e consocios José de Freitas Costa, Abreu Vieira, Antonio Caldas, Custodio Freitas e João Barbosa.

O palco estava coberto de flôres; os *bouquets* eram sem conta, e em chamada final foi offerecido pela direcção da So-

ciedade o diploma de socio honorario a Guilherme Afflalo, como prova de reconhecimento e gratidão da Sociedade pelos serviços relevantes, que lhe tem dispensado. A todos os que assim concorrem para que a Sociedade possa melhor satisfazer os seus nobres intuitos, o nosso profundo reconhecimento.

Volvidos poucos dias o exc.mo commendador Manoel da Cunha Guimarães Ferreira, a quem o concelho de Guimarães devia já a fundação d'uma escóla na freguezia de S. Martinho de Conde, edificando uma bella casa com as melhores condições para tal fim e dotando-a com os meios precisos para sua sustentação, dispondo em beneficio dos seus conterraneos dos meios de fortuna que com trabalho honrado conseguira no imperio do Brazil, e que por tal motivo fôra proclamado socio honorario da nossa Sociedade, enviou para o fundo social 4 inscripções do valor nominal de 500$000 reis. S. exc.ª, devotado apostolo da instrucção popular, quiz auxiliar d'este modo e tão generosamente a Sociedade no conseguimento dos fins, a que mira, proporcionando-lhe recursos, para que com mão mais larga possa distribuir a luz aos desprotegidos da fortuna. Abençoados sejam os que fazem tão bom uso dos seus haveres e não se esquecem, nas horas da prosperidade e abundancia, das difficuldades e agruras, que a falta d'instrucção lhes trouxe em outras épocas da vida. Se na sua consciencia tem s. exc.ª a melhor remuneração de tal acto de civismo, é justo que tenha tambem na consideração de todos os homens, que amam o bem, os respeitos e veneração, que merecem, os que como s. exc.ª se compadecem e procuram minorar os males alheios. A direcção deliberou em reconhecimento de tal beneficio perpetuar-lhe a memoria, conferindo um premio annual com o titulo de *Premio Guimarães Ferreira,* ao alumno mais distincto do Instituto ou cursos nocturnos.

*

A exposição industrial de Guimarães foi aberta no dia 15 do corrente pelo exc.mo presidente da camara depois d'um discurso do exc.mo presidente da commissão central, e assistindo as authoridades judiciaes, eclesiasticas, representantes da imprensa local e do Porto, associações e numerosa concorrencia de povo. O governo não se fez representar apesar de se lhe ter dado conhecimento com antecedencia do dia em que a inauguração tinha logar...

A ceremonia foi singela, como devia sêl-o uma festa de

trabalho; mas no rosto de todos transparecia a satisfação, porque a exposição é um verdadeiro triumpho para Guimarães e assim o provou o unanime e imparcial applauso da imprensa de todo o paiz, e o juizo competentissimo do mui digno visitador official o exc.mo director do Instituto Industrial do Porto, o snr. dr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

Se Guimarães se apresenta d'um modo tão distincto n'este certamen do trabalho, inaugurando *a primeira* exposição concelhia, que se faz no paiz, com a circumstancia de não receber a menor protecção estranha quer official, quer particular, deve-o á união de vontades, á communhão d'aspirações patrioticas da Sociedade Martins Sarmento, deve-o ao esforço e brio dos negociantes e artistas vimaranenses, convencidos de quanto importa aos interesses collectivos que representam, que todo paiz conheça quanto vale ainda este centro fabril; deve-o ao trabalho incansavel, á intelligentissima direcção dada á installação dos productos expostos pelo nosso distincto consocio o dr. Alberto Sampaio.

A exposição, com effeito, revela que a industria de Guimarães, se se ressente d'um certo abatimento como toda a industria do paiz pela diminuição progressiva d'exportação para o Brazil e Africa, tem creado, nos ultimos dez annos, maior aperfeiçoamento nos productos expostos. A ourivesaria, por exemplo, revela-se com toda a opulencia d'uma nova industria. Se o filigraneiro apenas expõe uma reliquia de industria, que agonisa, os demais fabricantes abrilhantam a exposição com productos, em que ha já notavel perfeição.

O gosto francez, que impera no paiz, tem ahi farto campo: os fabricantes vimaranenses não se limitam a imitar e muito bem os desenhos e modêlos estranhos, mas revelam invenção propria como na factura d'alguns broches de gosto muito apreciado. Os diversos processos da ourivesaria vêem-se nitidamente applicados: o polido, o corado, o gravado, a cravação de pedras etc., não são segredos para o ourives vimaranense.

Na secção de cortumes revelam-se com perfeição applicações até agora desusadas.

Na de sapataria, o calçado fino desperta desconfianças de fraude, a quem desconhece as officinas e os artistas vimaranenses.

Na de linhos, prova-se que esta antiga industria conserva em toda a altura o seu antigo credito. Na de bordados revelam-se aptidões admiraveis.

A industria de cotins apresenta productos verdadeiramente

acabados e que tem sido muitos apreciados por pessoas competentes.

A cutelaria mostra, que sem perder as reconhecidas vantagens de segurança e córte, se tem aperfeiçoado bastante, principalmento no polido e melhor gosto.

A nova industria de fundição apresenta diversas amostras de trabalhos muito regulares, e para que se prove o espirito d'iniciativa exhibem os donos da fabrica um carro, imitação do systema Rippert, que tem merecido a approvação d'entendedores.

Finalmente o snr. José Clemente Jacome, não revela só a sua aptidão para concertar relogios já fabricados, revela-se fabricante engenhoso, apresentando relogios de fabrica propria com indicações e aperfeiçoamentos em verdade notaveis.

Tudo isto prova d'um modo incontestavel o muito engenho dos nossos industriaes, a sua notavel aptidão natural e a necessidade inadiavel da creação d'uma escóla industrial.

Diz-se que o governo, agora convencido da injustiça praticada se resolvera reparar o aggravo. Oxalá que assim succeda, para que possamos prestar merecido applauso á iniciativa do exc.mo ministro das obras publicas no ramo profissional que lhe merece, segundo asseveram, especial cuidado, pelo muito que ha a esperar da instrucção technica no rejuvenescimento e prosperidade das nossas industrias, conseguindo, como muito acertadamente diz o exc.mo snr. Oliveira Martins, « que possam inventar e compôr de sua cabeça, os operarios que tambem trabalham com as suas mãos. D'outra fórma os productos estrangeiros acabarão de inundar-nos. »

Seja-nos permittido por ultimo prestar aqui testemunho de deferencia por uma nossa distincta patricia, que allia ás suas elevadas qualidades moraes e educação esmerada uma decidida e notavel vocação artistica. É a exc.ma snr.a D. Filomena Martins, que expoz no Palacio de Crystal do Porto uma pequenina paizagem do perto de Mathosinhos.

Pedimos venia para transcrever do jornal a *Vida Moderna* a apreciação do trabalho da distincta artista, nossa patricia: « O quadro é uma cabeça de estudo pelo natural, uma mulher sentada, olhando para o chão, com um largo lenço amarello cruzado sobre o peito.

« É simples. Em todo o caso a exc.ma snr.a D. Filomena Martins fez d'estas linhas severas um bom quadro. O desenho é correcto, e a côr, que denota muita fidelidade no estudo do natural, é habilmente posta. Ha mesmo certa largueza de pin-

cel, que estamos pouco habituados a vêr em mãos delicadas de senhora. Gostamos d'este quadro. O modêlo é que infelizmente se presta pouco a bucolismos de elegancia e de encanto.

«É uma cabeça rude de mulher do campo crestada pelo sol, que pousou na sua aridez de fórmas e de pobreza de roupa.

«A elegante artista é discipula, segundo cremos, do conhecido professor portuense, o snr. Eduardo Texeira Pinto Ribeiro, um distincto artista que de ha muito ganhou esporas de ouro nos nossos torneios da arte.»

*

A noticia da projectada fundação em Braga d'um asylo de mendicidade districtal, para que teriam de contribuir as corporações d'esta cidade com as quantias, a que pelos seus compromissos são obrigadas para actos de beneficencia, e que até agora eram com toda a justiça applicadas em beneficio dos asylos de Guimarães, produziu aqui e em todo o concelho um pronunciado e forte movimento de reacção.

Em verdade nada justifica esta medida, antes o que é justo, é que essas quantias sejam, como até agora, applicadas á dotação dos nossos asylos, onde ha muito se acolhem os nossos pobres e se dá educação á infancia desvalida.

Que o snr. governador civil auxilie e procure desenvolver em toda a área do districto a creação d'iguaes estabelecimentos; que dê mais largo desenvolvimento mesmo á beneficencia publica sob os seus variados aspectos, achamos digno de todo o elogio; mas o que não podemos deixar passar sem protesto é o pensamento de centralisar a beneficencia, aniquilando estabelecimentos já creados pela iniciativa particular ou de corporações, e que tem espalhado já tantos beneficios.

Em outro logar da Revista se tratará por penna mais competente e mais desenvolvidamente esta questão de verdadeira importancia local, e que por isso não deve ser descurada.

*

A eleição, a que ultimamente se procedeu, prova á saciedade não só a indole pacifica e paciente d'este nosso bom po-

vo, mas o quanto predomina ainda sobre a massa eleitora a influencia da politica partidaria que obedecendo simplesmente á rigorosa disciplina, não nos parece inspirar-se nos verdadeiros interesse locaes. Ainda uma vez Guimarães viu encher-se a urna do suffragio *livre* de nomes completamente desconhecidos do circulo.

Não foi sem protesto d'esta vez, porque apesar de todos os pedidos e instancias algumas dezenas de votos foram dados a um sympathico conterraneo e amigo nosso, a quem esses eleitores quizeram provar seu reconhecimento pelos relevantes serviços, que prestára a esta terra.

Este facto, perfeitamente espontaneo, parece-nos revelar um começo de nova vida, e é denunciativo d'uma evolução favoravel do espirito publico n'uma melhor comprehensão dos seus direitos e deveres. Como não estamos filiados em nenhum grupo politico militante, apreciamos os factos simplesmente sob o ponto de vista dos interesses d'esta terra, que nos é muito querida, e cuja prosperidade desejamos; e n'este momento julgamos que quando Guimarães tinha motivos sobejos de descontentamento, dever-se-hia lavrar um protesto contra a indifferença condemnavel do governo, que em nada attendia ás necessidades d'esta terra, elegendo um deputado completamente desprendido de liames partidarios, e que acabassemos de vez com as continuas imposições a que temos estado sujeitos, sem que ao menos d'essa triste dependencia tenham resultado sensiveis beneficios publicos.

Não o entenderam assim nem governamentaes nem opposição, e pôde mais que outras quaesquer considerações a disciplina partidaria, e mais uma vez temos representante completamente desconhecido do circulo que o *elegeu*.

Fazemos votos por que ao menos o deputado eleito, cujos merecimentos não contestamos, compense o sacrificio da dignidade politica d'este circulo com relevantes serviços em prol dos interesses de Guimarães.

Guimarães 30 de junho de 1884.

AVELINO GERMANO.

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura o preço de 800 reis; cada fasciculo em separado 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. Os assignantes de fóra do concelho poderão pagar em estampilhas. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao snr. Dr. Avelino da Silva Guimarães, em **Guimarães.**

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

N.º 4 — Outubro de 1884

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1884

Summario d'este numero

I. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães; por *F. Martins Sarmento.*

II. Monographos vimaranenses; pelo *Padre J. G. d'Oliveira Guimarães.*

III. O presente e o futuro da viticultura no Minho — Estudo de economia rural; por *Alberto Sampaio.*

IV. Boletim; por *Adolpho Salazar.*

V. Balancete do trimestre findo; por *José Miguel da Costa Guimarães.*

VI. Chronica; por *Avelino Germano.*

VII. Lista de socios honorarios e effectivos.

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

Advertencia. — N'este escripto publicamos os apontamentos que temos colligido em differentes localidades de nosso concelho e com os monumentos á vista. Está muito longe de ser um trabalho completo, e por isso lhe damos o simples titulo de «materiaes». Este titulo, é verdade, não comporta muito as frequentes digressões em que nos espraiamos; mas ellas têm por attenuante a boa vontade de esclarecer o leitor sobre alguns pontos que lhe não serão extremamente familiares e de chamar para outros a sua attenção. É assim que não perderemos occasião de lhe indicar os factos, em que nos parece entrever-se um élo qualquer entre o periodo pagão e christão [1], bem que, segundo se verá, apenas passemos em revista os monumentos do primeiro. Tambem em rigor o titu-

---

[1] No intuito exclusivo de contrariar o prejuizo, que parece estabelecer entre os dous periodos uma completa solução de continuidade. O estudo reflectido das tradições populares ajudará muito a destruir esta falsa idéa. Nós nem mesmo acreditamos que essa solução exista nos periodos anteriores.

lo exigiria que nos circumscrevessemos á área do concelho de Guimarães, podendo estranhar-se que quasi logo no principio mettamos a fouce em seara alheia, invadindo o concelho de Felgueiras. Ha de notar-se porém que, além de ser isto uma excepção, sómente nos occupamos com as freguezias de Felgueiras que se estendem pela margem esquerda do rio Vizella; e, para justificar esta excepção, faremos valer a probabilidade, senão certeza, de que a actual divisão geographica separa uma população que no tempo, a que nos remontamos, vivia estreitamente enlaçada. Já na grande parte do valle do Ave, onde as extremas do nosso concelho correm pela espinha dos montes, se não dá este inconveniente.

Vizella. — Conforme a tradição popular, em Vizella está aluida uma antiga cidade do nome de Suzana [2]. É impossivel obrigar hoje a tradição a dizer-nos se sómente as antigas thermas, que realmente existem soterradas na Lameira, serviram de base á sua lenda ou se tambem e principalmente uma velha povoação, de que não faltam vestigios em todo o terreno que da Lameira se estende para a egreja de S. Miguel. Mascarenhas Netto, que primeiro se occupou com minuciosidade das antiguidades de Vizella [3], dá como assente que pelas immediações da egreja foram encontrados, á profundidade de 20 palmos, alicerces de construcções, sepulturas de pedra com fundo de tijolo, etc., suppondo que a differença entre o antigo nivel do sólo e o do seu tempo era devida a alluviões, que só podiam vir d'um monte sobranceiro [4].

O certo é que a grande quantidade de pedra lavrada que se encontra nas casas e paredes dos arredores da egreja e a que ainda hoje se desenterra aqui e alli, nomeadamente no

---

[2] Proximo da Lameira ha um logar chamado de Santa Suzana.

[3] *Memorias de litteratura portugueza*, III, pag. 93 e seg.

[4] Corre n'aquelle monte, diz a tradição, uma veia d'agua, que, se fosse cortada, inundaria toda a planicie. Tradição identica existe em muitas localidades do nosso paiz.

campo do Pombal, defronte da casa da Deveza; os innumeraveis fragmentos de louça e de telha com rebordo, que se vêem a cada passo; as moedas e capiteis de columnas, que se têm descoberto, e sobretudo as inscripções mostram que a povoação em si, independentemente das thermas, devia ter tido uma importancia tal qual.

Infelizmente quasi todos os achados surgem á luz, para desapparecer logo em seguida, como cousas inteiramente inuteis. Mesmo as inscripções que Mascarenhas por aqui examinou, e de que deixou uma cópia, estão perdidas. Assim a famosa lapide da casa do Sobrado, que conteria, segundo a restauração do snr. Hübner, os nomes de *Lucina, Minerva, Sol, Luna, Fortuna, Mercurius, Genius Jovis, Genius Martis, Esculapius, Hygia, Venus, Cupido, Cœlus, Ceres, Genius Victoriæ* etc., já não foi encontrada, quando o illustre epigraphista a procurou em Vizella. Desappareceu do mesmo modo a ara que Mascarenhas diz ter sido achada nas proximidades da casa do Aidro [5].

E com certeza não eram estas as unicas inscripções existentes n'esta parte de Vizella. Nas trazeiras d'uma construcção da propriedade do Aidro, e na capa d'um aqueducto pertencente á mesma casa, vêem-se duas pequenas pedras que pelo feitio denotam ter sido duas aras. De letras nem vestigio. Na parede d'uma córte da casa do Sobrado encontrei eu o fragmento da seguinte inscripção, que não comprehendo bem como escapou ás vistas do snr. Hübner, quando explorou aquelle sitio:

(Inedita)

. R V E C
E N S I S
H S . C

Da 1.ª linha existe apenas a parte inferior das letras, mas a restauração que fazemos parece-nos obvia. Na 2.ª linha não póde haver a menor duvida: os caracteres são grandes e pro-

---

[5] Segundo a restituição do snr. Hübner, dizia: *Sacrum Genio Laquiniesi Flavius Flavini ex loquela.* J. Cardoso, no *Agiologio,* menciona vagamente uma outra «nas Caldas perto de Guimarães», que tambem, na opinião do snr. Hübner, se deve lêr: *I. O. M. Flavius Aventinus cum grato uxore.* Perdida.

*

fundamente gravados. Na 3.ª linha, a 1.ª e 4.ª letra são certas; a 2.ª com as maximas probabilidades é um S [6].

No campo do Pombal têm apparecido, segundo affirma a dôna, «pedras com letras», cujo destino se ignora [7].

Se em face dos objectos encontrados e destruidos seria difficil formar um juizo seguro sobre a origem da povoação que alli floresceu e sobre a época, em que deixou de existir, na falta de tudo isto qualquer apreciação não passaria d'uma hypothese ôca. M. Netto, fiado nas abreviaturas CINNS GL, que lia na inscripção do Sobrado e que interpretava *Cinnaniæ gloria,* alvitrava que estaria aqui a Cinnania de Valerio Maximo e entretinha-se em refutar a opinião dos que a collocavam nas faldas do Marão ou no monte de S. Romão (Citania). D'esta ultima, diz elle, que pela sua configuração, não era susceptivel de resistir ao exercito de Bruto, nem ahi se descobriam por meio de excavação vestigios alguns de povoação importante. Ignorava Netto que a Cinnania de Maximo só podia ser, nem mais nem menos, uma povoação do typo da Citania, que elle achava desprezivel. E por isso mesmo que a velha povoação de Vizella em nada se assimelha á Citania, é licito duvidar que ella remontasse a uma alta antiguidade. Com effeito, como a Citania, todas as povoações pre-romanas da Lusitania [8] eram construidas n'um local facilmente defensavel. Por isso se escolhia sempre a corôa d'um monte ou outeiro, isolado por todos os lados, podendo ser, ou separado d'outro alto por um estreito isthmo, que pudesse ser cortado com facilidade por um fôsso ou por uma muralha, por ambas as cousas juntas ás vezes. O relevo orographico, em que se encontram as reliquias da povoação de Vizella, não está de modo nenhum n'estas condições e deixa por isso inferir que estamos em face d'uma povoação d'origem post-romana — permitta-se-me a denominação.

Como estas ultimas se formaram, como se fez a transição das primeiras para as segundas, é um ponto que só recebe luz

---

[6] Pertence hoje á Sociedade Martins-Sarmento, por intervenção do nosso compatricio, o snr. Antunes, hoje residente em Vizella.

[7] Na eira da casa da Deveza podem vêr-se alguns fragmentos de columnas, encontradas n'este campo.

[8] No sentido em que a tomava Strabão, desde o Tejo até o mar da Biscaia.

de supposições mais ou menos vagas. Não ha duvida que as povoações dos altos continuaram a subsistir durante a dominação romana: a comparação de Sabroso e da Citania põe o facto fóra de toda a contestação. É mesmo mais difficil encontrar Castros [9], onde a influencia romana se não manifeste, do que o contrario. Em seguida a maior parte dos Castros foram abandonados e é mais que provavel que o seu abandono fosse espontaneo. Depois da conquista definitiva do nosso paiz no tempo d'Augusto, a historia não menciona nenhuma insurreição dos Lusitanos, que motivasse uma medida politica violenta, igual á que tinha obrigado os Cantabros a abandonar os altos, vindo fixar-se na planicie e em logares abertos — medida que, conforme se vê dos nossos Castros romanisados, não abrangeu a Gallæcia Bracaria [10].

Por outro lado o abandono espontaneo dos Castros tem uma razão de ser muito natural. O que determinava a escolha dos altos escarpados para séde das antigas povoações era com certeza a necessidade de pôr a vida e haveres dos seus moradores a salvo da invasão dos inimigos, provavelmente dos inimigos d'ao pé da porta. Toda e qualquer commodidade era sacrificada áquella necessidade imperiosa. Com a pacificação da peninsula e o protectorado romano, a unica vantagem dos altos desapparece, ficando bem accentuadas as suas desvantagens sem conta. A despovoação dos Castros á custa das povoações da planicie é quasi inevitavel e fatal.

Onde estão agora as povoações d'este novo typo? Já dissemos que a Suzana da tradição popular de Vizella era, no nosso entender, uma d'ellas; veremos que mais alguma se encontra no nosso concelho; mas a sua raridade, mórmente em confronto com a abundancia das estações pre-romanas, é verdadeiramente surprehendente. A explicação parece-nos ser esta: As povoações concentradas são agora uma excepção; em regra a população dispersa-se pelo valle, pouco mais ou menos como a vêmos hoje nas freguezias ruraes, e n'estas condições imagina-se que memorias ella poderia deixar de si.

---

[9] *Brevitatis causa*, e só por isso, empregaremos sempre este nome, quando fallarmos de povoações pre-romanas.

[10] Segundo Dion Cassio, egual medida tomou Cesar a respeito d'alguns povos da Lusitania; mas o theatro dos feitos do Cesar foi para o sul do rio Douro.

Não obstante, attentemos na particularidade seguinte. Os investigadores das nossas antiguidades hão de notar muitas vezes que ao sopé dos Castros, e geralmente onde hoje se vê a egreja parochial, é vulgar o achado de fragmentos de telha com rebordo, eguaes aos da povoação abandonada no alto. Tambem n'essas egrejas se encontram não raro lapides funerarias ou votivas, que de certo não foram trazidas de longe. A que tempos remontam estas obscuras egrejas d'aldêa, successivamente desfiguradas pelas reconstrucções que têm soffrido? Ignora-se; mas algumas d'ellas ergueram-se com certeza no mesmo local, onde floresceu um culto pagão [11] e talvez por isso mesmo [12], não sendo desarrazoado crêr que antes da introducção do christianismo o que hoje é séde da freguezia fosse um como centro religioso e social das populações, que iam desertando os Castros e estabelecendo aqui e alli pelo valle as suas habitações. N'este presupposto, são as velharias achadas em torno das velhas egrejas parochiaes os unicos vestigios das povoações romanisadas d'esta ordem.

Quanto ás outras, ás que por qualquer motivo condensaram as suas habitações n'uma área limitada, a sua raridade explica-se talvez sem custo. A não sobrevir uma especie de cataclysmo, que nos encobrisse estas pequenas Pompeias, mais que provavelmente ellas persistiram até hoje, transformando-se de seculo para seculo e devorando, deixem-nos dizer assim, o seu passado, material e moralmente fallando.

É bem possivel que a antiga Vizella estivesse n'aquelle caso e a sua exploração seria por isso d'uma importancia incalculavel. Tal exploração póde dizer-se impossivel.

Mais facil e com resultados certos era a das antigas thermas. Não será porém no nosso tempo que a veremos realisada. Hoje o que ha de melhor a fazer, quando uma excavação casual põe a descoberto algum mosaico, é mandar soterral-o immediatamente, para o salvar do vandalismo dos curiosos.

D'estas importantes ruinas apenas se sabe que ellas são da época romana; mas o nome de Bormanico — um deus Lusitano — que se encontra n'uma inscripção achada na Lameira, e n'outra achada no Mourisco, deixa entender que já antes da

---

[11] Por exemplo a egreja de Ronfe, onde foi encontrada uma inscripção dedicada ao deus Durbedico.

[12] Vid. nota 18.

dominação romana, as aguas thermaes de Vizella tinham fama de miraculosas. A inscripção do Mourisco já é conhecida dos leitores da *Revista* [13]. Da inscripção da Lameira havemos de occupar-nos mais adiante.

Não fecharemos este paragrapho sem notar o modo como a imaginação popular vai esboçando os primeiros traços d'uma lenda respectiva aos mosaicos romanos ultimamente encontrados. Dizia-me uma mulher de Tagilde que na Lameira tinha apparecido uma cidade, cujas ruas eram calçadas de pedra que luzia como o ouro. Mais uma geração, e continuem os mosaicos escondidos aos olhos do vulgo, as pedras das ruas mysteriosas serão d'ouro e do mais puro.

*

Monte de S. Pedro. — Pela corôa d'este monte, que fica na margem esquerda do rio Vizella e a alguma distancia d'elle, corre a extrema das freguezias de S. João das Caldas e de Villarinho de S. Romão, esta pertencente a Santo Thyrso. É um outeiro cónico encimado por um marco geodesico, e o nome vem-lhe d'uma capella de S. Pedro, cujos alicerces ainda se vêem distinctamente, e que, segundo me affirmaram, foi destruida, para acabar com as rixas, em que andavam as freguezias limitrophes sobre a propriedade do pequeno templo.

Não me parece sem significado o facto de que n'uma grande parte dos Castros, que tenho visto, ou houve ou ainda ha uma capella ou ermida. Póde affirmar-se com certeza que os primeiros templos christãos não escolheram taes posições, se exceptuamos os Castros que em pleno christianismo ainda eram habitados por uma população avultada e continuaram a sel-o d'ahi por diante. Segundo as minhas observações até hoje, estes Castros não são vulgares e nos que existem encontra-se, não uma capella, mas uma egreja parochial [14].

Pelo contrario são conhecidos os anathemas dos Concilios contra as peregrinações aos montes [15], e o que d'aqui se póde

---

[13] N.º 2, pag. 1, nota 1.

[14] No Freixo, por exemplo (Marco de Canavezes).

[15] « . . . *nulli liceat* . . . *nec montes petere* ». Conc. Cæsar augustanum XII, Can. IV.

razoavelmente concluir é que alguns montes tinham alguma cousa de sagrado no tempo do paganismo, e que esta crença idolatrica persistiu através da religião nova. Ora todos os Castros ficavam na corôa dos montes e dos outeiros, como sabemos, e é intuitivo que dentro de cada uma d'estas velhas povoações devia haver um templo, um logar sagrado a uma divindade pagã, celebre pelos milagres, que ella ahi tinha feito [16]. É, pois, muito licito conjecturar que os outeiros mal afamados aos olhos do christianismo não eram senão os Castros, que, embora abandonados, ficaram na tradição como a séde d'uma divindade omnipotente, cujo desprezo podia ser funesto [17]. Os anathemas contra taes superstições nunca surtiram o melhor effeito e sabe-se que o expediente mais prestante era christianisar certas costumeiras e sobretudo certos logares suspeitos. N'este intuito, erguia-se muita vez um monumento christão onde um monumento, ou a memoria d'um monumento pagão se obstinava a conservar-se. Isto é um facto provado [18], que tira toda a pecha d'arbitrario á nossa hypothese — de que a erecção de capellas e ermidas na maioria dos Castros deva a sua origem ao proposito deliberado de fazer esquecer um deus ou deusa, que alli dominou, por um thaumaturgo de religião nova. Mais adiante teremos opportunidade de considerar este assumpto por uma face especial.

Seja como fôr, no monte de S. Pedro houve uma estação pre-romana. Da parte do poente ainda são muito visiveis os restos da muralha que o circuitava, mas que só d'este lado escapou á sanha dos demolidores, que varreram tambem quasi totalmente a pedra das casas que com certeza alli existiram. Os fragmentos de louça alastram o monte, mas não vi que a ceramica romana esteja lá representada. De resto nada digno de nota. Apenas um montante, que ha annos explora as

---

[16] Na Citania foi encontrada uma pequena estatua, que sem duvida alguma representava uma divindade alli adorada.

[17] Os pagãos tinham feito correr a prophecia de que o christianismo não duraria mais de 365 annos. S. Agostinho, *De Civitate Dei*, XVIII, 43.

[18] Basta citar a epistola de S. Gregorio ao abbade Melito, 71.ª do livro IX. Ahi se diz que não sejam destruidos os templos dos pagãos da Inglaterra, mas sejam christianisados, principalmente para tirar partido do habito em que estavam os antigos religionarios de frequentar aquelles logares já sagrados para elles.

pedreiras d'aquelles sitios, me disse ser frequente apparecerem por baixo dos penedos carvões e vasilhas inteiras, urnas funerarias sem duvida. Quiz mostrar-me, a pedido meu, os fragmentos das ultimas que tinha achado, mas foi impossivel descobril-as, por estarem já sumidas debaixo d'um montão de cascalho. Nenhuma tradição recolhi, senão que os mouros tinham occupado aquelle logar.

*

Inscripção do Paço. — A casa do Paço pertence ainda a S. João das Caldas e fica n'um pequeno convalle a norte do monte de S. Pedro. É ahi que esteve por muito tempo a inscripção do Bormanico, que M. Netto diz ter sido achada na Lameira. Hoje a lapide pertence á Sociedade Martins-Sarmento por dadiva do meu amigo Manoel de Carvalho, da casa do Pôço. Aqui está como o snr. Hübner lê a curiosa inscripção:

C . POMPEIVS
GAL . CATVRO
NIS . Fil . rEct
VGENVS . VX
SAMENSIS
DEO . BORMA
NICO . V . S . L . M .

Antes de transcrevermos a segunda parte, em que a leitura não soffre duvida alguma, seja-nos permittido fazer uma observação. A lapide contém muito distinctamente REO, em vez de DEO. M. Netto diz que o proprietario do Paço, que fez transportar a pedra para a sua casa, encarregou um pedreiro de lhe renovar as letras. É provavelmente o desastrado pedreiro que transformou n'um R o D primitivo, sendo possivel que tambem fizesse alguma diabrura no final da 3.ª linha. Sem esta ultima supposição o exame attento d'esta parte da inscripção não consentiria adoptar a restauração de RECTO (genus), que propõe o sabio allemão.

A segunda parte da inscripção, alludindo á possibilidade d'um desacato commettido pelo rapazio, não é menos interessante. Diz:

QVISQVIS.HO
NOREM.AGI
TAS.ITA.TE.TVA
GLORIA.SERVET.
PRAECIPIAS
PVERO.NE
LINAT.HVNC
LAPIDEM.

Este pedido, como observa o snr. Hübner, é uma variante d'uma inscripção de Formiæ; mas é o caso de dizer: « Cá e lá más fadas ha ».

*

Inscripção de Santa Eulalia de Barrosas. — Diria:

REBVR
RINVS
LAPIDA
RIVS.CA
STAECIS
V.L.S
M

Procurei-a debalde, bem que por alguns momentos alentei a esperança de a descobrir, quando o meu amigo Gaspar Leão me informou de que na casa de Rielho (em Santa Eulalia de Barrosas), onde se creou, havia uma lapide com letras. Fomos vêl-a. Era uma pequena ara, quebrada justamente pela base, mas tendo livre todo o campo em que a inscripção foi gravada. Infelizmente a pedra tinha servido de degrau d'uma escada, ficando com as letras para cima, e os caracteres estavam de tal sorte obliterados, que apenas era perceptivel um V no principio da ultima linha. Pensei primeiro que era este e não outro o monumento da devoção de Reburrino. Sendo, porém, exacta a cópia e as indicações d'Argote, esta supposição não tem fundamento. Não só a ara de Rielho não é « uma pedra grande », como escreve o Contador antes pelo contrario; mas não ha n'ella logar para a 7.ª linha, onde na cópia d'Argote se lê o ultimo M. Resulta d'aqui que, em vez d'uma, temos a lamentar duas inscripções perdidas.

*

Entre Rielho e a casa do Paço encontram-se em varias partes fragmentos de telha com bordo, e á beira d'um caminho appareceu, ha tempos, um monumento feito de tijolo, que pelos modos parece ter sido uma sepultura. Foi completamente destruido.

*

Castro em Santo Adrião de Vizella. — O Castro, mais conhecido pelo nome de monte da Senhora da Tocha, pronunciado não sabemos porque Senhora Dâtocha, reune todas as condições topographicas d'uma genuina povoação pre-romana. É um outeiro completamente isolado por todos os lados, e facil de fortificar com muralhas que sem a menor duvida teve, mas de que hoje, como é o caso mais vulgar dos nossos Castros, não resta vestigio algum. Vêem-se, porém, ainda muito distinctamente em algumas partes os terraplenos que pegavam com o parapeito dos muros, e é bem possivel que o visitante d'este monte encontre uma boa velha que está na posse do papel de *cicerone* e que não deixará de ir mostrar-lhe o sitio, onde os mouros iam assestar «a artilharia». É um dos terraplenos mais desenvolvidos, olhando para Vizella.

Fragmentos de louça e de telha com rebordo não faltam por alli; encontra-se uma ou outra atafona de mão e alguma pedra d'antigas construcções aproveitada em reconstrucções modernas; parece terem sido encontradas varias moedas; mas antiguidade verdadeiramente notavel não ha nenhuma a mencionar. Falla-se n'uma «foucinha» gravada n'um penedo; onde, porém, fica o penedo é que ninguem sabe, como ninguem sabe em que ponto começava a estrada subterranea levando do centro do Castro ao rio Vizella, que se vê correr a distancia [19].

---

[19] Tradição quasi infallivel nos Castros proximos d'um curso d'agua, e ás vezes mesmo nos que lhe ficam longe.

O que encontrei de verdadeiramente notavel foi a seguinte lenda, a que não posso deixar de dedicar algumas linhas.

Digamos primeiro que a capella da Senhora da Tocha fica no alto do monte. A capella é attribuida aos mouros, como muitas outras do nosso paiz, — o que pouco significa, mas significa alguma cousa. A santa é advogada das parturientes. A sua imagem é pouco menos de moderna; mas quem quizer vêr a que a precedeu não tem mais do que examinar um nicho por cima do arco da capella-mór, onde encontrará uma estatueta de pedra d'Ançã, de estylo soffrivelmente archaico. Mais feliz que outras estatuas antigas, desthronadas pela moda, esta não foi absolutamente desprezada, como a de Santa Margarida, do nosso S. Miguel do Castello, ou a de S. Christovão do Rio Mau. Deixou o logar d'honra, mas occupa ainda um plano secundario com a denominação de Santa Capelluda, que lhe deram de certo em troca do que perdeu. Ora esta Santa Capelluda, sabem-n'o todos os moradores do Castro, era para christãs e mouras indistinctamente o que a Senhora da Tocha é hoje exclusivamente para as christãs. « Quando estavam em vesperas « d'alliviar-se » (contava-me a boa mulher de que acima fallei), as mouras apegavam-se com a Santa, clamando: « Santa Capelluda me valha! Santa Capelluda me valha! »; mal livres do susto, punham-se a varrer a casa [20], gritando: « Capelluda fóra! Capelluda fóra! » As bebedas! — commentava a narradora com uma intonação que deveria lisonjear as mouras mais melindrosas, em vez de as offender.

Esta lenda não podia formar-se em tempos christãos, porque ha a desviar d'ella toda e qualquer identificação entre mouros e arabes. Sem duvida foi a dominação arabe que popularisou na peninsula o nome de mouros; mas nós crêmos ter demonstrado [21] que nas nossas tradições de mouros encantados o nome de mouros veio substituir o de pagãos, e que taes tradições existiam muitos seculos antes da invasão arabe. Não póde, pois, admittir-se que a lenda, que nos occupa, achasse modo de introduzir-se em tempos relativamente recentes e, por exemplo, tivesse por base a coexistencia de mu-

---

[20] Dava a entender a minha informadora que a acção de varrer a casa era uma mimica como qualquer outra, para pintar ao vivo a expulsão da santa. Só isto?

[21] No Pantheon.

lheres christãs e arabes, as ultimas das quaes invocassem nas suas afflicções as santas, cujo valimento as primeiras lhe encareciam. Os mouros da nossa lenda são os mouros dos Castros, das Fontes, das Mamôas, isto é, os mysteriosos constructores de tudo isto, os pagãos, emfim, como os christãos lhes chamavam ao principio.

Como todas as tradições d'esta especie, a do Castro refere-se ao passado; a Santa Capelluda não é actualmente invocada pelas mouras, era; e, se pudessemos interrogar retroactivamente todas as gerações extinctas, veriamos que cada uma d'ellas se exprimiria do mesmo modo; que de certo ponto por diante o nome de mouras desapparecia inevitavelmente, para dar logar ao de pagãs, e que finalmente esta regressão não passaria além da primeira geração christã. Da mesma sorte, se possuissemos todas as estatuas, que se têm succedido no alto do Castro, achariamos talvez que a mais primitiva não era outra cousa senão uma Lucina [22] ou equivalente. Dir-se-ha que o facto só era provavel n'uma localidade, onde as gerações se seguissem sem solução de continuidade desde os tempos pagãos até hoje. Mas é precisamente o que parece ter-se dado no monte da Senhora da Tocha. A corôa do monte é occupada por uma povoação de trinta e tantos fogos e explica-se tão mal a escolha d'aquelle alto para séde d'uma povoação em época relativamente moderna, como se explica bem a permanencia d'alguns moradores do velho Castro, que por qualquer motivo não acompanharam a maioria dos seus habitantes na deserção do seu berço natal.

Demais, é para mim muito significativa, não só a vitalidade que têm entre os moradores do Castro as lendas dos mouros, mas a boa disposição que mostram em viver com elles na melhor camaradagem. Nada menos que na propria capella da santa habita uma moura. Por mais d'uma vez tem sido vista, sob a figura d'uma cobra amarella, já deslisando por

---

[22] Sem lhe ligar grande importancia, não podemos deixar d'aproximar o nome de Lucina das denominações de Senhora da Luz, Senhora da Tocha, etc. Quanto ás estatuas de deuses pagãos aproveitadas pelo christianismo, ha exemplos até na propria Roma, e para citar exemplos de casa, a primeira imagem da Senhora da Oliveira seria um idolo de Ceres, se dermos credito ao que dizem alguns historiadores das antiguidades de Guimarães, J. Torquato, por exemplo.

baixo da porta da entrada, já debaixo do altar-mór. Se ella puder quebrar o encanto, nada obsta a que venha conglobar-se na população da freguezia, vivendo como toda a gente, conforme succedeu á moura do caso seguinte: «Isto é certo — dizia-me a informadora, a que já devo as noticias supra — ; passou-se no tempo em que os homens traziam calções, mas não vai ha muito; porque, sim, a moda dos calções não vai ha muito». E contava que n'uma veiga proxima á Ponte Nova, que ella apontava do Castro, havia uma pedra muito branca, que os lavradores costumavam pôr na grade para razar a terra, revolta pelo arado. Um dia, levantou-se questão entre dous quinhoeiros da veiga sobre qual d'elles se serviria da pedra. Como a questão se azedasse, um velho que estava presente, entendeu dever pôr cobro ao debate, e pegando na pedra atirou com ella ao rio, dizendo: «Pois nem ha de ser para um, nem para outro». Mas a pedra a cahir no rio e a apparecer no mesmo sitio uma rapariga, que os lavradores, depois do seu primeiro espanto, correram a salvar do perigo em que a viam.

Esta historia conta-se tambem em Donim; o theatro da scena é uma veiga, proxima do rio Ave. Provavelmente repete-se n'outras partes; mas em Donim a moura, sentada na pedra, que boia como cortiça, segue pelo rio abaixo, penteando os cabellos e dizendo muito contente que vai para a sua terra, a Mourama; emquanto que na versão do Castro a moura, depois de desencantada, fica na localidade e vive ahi como uma compatriota que voltasse d'uma longa viagem.

A Senhora da Tocha não tem só por devotos os habitantes do Castro e arredores. Os povos de Fafe e d'Armil vêm alli com um «clamor» por causa «das trovoadas», e os de Paços de Ferreira com outro, não me disseram por que motivo. Os primeiros têm direito a um almude de vinho, segundo um muito antigo legado, que ainda hoje se cumpre.

*

Inscripção de Santo Adrião de Vizella. — Entre o rio e o Castro fica a egreja de Santo Adrião de Vizella, que tambem se attribue aos mouros. Ao pé, n'um degrau da escada que sobe para um comoro, onde se vê um cruzeiro de curio-

sas esculpturas, ha a tampa d'uma sepultura com um cutelo em relevo, que na localidade passa por ser o alfange do ultimo rei mouro que governou o Castro. Sempre os mouros!

O que nos interessa particularmente n'este sitio é uma inscripção romana, que já tem sido publicada, mas muito incompletamente. Encontra-se embutida, não nas costas da egreja, como se lê em alguns auctores, mas no lado da capella-mór que volta para o Castro. Está posta de través, o que prova que foi aproveitada como simples pedra de construcção. Felizmente ficou com os caracteres para fóra.

O snr. Hübner copiou-a, como a achou em Argote, d'este modo:

D . M . S .
P R O V I N C I A L
V E R E V S . N E I
P R O V I N C I A L
P R O T I D I . C C .

Em vista dos dous CC da ultima linha, suppunha Argote que a lapide fôra mandada levantar por uns Centuriões. Não tardaremos a vêr o que valem estes Centuriões.

Examinamos a inscripção e na 1.ª linha, não contando a fórmula inicial, lêmos PROVINCIV. Falta-lhe com certeza uma letra e esta letra mal póde deixar de ser um S — o que nos dá o nome de PROVINCIVS. O primeiro nome da 2.ª linha não é VEREVS, mas NEREVS; bem que a primeira perna do N esteja um pouco obliterada, distingue-se ainda assim muito claramente. As tres letras adiante d'este nome, e que Argote escreve sem hesitação, são muito duvidosas. O primeiro N não é letra, no nosso entender; é um signal de separação, como outros que se encontram no corpo da inscripção. O E da cópia d'Argote pareceu-nos mais um P, que outra cousa; a ultima letra parece realmente um I, como se figurou ao informador d'Argote, e consideramos as duas letras P e I como siglas, significando talvez *poni jussit.* A leitura da 3.ª linha não soffre duvida, a não ser no L final. O traço horisontal está quasi, senão inteiramente, safado. Crêmos, porém, que era um L, e que o nome terminava por um I, do que não restam hoje signaes. O primeiro nome da 4.ª linha é claro; o C seguinte não é menos claro; mas o segundo C, que tem a cópia d'Argote, é um O, manifesto a um observador attento, e indiscutivel para quem pretenda completar a palavra com as duas ul-

timas linhas, que não podemos perceber como fossem omittidas, visto serem d'uma leitura corrente. Dizem ellas:

NIVGI KARISSI
MAE.AN. XXVI.

Sendo exactas as nossas conjecturas, toda a inscripção dizia:

D. M. S.
PROVINCIVS
NEREVS. P. I.
PROVINCIALI
PROTIDI. CO
NIVGI KARISSI
MAE. AN. XXVI

Conjugi karissimæ. Karissimæ com um K é orthographia frequente nos monumentos epigraphicos; as tres ultimas letras M A E estão ligadas.

*

Cristello (Santa Comba de Regilde). — Santa Comba péga pelo norte com Santo Adrião de Vizella, e o Cristello, pequeno outeiro de fórma conica, que pelo seu escalvado se destaca dos seus visinhos, fica a pouca distancia da ponte e do logar da Ribeira.

Cristello, como Crastello, Crestello, é, segundo todos sabem, um diminutivo de Castro (Crasto na locução popular). No mesmo caso está Castello, a crêr alguns etymologistas, entre elles Scheller. Para os nossos antiquarios passados, e ainda para alguns da actualidade, os Castros, e pela mesma razão os Cristellos, seriam d'origem romana. É muito provavel que os nomes de Castro, Cristello e outros, mesmo o de Cividade, com que algumas estações antigas nos apparecem, não tenham nada de nacionaes; mas não tem duvida nenhuma que as povoações, designadas por taes nomes, o eram, e pelo que até agora fica dito se vê que taes povoações, longe de deverem a sua origem á influencia romana, lhes devem a sua decadencia, quer parcial, quer total. O que se torna claro é que a nomen-

clatura romana se apoderou d'ellas e ficou subsistindo para as appellidar, sendo importante por mais d'um lado conhecer que vocabulos primitivos ella veio substituir. Infelizmente este ponto nunca se esclarecerá talvez. Não é inverosimil para alguns [23] que Citania seja a mesma palavra que Civitas; é bem possivel tambem que o nome de Castro viesse substituir o de Vicus. Vicus é uma velha palavra [24] que existia na Galliza, certamente antes da dominação romana. O Vicus gallego (Vicus Spacorum, dos antigos auctores) tem hoje o nome de Castro; o de Vigo, ligeira alteração de Vicus, passou a designar a povoação que do alto do Castro (povoação do typo da Citania, diga-se de passagem) desceu para a beira da ria.

O conhecimento intimo d'estas denominações e das suas differenças daria não pouca luz sobre a organisação politica dos nossos antepassados; porque é muito de crêr que Civitas, Castro, Cristello, ou Citania, Vicus, etc., impliquem alguma cousa mais que uma simples differença de nomes. Civitas, por exemplo, é a povoação em si, a povoação material, mas às vezes, como em Plinio, ella é synonyma de *populus*, não da população de tal ou tal cidade, mas da população d'uma larga circumscripção territorial, população repartida, como não podia deixar de ser, em diversas povoações. É assim que dizendo-nos o auctor da *Historia Natural* que ao Convento Juridico de Braga vinham pleitear vinte e quatro *Civitates*, ao mencional-as, nomeia os Bracari, Bibali, Limici, etc.

Estas *civitates* = *populi* são pequenas confederações que os romanos já encontraram estabelecidas entre nós, e a *civitas* material é a séde, a capital d'essas confederações, ao passo que os Castros, Cristellos, etc., são outras tantas povoações secundarias, em que se abrigam as pequenas collectividades que as compõem? Com os subsidios que possuimos qualquer resposta seria temeraria.

Certo é que o Cristello de Santa Comba denota ter sido uma pequena povoação, mesmo com respeito ao Castro de

---

[23] Nomeadamente o snr. Virchow no relatorio á Academia de Berlim sobre o Congresso anthropologico de Lisboa. Na traducção franceza d'este trabalho a opinião do sabio allemão apparece um pouco velada. Sobre este ponto os leitores deveriam lêr o original.

[24] Qualquer outro diria celtica. Encontra-se nos documentos *celticos* com a fórma *fich*. Zeuss, *Gram. Celtica*, pag. 21 e 53.

Santo Adrião, seu visinho. Hoje apenas o nome e algum raro fragmento de louça e de telha romana fornecem ao investigador testimunhos certos da sua existencia passada. Em compensação, ha nas suas cercanias dous monumentos caracteristicos dos velhos Castros e que no de Santo Adrião já não tem hoje representantes claramente definidos.

É o primeiro uma Fonte, afamada pelos thesouros encantados que tem no fundo. As Fontes, entre nós, como n'outros paizes, foram objecto d'um culto que os canones dos Concilios combateram como as romagens aos outeiros [25], e em muitas das actuaes Fontes Santas é bem possivel que se repetisse o caso, que suppuzemos ter-se dado com os ediculos pagãos [26]. A Fonte de Regilde não teve, porém, esta honra, e, se não fossem as lendas que lhe andam ligadas, o observador passaria por ella, sem lhe prestar attenção. Nem sequer reproduz o typo das chamadas « Vazas » [27] tão vulgar em todo o Minho e tão nacional e tão antigo, que já se encontra na Citania. É verdade que, segundo a tradição local, a Fonte velha está soterrada por baixo da actual, sendo principalmente por isso que os thesouros são inconquistaveis. Para prova cita-se a experiencia d'um fulano, que chegou a descer a certa profundidade e a vislumbrar as riquezas, parece, não podendo comtudo lançar-lhes a mão, por medo de se afogar. Entre os objectos sumidos no fundo da agua conta-se uma grade d'ouro [28]. A Fonte teve letras, diz-se; segundo um informador, tel-as-hia ainda, mas eu e elle procuramol-as em vão. O nome d'esta fonte não é menos curioso que as suas lendas: Fonte da Côr, provavelmente um nome que soffreu grande mutilação.

O segundo monumento, que se encontra proximo do Cristello e que falta no Castro de Santo Adrião, é um penedo com

---

[25] Vid. as penas contra os « excolentes sacra fontium » nos *Concilios Toledanos*, XII, can. 11 e XVI, can. 2.

[26] D'uma fonte com um templo ha vestigios ainda muito claros, descobertos, ha tempos, nas proximidades do Castro da Saia (Barcellos).

[27] N'um logar do Marco de Canavezes. Em regra, a agua d'estas fontes brota do sólo e é cercada *in situ* por um pequeno tanque de pedra, sobre o qual se construe uma especie de nicho, fechado por tres lados e coberto com um tecto tambem de pedra.

[28] Uma grade, um tear, um sino d'ouro, são os objectos mais vulgares n'estes encantados esconderijos.

a superficie crivada do que os francezes chamam *fossettes* e o nosso povo *buraquinhas*. Estes signaes tem uma capital importancia, sobretudo por andarem associados com outras gravuras muito significativas, como o *mahadeu* e o *swastika* [29]. *Desor* attribuia-os a um povo que colonisára o centro e occidente da Europa e a quem dava a denominação de *race ecriveuse* por considerar aquellas gravuras como uma especie de escripta. O facto é que nos Castros, em outros monumentos, de que fallaremos adiante, ou melhor em todo o Minho (limitando-nos a fallar d'esta unica provincia), a cada passo se encontra a mão d'essa *raça, escrevendo* as provas da sua dominação secular. A crêr as nossas tradições populares, este povo é ainda o dos mouros, e no penedo de Regilde a lenda mourisca não falta. É de certo a elle que se refere a seguinte historieta. Uma madrugada, um rapazito seguido pelo pai, passou perto do penedo e vendo as buraquinhas cheias de milho, gritou: «Jesus! o que vai aqui de milho, meu pai!» Mas ao nome de Jesus o milho tinha-se transformado repentinamente em carvão. Era ouro puro, está claro. As *fossettes* são de vario diametro. Bem que uma ponta do penedo já fosse cortada ha annos, crêmos piamente que o monumento será conservado, salvo se passar para outro proprietario, que lhe desconheça a importancia, o que não succede ao dono que hoje tem. Fica no campo chamado das Lages, e ao sopé de Cristello.

Parte da gente do Cristello parece ter formado nas margens do rio uma povoação de certo vulto. Desde a Fonte da Côr até á Ponte da Ribeira encontrei eu innumeraveis fragmentos de telha com rebordo. Para além da ponte, na margem direita, seguem-se os mesmos vestigios e por ahi reza a tradição d'uma Villa Forneira, ou Corneira (n'uma outra versão). Não é facil averiguar se esta tradição tem alguma cousa a vêr com os vestigios a que alludi.

---

[29] O *mahadeu*, um circulo com um raio prolongando-se para fóra da sua circumferencia, é ainda hoje na India um signal consagrado ao deus Siva, e tambem lá apparece gravado em rochedos. O *swastika* é a famosa cruz dos indios, frequente nos monumentos e objectos d'uma grande antiguidade. Os primeiros christãos adoptaram este signal. Vid. Martigny, *Dict. des Antiquités Chrétiennes*, verb. Croix.

*

*

S. Martinho de Penacova. — A norte de Santa Comba de Regilde encontram-se as freguezias de S. Jorge de Vizella e de S. Martinho de Penacova, esta alargando-se para o alto, para o monte do Senhor dos Perdidos, uma pequena cordilheira, correndo de Pombeiro para Barrosas e separando parte do valle de Vizella dos valles de Felgueiras. A egreja de S. Martinho fica a mais de meia costa e n'um contraforte da montanha, que parece ter sido aproveitado em tempos antigos para um pequeno Castro. Se o foi e ainda alli existem vestigios de muralhas, só o poderia mostrar uma excavação praticada na escarpa da corôa do outeiro poupada pela cultura, a que volta para o norte. Alguns fragmentos de telha romana encontrei eu, e um rapaz, que me foi abrir a egreja, affirmou-me que nos campos contiguos a ella, principalmente para poente fragmentos eguaes appareciam aos montes. Tambem para o mesmo lado, no campo da Miradoura me disse uma mulher haver um penedo com letras. Consegui que m'o fosse mostrar. Chegada ao sitio, procurou n'um penedo, mas o que eu ahi descobri foi uma porção de *fossettes* muito distinctas. O povo chama « letreiros » a qualquer signal ou gravura e eu entendi que a minha informadora laborava no mesmo equivoco. Ella, porém, passou adiante e procurou n'outro penedo visinho do primeiro e que do mesmo modo estava crivado de « buraquinhas ». Meio zangada com a inutilidade das suas diligencias, a mulher procurava e tornava a procurar e depois de raspar o musgo que cobria a parte do penedo que mais attenção lhe merecia, exclamou triumphante: « Ellas cá estão! » Effectivamente lá estavam e de boas dimensões; mas os mais felizes que eu as decifrarão, se poderem. A inscripção compõe-se de dous nomes, segundo parece. O primeiro é GAL (com as duas ultimas letras ligadas); o segundo compõe-se d'um P, cuja haste prolongada inferiormente serve tambem para um R. Eu não só me não atrevo a decifrar estes nomes, mas nem sequer juraria que elles fossem d'uma muito grande antiguidade, principalmente o ultimo. As *fossettes* com certeza o são; e, se alli houve um Castro, os penedos em que ellas se acham, ficavam provavelmente dentro do seu recinto. Proximo da egreja ha ainda um pequeno penedo, em parte destruido, mas onde se vêem ainda algumas poucas *fossettes*.

Conta Argote que na casa de Passos, de S. Martinho, se guardava uma estatua mutilada, que viera do Cristello de S. Verissimo, de que vamos occupar-nos. Todos os esforços que fiz para descobrir tal estatua foram inuteis.

*

Cristello (S. Verissimo). — Seguindo da egreja de S. Martinho para o alto do monte (nascente) encontram-se os vestigios da povoação, a que a tradição recolhida por Argote dava o nome de cidade de Pegas, nome já então refugiado n'uma fonte dos arredores. A fonte com o nome de Pegas existe ainda; mas ninguem me soube dizer se Pegas foi uma cidade. Mesmo o nome de Cristello, que adoptamos sob a palavra d'Argote, é desconhecido. Poderia crêr-se que o substituisse o nome de Castello dos Mouros, se o pequeno e insignificante morro, a que tal nome se applica, tivesse alguma cousa que vêr.

No emtanto é corrente entre o vulgo que houvera por alli uma povoação de mouros, e os fragmentos de louça e de telha romana apparecem em tal abundancia e n'uma área tão extensa, que a grande difficuldade está em determinar os limites em que a povoação se circumscreveu. É de notar que estamos na lombada da montanha que já dissemos correr para Barrosas, e nem aqui, nem mais longe achamos um relevo orographico bastante forte para ser facilmente defendido com muralhas. Não entraremos por isso em individuações, tanto mais que os alicerces de construcções, a que allude o Contador, e que nos podiam servir de guia, desappareceram completamente.

Desappareceram igualmente todas as inscripções, de que elle nos dá noticia. Pelo menos procurei-as debalde, auxiliado por um conhecedor das curiosidades d'aquelle sitio, o snr. Lima, e pelas informações que pude colher por outras vias.

Em compensação, encontrei duas outras, que devo ter por ineditas. Uma d'ellas encontra-se no logar de Froia, entre a egreja de S. Martinho e o Cristello de S. Verissimo, n'um penedo incorporado no socalco d'um campo. O penedo estava coberto de terra com um grande calhau em cima, mas pude copiar-lhe as letras, depois de postas a descoberto pelo dono

do campo, o snr. Manoel Leite, que não podia ser mais obsequiador. Na corôa do penedo, e com intervallo de mais d'um metro, vêem-se á esquerda as letras VNNG, muito inclinadas, e á direita o nome de GAL, com as duas ultimas letras ligadas, como no campo da Miradoura e com identica fórma de caracteres. Para mim tudo isto é d'uma escuridade cerrada, e só posso dar conta da impressão que me causou vêr o mesmo nome repetido nas duas partes. Argote falla d'um penedo, onde reapparece a primeira parte da inscripção de Froia, mas as suas indicações não permittem suppôr que se trata do mesmo monumento.

Tão inexplicavel como a inscripção é a lenda que lhe anda ligada: por alli perto está enterrada a mala do Conde do Açougue com muitas riquezas!

A segunda inscripção que examinei acha-se n'uma lage á entrada da Bouça Nova, a norte das ruinas. Era escripta em quatro linhas. Por infelicidade só a primeira linha se lê sem hesitação: CACALE. Na 2.ª, que deveria conter oito letras, pelo menos, só posso dar como certas as duas ultimas: M E. Na 3.ª, que devia conter dez letras, certas são apenas as tres ultimas: E N E. Na 4.ª lê-se com soffrivel clareza IN.ATVHN; mas no principio faltam talvez duas letras e, onde se vê um ponto na nossa cópia, ha no original um traço, que alguem poderia tomar por um I entre dous pontos, mas de que eu duvido tanto, que não ouso reproduzil-o.

O meu informador e companheiro promettera mostrar-me uma terceira inscripção bastante extensa, dizia elle, que vira por mais d'uma vez n'um grande penedo a sul da Bouça Nova e pouco distante das ruinas. Foi direito ao sitio, mas a parte do penedo, em que dizia ter visto as letras, não existia já e, a não haver engano, o aspecto do córte da rocha dá a entender que o vandalismo já tem uns poucos de annos de data.

Além dos penedos com letras, têm sido destruidos outros com varios signaes. Eu apenas encontrei duas pequenas gamellas de fórma cónica abertas em duas pequenas lages, quasi niveladas com o sólo e algumas entalhas de valor insignificante n'um penedo mais elevado.

Do cemiterio dos mouros nada pude apurar, nem mesmo a origem d'esta denominação. Affirma-se, como no monte de S. Pedro, que se encontram a miudo por baixo das fragas «botijas cheias de terra preta». Mas foi isso o que deu o nome ao cemiterio dos mouros? Não m'o parece; porque não vi attribuir ás «botijas» um destino funerario, e que visse, descon-

fiaria da ingerencia d'uma interpretação nada popular em semelhante attribuição.

As tradições relativas a esta estação de mouros são de mediocre interesse, a exceptuar a que falla de duas figuras guardando a entrada d'uma mina, segundo outros d'um boqueirão entre dous penedos. Como se imagina, ninguem sabe ao certo em que sitio do monte fica o mysterioso subterraneo.

Thesouros não faltarão por alli e não devia conter poucas riquezas um caixão, que por baixo do penedo da Ortiga — uma larga furna, tendo por tecto uma enorme lapa — viu certa manhã um medroso, que só mais tarde se atreveu a vir olhal-o de perto, encontrando-lhe apenas o sitio, está claro.

Uma outra curiosidade do monte é o « Penedo dos casamentos » proximo da capella do Senhor dos Perdidos. É possivel que entre os penedos, anathematisados pelos Concilios a par das fontes e outeiros [30], entrassem os d'esta especie. A verdade, porém, é que elles ainda hoje são consultados em muitas partes. No nosso concelho só conheço um em Santo Thyrso de Prazins. A maneira de os consultar varía; mas a mais correcta parece ser esta. O consulente volta as costas para o penedo e tomando por alvo a corôa d'elle, atira para traz de si com uma pedra, que conforme fica em cima, ou cae abaixo, lhe prenuncia se casará, ou não. Em Baião ha um penedo que se consulta n'um intuito, muito transparente na sua denominação. Chama-se « Penedo dos Cornudos ».

O do Senhor dos Perdidos está todo caiado e é encimado por uma cruz de ferro. A cruz christianisou muitos monumentos pagãos, sem querermos insinuar que se désse aqui este caso. Em volta da cruz vêem-se muitas pequenas pedras, attestando que o oraculo não tem descontado todos os que vieram interrogal-o.

*

S. Jorge de Vizella. — O que me levou principalmente a S. Jorge foi a curiosidade de vêr as pégadas do cavallo do

---

30 Vid. nos logares citados na nota 25 as penas dos Concilios Toledanos contra os « veneratores lapidum ».

santo, testemunhando ainda hoje a sua lucta com o dragão, que matou n'um barroco, segundo me contára um informador de Tagilde.

A minha boa fortuna quiz que eu encontrasse o melhor, quer dizer, o mais ingenuo dos *ciceroni*.

Aqui está o theatro da scena. É uma especie de encruzilhada que se encontra, antes de chegar á egreja de S. Jorge, no caminho que da Ribeira leva para Pombeiro. Ahi desemboca um terceiro caminho que vem do lado do monte e por onde devem correr no inverno formidaveis enxurradas. Já a par d'este caminho ha um regueirão de certa profundidade, cavado por ellas, interrompido pelo leito da estrada de Pombeiro, mas reapparecendo, em seguida a esta intercepção, d'um modo brusco, e tornando-se logo adiante n'um barroco medonho, que lá se vai torcer pela encosta abaixo. O precipicio começa n'um recanto, em que a encruzilhada se alarga um pouco, e é na orla d'este precipicio que fica um pequeno penedo com as prodigiosas pégadas — duas cavidades de desigual profundidade, em que ninguem repararia, se lhe não soubesse a historia. « S. Jorge — dizia o meu *cicerone*, vinha d'alli (apontando o caminho do monte); a menina estava acolá (apontava para o penedo). S. Jorge viu a menina a chorar e perguntou-lhe o que tinha. Ella respondeu-lhe que não tardaria a ser comida por uma serpente. S. Jorge disse-lhe que não tivesse cuidado; que viesse para a sua beira; a menina veio e depois veio a serpente d'alli (mostrando o regueirão do lado do monte), e S. Jorge atirou-se a ella com o cavallo e matou-a n'aquella pedra (o penedo das pégadas) ». Esta lenda, d'uma enorme antiguidade [31], é muito vulgarisada [32], mas o que aqui ha de curioso e difficil de explicar é a sua localisação. O narrador enleiou-me ainda mais, contando que toda esta scena estava representada na egreja da freguezia. « Sómente — acrescentava elle — na egreja S. Jorge não está com a menina nos braços ».

Apressei-me a ir vêr as cousas com os meus olhos; mas imagina-se o meu desconsolo, quando o individuo que me foi

---

[31] Na *Revue archéologique*, setembro de 1878, M. Clermont Ganneau mostra que a origem da lenda de S. Jorge é egypcia. O heroe ahi é Horus.

[32] Alludimos á « historia » da bicha de sete cabeças.

abrir a egreja me mostrou no tecto da capella-mór uma pintura moderna e ultrapassando todos os limites do charro, mesmo com a attenuante de ser attribuida a um curioso da terra. Deu a entender o meu interlocutor que a pintura era cópia d'outra mais antiga, que estava ao pé da pia baptismal. Vendo-a, passei d'um extremo a outro. É um quadro pintado em madeira, muitissimo deteriorado, mas accusando na finura das tintas e na correção do desenho um pincel nada vulgar. O imitador afastou-se do original, tratando o dragão a seu gosto. Foi, porém, fiel na posição que deu á «menina», collocando-a a certa distancia da lucta entre o seu salvador e o monstro. Mas, em face do velho quadro, achei ainda mais estranhas as palavras do meu primeiro *cicerone:* «Sómente na egreja S. Jorge não está com a menina nos braços». É que algum quadro mais antigo, mais ingenuo, mais do gosto popular, não póde cahir no esquecimento, que se teve em vista com a sua substituição? Ha em tudo isto uns poucos de enigmas, entre os quaes avulta este: a lenda deu origem ao quadro, ou o quadro á lenda?

No adro da egreja de S. Jorge encontrei uma outra surpreza. Ao pé d'algumas tampas de sepulturas antigas, mas já de época christã, deparei uma das celebres estatuas, que alguns chamam gallegas e eu lusitanas. É a terceira que descubro nas minhas excursões [33]. Nenhuma duvida que estas estatuas remontam ao periodo romano; as inscripções gravadas em algumas d'ellas fecham a porta a qualquer contestação. Attendendo, porém, á barbarie do trabalho, só póde pensar-se n'um estatuario indigena, como tambem não póde deixar de ser indigena o typo convencional que n'ellas se reproduz [34]. O snr. Hübner attribue a estes monumentos um caracter funerario. É, crêmos nós, uma simples hypothese, mas difficil de destruir com factos. Pelo que póde inferir-se do aspecto da de Refojos de Basto e do facto de serem quantas se conhecem acabadas por todos os lados, a sua posição devia ser a do homem vivo, vertical, e não a horisontal das estatuas sepulchraes da idade média.

---

[33] Além da que mencionamos no texto, uma achada em Santo Ovidio (Fafe), outra em Refojos de Basto.

[34] A mesma posição de braços, o mesmo escudo, a mesma adaga. Já fizemos vêr n'outro escripto (*Os Lusitanos*) que a armadura d'estas estatuas é a mesma, que Strabão attribuia aos Lusitanos.

A estatua achada em S. Jorge está muito mutilada, mas tem sobre as outras uma valiosa particularidade: a ornamentação do escudo, que, como sempre, é circular. Esta ornamentação consiste em feixes de cordões lisos, da grossura de um dedo, divididos em secções alternantes, uns no sentido dos raios que partem do botão central, outros em direcção cruzada com aquelles.

Não me souberam dizer d'onde a estatua foi trazida. Todas ellas têm apparecido nas proximidades dos Castros [35], mas nos arredores de S. Jorge nada descobri que fizesse suppôr a existencia d'um Castro.

Da antiguidade da egreja nada se sabe tambem. Alguns capiteis de columnas, que se vêem na casa da residencia, mostram só que não tem faltado alli transformações architectonicas, sempre para peor, como é corrente; mas das reliquias do passado só tem escapado as mais insignificantes.

*

Termino por agora as notas, que me forneceu a exploração da margem esquerda do rio Vizella, e passo para a outra margem, descendo para as Caldas, que foi o meu ponto de partida.

N'este tracto de terreno, que comprehende as freguezias de S. Faustino, S. Paio e Tagilde, esta confrontando já com S. João das Caldas, não achei vestigios, nem mesmo tradição de uma povoação antiga, ás avessas do que me succedeu na margem opposta. No monte de S. Paio — que se destaca entre o rio e a cordilheira terminando em S. Bento — é possivel descobrir aqui ou alli algum fragmento de louça antiga — o que pouco significa. De velharias d'outra ordem ha a notar as seguintes.

*

---

35 Não se objecte com a do Pateo da Morte, em Vianna do Castello. Esta foi encontrada tambem nas proximidades d'um Castro e só mais tarde veio para Vianna.

S. Paio de Vizella — A poente da egreja da freguezia, e perto d'ella, teem alguma celebridade as «Pégadinhas». A noticia das pégadinhas recebi-a em Tagilde de dous informadores reunidos, mas com differentes opiniões, querendo um que as marcas fossem dos pés de S. Gonçalo, o outro que fossem de Christo, quando andou a pedir pelo mundo. Não obstante a divergencia dos dous contendores, eu devia ir esperançado de encontrar signaes, que se assemelhassem a pégadas humanas, como tenho visto n'outras partes, no penedo de Santo André, em Nabaes, por exemplo. Contra a minha espectativa, em vez d'isso, mostraram-me simples *fossettes* em dous penedos á beira d'um caminho, que desce para uma fonte, junto da qual, n'uma lage, se mostram tambem as marcas dos joelhos do santo. Chamar pégadas a cavidades circulares d'uma pollegada, como são as de S. Paio, transcende a maior liberdade poetica, e por honra da tradição popular, que nunca é tão imbecil, como alguns a fazem, quero crêr que as «pégadinhas» desappareceram já e só ficou memoria d'ellas. Nas immediações de Sabroso encontram-se duas pequenas pégadas associadas com umas poucas de *fossettes*. O mesmo podia ter succedido em S. Paio e o desapparecimento das «pégadinhas» admira pouco, logo que dissermos que d'um dos penedos com signaes resta apenas uma muito pequena parte.

A crença nas pégadas impressas em rochas é tão velha como o paganismo [36], e não póde surprehender a ninguem que mesmo n'este ponto as antigas lendas se christianisassem. Se a attribuição das «pégadinhas» em S. Paio ao grande heroe de Tagilde, por duvidosa para alguns populares, nos não dá aqui um exemplo frisante, vamos vêr dentro em pouco que não é pelo escrupulo que tenha a lenda de expropriar em favor d'elle um monumento d'origem pagã.

A proposito de lendas respectivas ao santo, não deixarei de mencionar a seguinte. A sua patria é Tagilde, como se sabe, e no logar d'Arriconha ainda se mostra a casa, hoje reconstruida, em que elle nasceu. Resolvido a mudar de terra, mas sem decidir para onde, pegou na «bengalinha» e atirou-a pelos ares, dizendo: «Onde tu cahires, para ahi vou». A bengalinha foi cahir em S. Paio de Vizella. Parece que achou perto. «Ainda aqui não fico» — disse. E arrojou outra vez

---

36 Bastará lembrar as pégadas d'Hercules e de Perseu.

com mais força a bengalinha, que foi cahir em Amarante, o verdadeiro theatro das suas proezas. Na biographia popular dos santos encontra-se não raras vezes a variante d'esta lenda. A capella de S. Silvestre no monte do mesmo nome, margem direita do Lima, foi ahi erguida, porque o santo, subindo ao monte de Roques, na margem esquerda, atirou a sua «cajadinha» por cima do rio, mandando que se lhe fizesse um templo no sitio onde ella cahisse.

Nas tradições profanas ha uma lenda identica na essencia, e que provavelmente remonta longe [37].

*

Tagilde. — O unico monumento digno de menção, que vimos em Tagilde, foi o chamado «Penedo» ou «Penedinho de S. Gonçalo». Fica á borda d'um caminho e d'um campo chamado do Pecegueiro. Ninguem duvída que na corôa do penedo estão as marcas dos joelhos do santo, quando rezava; a cavidade, onde punha o pucarinho do caldo; outra que lhe servia de saleira. No emtanto é indiscutivel que estas cavidades e mais de trinta outras, de que o penedo está crivado, nada mais são que as celebres *fossettes* de que temos fallado muita vez, e a que já em Regilde vimos andar ligada uma lenda mourisca. Mais que provavelmente o penedo já era celebre muito antes de S. Gonçalo e conhecendo a antiga tradição talvez podesse explicar-se bem facilmente como se póde operar uma transformação, que á primeira vista surprehende. O certo é que, como já dissemos n'outra parte (*Vida Moderna*), não póde ser apanhado mais em flagrante o processo, pelo qual a imaginação popular vai alterando as suas antigas lendas e a interpretação dos seus antigos monumentos, o que lhe tem valido o aphorismo, em parte paradoxal, de que a tradição é inimiga da historia.

*

---

[37] A dos dous ferreiros, por exemplo, que se serviam d'um mesmo martello, atirando-o d'um monte para outro, quando qualquer d'elles trabalhava. Tradição publicada pelo snr. Consiglieri Pedroso.

Não conheço desde Tagilde até Vizella cousa que mereça grande attenção.

Quasi defronte da capella de S. Crau, «advogado das guelas», na encosta do monte, conhece-se uma «Pedra da moura». É um echo e nada mais.

No monte dos Santinhos, já na vertente do alto de S. Bento para Vizella, disse-me um lavrador das visinhanças que estivera a «matriz dos mouros». Houve alli alguma antiga ermida? Encontram-se fragmentos de telha grosseira (não romana) perto d'um penedo com entalhas, que á primeira vista se tomariam por escadas. É difficil de perceber o que tudo aquillo significa; e, se em volta ha vestigios que esclarecessem o enigma, tão apagados estão elles, que só uma excavação poderia levantar a ponta do véo, se o ha.

Na mesma vertente, para o occaso falla-se d'uma «Egreja do diabo». É, segundo m'a pintaram, uma furna larga, formada por grandes penedos, e abrigo favorito dos caçadores, quando no monte os surprehende alguma borrasca. Não a pude vêr, e creio que pouco perdi.

Setembro — 84.

(Continúa).

F. Martins Sarmento.

MONOGRAPHOS VIMARANENSES

O primeiro numero da *Revista de Guimarães,* informando-nos do intento dos fundadores e primeiros administradores da Sociedade Martins-Sarmento, patenteia uma ampla liça a todos aquelles que, animados pelos exemplos dados por tão benemeritos cidadãos, queiram concorrer para o bem da terra, que lhes foi berço.

A este tão agradavel chamamento responde *adsum* quem, recruta camponez, não sabe dar o polido ás armas que empunha, nem mesmo escolher as de mais fino aço e rija tempera. Embora, é *Guimarães que procuramos fazer conhecida e estimada pelo resto do paiz,* e para isto concorrerá o tirar do esquecimento nomes que, como os fundadores da Sociedade Martins-Sarmento, trabalham no progredimento da sua terra.

Entre esses avultam os que escreveram a historia da patria do primeiro Affonso e que tambem foi a sua patria.

De quatro monographos vimaranenses tenho conhecimento, cujas obras foram impressas, apesar de nem todas as compulsar, porque as não pude haver á mão. São elles: André Affonso Peixoto, Luiz da Gama, P.e Torquato Peixoto d'Azevedo e P.e Antonio José Ferreira Caldas.

Biographemol-os segundo a ordem chronologica.

I

André Affonso Peixoto

D'este nosso primeiro monographo occupa-se na sua magnifica obra *Bibliotheca Lusitana* o sapientissimo investigador Diogo Barbosa Machado, a quem tece os mais levantados elogios.

Nasceu na antiga villa de Guimarães e aqui viveu e morreu, sendo as casas da sua morada na rua de S. Thiago, como consta d'uma escriptura de emprazamento, lavrada em 15 de setembro de 1623 e que póde vêr-se nas notas d'essa época, archivadas no cartorio do tabellião privativo d'esta cidade, José Ribeiro da Silva e Castro.

Era filho de Manuel Affonso de Freitas e D. Isabel Peixoto e não de Gregorio Rebello, como escreve Barbosa Machado. Gregorio Rebello era avô do nosso patricio, como progenitor de sua mãe. Era descendente do illustre escriptor o fallecido conde de Villa Pouca, um dos socios mais benemeritos da Sociedade Martins-Sarmento cuja biographia já a *Revista* publicou, devida á lucida penna do exc.mo D. Leite de Castro[1].

O nosso monographo era fidalgo da casa real e capitão de infanteria, bem como herdeiro da riqueza e nobre geração de seus passados.

Paciente investigador das antiguidades patrias, examinou

---

[1] 1.º André Affonso Peixoto, filho de Manuel Affonso de Freitas e de D. Isabel Peixoto, casou com D. Joanna de Barros Faria, filha de Francisco de Barros de Freitas e de D. Isabel Nunes de Faria: houve:

2.º D. Maria Peixoto de Barros, herdeira da casa de seus paes, casou com Gaspar Nunes de Carvalho, fidalgo da casa real, senhor do paço de Numães; houve:

3.º D. Marianna Coutinho, herdeira de seus paes, casou em segundas nupcias com Diogo Leite d'Azevedo; houve:

4.º Francisco Lopes de Carvalho, casou com D. Marianna de Napoles Carvalho Mattos e Alcaçova: houve:

5.º Gonçalo André de Carvalho Napoles Mattos e Alcaçova, casou em segundas nupcias com D. Luiza Clara de Vilhena Castro e Menezes; houve:

6.º D. Maria José de Carvalho Napoles Alcaçova e Fonseca, casou com Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, 1.º barão de Villa Pouca: houve:

innumeros archivos das egrejas e conventos do reino, applicou-se á investigação minuciosa, difficil e enfadonha das antigas inscripções, em que o nosso paiz tanto abunda e que colligiu em diversos livros, que escreveu por sua propria mão, que á data do seu fallecimento se achavam promptos para entrarem no prelo.

Algumas d'estas obras, como affirma Barbosa Machado, conservavam-se nos conventos de Pombeiro, junto a Felgueiras, e da Serra, junto ao Porto. Onde estarão hoje? É provavel que na Bibliotheca do Porto, se não foram parar á loja d'algum negociante que n'elles empacotasse assucar ou arroz.

Grande antiquario, na phrase do chronista dos Conegos Regulares, compoz: *Memorias historicas e antiguidades de Guimarães,* cuja obra não pudemos encontrar e de que não podemos por isso dar mais ampla noticia. É porém seu titulo o bastante para lhe assignarmos o logar de primeiro escriptor dos fastos gloriosos de Guimarães.

Falleceu a 15 d'abril de 1642 e foi sepultado na egreja de S. Francisco junto ao altar dedicado ás Chagas de Christo.

II

Luiz da Gama

É o segundo monographo vimaranense, de quem pouco mais podemos dizer que o nome, patria e obras que escreveu.

7.º D. Maria Antonia Alcoforado Carvalho e Napoles, filha unica, casou com Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, visconde do Peso da Regoa; houve:

8.º Rodrigo de Sousa Teixeira da Silva Alcoforado, 2.º barão, 1.º visconde, 1.º conde de Villa Pouca, casou com D. Maria Antonia Leite Pereira de Mello de Sousa Teixeira Alcoforado: houve:

9.º Rodrigo de Sousa Teixeira e Silva Alcoforado, 3.º barão, 2.º visconde, 3.º conde de Villa Pouca, casou em primeiras nupcias com D. Margarida Candida d'Araujo Martins e em segundas com D. Francisca de Barros Faria e Castro, fallecendo sem successão a 28 de novembro de 1883.

Serviu-me de valioso auxilio para confeccionar esta nota além d'outras uma obra de genealogias, em dous grandes volumes *in-folio,* manuscripta, devida ao cuidadoso estudo e porfiado trabalho de Paulo de Mello Pereira e Sampaio, senhor da casa e quinta do paço de Pombeiro de Riba-Vizella e que seu successor, o exc.mo barão de Pombeiro, obsequiosamente me confiou.

Segundo a *Bibliotheca Lusitana* era este nosso patricio muito versado na arte poetica e na lingua latina, escolhendo esta para eternisar as glorias da sua patria.

A sua *Historia Vimaranensis,* mencionada por Barbosa Machado e pelo *Agiologio Lusitano* tom. III, impresso em 1666, dá-lhe direito a ser contado como o segundo escriptor das glorias vimaranenses.

Além d'esta monographia escreveu *Orationes, Carmina, variaque Auctorum loca,* obra que se conserva manuscripta na Bibliotheca Real de Lisboa.

III

Torquato Peixoto d'Azevedo

Filho do sargento-mór João Rebello Leite e de sua mulher D. Isabel Peixoto d'Azevedo, irmão do celebre João Rebello Leite, cujos serviços á patria na guerra da Acclamação lhe grangearam a graduação de Mestre de campo *ad honorem* por carta regia de 15 de janeiro de 1664 e a quem bem cabe a antonomasia de *Lidador Vimaranense,* que lhe dá o P.e Caldas, nasceu o nosso terceiro monographo — e não primeiro, como erradamente se affirma no *Diccionario Popular* dirigido pelo exc.mo Pinheiro Chagas — a 2 de maio de 1622.

Desde criança madrugou n'elle a inclinação para as letras, especialmente para a historia, predilecção que sempre conservou até aos ultimos dias de sua vida, empregando todas as horas, que lhe restavam das suas obrigações sacerdotaes, no estudo para que, como elle mesmo diz, a ociosidade, mãi de vicios por inimiga da virtude, não fosse occasião de estragar-se-lhe a honra.

Trabalho tão assiduo não podia deixar de produzir fructo, e assim á sua penna se devem, além de tres cadernos de importantes noticias, trinta e cinco volumes; vinte e dous dos quaes no tempo de Barbosa Machado se achavam em poder de Manuel Peixoto dos Guimarães Freitas e Miranda, senhor da quinta de Lamellas na freguezia de Santo Adrião de Vizella, então do termo de Guimarães e hoje do concelho de Felgueiras, filho de D. Mafalda Luiza Leite d'Azevedo, filha de Antonio Leite Ferreira, irmão do nosso monographo.

Segundo o testemunho de Barbosa Machado e de D. Antonio Caetano de Sousa, dez d'estes volumes occupavam-se das vidas de diversos reis de Portugal e Castella, duques de Bra-

gança e de Lorena e descendencia das casas reas de Castella e Austria e os doze restantes tratavam de genealogias de familias portuguezas, provavelmente minhotas, examinadas com judiciosa critica.

Uma outra obra se deve ao estudo incansavel do P.e Torquato Peixoto d'Azevedo e é ella que nos leva a occuparmonos agora d'este nosso patricio. São as *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães,* impressas em 1845 no Porto — typographia da *Revista.*

Esta obra, escripta pelo seu auctor para fornecer a seus leitores exemplos não só « para conservação da vida humana como para o conhecimento do perigo de que nos devemos desviar para não chegar a perder a eterna » comprehende « as primeiras noticias da nossa antiga Araduca, a fundação da nova Guimarães e de sua egreja real; sua grandeza, moradores, freguezia, concelhos, coutos e honras de seu termo; edificios, mosteiros, capellas, rios, pontes e fontes suas visinhas; morgados e privilegios, isenções e liberdades com que foram honrados de seus reis; casos e successos que na sua defeza e do reino lhe succederam ». Assim o promette o auctor na prefação. Satisfaria?

Tem a *Antiga Guimarães* 142 capitulos, que nem todos se occupam de Guimarães, pois os primeiros 44 tratam, ainda que resumidamente, da divisão da terra pelos filhos de Noé, descripção da Europa, povoação da Hespanha e differentes divisões que no correr dos tempos soffreu, formação de Portugal, povoação e successos d'Entre Douro-e-Minho, tanto no tempo dos Gregos, Celtas — se estes aqui vieram [1] — como no dos Romanos, Godos e Arabes. Os restantes 98 capitulos, que abrangem 355 paginas, occupam-se do que mais directamente diz respeito a Guimarães, situada « no meio de tão excellente provincia d'Entre Douro-e-Minho, como pedra preciosa d'esta joia, esmaltada de excellencias ».

No curto espaço d'uma biographia e escripta *corrente calamo* não nos é possivel, embora possuissemos a competencia que nos mingúa, desenvolver apreciações criticas relativas aos capitulos, que tratam das cousas de Guimarães, e mesmo porque a confrontação da *Antiga Guimarães* com a obra ultima-

---

[1] Alludo aos ultimos trabalhos do nosso sabio archeologo, o exc.mo Martins Sarmento.

mente publicada *Guimarães, apontamentos etc.* põe em relevo as faltas e merecimentos do P.e Torquato.

Supposto que este titulo da *Antiga Guimarães* não seja muito proprio para captivar e prender a attenção do leitor e apesar de em tanta variedade de factos depararmos algumas inexactidões e mesmo contradicções e por vezes nos enfadar tanta diffusão, talvez desnecessaria e nem sempre uma rigorosa critica lhes servir de norte, as *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* hão de sempre ser consultadas por quem deseje conhecer as transformações por que a velha patria do rei conquistador ha passado.

O P.e Torquato colloca-nos á mão muitos dados, cujo conhecimento só alcançariamos manuseando grossos volumes e dá-nos conta d'outros, que não adquiririamos sem o seu auxilio. Deixa-nos alguns pontos que desejariamos mais lucidamente desenvolvidos e de boamente prescindiriamos d'algumas minuciosidades, que nos narra. Mas onde a formosura sem senão?

É necessario tambem ter em vista a época em que escreveu o nosso patricio; sua obra não podia deixar de resentir-se da influencia do seu tempo e n'este quasi todas as producções litterarias, como diz o *Diccionario Popular,* são diffusas, prolixas, obscuras.

Eis o nosso desauctorisado parecer ácerca do P.e Torquato Peixoto d'Azevedo, esse indefesso vimaranense, que terminou sua longa carreira na idade de 83 annos aos 23 de junho de 1705.

Seguia-se agora dizermos algumas palavras a respeito do quarto monographo de Guimarães, o P.e Antonio José Ferreira Caldas, prematuramente roubado ha pouco a estes trabalhos, que tanto amava e cuja ausencia sempre lamentaremos; fique porém tal tarefa para outra occasião em que mais desafogadamente a possamos desempenhar.

Guimarães — Mascotellos 30 — 9 — 84.

P.e J. Gomes d'Oliveira Guimarães.

*

O PRESENTE E O FUTURO DA VITICULTURA NO MINHO

Estudo d'economia rural

I

Desde o norte ao sul no nosso paiz, a vide européa, ainda ha poucos annos desafogada e livre de molestias, adornava com os seus pampanos verdejantes a aridez e seccura da maior parte das terras ingratas e improprias para outra producção. Dividindo os productos do sólo portuguez em sete classes (Port. Contemp. *Estatistica*), o vinho representava em 1875 quasi 23 % ou aproximadamente a quarta parte do rendimento total. « A viticultura, escrevia o snr. Rebello da Silva em 1866, constitue ha seculos uma das fontes mais copiosas da riqueza agricola de Portugal e uma das mais importantes bases do seu commercio ».

Qualquer que fosse o sitio e o modo de cultivar o precioso arbusto pagava sempre generosamente o trabalho do cultivador. O seu rico producto tinha e teria sempre um mercado, porque muitos climas, onde vivem densas populações, não permittem a cultura d'esta planta, que a natureza nos tinha dado a nós e a outros povos nas mesmas condições porventura como uma compensação á pouca fertilidade d'uma grande parte das nossas terras.

Accommodando-se a toda a especie de terrenos, aos mais ingratos ainda, soffrendo os peores tratamentos, a incuria e o desleixo do lavrador, mas, produzindo sempre e retribuindo-lhe com generosidade a sua avareza, a vide, conquistando to-

dos os dias novas terras, estendendo-se e multiplicando-se incessantemente, duplicaria dentro de pouco tempo o seu rendimento e absorveria todos os terrenos menos ferteis, se um certo numero de phytonoses não viessem n'estes ultimos annos desencadear-se sobre ella, ameaçando-a d'uma proxima destruição total.

E é de facto uma serie de flagellos, cada qual mais grave e com uma tendencia a estender-se e a invadir todas as regiões vinicolas, com um caracter verdadeiramente epidemico, permitta-se o termo, que, lançando um receio bem fundado em todos os cultivadores, determinam uma situação extremamente delicada, que se define pelo risco imminente da perda de uma grande parte da riqueza territorial da nação.

Um d'esses, a *phylloxera,* tendo devastado e destruido a mais rica região vinicola do paiz, estende-se já ao norte e sul do Douro, ameaçando envolver todas as outras até ao Tejo. Em 1876 o mal causado por este pequenissimo insecto apresentava-se apenas como questão local. O primeiro documento official portuguez a tal respeito é uma portaria de 1 d'agosto d'aquelle anno, onde se diz: «... que a *phylloxera vastatrix,* com quanto não houvesse inspirado graves receios nas suas manifestações anteriores, acaba de assumir n'este anno proporções assustadoras, devastando diversas vinhas em ambas as margens do Douro...» Posta n'aquella época como uma questão de grande importancia, sem duvida, mas simplesmente local, ninguem poderia prevêr então que dentro de oito annos sómente o insecto, que então apenas devastava *diversas vinhas em ambas as margens do Douro,* destruiria quasi tudo n'aquella famosa região vinhateira e, avançando ao mesmo tempo a passos agigantados ao norte e sul, ameaçasse d'igual sorte os demais vinhedos nacionaes.

Desde 1876 o insecto estende-se e diffunde-se ao norte na região chamada de Traz-os-Montes e ao sul até ao Tejo, não deixando desaffectada em toda esta extensão nenhuma zona cultural do paiz. O Minho, que até ao verão d'este anno se suppunha indemne, contém já duas manchas verificadas, fóra as que forem determinadas na inspecção a que se vai proceder. Por toda a parte os fócos multiplicam-se e alastram-se com uma rapidez vertiginosa, sendo baldados quaesquer esforços para lhes deter a marcha cada vez mais invasora.

Em maio de 1883 (*Rel. da Com. anti-phyl. do norte,* n.º 4), no Douro o prejuizo era calculado em 75:000 pipas de vinho, restando apenas uma producção de 25:000 pipas, ou uma

quarta parte apenas do seu producto regular nos tempos anteriores á molestia. Em Traz-os-Montes, onde esta é geral em todos os concelhos, mesmo no de Miranda, havia já destruido n'aquella época 4:180 pipas. Ao sul do Douro o relatorio não calcula os prejuizos em especie, que aliás devem ser muito importantes, sobretudo em Leiria «onde estes fócos ou antes esta nodoa tinha de tal fórma alastrado, que bem póde considerar-se sem solução de continuidade até Santarem».

Actualmente, estando o paiz dividido em duas circumscripções phylloxericas, os relatorios da commissão do norte não comprehendem os vinhedos além de Coimbra; não possuindo a collecção dos documentos publicados pela outra, indicaremos apenas que, segundo os boletins da commissão do sul, se sabe que ultimamente se descobriram manchas muito extensas nos concelhos de Torres-Vedras e Olivaes. Desde Bragança, pois, até ao Tejo, o paiz póde considerar-se mais ou menos phylloxerado.

Na circumscripção do norte todavia a situação é tal, que no ultimo relatorio d'esta commissão (n.º 5) diz-se «que a *phylloxera* alarga espantosamente o seu campo de devastação». Quanto ao Douro e Traz-os-Montes, e outros sitios mais invadidos, não calcula o prejuizo em vinho, mas sim a superficie atacada. É de lamentar aquella omissão. Examinemos todavia o que diz o documento. «Pelo mappa geral vê-se que a superficie total das vinhas invadidas é de 80:650 hectares; dentro d'estas vinhas a área da invasão ou verdadeiramente phylloxerada é de 64:000 hectares, e a área da vinha destruida é de 21:900 hectares».

A immensidade do mal que paira sobre esta circumscripção fica evidenciada pelas seguintes linhas:

«Mas dado que o consumo (*do sulfureto de carbono*) seja n'esta proporção até junho (*maximo*), teremos ao todo 1:754 hectares tratados em frente de 64:000 phylloxerados, ou 80:650 de vinhas invadidas»; isto é, que por 100 hectares invadidos apenas são tratados aproximadamente 2, e estes em que condições? A avaliação do relatorio deixa vêr claramente como é espantosa a expansão do mal, ou antes como tende a marchar a toda a velocidade até á catastrophe final.

Á *phylloxera* seguiu-se a *anguilula*, commum no Minho, assim como nas partes dos districtos de Villa Real e Guarda não comprehendidos na antiga demarcação do Douro, em Aveiro, Vizeu, Castello-Branco, etc. Em algumas regiões, como em Aveiro e Vizeu, «os seus estragos são infelizmente *evidentis-*

simos, mas lentos». (Relat. n.º 5). A destruição occasionada por esta *nematoide* não caminha, de facto, tão rapidamente como a da *phylloxera,* mas caminha. É no Minho, diz o mesmo documento, onde *apparece com peor caracter.* Descoberta em 1881 pelo snr. Rodrigues de Moraes (Relat. n.º 3) n'umas raizes de videira procedentes de Paredes, em tres annos occupa já uma vasta área de invasão, como acabamos de expôr. Quanto aos seus effeitos, diz o Relatorio n.º 4: «Tenho-a visto alli apparentando em tudo a existencia da *phylloxera;* produz nas vinhas o mesmo definhamento, levando-as á morte, da mesma fórma que este hemiptero, mas tem a marcha muito mais lenta e por isso menos assustadora».

Se ás duas anteriores addicionarmos a *chlorose,* a *anthracnose,* o *mildew,* a *maromba,* a *pyrale,* atacando cada uma mais de preferencia esta ou aquella zona, mas deixando sempre estragos sensiveis, tanto na producção como na vegetação, e o *oïdium,* commum em todo o paiz e que por si só bastaria para destruir a planta, se um acaso feliz não descobrisse um especifico no enxofre, assim como uma outra não determinada ainda, que começa a manifestar-se sobretudo em Amarante, facilmente concluiremos que as phytonoses da vinha não constituem uma questão local, privativa do Douro ou de qualquer outra região, mas sim um mal geral, que ameaça riscar da economia geral da nação uma quarta parte aproximadamente da nossa producção agricola.

Insistimos n'este ponto, que se nos afigura da maior importancia. Parece-nos que ainda ninguem quiz accentuar claramente a enormidade d'esta questão no nosso paiz. Muito differente é combater uma calamidade que destruiu a producção d'uma provincia ou est'outra que põe em risco uma cultura, cujo valor é orçado em quantia tão superior, como anteriormente se expoz.

Se a vinha vier a faltar em todas as nossas regiões vinicolas, como aconteceu no Douro, a consequencia será necessariamente uma crise geral da maxima gravidade: na producção geral faltará uma quarta parte do seu rendimento agricola e no seu commercio internacional quasi uma terça parte das suas exportações: na economia de cada provincia traduzir-se-ha pela despopulação e abandono de todos os terrenos, onde d'antes se cultivava exclusivamente o precioso arbusto.

E todavia a situação torna-se cada vez mais grave, e o futuro mais carregado de côres sombrias. Todos os vegetaes uteis póde dizer-se em geral que estão a braços com uma

multiplicidade de epidemias. Terão sido importadas, em consequencia da facilidade e rapidez de transportes, pela introducção na Europa de plantas de todas as regiões do mundo, ou haverá uma alteração qualquer nos nossos climas ou um esgotamento do sólo productivo, produzindo assim um estado morbido que se manifesta aqui e alli, n'esta ou n'aquella fórma?

Se os factos averiguados até hoje não permittem formular uma explicação que satisfaça completamente, não deixa de ser todavia verdade que n'um certo momento uma phalange de parasitas se desencadeou sobre quasi todas as plantas cultivadas, sem se saber bem a razão por que aconteceu isto hoje e não hontem. No Minho já vimos nos nossos dias desapparecerem rapidamente em poucos annos, destruidos, diz-se, por um *micellium,* a maior parte dos castanheiros, que constituiam uma das suas riquezas, quer com os seus fructos que alimentavam a população durante uma parte do anno, quer com a sua madeira sem rival para construcções. Quasi todas as arvores fructeiras estão mais ou menos affectadas, e ninguem póde presentemente saber qual o futuro que as espera; cada especie reclama um estudo particular; cada uma tem o seu logar na economia agricola e na alimentação publica; mas nenhuma avulta tanto, sobretudo no nosso paiz, como a vinha, por isso que nenhuma d'ellas tomára jámais uma tal importancia cultural.

E todavia os factos observados têm dado a conhecer que não tem sido possivel encontrar por emquanto uma planta industrial que a possa substituir, quer em relação aos terrenos em que prosperava, quer a respeito do producto fornecido. Até hoje o que se tem averiguado é que a vinha deve continuar a ser cultivada, mas de modo que se possam combater economicamente as suas differentes phytonoses, até que com uma cultura mais racional os parasitas, diminuindo de vitalidade, a não possam pôr em perigo, ou em outros termos, que, assim como temos vivido com o *oïdium,* teremos de luctar com todas as outras molestias, esforçando-nos por tornal-as cada vez mais fracas.

Admittindo que uma grande parte d'estes males têm sido importados, outros desenvolvidos extraordinariamente por causas não definidas ainda, é certo que manifestados em qualquer ponto de um paiz têm irradiado d'ahi, estendendo-se rapidamente em todos os sentidos; uma observação resalta pois desde logo, a saber — que a planta, apparentemente sã e producti-

va, estava todavia sufficientemente fraca para poder oppôr a necessaria resistencia aos parasitas destruidores: por isso tem-se concordado geralmente que, além do emprego de remedios que tenham por objectivo directo a destruição d'esses sêres parasitarios, agentes da morte, se cultive a vinha em condições convenientes para se robustecer e, resistindo assim aos seus inimigos, dar tempo a que se possa fazer o tratamento directo com presumpções de bom resultado.

A determinação d'estas condições indica á primeira vista uma revolução em toda a viticultura. Uma vez que se trata de formar um vegetal robusto, haverá necessidade de sacrificar uma parte da sua producção á constituição geral do arbusto e por isso estabelecer uma poda menos productiva, mas tambem menos esgotante. Por outro lado, será mister desalojar a vinha de terrenos demasiadamente ingratos, onde a alimentação é muito fraca e portanto maior a tendencia a debilitar-se e a enfraquecer. Virá em seguida, como norma regular, o systema d'adubos apropriados, em periodos pouco distantes, de modo que a planta possa encontrar n'essas substancias o equivalente das que cedeu ao cultivador no seu producto. Finalmente, dever-se-ha prestar-lhe a maior somma de cuidados e vigilancia, não esquecendo de atacar directamente desde o principio todos os parasitas, até que, robustecida de novo e enfraquecidos os outros, possa vencer as diversas epidemias que a ameaçam.

Em todo o caso, na resolução da crise que se apresenta tão ameaçadora, deve-se eliminar a acção directa do governo, a qual é inefficaz no sentido em que tem sido comprehendida pelos mais affectados. A sua acção deve limitar-se a auxiliar a organisação de sociedades vinicolas, ao estabelecimento de postos ou estações de estudo em todas as zonas culturaes, e principalmente á fiscalisação dos vinhos artificiaes que os negociantes lançam no mercado, com prejuizo gravissimo da saude publica e dos viticultores, que, luctando todos os dias com novas difficuldades, vêem-se obrigados a vender cada vez mais baratos os que produzem. Esta falta do poder central é grave, e altamente censuravel, não só porque tal fiscalisação é unicamente de sua competencia, mas porque a sophisticação dos vinhos constitue um verdadeiro roubo, e por isso deve ser perseguido pelos seus delegados. Fóra d'isto a acção governamental, sendo inefficaz, terá apenas como resultado complicar mais a questão, alimentando esperanças verdadeiramente illusorias.

A acção particular será tudo, principalmente se fôr auxiliada por sociedades especiaes que deveriam organisar-se em todos os concelhos: só ella poderá descer ao estudo minucioso da questão, que evidentemente varía de provincia para provincia e muitas vezes d'uma para outra localidade. A disposição topographica dos terrenos, a natureza do sólo, a qualidade do producto que se tem em vista, os habitos e tradições da população, são, de facto, elementos eminentemente variaveis e que pesam decididamente na resolução das difficuldades, que se nos deparam.

Na immensa variedade de culturas a que se presta a vinha, notemos desde já que economicamente se póde estabelecer de duas maneiras differentes, ou como *exclusiva* ou *associada* a outras; isto é, que o proprietario, no primeiro caso, será unicamente viticultor e portanto não produzirá senão vinho, no segundo, cultivando na mesma propriedade e nas mesmas parcellas de terreno ou em outras além da vinha esta ou aquella planta, terá tambem cereaes, oleos, fructos, etc. As culturas exclusivas têm sempre um grande perigo: se qualquer acontecimento as põe em risco, a população que vivia d'ellas ficará completamente desprovida de meios. Os proprietarios, n'estas circumstancias, vêr-se-hão na mais difficil posição de resolver a crise, tal como parece que o deveria ser em presença de todos os factos que têm sido trazidos a lume; será longa e demorada em taes condições, mas a sua resolução será sempre pela iniciativa e pelas proprias forças dos interessados.

É certo que os principios expostos e admittidos hoje por todos os viticultores predispõem uma verdadeira revolução na economia da vinha e especialmente n'uma grande parte das regiões vinicolas portuguezas. Em vez de extensiva, a viticultura tornar-se-ha intensiva, e limitada a terras de boa qualidade ou que possuam a necessaria fertilidade para a alimentarem sufficientemente; a grande propriedade terá de se resolver em pequena, porque só n'esta será possivel prestar os cuidados que demanda o estado doentio do vegetal; em vez de cultura exclusiva, a vinha será cultivada associada a outras culturas que ajudem o vinhateiro a luctar e a tratar a doente. N'este sentido, todos os terrenos, onde a vinha crescia enfezada e rachitica, e onde os amanhos são difficeis e caros, serão semeados de matto, giestas e arvoredos que auxiliem a formação dos adubos.

Ninguem póde ignorar na verdade que aquelles principios

expostos theoricamente encontrarão na pratica grandes difficuldades, provenientes sobretudo da falta de meios dos proprietarios arruinados; quem vivia unicamente d'uma cultura, faltando-lhe essa, vêr-se-ha immediatamente desarmado e incapaz de se defender. Foi por isso que desde o principio assentamos que, com a tendencia que apresentam as doenças da vinha a desenvolverem-se com espantosa rapidez, é de recear que dentro em pouco a economia da nação se veja a braços com uma crise da maior gravidade. Mas taes crises não poderão ser resolvidas por nenhuma entidade fóra dos mesmos productores; os mais fracos succumbirão; os mais pertinazes irão luctando até que se estabeleça todo este conjuncto de condições necessarias ao novo modo de cultura.

Pelos trabalhos emprehendidos a este respeito, tanto em Portugal como nos outros paizes vinhateiros da Europa, parecendo já bastantemente conhecidos os meios culturaes, os economicos formam uma secção differente, que deverá ser estudada especialmente em relação a cada zona vinicola.

A exposição, que acabamos de fazer, tornava-se necessaria para entrarmos no assumpto que nos propuzemos.

ALBERTO SAMPAIO.

BOLETIM

De diversos industriaes que concorreram á exposição vimaranense, ultimamente realisada com exito surprehendente, foram offerecidos á Sociedade Martins-Sarmento, promotora d'esse certamen, varios objectos expostos. A direcção da Sociedade, grata aos dignos offerentes, resolve, por proposta do snr. dr. Avelino da Silva Guimarães, presidente, conservar essas offertas e formar com ellas o centro d'um futuro museu de industrias locaes, por sem duvida de um grande proveito para a industria de Guimarães.

É do theor seguinte a proposta, que foi discutida e approvada por unanimidade em sessão de 4 de julho:

« Varios e mui distinctos expositores têm prestado a sua espontanea homenagem á Sociedade Martins-Sarmento, offerecendo-lhe alguns dos objectos expostos no palacete de Villa-Flôr. De certo que a Sociedade os acceita com vivo reconhecimento, porque, se a homenagem traduz as sympathias dos expositores pela corporação que tem empregado todos os possiveis esforços para o melhoramento da industria vimaranense, por uma serie ininterrupta de medidas, de iniciativas mais ou menos arrojadas, até á abertura da Exposição, que pareceu a mais arrojada de todas, a offerta, reveladora das sympathias e do motivo que as provoca, é o melhor premio aos esforços collectivos d'esta corporação.

« A jornada da Sociedade não terminou ainda: é longo o caminho a percorrer, que no capitulo de instrucção popular a

satisfação d'uma aspiração logo cria outra, um aperfeiçoamento produz novas aspirações. Entre estas, virá a da creação de um museu industrial, onde a exposição permanente seja uma escóla de largo ensinamento para as diversas classes de industria. Sendo assim, e sendo aquellas offertas a expressão de homenagem, os brindes valiosissimos dos expositores parece-me que é absolutamente indispensavel conserval-os, considerando-os como o primeiro nucleo, o primeiro e valioso peculio de futuro museu. Sobre isto, acresce que conservar na casa da Sociedade os objectos offerecidos é conservar o trophéo d'esta ultima campanha, que condensa tantissimos esforços, tão assiduos estudos, tantos serviços, trabalhos e despezas, prestados por esta collectividade no curto periodo da sua existencia em prol do melhoramento das classes industriaes de Guimarães.

«Sendo, pois, não só o mais levantado e digno, como o mais conveniente aos fins legaes da Sociedade, a conservação dos objectos offerecidos, tenho a honra de propôr que assim se delibere, e se participe, agradecendo, aos mui dignos offerentes».

*

No dia 11 de igual mez, recebeu a direcção, por intermédio do snr. visconde de Lindoso, um officio do notavel parlamentar, o snr. Marianno de Carvalho, participando que, tendo sido nomeado vogal do conselho superior de instrucção publica, e deliberando dividir os proventos d'esse cargo por fórma util á instrucção popular, entregava á Sociedade Martins-Sarmento, em quanto s. exc.ª exercesse aquelle cargo, a quantia annual de 20$000 reis, afim de ser distribuida, como premio, aos dois alumnos mais distinctos da escóla de desenho industrial, creada ultimamente n'esta cidade, ou da escóla de ensino industrial, que venha substituil-a.

Em 28 do mesmo mez, é submettida á assembléa geral a seguinte proposta da direcção, que foi approvada unanimemente e sem discussão:

«A direcção da Sociedade Martins-Sarmento, sabendo que a escóla de desenho industrial, creada n'esta cidade, fôra convenientemente dotada por esforços do illustre deputado, o

snr. Marianno Cyrillo de Carvalho, sem o que talvez se adiasse ainda mais a fundação d'esta primeira parte da escóla industrial, a que esta cidade tem incontestavel direito pela expressa disposição do decreto de 20 de dezembro de 1864; e recebendo de s. exc.ª mais uma prova de quanto se interessa pelo melhoramento da instrucção popular d'este concelho, offerecendo a esta Sociedade a quantia annual de 20$000 reis para distribuir em premios a alumnos distinctos d'aquella aula, ou de outra que lhe corresponda, em quanto s. exc.ª vencer ordenado como vogal do çonselho superior de instrucção publica; e tendo a convicção de que estes actos constituem serviços mui relevantes á realisação dos fins d'esta Sociedade: tem a honra de propôr á assembléa geral o proclame, como é expresso no regulamento, nosso socio honorario.

« A direcção tambem tem a honra de propôr que se proclame socio honorario o snr. Antonio Augusto da Silva Cardoso, dignissimo professor do Instituto Escolar e do curso nocturno de desenho. É tambem um acto de justiça, pela expressa disposição do regulamento. Têm sido tão relevantes os serviços prestados por este nosso digno consocio, e tão reconhecidos são elles, que a direcção julga superfluo enumeral-os. Bastará affirmar mais uma vez que o snr. Cardoso é um dos nossos mais benemeritos concidadãos».

*

Em 15 de julho é lida e discutida a seguinte proposta do snr. presidente, que foi approvada:

« Nasça tambem o principio associado, estabelecendo escólas de moralisação e de ensino dentro das cadêas, onde são d'uma utilidade e urgencia superiores a quanto se possa dizer — diz o snr. D. Antonio da Costa, um dos espiritos mais cultos do nosso paiz, ardente e infatigavel propugnador por quanto interessa ao desenvolvimento da instrucção popular.

«No nosso paiz já ha algumas d'estas instituições, e é notavel que primariamente nasceram, não da imitação dos trabalhos philanthropicos de corporações de Inglaterra, dedicandose á regeneração dos criminosos pela instrucção, mas da inspiração dos proprios encarcerados, como em Coimbra e Bra-

ga. Na cadêa do Limoeiro foi recentemente fundada uma escóla, cujos beneficios já se annunciam.

«Convirá promover que se estabeleça instituição semelhante na cadêa de Guimarães? E como? As vantagens da instituição são evidentes; a dificuldade surgirá talvez na escolha de meios de realisal-a. Parece-me que o unico meio será o de representar á benemerita e illustre vereação, pedindo-lhe que tome a iniciativa em fundação tão util. Mas, como possa dar-se qualquer inconveniente, que não prevejo, tenho a honra de propôr que a direcção nomeie uma commissão composta dos nossos illustres consocios, os snrs. drs. José da Cunha Sampaio, Rodrigo d'Araujo Portugal e Antonio Vieira d'Andrade, rogando-lhes se dignem dar-nos o seu esclarecido conselho».

A illustrada commissão referida não pôde ainda reunir-se para dar o parecer solicitado, em razão de terem estado ausentes dois dos seus membros.

*

Em cumprimento da obrigação imposta no regulamento da bibliotheca, foi pelo director, o snr. dr. Joaquim José de Meira, elaborado o relatorio que transcrevemos:

«Ill.mo e Exc.mo Snr. — O n.º 2.º do art. 35.º do regulamento da bibliotheca municipal de Guimarães, administrada pela Sociedade Martins-Sarmento, incumbe-me, na qualidade de seu director actual, a obrigação de escrever, sobre «o estado d'este estabelecimento, seu progresso ou decadencia, causas que a tiverem produzido e meios de a remediar», um relatorio destinado a ser enviado ao governo e á camara municipal até ao dia 1.º d'outubro.

Vou, pois, procurar desempenhar-me do dever que me impõe essa disposição regulamentar, relatando a v. exc.ª tão concisamente, quanto me fôr possivel, os factos de mais subido alcance para o progresso e desenvolvimento d'esta instituição, occorridos durante o anno de 1883-84.

O meu illustre antecessor n'esta direcção, no relatorio que a v. exc.ª submetteu relativamente ao serviço e movimento da bibliotheca no anno findo de 1882-83, alargou-se em tan-

tos esclarecimentos, que o meu trabalho, por esse facto, fica hoje notavelmente simplificado.

A idéa de fundar-se uma bibliotheca em Guimarães e de cumprir assim n'esta cidade o que já foi preceituado no decreto de 2 d'agosto de 1870, o modo como esta idéa foi recebida pela opinião, o offerecimento desinteressado que a Sociedade fez dos seus serviços á municipalidade vimaranense, afim de que este proveitoso elemento d'instrucção popular podesse ter prompta organisação e se sustentasse sem constituir pesado encargo para o municipio, as principaes disposições do regulamento e do accordo celebrado entre a Sociedade e a camara, tudo se acha indicado e largamente desenvolvido n'aquelle trabalho, para tornar uma superfluidade perfeitamente inutil a sua repetição.

A bibliotheca de Guimarães, ao começar o anno a que se refere o presente relatorio, compunha-se, segundo o calculo feito por essa occasião, de 5:345 volumes, não se comprehendendo n'esse numero muitos folhetos, alguns manuscriptos e varias obras truncadas ou em duplicado.

Actualmente, a sympathia que a nossa Sociedade pelos seus trabalhos tem inspirado em todos os pontos do paiz e a todos os homens verdadeiramente apaixonados pela grande causa da educação popular, tem feito quasi diariamente acudir muitas e boas offertas de livros, como poderá vêr-se da relação que segue:

Offerentes	Volumes
Guilherme Augusto Candeias	1
Dr. Rodrigo Portugal	1
Dr. Avelino da Silva Guimarães	5
Dr. Julio Henriques	2
João Pinto de Queiroz	5
Antonio Peixoto de Mattos Chaves	4
Joaquim José de Meira	1
Dr. Alberto Sampaio	3
Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães	1
Dr. Avelino Germano da Costa Freitas	7
Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães	5
Joaquim de Vasconcellos	20
Dr. Augusto Filippe Simões	4
	59

Transporte...	59
Adolpho Salazar	42
Camara Municipal do Porto	10
Abbade d'Arcozello	2
Associação Liberal do Porto	1
Francisco Ribeiro Martins da Costa	1
Sociedade de Geographia de Lisboa	5
José Miguel d'Abreu	5
Dr. José de Freitas Costa	9
Domingos Leite de Castro	445
Dr. José da Cunha Sampaio	105
Magalhães & Moniz	4
G. d'Almeida	2
Antonio Augusto da Silva Caldas	4
Domingos Guimarães Fernandes	2
Dr. Alfredo Augusto de Mattos Chaves	19
Associação Clerical Vimaranense	1
Padre Francisco José Patricio	5
Dr. F. Martins Sarmento	1
Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro	1
Manoel Pinheiro Caldas Guimarães	4
Domingos José Ferreira Junior	1
José Ribeiro Martins da Costa	31
Dr. Alfredo Vieira	1
José Augusto Freire d'Andrade	1
Dr. Vicente Pindella	1
Antonio Joaquim de Sousa	1
Dr. José Coelho da Motta Prego	1
Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira	7
Soares Romeo Junior	1
Joaquim Ferreira Moutinho	1
Dr. Alfredo Elviro dos Santos	3
Clavel & C.ª	4
Augusto Campillo	5
José Leite de Vasconcellos	1
David Corazzi	1
José Miguel da Costa Guimarães	11
Luiz Adelino Lopes da Cruz	1
Eduardo Mendes Simões de Castro	1
Francisco Jacome	1
Joaquim Casimiro Barbosa	1
	802

Transporte...	802
Collegio Academico, de Braga	1
Academia Polytechnica do Porto	2
Instituto de Coimbra	2
Dr. Jeronymo da Cunha Pimentel	1
Camara Municipal de Guimarães (subsidio annual de 50$000 reis)	64
	872

Além d'isto, receberam-se mais as seguintes publicações correntes:

O Espectador, Revista da Sociedade de Instrucção do Porto, Bibliographia Portugueza, A Moda, Religião e Patria, O Progresso Catholico, A Discussão, A Vida Moderna, Revista de Medicina Dosimetrica, Frœbel, Revista Escolar Portugueza, Aurora do Cavado, O Tirocinio, Album Viziense, Gazeta de Famalicão, Jornal de Santo Thyrso, O Conimbricense, Luiz de Camões, O Minho Democratico, O Commercio de Guimarães, A Academia, A Juventude, Folha de Braga, Commercio da Guarda, O Povo Portuguez, O Porto Liberal, Diario Civilisador, O Mundo Litterario, Commercio de Penafiel, Boletim da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, Boletim de Architectura e Archeologia, Revista de Electricidade, Pharoes e Correios, Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, O Agricultor Portuguez, Revista d'Obras Publicas e Minas, o Instituto, Novo Mensageiro do Coração de Jesus; — e *Diccionario Chorographico* (offerente o snr. José do Amaral B. de Tôro), *Historia Universal* de C. Cantu, ampliada por A. Ennes (offerente o snr. dr. F. Martins Sarmento).

A Sociedade tomou d'assignatura as publicações seguintes: *A Illustração Universal,* semanario lisbonense; *Historia Universal,* de G. Oncken, traducção hespanhola; *Diccionario Popular,* dirigido por Pinheiro Chagas.

Juntando aquella somma á cifra de 5:345 volumes, verifica-se a existencia actual nas salas d'esta bibliotheca de 6:217 volumes.

Este numero, como v. exc.ª vê, não é grande, nem os livros têm podido na sua maior parte escolher-se de molde a satisfazer as justas necessidades d'esta terra. Mas algum valor tem já e muito representa se v. exc.ª attender a que esta bibliotheca teve por ponto de partida um nucleo de 164 volu-

mes offerecidos pelo Estado e 1:166, pertença da Camara Municipal, e desde dous annos para cá tem conseguido enriquecer-se com mais 4:887 volumes que são, exceptuando apenas os que foram comprados com o subsidio municipal de 50$000 reis, propriedade exclusiva da Sociedade Martins-Sarmento.

Esta Sociedade não é pois, seja dito de passagem, uma simples administradora de bens alheios, mas, bem ao contrario, tem o maior quinhão na bibliotheca que se faculta ao publico sob o titulo de *Bibliotheca municipal de Guimarães.*

Mas não basta fundar uma bibliotheca; não basta adquirir livros de valor mais ou menos subido, d'interesse mais ou menos palpitante, em numero mais ou menos crescido, reunil-os, catalogal-os, offerecel-os á leitura publica. N'esta ordem d'instituições é isso incontestavelmente um trabalho grande, importante, primario; mas não é tudo.

Para que uma bibliotheca, organisada definitivamente, possa produzir os fructos beneficos que d'ella se esperam, carece de frequentadores, e de frequentadores que não sejam exclusivamente os individuos das classes sociaes mais abastadas e instruidas, os quaes, por via de regra, possuem a sua pequena bibliotheca, mais ou menos escolhida, mais ou menos em relação com os seus estudos predilectos ou com a profissão a que se dedicam.

E para o caso particular da bibliotheca de Guimarães, esses frequentadores não appareciam.

É que o nosso povo vive desde seculos no mais perfeito abandono intellectual; o problema da sua educação raras vezes tem sido tratado com a seriedade que demanda um assumpto de tão elevada importancia. Pouco habituado a que se lembrem d'elle por outro modo que não seja as oppressões de diversa indole e proveniencia, a exacção fiscal; afeito ao desprezo systematico com que tem sido tratado, vivendo quasi conformado com a sua velha desgraça tradicional, torna-se difficil convencel-o de que para elle se funda alguma cousa francamente boa, d'utilidade incontestavel, sem reverso mau.

Em condições taes, quando tudo parecia ter acabado, a direcção da Sociedade Martins-Sarmento, que primeiro levantou a idéa da bibliotheca de Guimarães e mais trabalhou a bem d'este estabelecimento, encontrou-se apenas a meio caminho da realisação plena da sua empresa.

Sentiu-se então a necessidade instante d'iniciar outro commettimento senão mais importante, mais difficil, mais espinhoso, pelo menos tanto como a propria fundação da biblio-

theca; convencer a grande massa popular do proveito enorme que lhe advem frequentando assiduamente esta casa d'instrucção, substituir velhos habitos adquiridos e profundamente radicados por outros mais salutares e vantajosos, instigal-a a aproveitar as horas de descanço por modo que, sendo util á saude do corpo, possa dar-lhe elementos para aperfeiçoar-se no exercicio da sua arte ou da sua industria e tornar assim maior a sua riqueza e a sua felicidade.

E essa empreza tentou-se. Uma cruzada decidida que semeasse pelo povo os principios bons, que lhe insinuasse lenta, mas efficazmente no animo desconfiado a convicção d'aquellas vantagens, que lhe fosse dissipando esta especie de *bibliophobia* que domina muita gente, emprehendeu-a, e hoje posso affirmar a v. exc.ª que com o maximo proveito, a Sociedade Martins-Sarmento.

E é precisamente n'este ponto que os trabalhos d'esta Sociedade, fundada com o intuito eminentemente patriotico de ser prestante ao seu paiz, cuidando de levantar o nivel intellectual d'uma parte d'elle, se distanciam sensivelmente, adquirindo um caracter de incomparavel importancia, de identicos trabalhos emprehendidos e largamente remunerados pelo Estado.

A Sociedade não se contenta com ostentações balofas.

Viu uma bibliotheca organisada, viu as suas salas atulhadas de livros, os seus catalogos devidamente confeccionados, viu tudo isto prompto; mas não viu leitores.

Estava alli um grande mestre, completamente perdido, inutilisado só porque não appareciam alumnos que lhe escutassem a palavra authorisada.

A Sociedade, perante esta situação, não se resignou a esperar, como creio havia de succeder se o elemento burocratico interferisse na bibliotheca de Guimarães.

Trabalhou e tão activamente que o resultado, por demais satisfactorio, não se fez esperar.

A concorrencia vai diariamente crescendo.

—

No espaço de tempo que comprehende o presente relatorio, tiveram lugar na sala principal da bibliotheca duas conferencias publicas, qual d'ellas mais interessante e mais concorrida.

A primeira verificou-se no dia 29 de dezembro do anno

findo e versou sobre a architectura medieval em referencia particular aos monumentos de Guimarães. O conferente foi o snr. Joaquim de Vasconcellos, um homem distinctissimo e geralmente conhecido no nosso paiz pelo seu muito saber e numerosos trabalhos.

A segunda teve lugar no dia 4 de maio e realisou-a brilhantemente o snr. Elyseu d'Aguilar, director da Escóla portuense de surdos-mudos, um professor tão modesto, como injustamente desprotegido.

A conferencia teve por fim mostrar que a surdi-mudez, congenital ou adquirida, não era incompativel com a linguagem articulada, uma vez que as cordas vocaes não tivessem experimentado uma atrophia completa; sendo esta linguagem empregada com a perfeita consciencia do valor objectivo representado pelos sons emittidos.

A demonstração conseguiu-a cabal e brilhantemente com a apresentação d'um dos seus alumnos, a qual deixou maravilhada a numerosa assembléa que concorreu a ouvir a prelecção do distincto professor.

—

Terminando a relação dos factos de maior interesse referentes á bibliotheca de Guimarães no anno de 1883-84, julgo ser de meu dever não deixar passar esta occasião, sem exprimir a v. exc.ª (repetindo o que já foi dito no relatorio do anno que passou) o quanto o governo podia contribuir para o engrandecimento d'esta bibliotheca, que representa o engrandecimento d'um povo trabalhador e sem exigencias.

Para a fundação d'este utilissimo estabelecimento o Estado contribuiu apenas com 164 volumes, na sua maior parte folhetos de valor mais que duvidoso, possuindo aliás exemplares d'importantes relatorios nos diversos ministerios e muito particularmente no ministerio das obras publicas.

A cedencia d'alguns d'esses exemplares á bibliotheca de Guimarães, ao mesmo tempo que concorria para o desenvolvimento d'esta instituição, obrigava a desamontoar e a roubar ao apodrecimento, a que fatalmente estão condemnados, dando-lhes melhor, mais decente e proveitosa arrumação, muitos livros que nem por isso deixariam de continuar a ser propriedade do Estado.

Estou certo de que, se v. exc.ª lêr este relatorio, e digo lêr porque elles raras vezes logram sorte tão feliz, não dei-

xará de providenciar devidamente sobre a minha justa reclamação.

Deus guarde a v. exc.ª — Guimarães e sala da bibliotheca, 30 de setembro de 1884. — Ill.mo e exc.mo snr. conselheiro director geral d'instrucção publica. — O director, *Joaquim José de Meira* ».

*

Findou hoje o prazo das matriculas nas aulas do Instituto Escolar e cursos nocturnos d'esta Sociedade.

O numero de matriculados nas aulas diurnas é muito animador. O numero de alumnos admittidos a cursal-as gratuitamente é de 22, distribuidos pelas differentes disciplinas.

No curso nocturno de desenho profissional, graciosamente regido pelo digno socio honorario, o snr. Antonio Augusto da Silva Cardoso, inscreveram-se 23 individuos: 5 pintores, 4 carpinteiros, 5 alfaiates, 3 ourives, 1 fundidor, 1 pedreiro, 1 cuteleiro, 1 estucador e 2 marceneiros. D'estes alumnos, 21 frequentam gratuitamente.

No curso nocturno da lingua franceza, dirigido, tambem desinteressadamente, pelo prestantissimo consocio, o snr. João Pinto de Queiroz, apenas se matricularam este anno 6 alumnos. Apesar dos aturados esforços que a direcção tem envidado para que esta aula seja concorrida, acha-se, infelizmente, e com magua o dizemos, quasi deserta!

*

Para as collecções de numismatica, recebeu a Sociedade, durante este trimestre, mais algumas offertas, avultando a do snr. Arthur Veiga de Lacerda, que se dignou offerecer 80 moedas de differentes nacionalidades. A este obsequioso cavalheiro, bem como aos demais offerentes, reiteramos os nossos agradecimentos.

30 de setembro.

O secretario,

ADOLPHO SALAZAR.

Balancetes

MOVIMENTO DA CAIXA

EM JULHO DE 1884

Saldo do mez anterior	188$400
Receita d'este mez	4$600
Somma	193$000
Despeza idem	29$240
Saldo	163$760

EM AGOSTO DE 1884

Saldo do mez anterior	163$760
Receita d'este mez	122$650
Somma	286$410
Despeza idem	79$970
Saldo	206$440

EM SETEMBRO DE 1884

Saldo do mez anterior	206$440
Receita d'este mez	7$400
Somma	213$840
Despeza idem	43$170
Saldo	170$670

O thesoureiro,

José Miguel da Costa Guimarães.

CHRONICA

A Exposição industrial de Guimarães, que se conservou aberta no palacete de Villa-Flôr desde 15 de junho a 26 de julho, foi visitada por perto de 10:000 pessoas, não entrando n'esse numero os membros da commissão, expositores e industriaes, produzindo as entradas a quantia de 534$250 reis, e os catalogos vendidos a de 34$100 reis.

Ao encerramento, que teve logar pelas 6 horas da tarde, assistiu, além da commissão, auctoridades e corporações locaes, o exc.mo governador civil, que confessou quanto ficára agradavelmente impressionado pelo aspecto brilhante da Exposição, pela variedade e boa disposição dos productos expostos; felicitando por isso em termos calorosos todos que tinham concorrido com seu trabalho para tão lisongeiro resultado.

A nossa festa, que para em tudo conservar a feição de inteiramente local, e devida exclusivamente á dedicação dos nossos conterraneos, que comprehendem o alto alcance d'estes certames, tinha sido inaugurada sem que o poder central tivesse um delegado seu, por quem alli officialmente se fizesse representar, mostrando d'esse modo quanto são para louvar e animar estas tentativas feitas no sentido de levantar as nossas industrias, impoz-se de tal modo á attenção publica pelas apreciações sobremodo favoraveis, que toda a imprensa do paiz lhe dispensou, que mais tarde o exc.mo ministro das obras publicas, deferindo a um requerimento que lhe fôra dirigido, man-

dou um delegado seu, aliás competentissimo, o exc.mo director do Instituto Industrial do Porto, dr. Gustavo de Sousa.

S. exc.a não deixará de, no cumprimento da sua missão, informar o respectivo ministro do estado em que se lhe apresentaram as industrias d'este concelho, assim como do modo por que convirá fomentar-lhes o desenvolvimento, e os meios de as aperfeiçoar e melhorar.

Esperamos com verdadeira anciedade o seu relatorio, que escripto com a imparcialidade que caracterisa o snr. dr. Gustavo, e competencia que ninguem lhe contesta, levará o convencimento do que são e poderão vir a ser as nossas industrias, aos que ainda se recusam a reconhecer a importancia d'este notavel centro industrial e commercial.

Depois d'isso, fiamos que se não demorará a promettida escóla industrial, que esta cidade se mostrou com direito a exigir, sem para isso ser preciso mendigar protecção nem favor.

Quando uma terra exclusivamente com os seus proprios recursos se apresenta como Guimarães acaba de fazer, impõe-se de tal modo á consideração dos governos, que o não ser attendida nos seus justos pedidos, levar-nos-hia a descrêr do futuro do paiz.

Esperemos ainda: cedo ou tarde chegará para nós a hora de nos ser feita justiça, e de vêrmos realisados em favor da industria local os beneficios que lhe permittam attingir um maior desenvolvimento.

N'este sentido, é justo confessal-o, todos têm trabalhado, mas por em quanto... têm sido quasi inuteis todos os esforços empregados. Cumpre não desanimar nem descançar: continuemos todos com igual ardor na propaganda da instrucção; vamos dando aos nossos artistas as primeiras noções de desenho, despertando n'elles o amor e a necessidade d'estudo; procuremos fazer-lhes empregar as suas horas de folga nas leituras da bibliotheca, onde se instruam e moralisem; desviando-os dos logares onde se embrutecem e pervertem. Lancemos mão das conferencias, das leituras publicas sobre assumptos que prendam com os trabalhos proprios de cada um; procuremos espalhar com mãos largas a instrucção, porque só por ella se póde levantar o nivel moral da nação, só por ella poderemos impôr-nos á consideração propria e d'estranhos.

Não esperemos tudo da acção dos governos, que geralmente têm outros assumptos, que de preferencia lhes tomam os cuidados e attenções; juntemos todos os nossos esforços, por-

que todos na medida de nossas forças podemos concorrer mais ou menos para um fim tão nobre e proveitoso. E que não falta o incitamento e o applauso dos bons espiritos aos trabalhadores de boa fé n'esta cruzada civilisadora, prova-o, além da protecção dedicada do illustrado professor da Universidade, o exc.mo snr. dr. Bernardino Machado, verdadeiro apostolo da instrucção e d'outros factos, o offerecimento feito á Sociedade Martins-Sarmento pelo distincto parlamentar o exc.mo snr. Marianno de Carvalho da quantia de 20$000 reis para ser dividida em dois premios, conferidos aos alumnos mais distinctos do curso de desenho industrial. S. exc.a, querendo mostrar mais uma vez o seu interesse pela instrucção, resolveu ceder, em beneficio d'estabelecimentos d'ensino popular, da sua dotação como membro do conselho superior d'instrucção publica, e não esqueceu de incluir n'esse numero a nossa Sociedade.

Como testemunho de reconhecimento a tão singular obsequio e honrosa distincção, deliberou por unanimidade a assembléa geral que lhe fosse conferido o diploma de socio honorario, que s. exc.a bem merece por auxiliar d'um modo tão generoso a Sociedade Martins-Sarmento na sua obra de regeneração social.

*

A via ferrea que ha pouco ainda nos ligou com o resto do paiz, já vai produzindo os seus naturaes resultados, melhorando as nossas condições economicas, dando mais facil e prompta sahida aos nossos productos, animando o commercio, e tornando-nos mais e melhor conhecidos dos nossos concidadãos. O movimento da linha tem sido animador, principalmente no transporte de mercadorias, o que promette lisongeiro resultado aos capitaes empregados n'esta empresa de verdadeira utilidade publica.

Folgamos deveras com isso, e por esta occasião não podemos deixar de instar com a exc.ma camara para que não cesse de empenhar esforços para nos dar uma facil via de communicação com a estação de Villa-Flôr. É esse o complemento indispensavel do melhoramento de que gozamos.

A estrada actual, em tempo secco, e principalmente em tempo de chuva, torna a communicação com a estação ver-

dadeiramente incommoda, senão perigosa e impossivel. Não descancem pois os membros da camara, é de toda a urgencia este melhoramento; não discutimos nem defenderemos como melhor qualquer das ruas apontadas, se bem que nos pareça preferivel a que mais directamente ligasse a estação com o centro da cidade; o que importa principalmente, o que é de urgente necessidade é que entre Guimarães e a estação se faça uma via de communicação que possa ser percorrida sem incommodo nem perigo em todas as estações. Sabemos que da parte da camara tem havido todo o cuidado para a resolução d'este assumpto, e que ha já trabalhos e estudos feitos, mas cumpre não adiar indefinidamente a solução d'este negocio.

Os meios provisorios lembrados parece-nos não satisfazer o fim que se tem em vista; podem até, adiando-se a solução definitiva, trazer mais tarde maiores embaraços e difficuldades.

*

A imprensa local tem empregado louvaveis esforços para conseguir que a conducção das malas do correio seja feita pela via ferrea, deixando de ser conduzida, como ainda succede, vergonha é dizel-o, em carro por Famalicão...

Ás suas instancias reiteradas, ás representações da exc.ma camara, e digna Associação Commercial, ao auxilio prestado por grande parte da imprensa do paiz no mesmo sentido, responde, como de costume, a inercia dos governos quando qualquer medida da mais reconhecida utilidade publica, não é determinada e exigida por outras conveniencias. É questão apenas d'uns 400$000 reis que não estão inscriptos no orçamento: é o santo horror ao desvio da sua legal applicação d'essa mealha, que impede o favoravel deferimento de tão justificada pretenção apesar da *boa vontade,* que anima o respectivo ministro.

Nós diremos antes, é a legitima consequencia do modo por que Guimarães tem procedido ha muito tempo, aceitando todas as imposições, não se apresentando como devia e podia nas occasiões unicas em que os governos se lembram, de que dependem dos povos, de quem são apenas representantes. É toda nossa a culpa: n'esta como em todas as questões d'inte-

resse local ver-nos-hemos sempre esquecidos e menosprezados, e é simplesmente justo, o contrario é que seria verdadeiramente motivo de reparo e estranheza. Bastem-nos promessas de futuro engrandecimento: consolemo-nos com isso; já não é pouco conseguir que os governos se lembrem de nós, promettendo fazer justiça ás nossas mais justas pretenções, áquellas mesmo que já ha muito as leis nos garantem. Que mais queremos nós?

Dentro em pouco abrir-se-hão as camaras; levemos lá as nossas queixas, façamos valer a justiça das nossas reclamações; é possivel, é quasi certo que n'aquelle recinto se erguerão algumas vozes em nosso favor e talvez que então sejamos attendidos: até esse momento é melhor largar mão do assumpto, porque será tempo e trabalho perdido.

Oxalá nos enganassemos.

*

A nossa Sociedade n'este periodo bem curto viu desapparecer d'entre os seus consocios os exc.mos snrs. Antonio José Pinto Guimarães, padre Antonio José Ferreira Caldas e commendador Francisco José da Costa Guimarães. De todos tinha a nossa Sociedade muito a esperar para a realisação da sua obra civilisadora, nomeadamente do moço padre Caldas, cuja culta intelligencia, tão cedo apagada pelo sopro da morte, se nortéava para o estudo dos monumentos de Guimarães, tendo produzido já dous valiosos volumes de historia d'esta cidade, promettendo muito mais.

Que me seja permittido commemorar com saudade a perda de tão prestimosos consocios e d'um velho amigo dos saudosos tempos escolares.

Guimarães, 30 de setembro de 1884.

AVELINO GERMANO.

RELAÇÃO DOS SOCIOS

DA

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Socios honorarios

Antonio Augusto da Silva Cardoso.
Bernardino Machado Guimarães (Dr.).
Francisco Martins Sarmento (Dr.).
Guilherme Affalo.
Illydio Ayres Pereira do Valle (Dr.).
João Antunes Guimarães.
José Joaquim Gomes (Padre).
Manuel da Cunha Guimarães Ferreira (Commendador).
Maria Alexandrina Vieira Marques (D.).
Marianno Cyrillo de Carvalho.

Socios effectivos

Abilio Augusto de Passos (Padre).
Abilio da Costa Torres (Dr.)
Adolpho Salazar.
Alberto da Cunha Sampaio (Dr.)
Alfredo Gonçalves.
Alfredo Vieira (Dr.)
Antonio Affonso de Carvalho (Padre).
Antonio Augusto da Costa Vaz Vieira.
Antonio Augusto da Silva Caldas.
Antonio Augusto da Silva Carneiro.
Antonio Candido Augusto Martins.
Antonio Coelho da Motta Prego (Dr.)
Antonio da Costa Guimarães.
Antonio Garcia Guimarães (Padre).
Antonio Guimarães.

Antonio Joaquim da Costa Guimarães.
Antonio Joaquim de Meira.
Antonio Joaquim de Mello.
Antonio José da Costa Santos (Dr.)
Antonio José Fernandes.
Antonio José da Silva Basto.
Antonio José da Silva Ferreira.
Antonio Leite Fernandes de Proença.
Antonio Manuel d'Almeida.
Antonio Manuel Trigo (Dr.).
Antonio Maria Rebello de Magalhães.
Antonio Martins de Queiroz.
Antonio Mendes Guimarães.
Antonio Peixoto de Mattos Chaves.
Antonio Pereira da Silva.
Antonio Ribeiro da Costa Salgado.
Antonio Vieira d'Andrade (Dr.).
Arthur Alberto de Campos Henriques (Dr.).
Augusto Alfredo de Mattos Chaves (Dr.).
Augusto Mendes da Cunha.
Avelino Germano da Costa Freitas (Dr.).
Avelino da Silva Guimarães (Dr.).
Avelino de Sousa Guimarães.
Barão de Pombeiro de Riba-Vizella.
Bento José Leite.
Bernardino Fernandes Ribeiro de Faria (Padre).
Conde de Margaride.
Domingos Antonio de Freitas.
Domingos de Castro Meirelles (Dr.).
Domingos José Ferreira Junior.
Domingos Leite de Castro.
Domingos Martins Fernandes.
Domingos José Ribeiro Guimarães.
Domingos José de Sousa Junior.
Domingos Ribeiro Dias (Padre).
Eduardo Almeida.
Eduardo Martins da Costa (Dr.).
Ernesto Francisco d'Abreu.
Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira.
Fortunato José da Silva Basto.
Francisco Antonio de Sousa da Silveira.
Francisco Gonçalves Fernandes Moreira.
Francisco Jacome.

Francisco Joaquim da Costa Magalhães.
Francisco Joaquim Gomes Santa Cruz.
Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior.
Francisco Pedro da Costa Rocha Vianna.
Francisco Pedro Felgueiras (Dr).
Francisco Ribeiro Martins da Costa.
Francisco da Silva Monteiro.
Gaspar d'Almeida Loureiro Cardoso Paúl.
Gaspar Lobo de Sousa Machado.
Gaspar Teixeira de Sousa Mascarenhas.
Geraldo José Coelho Guimarães (Dr.).
Gualter Martins da Costa.
Ignacio Teixeira de Menezes.
Jeronymo Pereira Leite de Magalhães e Couto (Dr.).
João Antonio Affonso Barbosa.
João Baptista Felgueiras.
João Baptista Pinto da Cunha.
João Candido da Silva (Padre).
João Coelho da Motta Prego.
João Dias de Castro.
João Gomes d'Oliveira Guimarães (Padre).
João Joaquim d'Oliveira Basto.
João Lopes Cardoso.
João Pereira da Silva Guimarães.
João Pinto de Queiroz.
João Ribeiro Martins da Costa (Dr.).
Joaquim Fernandes da Silva Ribeiro (Dr.).
Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira.
Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queiroz (Dr.).
Joaquim José de Meira (Dr.).
Joaquim Ribeiro Gonçalves Guimarães.
José do Amaral Ferreira.
José Augusto Freire d'Andrade.
José de Castro Sampaio.
José Chrysostomo da Silva Basto.
José da Cunha Sampaio (Dr.).
José Ferreira d'Abreu.
José Francisco d'Almeida Guimarães.
José de Freitas Costa (Dr.).
José Joaquim da Costa.
José Joaquim d'Oliveira.
José Maria de Freitas Carneiro.
José Martins da Costa.

José Martins de Queiroz.
José Mendes da Cunha.
José Miguel da Costa Guimarães.
José Ribeiro Martins da Costa.
José Ribeiro da Silva e Castro.
José da Silva Basto Guimarães.
José da Silva Monteiro.
José de Sousa Palhares d'Araujo Leão.
José Victorino da Silva Guimarães.
Luiz Augusto Vieira (Dr.).
Luiz Dias de Castro.
Luiz dos Santos Leal.
Manuel Antonio da Silva Villaça.
Manuel Algusto de Freitas Aguiar.
Manuel Baptista Sampaio.
Manuel de Castro Sampaio.
Manuel Fernandes da Silva Corrêa.
Manuel Joaquim da Cunha.
Manuel José d'Almeida Guimarães.
Manuel José da Fonseca.
Manuel Marinho de Castro Falcão (Dr.).
Manuel Pereira Guimarães.
Manuel Pinheiro Caldas Guimarães.
Manuel Ribeiro de Faria.
Manuel Vieira Reis (Padre).
Pedro Pereira da Silva Guimarães.
Rodrigo de Freitas Araujo Portugal (Dr.)
Roque Teixeira d'Araujo Pereira (Padre).
Seraphim Antunes Guimarães.
Simão Alves d'Almeida Araujo.
Simão da Costa Guimarães.
Ventura de Casto Meirelles.
Visconde de Lindoso.

Socios fallecidos

Antonio José Ferreira Caldas (Padre).
Conde de Villa Pouca (Socio honorario).
Francisco José da Costa Guimarães (Commendador).
João de Castro Sampaio.
Joaquim Pinto da Silva Guimarães.
Rodrigo Teixeira de Menezes (Dr.).

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura 800 reis; cada numero avulso 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Domingos Leite de Castro, em **Guimarães.**

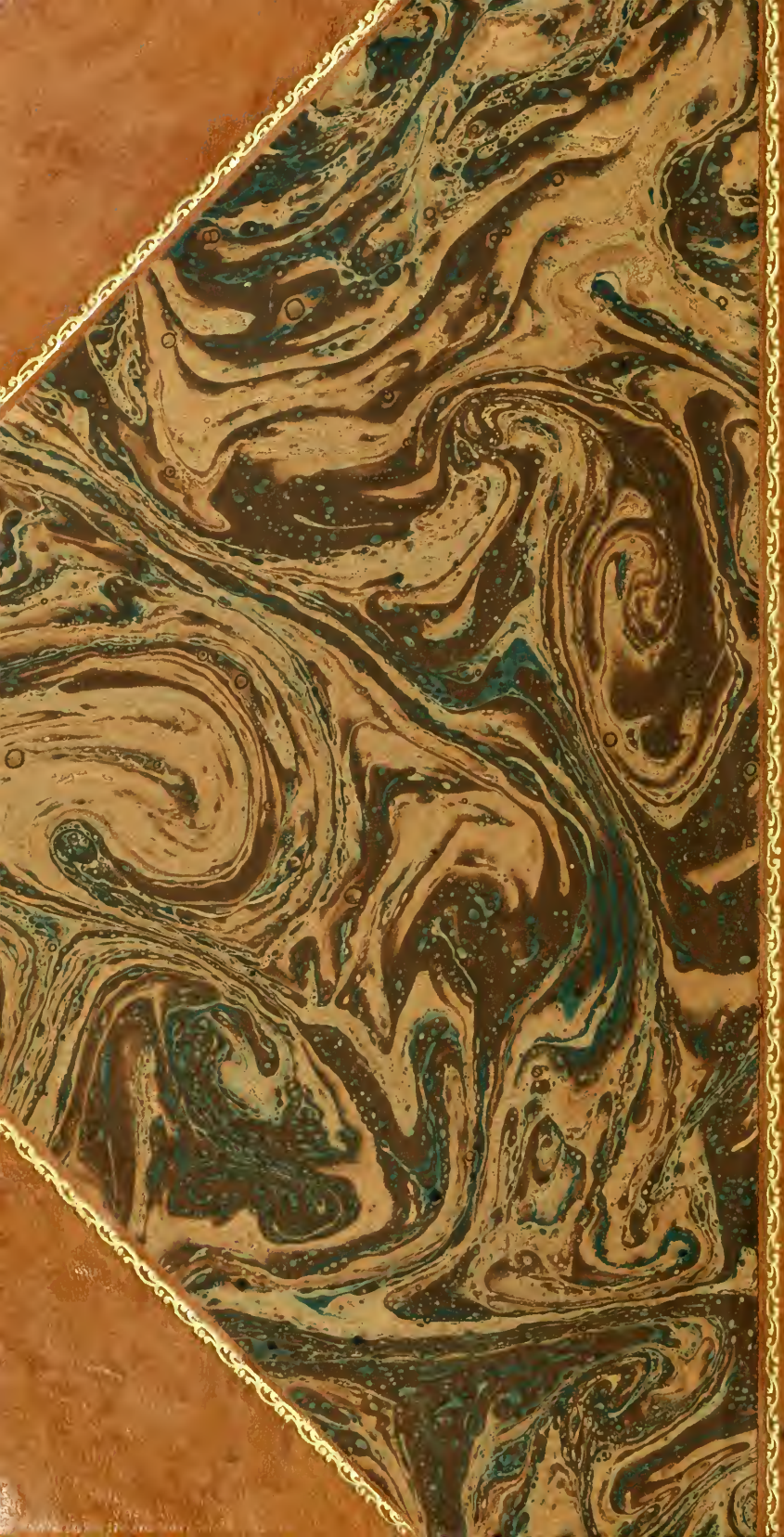
ANNUNCIOS

Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO. 1 vol. de 260 pag..... 300
Pelo correio..... 350
Pedidos a **Adolpho Salazar** — GUIMARÃES.

Compendio de Historia Universal, segundo o plano de *Mgr. Daniel.* 1.º vol..... 500
Mappas ardosiados de Portugal e Europa, para as escólas primarias..... 200
Diccionario de algumas phrases, palavras e sentenças peregrinas, traduzidas e explicadas em portuguez por *Narciso José de Moraes.* Cartonado..... 200
Compendio de Historia Universal, para os lyceus e escólas normaes, por *Francisco Pedro Brou.* 2 volumes..... 1$000
Manual de citações camoneanas, collecionadas por *Narciso José de Moraes.* 1 vol..... 200
Pelo correio..... 210
Á venda na LIVRARIA PORTUENSE de **CLAVEL & C.ª**, editores — **Porto.**

Exposição districtal de Coimbra em 1884. — Revista — Conferencias — Premios..... 500
Revista illustrada da Exposição de Coimbra. 4 numeros..... 300
Praça do Commercio, 11 — COIMBRA.

A Horta, por *Joaquim Casimiro Barbosa*..... 1$000
Editor, **José Marques Loureiro** — PORTO.

O Agricultor Portuguez, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas; orgão do conselho de agricultura do districto do Porto e da commissão central antiphylloxerica do norte. Por anno, franco de porte..... 3$000
Assigna-se na livraria de **Ernesto Chardron** — PORTO.

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00669 2582